

Igor Maciel da Silva

***O MAIS COMPLETO DOS SPORTS ESPIRITUAES:***  
o cinema silencioso em Barbacena (Minas Gerais, 1914-1931)

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG  
2021

Igor Maciel da Silva

***O MAIS COMPLETO DOS SPORTS ESPIRITUAES:***

o cinema silencioso em Barbacena (Minas Gerais, 1914-1931)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e história do lazer.

Orientador: Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2021

S586m Silva, Igor Maciel da

2021 *O mais completo dos Sports Espirituaes: o cinema silencioso em Barbacena*  
(Minas Gerais, 1914-1931). [manuscrito] / Igor Maciel da Silva – 2021.  
172 f.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação  
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 147-172

1. Lazer – Teses. 2. Cinema – Teses. 3. Lazer - História - Teses. 4. Cultura –  
Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da

Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER  
**ATA DA 73ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO**  
**IGOR MACIEL DA SILVA**

Às 14h00min do dia 22 de setembro de 2021 reuniu-se de forma virtual (online – pela plataforma GoogleMeet) a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “O MAIS COMPLETO DOS SPORTS ESPIRITUAES: o cinema silencioso em Barbacena (Minas Gerais, 1914-1931)”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Cleber Augusto Goncalves Dias (Orientador)	X	
Profª. Dra. Alessandra Souza Melett Brum (UFJF)	X	
Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Profª. Dra. Sarah Teixeira Soutto Mayor (UFJF)	X	

Após as indicações, o candidato foi considerado: **APROVADO**

O resultado final foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 22 de setembro de 2021.

**Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias**

**Profª. Dra. Alessandra Souza Melett Brum**

**Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen**

**Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva**

**Profa. Dra. Sarah Teixeira Soutto Mayor**



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Souza Melett Brum, Usuário Externo**, em 24/09/2021, às 07:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Pereira da Silva, Diretor(a)**, em 27/09/2021, às 12:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Goncalves Dias, Chefe de departamento**, em 28/09/2021, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elcio Loureiro Cornelsen, Professor do Magistério Superior**, em 02/10/2021, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sarah Teixeira Soutto Mayor, Usuário Externo**, em 05/10/2021, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0981486** e o código CRC **666A9226**.

“Releu as anotações sobre a leitura anterior. – O cientista puro deixa de crer no que gosta, mas não pode impedir-se de gostar no que crê. A necessidade de gostar: marca do homem”.

Clarice Lispector  
*Perto do coração selvagem*, 2017, p. 103

Quando criança, eu tinha uma certa compulsão em cheirar rosas – algumas vezes eu surrupiava as que tinham no jardim da casa da Terezinha, que ao invés de muros de tijolos e cimento, tinha grades brancas. Eu apenas me sentia atraído com as rosas daquela forma: expostas, e como as grades atrapalhavam a apreciação, eu as tomava pra mim (o que fez a Terezinha ir lá em casa reclamar algumas vezes). A mania continuou, até que em um sábado de manhã estávamos na casa da Tia América (Tia Merca), em Pará de Minas, e enquanto cheirava uma rosa de cor rosa do seu pequeno jardim que ficava na garagem, perto do portão de grades azul escuro, um marimbondo ferrou o lábio superior da minha boca – eu era bem pequeno, mas lembro. Naquele mesmo instante a minha mãe pediu para eu parar com aquela "mania de cheirar rosas". Parei. Depois dali eu até apreciava as cristas-de-galo que tinham na casa da Tia Carmita (também em Pará de Minas), mas sem cheirá-las. Talvez, pela curiosidade de saber se é costume o uso de grades onde se plantam rosas (como na casa da Terezinha e da Tia Merca), quis descobrir que em Barbacena não existiam somente grades.

Igor Maciel da Silva

Para certas crenças, todas as almas humanas vêm para este plano após saberem “tim-tim” por “tim-tim” da vida que vão protagonizar: é como a leitura do roteiro no tempo anterior ao espetáculo. Porém, na encarnação, o texto primordial é deixado de lado e, de forma inconsciente, se atua no cenário do destino. Se tal lógica faz algum sentido, estudar o cinema pode ajudar a ensaiar as próximas cenas da minha história – quiçá.

Igor Maciel da Silva

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ngongobila e Kissimbe, divindades que me asseguram bons caminhos.

Minha mãe me fez entender, desde criança, que estudar era a minha prioridade – o que não quer dizer que eu não tivesse obrigações em casa. Todavia, ela me ensinou que eu poderia ir para a rua brincar e para as casas de minhas avós, tios, tias, desde que fizesse o para casa, estudasse para a prova (antes de ir ou que levasse para fazer nesses lugares). Desse modo, diferentes vivências da minha vida contaram com a presença dos cadernos e livros. Por isso, o meu agradecimento para a minha mãe é no intuito de demonstrar gratidão e também para dizer que todas as folhas rasgadas porque a letra estava feia, o cuidado para colocar os cadernos na mochila de uma forma que não causasse atritos entre os arames (ficando um arame para a direita e outro para a esquerda), a higiene com a mesa de estudos e com a bolsa de lápis, as inúmeras vezes em que foi à supervisão e na saída da escola pedir proteção para que “os meninos maiores” não me batessem mais por eu ser gay, me fazendo entender que a escola também era o meu lugar. Tudo; nada foi em vão. Obrigado, mãe.

Agradeço ao Cleber, professor que admiro desde o primeiro encontro, em 2013, quando avaliou a apresentação de um artigo no ENAREL. Pessoa que me acolheu na Iniciação Científica e novamente no doutorado. Obrigado por ter me ensinado o caminho da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, o que significa o encontro com muitas coisas de que gosto e que me fizeram chegar até aqui. Agradeço por me ensinar sempre: nas conversas de corredor, na cantina, nas aulas, nas orientações, nos trajetos; por ter paciência e respeito com o meu tempo e por me permitir voar quando eu não queria mais correr. A sua orientação foi base para esse ciclo ser possível. Obrigado.

Agradeço à Sarah (por me ensinar tanto); tio Eduardo (por me ajudar a ser uma pessoa melhor), tia Miriam (pelo exemplo), tia Patrícia (por todas as mochilas que me deu), tia Eliane (pelo acolhimento); Raquel (pela parceria e confiança); Thamiris, Rafaela, Luíza, Renata, Jordania, Juliana e Nicole (pela amizade e irmandade); Ester (pela credibilidade e confiança). Também a todas as minhas professoras, desde o ensino primário, que sempre me inspiraram respeito e motivação; aos docentes da UFMG; funcionários do PPGIEL; membros das bancas de qualificação e defesa; amigas antigas e novas; alunos e alunas da UFJF/GV que me ensinam tanto; pessoas que Barbacena me fizeram conhecer, em especial Robson, Gogóia, Everton e família Piacesi. Obrigado! *Axé! Ngunzo!*

## RESUMO

Os estudos que investigaram as atividades de cinema em Barbacena, Minas Gerais, no início do século XX, dedicaram a atenção especialmente ao trabalho de Paulo Benedetti: imigrante italiano que inaugurou a primeira casa de exibição cinematográfica na cidade e desenvolveu uma técnica sonora para alguns dos documentários que gravou na região – sendo essa última atividade o que comumente é destacado por essas narrativas. Em outra direção, esta tese almeja escrever a história do cinema silencioso em Barbacena, com o objetivo geral de mapear as atividades das casas cinematográficas de Barbacena do período silencioso, entre 1914 e 1931. Já os objetivos específicos são: 1) investigar o funcionamento dos lugares que projetavam filmes, abrangendo os proprietários, dias e horários das exibições cinematográficas, valores das entradas, tipos de programações, empresas fornecedoras, público frequentador etc.; 2) reconhecer os significados associados ao cinema; 3) apontar os demais usos e sociabilidades proporcionadas pelos estabelecimentos cinematográficos. A metodologia adotada é a análise documental construída a partir da apreciação de documentos impressos, especialmente dos exemplares de jornais, revistas, almanaque, anuário e livros de memorialistas, tendo o jornal *Cidade de Barbacena* como a principal fonte devido à sua importância no município e ao número de edições disponíveis em arquivo. A narrativa também apresenta imagens que são dispostas especialmente de modo ilustrativo. O texto está organizado da seguinte forma: *Introdução* – apresenta o ponto de partida da tese e consta de uma apuração das pesquisas identificadas sobre cinema em Barbacena, bem como de uma justificativa para a investigação; *Vários aspectos de Barbacena* – descreve panoramicamente as atividades da cidade no período em tela, abrangendo o seu desenvolvimento econômico, industrial, arquitetônico e entretenimentos identificados; *Cinema em Barbacena* – contém, inicialmente, um balanço da dinâmica das atividades das casas projetoras identificadas, o que inclui: número de estabelecimentos, gestores, organização do funcionamento, formas de ingresso, tipos de programações, público frequentador, suas formas de uso e expectativas, programações oferecidas aos assistentes, marcas dos filmes projetados e as temáticas evidenciadas. Na sequência, são conferidos detalhes de cada cinema em seções.

**Palavras-chave:** Cinema – Cinema silencioso. Lazer – História. Diversões. Barbacena (MG) – História.

## ABSTRACT

The studies that investigated the activities of cinema in Barbacena, Minas Gerais, at the beginning of the 20th century, paid special attention to the work of Paulo Benedetti: an Italian immigrant who opened the first cinematographic exhibition house in the city and developed a sound technique for some of the documentaries that he recorded in the region – this last activity being what is commonly highlighted by these narratives. In another direction, this thesis aims to write the history of silent cinema in Barbacena, with the general objective of mapping the activities of the cinematographic houses in Barbacena in the silent period, between 1914 and 1931. The specific objectives are: 1) to investigate the functioning of places that projected films, including the owners, days and times of cinematographic exhibitions, entrance fees, types of programming, supplier companies, regular audience, etc.; 2) recognize the meanings associated with cinema; 3) point out the other uses and sociability provided by film establishments. The methodology adopted is the documentary analysis built from the assessment of printed documents, especially copies of newspapers, magazines, almanac, yearbook and memoirists' books, with “Cidade de Barbacena” newspaper as the main source due to its importance in the city and the number of editions available on file. The narrative also features images that are specially disposed in an illustrative way. The text is organized as follows: *Introduction* – presents the fundamental idea of the thesis and consists of an investigation of research identified on cinema in Barbacena, as well as a justification for the investigation; *Various aspects of Barbacena* – generally describes the activities of the city in the period considered, including its economic, industrial, architectural and identified entertainment development; *Cinema in Barbacena* – initially contains a balance of the dynamics of the activities of the identified projector houses, which includes: number of establishments, managers, organization of operation, forms of admission, types of programming, regular audience, their forms of use and expectations, programs offered to the assistants, marks of the films projected and the themes highlighted. Then, details of each cinema are checked in sections.

**Keywords:** Cinema – Silent cinema. Leisure – History. Fun. Barbacena (Minas Gerais) – History.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <i>Ladies at Play (Ellas se divertem)</i> , 1926 .....	13
Figura 2: <i>Manicômio de Barbacena</i> .....	21
Figura 3: Mapa do município de Barbacena (1923).....	29
Figura 4: <i>Grupo Escolar Bias Fortes</i> .....	37
Figura 5: "Barbacena - Rua 15"/ao fundo o <i>Cine-Teatro Apollo</i> (1920/1930) .....	40
Figura 6: <i>Club Barbacenense</i> (1932) .....	49
Figura 7: << <i>Pic-Nic</i> >> <i>Commemorativo</i> .....	57
Figura 8: Tiro Mineiro .....	57
Figura 9: Humberto Caetano .....	58
Figura 10: Theda Bara em <i>The Tiger Woman</i> (1917) .....	69
Figura 11: <i>Barbacena em Revista</i> (1927) - Imagem do fotograma .....	78
Figura 12: Paulo Benedetti .....	82
Figura 13: Herma do Padre Corrêa de Almeida no Jardim de Barbacena.....	89
Figura 14: <i>Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia</i> (1912) .....	92
Figura 15: Brazilia Lazzaro caracterizada como pastora em <i>Uma transformista original</i> (1915).....	94
Figura 16: Paulo Benedetti e mulheres em estúdio .....	95
Figura 17: Cena de <i>Uma transformista original</i> (1915).....	96
Figura 18: Velódromo do <i>Morro de Santa Thereza</i> inaugurado por Orlando Piergentili (1918) .....	98
Figura 19: <i>Cine-Theatro Apollo e Confeitaria Apollo</i> (déc. 1920) .....	116
Figura 20: Aroldo e Ines Piacesi (déc. 1950) .....	118
Figura 21: <i>Aspecto da platéia do Cine-Theatro Apollo, numa de suas sessões comuns</i> (1924) .....	122
Figura 22: <i>As novas instalações da A' Confiança</i> .....	128
Figura 23: Bonifácio Andrada e Alberto Augusto Paolucci no <i>foyer do Cine Apollo</i> (1939).....	146

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>VÁRIOS ASPECTOS DE BARBACENA</b> .....	29
<b>3</b>	<b>CINEMA EM BARBACENA</b> .....	60
	3.1 <i>Theatro Cinema Mineiro</i> .....	82
	3.3.1 Paulo Benedetti produtor .....	87
	3.2 <i>Theatro Cinema Moderno</i> .....	98
	3.3 <i>Cinema Barbacenense</i> .....	103
	3.4 <i>Cinema Avenida</i> .....	104
	3.5 <i>Cinema São José (direção de Lopes &amp; Oliveira)</i> .....	106
	3.6 <i>Cine-Central</i> .....	110
	3.7 <i>Cinema São José (direção de A. Leal &amp; C.)</i> .....	112
	3.8 <i>Cinema São José (direção do Sr. Luiz Queiroz Serpa)</i> .....	113
	3.9 <i>Cine-Theatro Apollo</i> .....	115
	3.10 <i>Cine-Theatro Leal</i> .....	129
	3.11 <i>Cinema São José (direção de Santos &amp; Comp.)</i> .....	137
	3.12 <i>Cinema São José (direção do Sr. Geffrey Brisac)</i> .....	139
	3.13 Outros cinemas do período silencioso .....	141
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	143
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	147

## 1 INTRODUÇÃO

Conforme Barros, “[...] se toda fonte tem o seu ‘lugar de produção’<sup>1</sup>, desta regra não escapam os próprios historiadores que as estudam, e tampouco quaisquer outros tipos de produtores de texto” (BARROS, 2020, p. 9). Desse modo, por que proponho estudar as experiências do cinema silencioso<sup>2</sup> em Barbacena?

Minha trajetória acadêmica começa e continua na Educação Física. Em 2013, no primeiro semestre da graduação, na Universidade do Estado de Minas Gerais, tive a aproximação com a pesquisa histórica junto à professora Sarah Teixeira Soutto Mayor, auxiliando-na em uma investigação sobre os usos do tempo livre a partir do jornal *O Universal* (Ouro Preto – MG, 1825-1842). Após essa experiência, entre 2014 e 2016, na Iniciação Científica sob a orientação do professor Cleber Dias, na Universidade Federal de Minas Gerais, no projeto que investigou a história do esporte no Triângulo Mineiro no início do século XX, aproximei-me mais dos estudos históricos da Educação Física e do Lazer. Durante a coleta de dados, reconheci o interesse, a princípio, especialmente nas fontes que destacavam a presença das mulheres nos esportes.

Finda a coleta de dados sobre a história do esporte no Triângulo Mineiro, defendi o trabalho de conclusão de curso em que analisei as formas de participação das mulheres de Uberaba e Uberlândia no esporte entre 1918 e 1943<sup>3</sup>. Entretanto, antes do momento da apresentação da monografia, quando no tempo final das atividades da Iniciação Científica, o professor Cleber sugeriu começar a pesquisa sobre outra cidade: Barbacena. Inicialmente, para mim seria investigar a história do esporte em mais uma região de Minas Gerais, mas “como o acaso é importante”, como escreveu Dorival Caymmi na música *Nem eu*, eu estava desprevenido de intenções, Barbacena me cativou, e novamente lancei o olhar para as mulheres.

Em 2016, comecei o mestrado em Estudos do Lazer. Dessa experiência resultou a dissertação *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*, a respeito das formas de participação das mulheres de Barbacena nos divertimentos, com destaque à presença das cidadinas nos cineteatros e nas seguintes práticas corporais: futebol, atletismo, patinação, cavalcadas, escotismo, dança e corridas de cavalos (SILVA, 2018). Após essa experiência, ingressei no doutorado em Estudos do Lazer em 2019. Algumas questões foram melhor

---

<sup>1</sup> Aqui o autor faz referência ao termo empregado por Michel de Certeau no livro *A escrita da História* (1974).

<sup>2</sup> De acordo com o estudo de Souza e Freire (2018), o termo mais apropriado para nomear a fase que antecedeu o cinema sonoro é cinema silencioso, e não cinema mudo.

<sup>3</sup> Um artigo derivado da monografia foi publicado. Cf. Silva (2017).

compreendidas no curso da disciplina “Pesquisa e produção de texto em História”, ofertada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, pela professora Adriana Romeiro, como, por exemplo, a importância de me especializar naquilo que me provoca maior curiosidade enquanto tema de estudo e que pode somar ainda mais à minha identidade acadêmica. Motivado por esse aprendizado, resgatei na memória uma breve e significativa experiência que tive com o tratamento de documentos fílmicos na “Oficina de conservação preventiva do patrimônio cultural audiovisual”, de que participei no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte em janeiro de 2016, junto à equipe de pesquisa da professora Meily Assbú Linhales, do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Percebido que as temáticas do cinema ocupam a maior parte dos meus interesses acadêmicos e afetividades – o que pode ser observado desde o título da dissertação, foi inspirado em um dos filmes projetados em Barbacena (Figura 1) –, assim como o fato de que muitas das lacunas que ficaram após a apresentação da dissertação estavam atreladas às dimensões do cinema e não somente a participação das mulheres nas diversões, considerei a seguinte pergunta motivadora para esta pesquisa: como se deram as experiências do cinema silencioso em Barbacena no início do século XX, uma vez que no mestrado a minha atenção estava centrada na participação das mulheres em diversões como o cinema?

Figura 1: *Ladies at Play* (Ellas se divertem), 1926



Fonte: <<https://www.imdb.com/title/tt0017052/mediaviewer/rm4238348032>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

Para Jean-Claude Bernardet (1996), o cinema é definido por muitos e distintos elementos. Então, o que é cinema?

Linguagem, arte, estética, roteiro, produção, elenco, filmagem, publicidade, negócio, distribuição, cartaz, exibidores, salas, projetores e público assistente. O carrinho de pipoca ao

lado da bilheteria, o enlace das mãos no escuro e outras possibilidades afora – fantasia. Política, educação, simbiose de ilusão, magia, sonho, terror, alegria, saudade, romance e riso. Emoções fortes e amenas em movimento. A impressão de que o filme é a própria vida; cópia; representação. Agente recreativo, entretenimento, divertimento, diversão. Luz. Câmera. Ação.

O cinema, nas décadas iniciais de seu surgimento, teve um espaço excepcional no cotidiano de diversos lugares do mundo por inúmeros motivos, dentre eles: por ser um entretenimento que atraía público interessado nas experiências que as narrativas fílmicas promoviam; era um novo negócio que se desenvolvia em cidades de destaque no plano econômico e cultural a nível mundial, e também em regiões distantes dos grandes centros; tratava-se de uma expressão artística e um evento social que demonstrava o progresso de um local (SCHVARZMAN, 2005; CHARNEY; SCHWARTZ, 2004).

Especialmente sobre a presença do cinema no Brasil, a sua popularização ocorreu porque ele era um divertimento afim com certo ideário e imaginário de modernidade intencionado no país (MELO; PERES, 2005). Tal pensamento se dá sobretudo no período posterior à supressão da escravização de pessoas africanas, mais especificamente na República Velha (1889-1930). Tempo de investimentos e descobertas na indústria, engenharia, arquitetura, saúde pública, artes visuais, literatura e nas convenções e experiências urbanas (SCHWARCZ, 2012). Essas vivências se confrontaram com muitos hábitos então vigentes, tanto pelos desejos que se instauram quanto pela viabilização de possibilidades que criaram novos códigos e signos.

As melhorias nas vias públicas, investimentos em meios de transportes (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019) e a chegada da energia elétrica, por exemplo, dinamizaram não só os aspectos monetários das regiões, mas também a frequência de cidadãos e cidadinas no espaço urbano: lugar privilegiado para sociabilidades, isto é, para as interações dos indivíduos (SIMMEL, 1983). No imperativo “todos para a rua: é lá que a ação está” (SEVCENKO, 1992, p. 33), as práticas de lazer ganharam notoriedade em diversos lugares do país, pois simbolizavam o novo, a fuga do espaço privado em busca dos espetáculos que o urbano oferecia. De acordo com Melo e Peres (2005, p. 79),

a modernidade é espetacular desde a origem. As atividades públicas de lazer ganham papel fundamental na construção dessa nova forma de organização urbana, como expressão do que se propõe; mensageiras, ora mais ora menos literal, da mensagem de um suposto “novo mundo”. Articuladas complexamente nesse contexto socioeconômico, enquanto uma cidade estava sendo “morta” para que outra renascesse, preparava-se o terreno para a “sociedade do consumo”, onde o lazer e a diversão ganhavam ainda mais importância.

No espaço urbano de inúmeras localidades, o que não incluía somente a rua, mas também as confeitarias, cafés, clubes associativos, campos de futebol, cineteatros, salas de projeção fílmica, salões de exposição de artes plásticas e outros lugares de entretenimento que eram inaugurados, foram oferecidos programas diurnos e noturnos, maiormente denominados nessa ordem de *matinéés* e *soirées*. O cinema se destacou, pois se tratava de “uma nova tecnologia de percepção, reprodução e representação; uma nova mercadoria cultural de produção e consumo de massa; um novo espaço de congregação social na esfera pública” (ABEL, 2004, p. 215). Ou seja, representava o novo, a revolução das imagens e dos costumes apreciados intersemioticamente de forma coletiva e em movimento, como eram desejadas que fossem as experiências desse tempo (MELO; PERES, 2005). Sevcenko faz a seguinte análise da presença do cinema na vida cidadina paulistana na década de 1920:

o cinema, assim como os bondes e os estádios, alinha multidões de estranhos enfileirados ombro a ombro num arranjo tão fortuito e normativo como a linha de montagem. Os bondes, contudo, lhe dão mobilidade, os estádios estímulos, os cinemas fantasias e as linhas de montagem subsistência (SEVCENKO, 1992, p. 95).

O cinema foi apreciado no cotidiano das programações de entretenimento das pessoas de diferentes classes e de diversos lugares do país, junto a outros divertimentos que também se destacavam, como a dança e o futebol, por exemplo, nas capitais do Sudeste, nomeadamente: São Paulo (ARAÚJO, 1981; SEVCENKO, 1992; SEVCENKO, 1993; SCHVARZMAN, 2005; SOUZA, 2018), Rio de Janeiro (MELO, 2005; MURAD, 2010; FREIRE; 2018), Belo Horizonte (SOUZA NETO, 2010; SOUTTO MAYOR, 2017; MARTINI, 2010) e Vitória (MALVERDES, 2014). Anteriormente à popularização do cinematógrafo e da inauguração de salas de cinema no Brasil, as exibições eram promovidas por aventureiros, pequenos empresários locais e itinerantes, imigrantes europeus interessados nesse tipo de negócio, companhias de variedades e circenses, em lugares não específicos e improvisados, a citar: circos-cinemas, salas alugadas, residências, cassinos, hotéis, associações sociorrecreativas, teatros, parques, no entorno de igrejas, em feiras ao ar livre, na rua etc., e aconteciam em programações que incluíam somente essa atividade e também de outras formas, como, por exemplo, junto às apresentações teatrais e mambembes (ARAÚJO, 1986; GOMES, 1997; FONSECA, 2002; SCHVARZMAN, 2005; PEREZ, 2007).

As exibições de imagens presenciadas de modo pioneiro no país ocorreram na última década do século XIX. Por exemplo, no Rio de Janeiro, em dezembro de 1894, uma briga de

galos pôde ser visualizada no cinetoscópio, um aparelho em formato de caixa que permitia o uso de uma pessoa por vez (PEREZ, 2007). Já em janeiro de 1896, aconteceram exibições do *kinetophone* no salão do *Grande Hotel* do Rio de Janeiro, apresentadas por Mr. e Mme Col (ARAÚJO, 1986). Todavia, o evento que se popularizou como o marco inicial das projeções no Brasil foi sediado na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, em uma sala localizada no número 57, na tarde de 8 de julho de 1896, e não se sabe ao certo se ocorreu com o auxílio do *omniographo* e audição de fonógrafo nos intervalos das 13 Vistas<sup>4</sup> demonstradas aos jornalistas e outros poucos convidados (ARAÚJO, 1986; FERREIRA, 1986), ou se as projeções aconteceram com o uso do cinematógrafo na presença desse mesmo público (PEREZ, 2007). Mesmo que uma dessas informações se aproxime com mais êxito da realidade, sabe-se que as projeções com o cinematógrafo nas capitais São Paulo (7 de agosto de 1896), Porto Alegre (8 de novembro de 1896) e Manaus (13 de abril de 1897), nas cidades de Petrópolis – RJ (29 de abril de 1897) e Juiz de Fora – MG (23 de julho de 1897), se deram anteriormente à inauguração da primeira sala regular de cinema do Brasil, o *Salão Novidades de Paris*, aberto em 31 de julho de 1897, na Rua do Ouvidor, número 141, no Rio de Janeiro, pelos empresários Pascoal Segreto e José Roberto da Cunha Sales (ARAÚJO, 1986; PEREZ, 2007).

A primeira exibição no Estado de Minas Gerais aconteceu na inauguração do *Theatro Juiz de Fora*, em 23 de julho de 1897, com a apresentação do cinematógrafo Lumière pela companhia itinerante de Apolônia Pinto e seu marido Germano Alves, que se tratava de um grupo de artistas músicos, atores e circenses que usaram o cinematógrafo como número principal (ARAÚJO, 1986; BARROS, 2008; LINO, 2009). Como divertimento de prestígio na agenda de Juiz de Fora, em 1909, a imprensa da região, referindo-se à frequência de assistentes nas sessões dos domingos, apresentou que o cinema era a doença da moda e que o município havia se tornado um grande hospital com muitos enfermos. O que não se tratava de uma crítica, pois o articulista que assinou esse texto assumiu que naquela noite compareceria à inauguração de mais um cinema e estendeu o convite aos leitores (ROCHA, 2008).

Nesse período, similarmente a Juiz de Fora, outros municípios mineiros tiveram o cinema como um dos principais entretenimentos. Citam-se a capital Belo Horizonte, que teve a sua primeira exibição em 12 de julho de 1898 e a primeira casa fixa de exibição instalada a partir de 1908 (GOMES, 1997; ASSIS, 2006; MARQUES, 2007; BARRO, 2017) e nas décadas de 1910 (VILHENA, 2009) e 1920, já era citado como o divertimento preferido da

---

<sup>4</sup> Vista é o nome dado aos documentários produzidos no Brasil que registravam cenas do cotidiano (GALDINO, 1983).

população, dividindo o prestígio sobretudo com o futebol, “como espaços de divertimento legitimamente instaurados” (SOUZA NETO, 2010, p. 119). Outras cidades identificadas, sem esgotar a lista, foram: Araxá (GOMES, 2017), Diamantina (OLIVEIRA, 2016), Cataguases (GOMES, 1974), Mariana (ROCHA; SILVA, 2011), Montes Claros (CARVALHO, 2016; ALVES, 2018), Patos de Minas (FRÓES, 2018), Uberaba (SILVA, 2017), Uberlândia (PINTO, 1997), Varginha (LIMA, 2017), Visconde do Rio Branco (CAMPOS, 2018), Campanha, Pouso Alegre e Itajubá (NOGUEIRA JUNIOR, 2017; SAMPAIO, 2009).

A adesão ao cinema em diferentes regiões de Minas Gerais no início do século XX é confirmada também nas considerações de Dias, Machado e Hosken (2019, p. 1209). Conforme os autores:

Segundo registros do *Anuário Estatístico*, um calhamaço de mais de 3.300 páginas, distribuídas por cinco volumes, em 1920, Minas Gerais contava uma população de quase 5,9 milhões de habitantes (o número preciso é 5.888.174), que tinham à disposição 252 cinemas e 296 teatros. Em certa medida, esses números podem ser vistos como superestimados, uma vez que cinemas que também oferecessem espetáculos teatrais, musicais ou de variedades, além das exhibições de filmes propriamente ditos, foram registrados duas vezes no documento, isto é, aparecem na listagem dos cinemas e também na dos teatros.

Além das exhibições fílmicas, Minas Gerais tem expressiva participação na produção de documentários silenciosos. Os nomes de Humberto Mauro (GOMES, 1974; GONZAGA; GOMES, 1966; SCHVARZMAN, 2018), Iginio Bonfioli, Aristides Junqueira (MARQUES, 2007) e João Carriço (SIRIMARCO, 2005; PEREIRA, 2011) são frequentemente destacados nas análises sobre as filmagens pioneiras do Estado, na referida ordem nominal, em Cataguases, Belo Horizonte e Juiz de Fora (DIAS; MACHADO; HOSKEN, 2019). Entretanto, estas cidades e as demais citadas não foram as únicas que se envolveram com o cinema, exibindo ou produzindo, e nem os cineastas citados possuem exclusividade nessa atividade.

Ainda na cena de cidades contempladas com atividades relacionadas ao universo cinematográfico, dois trabalhos de memorialistas narram a presença de algumas práticas de diversão em Barbacena entre 1836 e 1930, e citam a presença de cinema. *Barbacena: a terra e o homem* apresenta a existência de irmandades, inauguração de impressos, bandas de música, grêmios literários, bibliotecas, grupos dramáticos, clubes esportivos, festas populares, teatros, cinemas, bares, patinação, corrida de cavalos e de bicicletas<sup>5</sup>. Já em *Barbacena 200 anos*, constam times de futebol, cinema, exposição pastoril, cavalhadas, natação, festas

---

<sup>5</sup> MASSENA, 1985b. As fontes consultadas serão citadas em notas de rodapé.

populares, corrida de cavalos, bicicletas e patins<sup>6</sup>. Mesmo que os autores citem a existência de cinemas em Barbacena, não foram conferidos muitos detalhes a esse entretenimento, pois eles privilegiaram a biografia de Orlando Piergentili, imigrante italiano que inaugurou casas de diversões na região<sup>7</sup>, e notícias de uma festa sediada em um dos cinemas locais, que teve como programação a apresentação de um jornal falado e não de filmes<sup>8</sup>.

A relação de Barbacena com o cinema é destaque especialmente pela sua participação nos “ciclos regionais” de produção cinematográfica do Brasil nas décadas de 1910 e 1920 (AUTRAN, 2010). O significado e a abrangência do conceito de “ciclos regionais” recebem muitas críticas de cineastas e historiadores do cinema, e hoje de certo modo não é empregado, visto que o termo buscou privilegiar as produções fora do eixo Rio-São Paulo, como se essas fossem menos expressivas perante as daquelas capitais. Neste momento toma-se a pesquisa de Autran (2010, p. 119) para explicar ao que se refere:

para Paulo Emílio, Alex Viany ou B. J. Duarte, expoentes da historiografia clássica do cinema brasileiro, os “ciclos regionais” seriam uma expressão típica do cinema dos anos 1910 e 1920, constituindo-se cada ciclo no conjunto de filmes de ficção produzidos em um dado lapso de tempo em cidade fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Esta acepção amplia-se nos textos de outros autores publicados a partir dos anos 1980, incluindo a produção de filmes de não-ficção. É possível mencionar ciclos regionais ocorridos em Recife, Campinas, Barbacena, Cataguases, Guaranésia, Ouro Fino, Pouso Alegre, Belo Horizonte, Pelotas, Porto Alegre, Manaus, João Pessoa e Curitiba.

Contudo, nem essa e nem outras atividades relacionadas ao cinema de Barbacena foram analisadas aprofundadamente, e poucas são as pesquisas existentes. A maior parte da bibliografia tem se concentrado nas ações de Paulo Benedetti, imigrante ítalo que desenvolveu uma técnica sonora para alguns dos documentários que filmou no município: a *cinemetrophonia*.

Toma-se aqui por exemplo Márcio da Rocha Galdino, no artigo intitulado *Paulo Benedetti – dossiê* (GALDINO, 1980), que aponta o percurso desse profissional na região até 1915, onde dirigiu o *Cinema Mineiro*, o *Cinema Parisiense* e alguns filmes. No mesmo texto, o autor apresenta a trajetória dele como fotógrafo e cineasta nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro. Já no livro *Minas Gerais: ensaio de filmografia* (GALDINO, 1983), o mesmo autor arrola sistematicamente os documentários produzidos no Estado entre 1903 e 1983, e os de Barbacena fazem parte desse registro. Do mesmo modo, José Antônio Orlando, no texto “A cidade dos Lunáticos” (ORLANDO, 2005); Máximo Barro, na obra *Participação italiana no*

---

<sup>6</sup> SAVASSI, 1991a.

<sup>7</sup> MASSENA, 1985b.

<sup>8</sup> SAVASSI, 1991a.

*cinema brasileiro* (BARRO, 2017); Paulo Augusto Gomes, no livro *Pioneiros do cinema em Minas Gerais* (GOMES, 2008) e no artigo “Os italianos e o nascente cinema mineiro” (GOMES, 2011), e Sheila Schvarzman, no artigo “O cinema silencioso em Minas Gerais (1907-1930)” (SCHVARZMAN, 2018), demonstram a trajetória de produtor de Paulo Benedetti, em Barbacena.

Em contrapartida, Mário Celso Rios, no artigo publicado em uma coletânea da Academia Barbacenense de Letras, intitulado “O Cinema em Barbacena” (RIOS, 1989), apontou alguns dos cinemas em atividade na cidade desde o início do século XX até 1989. A sua narrativa destaca de modo resumido as datas de inauguração e de término das atividades das casas do gênero, as projeções iniciais, o endereço, os empresários e empresárias responsáveis por conduzir os negócios, tipo de infraestrutura, mobiliário e acordos de arrendamento quando houve. O autor conferiu maiores detalhes ao *Cine-Theatro Apollo*, propriedade do casal de imigrantes italianos Aroldo Piacesi e Ines Piacesi, e aponta que esse foi o cinema que esteve em funcionamento em Barbacena em maior número de anos, sob a gestão do casal Piacesi ou não (RIOS, 1989).

Já Everton Fernando Pimenta analisou algumas das atividades do casal Piacesi em Barbacena. Em sua monografia, *Ines Piacesi, 1895-1981: um ensaio biográfico* (PIMENTA, 2007), traçou a história da vida da intelectual, professora, escritora e jornalista que esteve junto ao seu marido, Aroldo Piacesi, na gestão do *Cine-Theatro Apollo*. Em sua dissertação, *Duas faces de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena-MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945* (PIMENTA, 2015), o estudo analisou a recepção e circulação do ideário fascista na cidade difundida por marido e mulher por meio da atividade jornalística e dos serviços da casa de diversões *Cine-Theatro Apollo*. Contudo, segundo o autor, seu trabalho “aborda a presença do cinema em Barbacena apenas de modo superficial, através de insipientes apontamentos” (PIMENTA, 2015, p. 50).

Todas as pesquisas localizadas apresentam em comum o aspecto de privilegiar a trajetória biográfica e a ação de imigrantes italianos que se envolveram com o cinema em Barbacena em detrimento de outras perspectivas sob esse divertimento, como a análise do funcionamento das casas, programações, frequência, empresas locais voltadas para a produção de documentários etc. Tal premissa acaba por reforçar a afirmação de Pimenta (2015), para quem

a análise das atividades no ramo do cinema em solo barbacenense merece um estudo mais aprofundado uma vez que, com a investigação levada a cabo através da leitura da escassa bibliografia que versa sobre o tema e também pela leitura dos jornais da

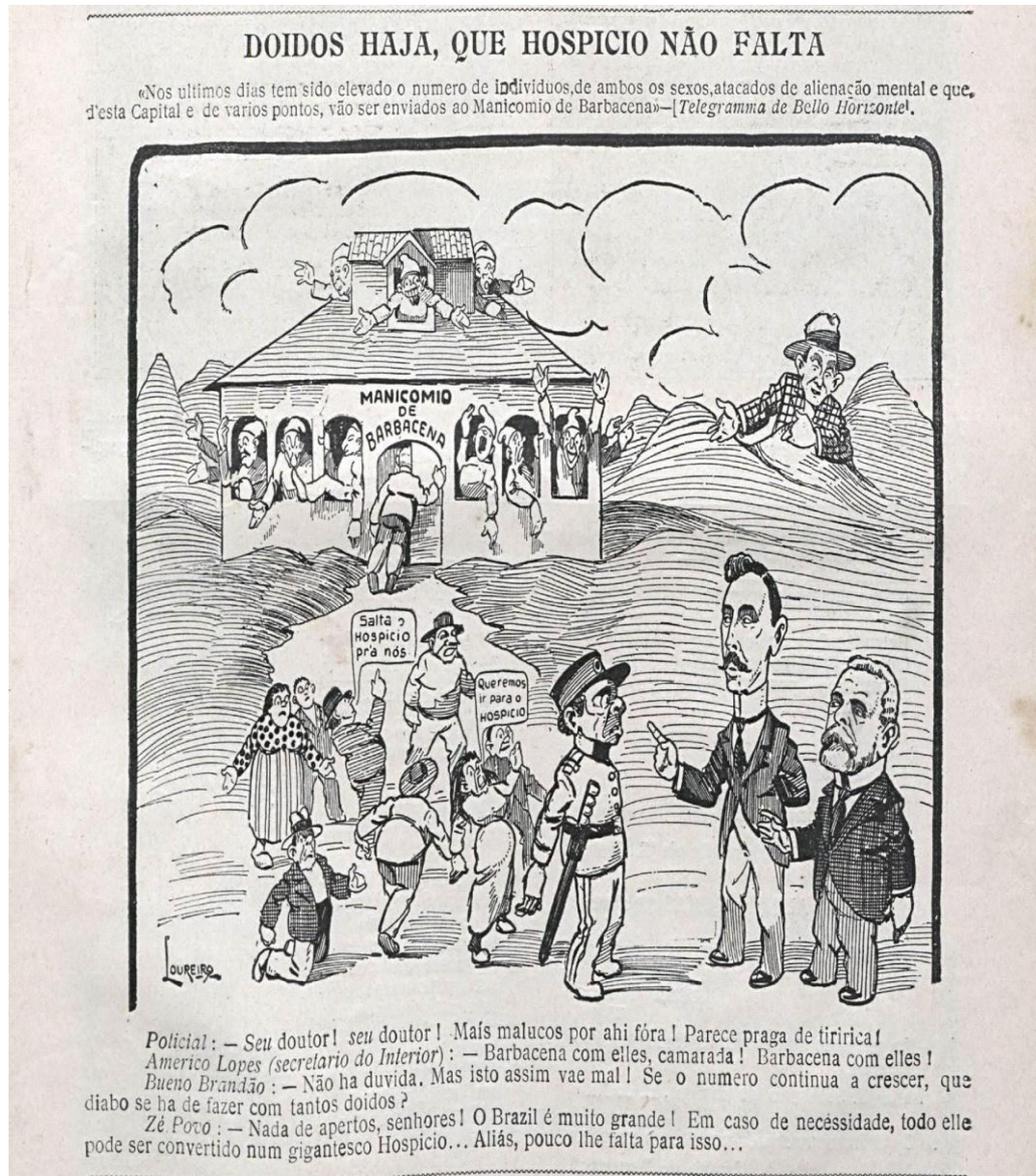
época, notou-se que precocemente em Barbacena o cinema se colocou como uma alternativa de diversão que encantava e atraía o público, inclusive fazendo com que algumas pessoas se aventurassem nesse ramo do entretenimento, mesmo que isso se tratasse de um negócio arriscado (PIMENTA, 2015, p. 50).

Diferente dos estudos acima, na dissertação *Elas se divertem (Barbacena-MG, 1914 a 1931)*, foram investigadas as formas de participação das mulheres nos divertimentos, destacando as programações dos cineteatros e das práticas corporais futebol, atletismo, patinação, cavalhadas, escotismo, danças e corrida de cavalos (SILVA, 2018). O cinema foi interpretado como um dos entretenimentos mais presentes na agenda do município nos anos examinados, assim como, dentre as análises, o que mais deixou questionamentos. Desse modo, esta pesquisa aborda um tema pertinente para os estudos históricos do Lazer, dado que, no início do século XX, o cinema é “uma das formas culturais mais significativas” entre jovens e adultos (LOURO, 2000, p. 421) e foi vivenciado como divertimento em diferentes lugares do mundo, incluindo as grandes cidades e as regiões do interior (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004; RAMOS; SCHVARZMAN, 2018).

Em consulta ao banco de teses e dissertações defendidas até o ano de 2020 no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, identifica-se que, no início do século XX, o cinema esteve muito presente na agenda de diversões de algumas cidades de Minas Gerais, a citar Belo Horizonte (MARTINI, 2010; MOURA, 2010; SOUTTO MAYOR, 2017; BARROS, 2018; MOTA, 2018, SOUZA NETO, 2010), Juiz de Fora (LISBOA, 2017), Diamantina (OLIVEIRA, 2016), Montes Claros (ALVES, 2018), Campanha, Pouso Alegre, Itajubá (NOGUEIRA JUNIOR, 2017), Barbacena (SILVA, 2018), e em cidades de outros estados, como Mato Grosso (SANTOS, 2017), Acre (CÔRREA, 2019) e Rio de Janeiro (SANTOS JUNIOR, 2017).

Mesmo que Silva (2018) verse sobre a presença das mulheres de Barbacena no cinema até o ano de 1931, nenhuma produção analisou a história desse entretenimento na cidade como principal tema de estudo. Desse modo, além de ser em número pouco expressivo a produção acadêmica que explorou esse assunto em Barbacena, a presente investigação é uma oportunidade para confiar a essa região o seu passado prático (AVILA, 2018; WHITE, 2018). Ou seja, a partir de temáticas como a proposta, a cidade poderá ser apreciada por meio de acontecimentos diferentes dos que prevalecem na memória nacional, por exemplo, as atividades manicomiais que a intitularam de modo hediondo de ‘Cidade dos loucos’, o que se ilustra na imagem a seguir.

Figura 2: Manicômio de Barbacena



Fonte: DOIDOS HAJA, QUE HOSPÍCIO NÃO FALTA. *O Malho*, Rio de Janeiro, edição 602, 1914, p. 41.

Esta tese pretende obedecer aos seguintes objetivos:

**Objetivo geral:** mapear as atividades das casas cinematográficas de Barbacena do período silencioso, entre 1914 e 1931.

**Objetivos específicos:** 1) investigar o funcionamento dos lugares que projetavam filmes, abrangendo os proprietários, dias e horários das exibições cinematográficas, valores das entradas, tipos de programações, empresas fornecedoras, público frequentador etc.; 2) reconhecer os significados associados ao cinema; 3) apontar os demais usos e sociabilidades proporcionados pelos estabelecimentos cinematográficos.

Acerca do recorte espacial, é importante demarcar que, no período estudado, Barbacena era sede de alguns distritos. Todavia, esta narrativa destaca as experiências do cinema silencioso somente da cidade e não dos distritos.

No tocante ao recorte temporal, o período de vigência do cinema silencioso no Brasil se deu entre o final do século XIX até meados de 1930. De acordo com Freire (2013), o cinema sonoro chegou ao Brasil em 1929; contudo, a conversão de cinema silencioso para cinema sonoro em diferentes regiões do país não aconteceu de forma rápida. Isso se deve por alguns motivos, dentre eles, o alto preço cobrado para a aquisição de aparelhagem específica e locação de fitas do circuito exibidor falado, como também as peculiaridades econômicas regionais, o que fez com que muitos cinemas do país ainda continuassem a projetar filmes silenciosos durante o primeiro decênio de 1930 (FREIRE, 2013). Em Barbacena, a primeira exibição fílmica itinerante aconteceu em 1901, e em 1931, constam empresas que projetaram títulos falados. No entanto, a coleta de dados em arquivo, referente ao cinema silencioso em Barbacena, foi interrompida pela pandemia de Covid-19, instaurada em 2020, e as fontes disponíveis são advindas sobretudo da pesquisa de mestrado de Silva (2018), as quais permitiram escrever a narrativa tendo como recorte temporal os anos de 1914 a 1931, a partir de 1690 números coletados. Acrescenta-se a isso que, ainda que a possibilidade de consulta presencial ao arquivo aconteça antes do prazo máximo da defesa da tese (previsto para até julho de 2023), a escolha da defesa antes dessa data se fez devido às condições sanitárias que se encontram imprevisíveis, e por isso, sair para coletar dados sem riscos de contaminação é algo que não se sabe a data nem a hora que acontecerá.

O cinema é um objeto de estudo inesgotável que possibilita interpretações multidisciplinares por meio de diferentes materiais, por exemplo, roteiro, publicidade, imprensa, cinejornal, filme, infraestrutura (BARROS, 2011); e linguagens, a dizer da atuação cênica e da sonoplastia (MONTEIRO, 2020). A metodologia desta pesquisa é a análise

documental construída a partir da apreciação de fontes impressas, especialmente dos exemplares de jornais da época.

A escolha dessa documentação é adequada ao objeto de estudo visto que muitas pesquisas apontam que a imprensa foi o veículo que monopolizou a circulação das informações no início do século XX (SEVCENKO, 1992; LUCA, 2011; CUNHA JUNIOR, 2011), e ainda o meio que elucida as práticas culturais desse período em variadas localidades e oportuniza múltiplas possibilidades interpretativas (FIGUEIREDO *et al.*, 2013).

Nas publicações sobre História do Lazer, a imprensa tem sido uma opção prevalente para o acesso às práticas de entretenimento de diferentes épocas e contextos, assim como dos discursos que as envolveram. Isso corrobora a consideração de Figueiredo *et al.* (2013, p. 2), para quem “muito da história também pode ser entendido através da análise de jornais que circularam em dado momento”. Dito isso, em consulta às teses e dissertações defendidas na linha de pesquisa Memória e história do lazer do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, foi percebido que as metodologias desses trabalhos maiormente empregam a análise de jornais e revistas, assim como é a escolha que ordena um volumoso número de investigações históricas do Lazer divulgadas em periódicos que abrangem o campo de estudo. Acrescenta-se a isso que a imprensa é apontada como “a melhor fonte de consulta sobre a produção [fílmica] exibida no Brasil e a realizada aqui nas primeiras décadas do século [XX]” (AUTRAN, 2010, p. 123).

Assim, o cinema e a imprensa são veículos que se constituem a partir de fragmentos do cotidiano, ou seja, o que é narrado no projetor de filmes ou na escrita apresenta o factual parcialmente, por meio de representações. A representação se baseia na realidade e é definida como o que quer ordenar, conformar e prescrever modos e pode se dar a partir de objetos como a imprensa, cinema, iconografia etc. Sua propagação no cotidiano acontece mediante o poder de alcance das palavras, expressões, práticas e imagens que intencionalmente ou não querem se fazer como normativas (CERTEAU, 1998). Especialmente sobre a imprensa do início do século XX, destaca-se que quem a escrevia eram sobretudo homens alfabetizados e com acesso a diferentes setores da sociedade. Por isso, a escrita também tem em si a influência do sexo e da classe que traz consigo o viés que lhe cabe; sendo assim, valoriza ou suprime certos setores da sociedade e acontecimentos. Desse modo, por meio dos discursos da imprensa e do cinema podem ser aconselhadas ações, lugares, destacadas experiências de modo a elevá-las ou condená-las, além de permitirem diferentes interpretações dada a diversidade do que apresentam e também consonâncias, visto que esses veículos podem propagar os mesmos signos. Partindo dessas considerações e embasando-se no estudo de

Veyne (1995), as análises desta tese devem ser entendidas como incompletas, não somente por não abrangerem todo o período de vigência do cinema silencioso em Barbacena, mas por ser uma síntese das representações de um tempo lido.

Segundo Resende (2012, p. 17), a imprensa de Barbacena é “fonte imprescindível para o estudo da vida política, social, cultural e econômica da região”. A atividade jornalística da cidade entre o final do século XIX e início do XX se fundamentou em publicações de cunho literário, humorístico, político, comercial, industrial, agrícola, noticioso e também diversificado, visto que existiam jornais especializados em cinema e futebol (RESENDE, 2012; FIGUEIREDO *et al.*, 2013)<sup>9</sup>. De um modo geral, a divulgação da agenda de entretenimento em muitos desses periódicos se deram de forma destacada por meio de publicações em seções específicas ou não.

A seleção dos jornais da presente pesquisa seguiu a sugestão de Barros (2020), para quem a constituição do *corpus* documental deve se adequar a alguns critérios, como pertinência, suficiência, representatividade e homogeneidade. Desse modo, optou-se por escolher como fonte principal o jornal *Cidade de Barbacena* (1898-1993), em especial a sua segunda edição, que circulou de 1914 a 1931. A alguns motivos se deve essa opção: selecionar uma fonte pertinente, suficiente, representativa e homogênea.

Da pertinência, a imprensa é considerada fonte adequada ao estudo do cinema no início do século XX. Da suficiência, é considerado o jornal de maior circulação na cidade e está digitalizado em arquivo sem muitas lacunas na periodicidade. Da representatividade, é um jornal que demonstrou vários aspectos da região que envolviam ensino, economia, política, infraestrutura e atividades de entretenimento. Em específico ao cinema, a sua redação ganhou convites para a participação em eventos sediados nas casas cinematográficas e entradas permanentes nas programações<sup>10</sup>; também cooperou com a popularização da prática, não só por meio da publicação de colunas específicas a essa diversão, mas também por partilhar de promoções relacionadas ao acesso às sessões fílmicas, em que, por exemplo, no ano de 1917, o público leitor pôde destacar um cupon de desconto de 30% para a aquisição de bilhetes na sessão de 2 de agosto do *Cinema Avenida*<sup>11</sup> – tais descrições fazem perceber o espaço que o cinema ganhou na vida cidadina de Barbacena, em que os investimentos dos proprietários não acontecia somente na oferta de infraestrutura e aquisição de filmes, mas também no estabelecimento de relações com outros setores da região, como a imprensa, a fim

---

<sup>9</sup> SAVASSI, 1991a.

<sup>10</sup> CINE ODEON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2375, 1928, p. 2.

<sup>11</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1342, 1917, p. 1.

de se estabelecer e autopromover. Como último critério, a homogeneidade, apresenta-se que o *Cidade de Barbacena* é um documento que produziu um discurso homogêneo sobre a vida cidadina sem parecer ter a intenção de destacar somente um aspecto da municipalidade.

O *Cidade de Barbacena* é considerado o impresso de maior circulação do município. Com 95 anos de trabalho, começou a circular em 23 de janeiro de 1898 e terminou as suas atividades em 1993 (RESENDE, 2012). Esse periódico possui a característica singular de ter apresentado em seu primeiro número que não se filiaria à política e às lutas partidárias<sup>12</sup>; contudo, ao longo de sua circulação apoiou distintas vertentes da política local e não partilhou de uma só postura (FIGUEIREDO *et al.*, 2013).

Fundado por Emílio Gonçalves Júnior, professor de Latim e Língua Portuguesa que dirigiu a primeira edição do periódico, anunciada como “calma, meditada, imparcial e independente”<sup>13</sup>. A segunda tiragem começou em 17 de maio de 1914 e findou em 5 de setembro de 1931, sob a direção dos filhos do idealizador do impresso: Carlos Benjamin Gonçalves, também diretor e professor do *Grupo Escolar Bias Fortes* na cidade, e por Paulo Emílio Gonçalves, jornalista e colunista no jornal da família (SILVA, 2018).

A primeira edição teve circulação semanal e apenas aos colaboradores não se cobravam as assinaturas que deveriam ser pagas de modo adiantado e custavam 12\$000<sup>14</sup> por ano e 7\$000 o semestre. Já a segunda edição teve sua impressão bi-semanal, circulando domingo e quinta-feira, sendo que alguns números foram publicados às quartas e sábados. Contudo, antes de 19 de outubro de 1927, quando os editores redefiniram que os dias das impressões seriam quarta e sábado, eles ainda tentaram manter a circulação na proposta inicial da edição: domingo e quinta. O pagamento deveria ser antecipado, e as assinaturas valiam “15\$000 por ano, 8\$000 por semestre e o número avulso, 200 réis”<sup>15</sup>. O número de páginas esteve organizado entre quatro e seis, e foram divulgados poemas, anúncios, notícias, colunas e crônicas de variadas temáticas. Os divertimentos apareceram em textos associados a colunas específicas ou não, como as dedicadas ao futebol e ao cinema. A exemplo das que visavam priorizar o cinema, existiram as seguintes: *Cinemas* e *Pelos Cinemas* (SILVA, 2018).

Outro impresso que faz parte do *corpus* documental da tese é o *Apollo Jornal*, um periódico especializado em cinema produzido na cidade, e mesmo que se trate de uma publicação efêmera, a sua escolha se deve a relação direta com o tema de estudo<sup>16</sup>. O *Apollo*

<sup>12</sup> CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, n. 1, 1898, p. 1.

<sup>13</sup> CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, n. 1, 1898, p. 1.

<sup>14</sup> A moeda da época era o real; no plural, réis. Um milhão de réis somava um conto de réis ou um mil réis.

<sup>15</sup> CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, n. 1024, 1914, p. 1.

<sup>16</sup> Os exemplares digitalizados do *Apollo Jornal* foram cedidos pelo pesquisador Everton Fernando Pimenta.

*Jornal* foi um semanário que circulou de 12 de agosto de 1923 a 1º de janeiro de 1924. Trata-se de um jornal dirigido pela empresa *Cine-Theatro Apollo* e com a redação sob a responsabilidade da professora e jornalista Ines Piacesi<sup>17</sup>, a esposa do proprietário da respectiva casa de diversão, Aroldo Piacesi. Anunciado como “órgão da empresa do Cine-Theatro Apollo”<sup>18</sup>, na sua nona edição acrescentou que o lema do estabelecimento era “crescer... evoluir sempre!”<sup>19</sup>. Esse jornal foi distribuído gratuitamente aos frequentadores do recinto pelo correio e em suas páginas, além de textos dedicados ao cinema e ao funcionamento da casa de diversão, constam textos de filosofia, enquetes sobre o amor nas diferentes fases da vida, poemas, propagandas de negócios e empresas locais como armazéns, lojas de artigos de moda, confeitarias, leiteria, instituições de ensino, alfaiataria e serviços clínicos. O periódico também continha comentários sobre atitudes políticas locais e estrangeiras, como a alusão a algumas ações do italiano Mussolini<sup>20</sup> e do cidadão Bias Fortes<sup>21</sup>. O acesso ao *Apollo Jornal* permitiu o conhecimento de detalhes a respeito do *Cine-Theatro Apollo* que não foram citados no jornal *Cidade de Barbacena*, visto que a sua impressão é entendida como uma estratégia adotada pela empresa para dialogar tanto com os interessados em cinema, quanto para estabelecer relações com outros públicos e negócios locais, o que, por conseguinte, pode ter incentivado pessoas não interessadas em cinema a frequentarem o recinto.

Além do *Apollo Jornal*, em Barbacena circularam outros dois jornais especializados em cinema, nomeadamente: *Iris Cinema* (1912) e *Cine-Jornal* (1924). Foram feitas buscas deles no Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, localizado em Barbacena<sup>22</sup>, mas não foram encontrados.

Demais fontes constituem a narrativa devido à especificidade de suas informações e possibilidade de estabelecer cruzamentos com os dados divulgados nos jornais supracitados. São elas: *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* (RJ) e *Anuario de Minas Geraes: Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações* (MG), que se caracterizam como importantes documentos para o levantamento de informações sobre a cidade, dado que as notícias existentes eram enviadas aos editores das obras por intendentess municipais.

<sup>17</sup> PHILOCELINA ALMEIDA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 2; **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 8, 1923, p. 3.

<sup>18</sup> **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 1, 1923, p. 1.

<sup>19</sup> **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 9, 1923, p. 1.

<sup>20</sup> EM ROMA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 13, 1923, p. 3.

<sup>21</sup> DR. BIAS FORTES. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 13, 1923, p. 3.

<sup>22</sup> Endereço: Rua General Câmara, n. 11, 2º andar, Casa da Cultura, Centro, Barbacena, Minas Gerais.

Também foram acessados alguns números de jornais e revistas do Rio de Janeiro, como o jornal *Correio da Manhã* e as revistas *O Malho*, *Nação Brasileira*, *Cinearte* e *Vida Doméstica*; de São Paulo, a revista *Fundamentos: Revista de Cultura Moderna* e o jornal *O Commercio de São Paulo*; de Belo Horizonte, o jornal *Estado de Minas*, uma vez que esses impressos propagaram informações sobre Barbacena que envolveram diversões, em especial o cinema, e também contaram com a contribuição de textos e fotografias de barbacenenses, como é o caso da *Nação Brasileira*<sup>23</sup> e da *Cinearte*<sup>24</sup>. Do mesmo modo, recorreu-se a dois livros de memória – *Barbacena: a terra e o homem* e *Barbacena 200 anos* –, a decretos, e por fim, imagens que são dispostas especialmente de modo ilustrativo.

Os arquivos consultados: 1) Arquivo Público Mineiro<sup>25</sup>, que disponibiliza o jornal *Cidade de Barbacena* até o ano 1900; 2) Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa<sup>26</sup>, que dispõe do jornal *Cidade de Barbacena* a partir de 1901; 3) Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital<sup>27</sup>, onde se encontram às revistas supracitadas, assim como o almanaque, o anuário e demais jornais; 4) as plataformas da *Cinemateca Brasileira*<sup>28</sup> e *Internet Movie Database (IMDb)*<sup>29</sup>, que dão acesso às filmografias de diferentes épocas; 5) o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que dá acesso a informações da cidade, assim como de algumas pessoas que ali viveram<sup>30</sup>.

Diante do exposto, esta tese está organizada nos seguintes capítulos:

**Vários aspectos de Barbacena** – faz um panorama da dinâmica da cidade nos anos estudados, demarcando características de seu território, infraestrutura, população, emprego, o destaque de algumas atividades econômicas no plano local, estadual, nacional e internacional. Na sequência, alguns dos entretenimentos identificados entre o final do século XIX e início do XX são inscritos na intenção de demonstrar a permanência de certas práticas entre esses tempos, mesmo que existisse o interesse de suprimir algumas, assim como os discursos em torno dessas e de outras.

**Cinema em Barbacena** – descreve inicialmente um balanço da dinâmica das atividades das casas projetoras identificadas, o que inclui: número de estabelecimentos;

<sup>23</sup> CASA RENASCENÇA. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 86; PIACESI. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 16, 1924, p. 77.

<sup>24</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 1, 1926, p. 27.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

<sup>26</sup> Endereço: Praça da Liberdade, n. 21, Savassi, Belo Horizonte, Minas Gerais.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://cinemateca.org.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

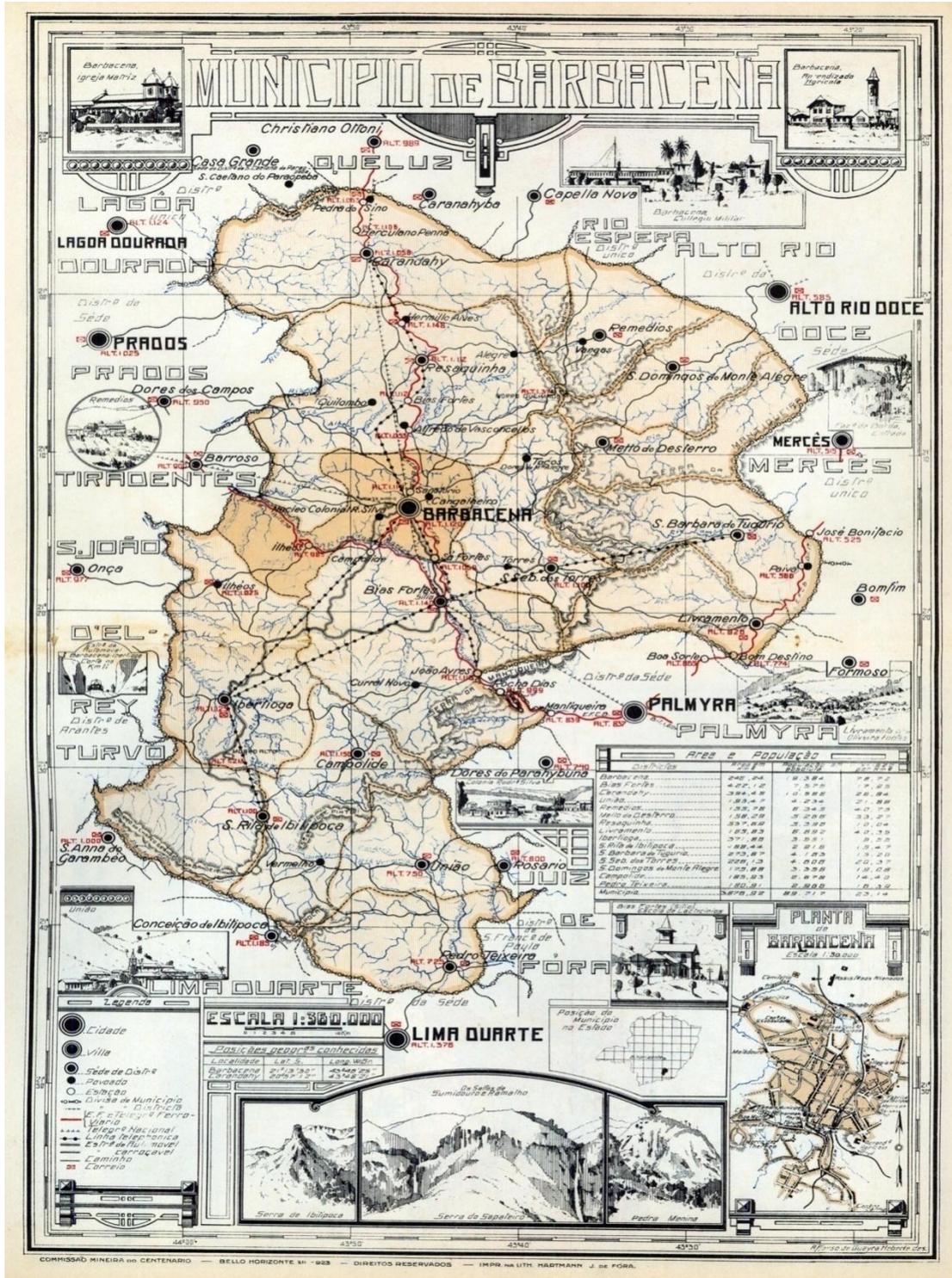
<sup>29</sup> A *Internet Movie Database (IMDb)* foi fundada em 1990 e é considerada uma das bases de dados mais completas sobre música, filmes, programas de TV e jogos de computador de diferentes anos. Maiores detalhes, consultar: <[http://www.imdb.com/?ref=nv\\_home](http://www.imdb.com/?ref=nv_home)>. Acesso em: 2 nov. 2019.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

gestores; funcionários; organização do funcionamento; formas de ingresso; tipos de programações; público frequentador, suas formas de uso e expectativas; programações oferecidas; marcas dos filmes projetados, temáticas evidenciadas e filmes produzidos na cidades. Na sequência, são conferidos detalhes individuais dos cinemas identificados em seções, sendo que a história de alguns possui maiores ou menores lacunas nas análises de acordo com os dados coletados.

## 2 VÁRIOS ASPECTOS DE BARBACENA

Figura 3: Mapa do município de Barbacena (1923)



Fonte: <<http://www.albumchorographico1927.com.br/indice-1927/barbacena>>. Acesso em: 1 fev. 2020.

Barbacena é uma das cidades mineiras presentes na região de Serra da Mantiqueira e na microrregião de Campo das Vertentes. Localidade de muitas histórias, é conhecida também como ‘Cidade das rosas’<sup>31</sup>, ‘Cidade dos loucos’<sup>32</sup>, ‘Princesa dos campos’<sup>33</sup>, ‘Cidade de embates políticos entre as famílias Andrada e Bias Fortes’<sup>34</sup> e o berço de nascimento do aviador Alberto Santos Dumont<sup>35</sup>.

Do arraial da Igreja Nova da Borba do Campo foi constituída a Vila de Barbacena em 14 de agosto de 1791 (TEIXEIRA, 2011). A sua elevação ao posto de cidade aconteceu em 9 de março de 1840 (RESENDE, 2008). A Vila de Barbacena foi um lugar muito importante para a capitania mineira por se localizar entre o Caminho Novo e o Caminho Velho, território que conectava Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso à capital do país, na época a cidade do Rio de Janeiro (RJ), onde acontecia trânsito de ouro, escravos<sup>36</sup>, comércio de sal, toucinho, queijo, algodão, tecidos, bebidas e gado *vacum*, isto é, bois, bezerras, vacas, vitelas, touro e novilhos (BARBACENA, 1958; TEIXEIRA, 2005). Além disso, a localidade servia de hospedagem para tropeiros e viajantes<sup>37</sup>.

No início do século XIX, a região contava com grande número de escravos, principalmente nos distritos (CAMPOS, 2011). Tal índice se manteve elevado em relação a outras cidades de Minas Gerais que já possuíam maior número de libertos na segunda metade do século XIX: Barbacena contava com 54,6% de escravos e, em segundo lugar, esteve Leopoldina, com 53,5% (MARTINS; LIMA; SILVA, 2002). Já entre o final dessa centúria e início do século XX, a cidade estava entre as regiões mineiras que tinham maior território, ou seja, administrava muitos distritos<sup>38</sup>.

---

<sup>31</sup> De acordo Ribeiro (2012), a cultura de flores em Barbacena, especialmente cravos e rosas, se deu na Chácara Floresta, entre os anos finais da década de 1910 e início de 1920, ao passo que, segundo Duarte (2009), foram os imigrantes alemães presentes na região que começaram o cultivo, em meados de 1930. Independente dos marcos e dos responsáveis pelas primeiras plantações de flores em solo barbacenense, na década de 1920, a *Ernesto Giese & Cia.*, proprietária da *Floricultura Barbacena*, localizada no Rio de Janeiro, comercializava cravos americanos, rosas e violetas, vindas tanto de sua chácara em Barbacena quanto de outra que tinha na Rua José Hygino, na capital carioca (FLORICULTURA BARBACENA. **O Malho**, Rio de Janeiro, edição 1045, 1922, p. 73). Na década de 1970, quando a cidade passou a negociar a venda desse produto com a Alemanha, Itália, Inglaterra, Estados Unidos da América, Argentina, entre outros países, o poder público local institucionalizou o título de ‘Cidade das Rosas’ (DUARTE, 2009).

<sup>32</sup> Para mais informações, consultar: Ratton (1979); Duarte (2009); Arbex (2013); Silva; Rosa (2019).

<sup>33</sup> ALGUNS ASPECTOS DA “PRINCEZA DOS CAMPOS”. **Nação Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 16, 1924, p. 78.

<sup>34</sup> Para mais detalhes, consultar: Caetano (2008).

<sup>35</sup> Santos Dumont nasceu em 20 de julho de 1873 em *Palmyra*, na região de Cabangu, na sede da Fazenda do Engenho, na época, distrito de Barbacena. Atualmente, a localidade é a cidade de Santos-Dumont (SAVASSI, 1991a).

<sup>36</sup> A respeito da atividade escravocrata na Vila de Barbacena, consultar: Rangel (2008); Carvalho (2008); Campos (2011).

<sup>37</sup> BURTON, 2001.

<sup>38</sup> SENNA, 1913.

Em 1890, com população formada por brancos, pretos, indígenas e mestiços, o município somava 57.850 habitantes (30.055 homens e 27.795 mulheres), distribuídos em 10 distritos<sup>39</sup>. Já em 1900, contava com 74.895 pessoas (38.484 homens e 36.411 mulheres)<sup>40</sup> divididas em 15 regiões<sup>41</sup>. No ano de 1911, correspondia a 14 províncias<sup>42</sup>, e em 1923, o mesmo número<sup>43</sup>, sendo que, segundo o mapa da região daquele ano, todos os distritos contavam, por exemplo, com correios (Figura 3). Já em 1933, Barbacena era constituída por 13 locais<sup>44</sup>.

Na última década do século XIX, Barbacena se destacava comercialmente na produção de cal, cerâmica e cigarro, além da manufatura, criação de gado, indústria pastoril, pequena lavoura e cultivo de frutas suficientes para abastecer a sua população (RIBEIRO, 2012). A região também contava com instituição de ensino escolar e de saúde, como a *Santa Casa de Misericórdia*, inaugurada na década de 1850, e a *Casa de Saude do Sanatorio de Barbacena*, que atraía convalescentes e turistas para veraneio desde que começou a funcionar em 1889<sup>45</sup>.

A cidade foi uma das candidatas a sede da nova capital de Minas Gerais em substituição a Ouro Preto no final do século XIX, concorrendo com Juiz de Fora, Paraúna, Várzea do Marçal e Curral Del Rei. Ainda assim, mesmo com o seu poderio econômico sobre muitos distritos e a facilidade de acesso à capital do país, foi excluída da chance de ser a capital do Estado, pois ficou definido que a geografia irregular da região inviabilizaria a habitação em condições adequadas para mais de 50.000 habitantes (SILVEIRA, 2006; GUILARDUCI, 2009).

---

<sup>39</sup> Nossa Senhora da Piedade de Barbacena (Sede), Sant'Anna do Barroso, Sant'Anna do Livramento, S. José do Quilombo, Santo Antonio da Berthióga, Santa Barbara do Tugurio, Santa Rita da Ibitipoca, Nossa Senhora do Desterro de Mello, Nossa Senhora das Dores dos Remedios, Sant'Anna do Carandahy (DIRETORIA GERAL DE ESTATISTICA, 1898, p. 48).

<sup>40</sup> DIRETORIA GERAL DE ESTATISTICA, 1905, p. 43.

<sup>41</sup> Barbacena, Santa Barbara do Tugurio, Desterro do Mello, Pedro Teixeira, Campolide, Sant'Anna do Carandahy, S. Sebastião das Torres, Bias Fortes (Sitio), Nossa Senhora das Dores dos Remedios, Santa Rita do Ibitipoca, Sant'Anna do Livramento, União, Santo Antonio da Ibertioga, S. José da Ressaquinha, São Domingos do Monte Alegre (SENNA, 1907).

<sup>42</sup> Barbacena, Bias Fortes, Campolide, Santana do Carandaí, Desterro do Melo, Ibertioga, Pedro Teixeira, Remédio, Ressaquinha, Santana do Livramento, Santa Bárbara do Tugúrio, Santa Rita da Ibitipoca, São Domingos do Monte Alegre, São Sebastião dos Torres e União (BARBACENA, 1958).

<sup>43</sup> Bias Fortes, Pedro Teixeira, União, Santa Rita de Ibitipoca, Campolide, Ibertioga, Ressaquinha, Remédios, São Domingos do Monte Alegre, Mello do Desterro, São Sebastião dos Torres, S. Barbara do Tugurio, Livramento, Carandahy.

<sup>44</sup> Barbacena, Bias Forte, Campolide, Desterro de Melo, Padre Brito, Remédios, Ressaquinha, Santana do Livramento, Santa Bárbara do Tugúrio, Santa Rita do Ibitipoca, Santo Antônio da Ibertioga, São Sebastião dos Torres e União (BARBACENA, 1958).

<sup>45</sup> O *Sanatorio*, localizado no distrito de Sitio, abrigava sessão de hidroterapia, eletroterapia e um hotel de luxo muito procurado em virtude do clima da região ser considerado como um dos mais salubres do país, por isso era indicado pelos clínicos do Rio de Janeiro para veranistas e convalescentes nervosos e mentais (LAEMMERT, 1899; LAEMMERT, 1900; MASSENA, 1985b).

A partir de 1900, houve o aumento do funcionamento de indústrias na região destinadas particularmente à produção de fumo, cerâmica, manganês, queijo, manteiga, à lavoura e também à agricultura e à criação de gado. Já entre 1910 e 1914, o município passou a abrigar, em número, cerca de 17 para 27 pequenas fábricas que funcionavam fora da região central. Nesses recintos, era comum a produção de mais de um produto, como na *Paulo Simoni & C.*, que confeccionava massas alimentícias, vinagres, bebidas alcoólicas e xaropes<sup>46</sup>. Ainda que até a década de 1920 o parque industrial brasileiro sofresse com certa ausência de diversificação, falta de incentivo e abruptas recessões econômicas (ROCHA, 2003), a produção de Barbacena teve visibilidade na região Sudeste, dado que grande parte da sua atividade industrial e agropecuária era exportada para o Rio de Janeiro<sup>47</sup> e São Paulo<sup>48</sup>.

Na cidade, até meados da década de 1930, foi identificada grande diversidade de comércio e indústria. Citam-se a produção de cerveja de baixa fermentação, vinhos, destilados e outras bebidas; vinagre; banha; carnes congeladas e industrializadas, presunto e salsicha; queijo e manteiga; charqueada; cereais, em especial, arroz, milho, feijão e trigo; batata; mandioca; massas alimentícias brancas e amarelas; refinação de açúcar; cultura de árvores frutíferas de jabuticaba, pêssego, goiaba, marmelo e videira; e torrefação de café. Também desenvolveram-se a fiação e tecelagem de algodão e seda; elaboração de perfume; cigarro de palha e manipulação de fumo; vidro; sabão; manilha; louça; vasilhame de barro, cerâmica, telhas, tijolos furados e ladrilhos; meias, calçados e couro. Do mesmo modo, funcionaram tinturarias; selarias; caldeirarias; charutarias; olarias; papelarias e tipografias; joalherias e atividades de negociantes de automóveis<sup>49</sup>. Muitos desses comércios se localizavam na região central da cidade; já as indústrias, em sua maioria, estavam endereçadas em Sítio, atual cidade de Antônio Carlos, o qual, enquanto distrito de Barbacena, foi considerado o mais desenvolvido e populoso, segundo as considerações de Ribeiro (2012).

Dentre esses empreendimentos, a produção de cigarros, seda, laticínios, carnes congeladas e os negócios de Umberto Boratto se destacam na história econômica de Barbacena. Acrescente-se a isso que a produção de seda e de carne obteve investimentos e escoamento mesmo em períodos de crise, como na Primeira Guerra Mundial (ROCHA, 2003).

---

<sup>46</sup> LAEMMERT, 1900; LAEMMERT, 1906; LAEMMERT, 1910; LAEMMERT, 1914.

<sup>47</sup> RENAULT, 1908; SENNA, 1913.

<sup>48</sup> A GRANDE FABRICA DE TECIDOS. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 13, 1923, p. 2.

<sup>49</sup> LAEMMERT, 1906; LAEMMERT, 1910; LAEMMERT, 1918; LAEMMERT, 1926; SENNA, 1913; RENAULT, 1908.

As principais indústrias dedicadas à produção de cigarros eram a *Andrade & Andrade* e a *A. Cisalpina & C.* A primeira, citada como a pioneira de Minas Gerais do gênero, foi fundada em 1840, em Sítio, e em 1904 foi premiada com medalha de ouro na *Feira Internacional de Saint Louis* (EUA)<sup>50</sup>, ao passo que a segunda também alcançou premiação nesse evento com medalha de título ‘Grande Prêmio’<sup>51</sup>.

No que diz respeito à produção têxtil, a *Fábrica de Fiação e Tecelagem de Seda em Barbacena*, localizada no povoado denominado Colônia Rodrigo Silva<sup>52</sup>, começou suas atividades em 1898 na nomeação do italiano Amílcar Savassi para a sua direção<sup>53</sup>. O recinto representou Minas Gerais com o grande prêmio da categoria *Zoologia agrícola* na Exposição Nacional de 1903, e em 1910 obteve o primeiro lugar em edital aberto àqueles que “apresentassem casulos de produção nacional e fábricas com maquinário moderno” (RIBEIRO, 2012, p. 194). Em 10 de julho de 1912, a fábrica tornou-se a *Estação Sericícola de Barbacena* (ROMANO, 2019), empresa referência no gênero no Estado e no país<sup>54</sup>.

A fabricação de derivados do leite, como manteiga, queijos, lactose e leite condensado também possui méritos. Em 1887, o médico Carlos Pereira de Sá Fortes fundou, no distrito de Sítio, a *Fábrica da Mantiqueira*, um estabelecimento que a princípio fabricou queijos. Em 1890, estabeleceu a *Companhia de Laticínios da Mantiqueira*, considerada a primeira indústria do tipo da região e a primeira da América Latina (RIBEIRO, 2012; CASTRO, 2010). Essa indústria também foi premiada, em 1904, na *Feira de Saint Louis*. De acordo com Albuquerque (2012, s.p),

o Dr. Carlos Pereira de Sá Fortes foi um dos primeiros industriais no mundo que exportou o leite em blocos congelados. A manteiga era acondicionada em latas de ½ quilo a 10 quilos, latas feitas na própria fábrica. Anteriormente exportava leite em grandes quantidades; porém depois, exportava apenas 2.500 litros diários, fabricando por dia cerca de 100 quilos de manteiga que era extremamente apreciada no Rio de Janeiro.

Em 23 de maio de 1904, Carlos Sá Fortes, Abeilard Rodrigues Pereira e Julio de Souza Meirelles organizaram o *Sindicato Central dos Productos de Laticínios Mineiros*, com sede sindical no distrito de Sítio e um escritório no Rio de Janeiro. Tratava-se de uma associação de destaque, dado que em seu primeiro ano de existência contava com todos os

<sup>50</sup> LAEMMERT, 1906, p. 1613.

<sup>51</sup> LAEMMERT, 1906, p. 1608.

<sup>52</sup> Inaugurada em Barbacena em 1888, abrigava especialmente imigrantes italianos, e também contou com alemães, russos e portugueses (SAVASSI, 1991a; SENNA, 1909).

<sup>53</sup> SAVASSI, 1991a.

<sup>54</sup> LAEMMERT, 1909; SAVASSI, 1991a.

fabricantes de manteiga do Estado no quórum de associados<sup>55</sup>. Em 1913, a Companhia de Sá Fortes foi filiada à *Companhia Brasileira de Laticínios*, junto a outros importantes empresários do ramo, como a *Hermann Stoltz & Cia.* (RIBEIRO, 2012).

A criação de gado e a venda de carne são atividades comuns na região desde o século XIX e estiveram à vista de investimentos nacionais na década de 1910. Isso porque durante a Primeira Guerra Mundial, devido à escassez do fornecimento de carne aos países aliados, o Brasil contou com incentivos governamentais para a inauguração de indústrias do gênero, criando no Rio Grande do Sul, São Paulo e Santos recintos responsáveis por essa exportação. Em Barbacena, foi instalada a *Companhia Pecuária e Frigorífica do Brasil*, uma das três voltadas para o abastecimento do mercado interno brasileiro naquele contexto (ROCHA, 2003). Destaca-se também a existência da Feira do distrito Sítio, que, administrada pelo secretário de Finanças de Minas Gerais, promovia especialmente a venda de gado da região e também de outras, a citar, Oliveira, Francisco de Paulo, Carmo da Mata, Santo Antônio do Amparo, Santo Antônio do Monte, Divinópolis, Cláudio, Passatempo, Cidade do Bonfim, Conselheiro Lafaiete, Dolores do Campo, Prado, entre outras<sup>56</sup>.

Já Umberto Giovanni Battista Boratto (1882-1940), nascido em Lonigo, província de Vicenza na Itália, destacou-se nos negócios de Barbacena à frente da *U. Boratto & Cia.* Ele começou suas atividades como empresário em 1918, com um capital inicial de 20:000\$000. Em 1924, Boratto coordenava marcenaria, carpintaria, serraria, fábrica de ladrilhos hidráulicos, escritórios de empreitadas e construção civil, além de segmentos comerciais e agrícolas. A instância de construção foi responsável por importantes projetos da cidade, tais como *Grande Hotel, Matadouro Municipal e Club Barbacenense*. O setor de marcenaria era constituído por máquinas inglesas e alemãs movidas a eletricidade e ganhou medalha de prata na *Exposição Internacional do Rio de Janeiro* de 1922; já a fábrica de ladrilhos contava com grande número de pedidos e a sua produção diária somava cerca de mil peças<sup>57</sup>. Junta-se a isso que o Sr. Boratto desenvolveu trabalho de maestro e fotógrafo junto ao empresário de cinema Paulo Benedetti, antes do envolvimento com tais negócios, o que será mais bem apresentado no capítulo seguinte.

Barbacena, desde o século XIX, recebeu inúmeras mudanças em sua infraestrutura, como a fundação de serviço de água, ferrovia, instalação de usina hidrelétrica, rede telefônica, calçamento de ruas e passeios, reformas de praças e edifícios a fim de modernizá-los, entre

<sup>55</sup> LAEMMERT, 1905; LAEMMERT, 1906.

<sup>56</sup> DOS ESTADOS. *Correio da Manhã*, São Paulo, edição 7618, 1920, p. 4.

<sup>57</sup> NAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, n. 15, nov. 1924, p. 98.

outras ações, incluindo a propagação das diversões consideradas modernas. De acordo com Ribeiro, alguns desses investimentos se mostraram ineficientes por alguns anos, pois “em 1914, a situação de infraestrutura da cidade ainda era muito precária, em especial ao que tangia o abastecimento de água, a rede de esgotos e a energia elétrica” (RIBEIRO, 2012, p. 328).

O primeiro serviço de abastecimento de água do município foi instalado em dezembro de 1882; contudo, a sua regulação se deu entre 1922 e 1923. A isso são relacionados dois motivos. O primeiro é o segundo surto de febre tifoide na região se justificar pela falta de salubridade da água; por isso, algumas atividades sanitárias foram promovidas, tal como a visita de médicos a fim de conscientizar a população (RIBEIRO, 2012). O segundo motivo atribuído à precariedade desse serviço foi a falta de administração competente<sup>58</sup>. Após o terceiro surto da doença em 1947, a primeira estação de tratamento foi inaugurada, e o estabelecimento definitivo da distribuição de água em Barbacena foi efetuado em meados de 1980 com a inauguração da segunda estação de tratamento (RIBEIRO, 2012).

A chegada da energia elétrica em Barbacena ocorreu com a instalação da Usina de Ilhéus em 1904, localizada no povoado de mesmo nome. Ainda que esse investimento em Barbacena estivesse à frente de outras cidades de Minas Gerais, como Araxá, que contou com rede de energia a partir de 1914 (GOMES, 2017), a sua presença em Barbacena não significou a completa iluminação das ruas, residências, comércios e a mecanização das indústrias por máquinas movidas a energia elétrica (RIBEIRO, 2012). Fato similar sucedeu-se em Juiz de Fora, o primeiro município de Minas Gerais a ter uma usina no ano de 1889: mesmo após sua instalação e os constantes investimentos nesse setor, a administração recebia reclamações por manter as ruas à margem da região central sem iluminação, assim como a substituição de fonte de energia na indústria (por exemplo, do carvão para eletricidade) ter sido algo gradual (BARROS, 2008).

Em Barbacena, entre 1916 e a década de 1920, foram identificados difíceis momentos relacionados à falta e à presença de energia elétrica. Mencionam-se a instabilidade das instalações; a incidência de conflitos políticos que discutiram o financiamento de novos geradores e a possibilidade de arrendamento da usina; rotatividade na contratação de profissionais; má iluminação das residências e vias públicas; comprometimento do funcionamento de indústrias, comércios, escolas (RIBEIRO, 2012); e um exemplo fatal em 1918, que foi o óbito de Dona Horaida Ferreira Leite após ser eletrocutada ao acender uma

---

<sup>58</sup> AGUA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 12, 1923, p. 3.

lâmpada em seu lar<sup>59</sup>. As constantes interrupções no fornecimento de energia comprometeram também os serviços de entretenimento. Por exemplo, no ano de 1919 (RIBEIRO, 2012) e em 1923, quando algumas sessões cinematográficas foram canceladas porque o serviço elétrico era interrompido na presença de chuva<sup>60</sup>.

Conforme Ribeiro (2012), outros investimentos obtiveram sucesso desde o início, como o serviço de telefonia instalado em 1914 pela *Empresa Telephonica Santa Eliza*, que entre 1918 e 1919 interligava Barbacena com os distritos de Sítio, Ressaquinha e Ibertioga, e inaugurou o primeiro telefone público no perímetro da Matriz de Nossa Senhora da Piedade. Já em 1923, consta que existia a ligação telefônica para além da cidade e seus distritos, sendo visualizada entre Ibertioga e Sítio; Ibertioga e Santa Rita de Ibitipoca; Sítio e São Sebastião dos Torres; São Sebastião dos Torres e Santa Barbara do Tugurio; Ressaquinha e Carandahy (Figura 3). Entretanto, a exemplo do que acontecia com a energia elétrica em dias chuvosos, com a rede telefônica sucedia-se o mesmo na cidade: não funcionava e as casas de entretenimento ficavam prejudicadas por não conseguirem atender aos telefonemas dos frequentadores<sup>61</sup>.

A região também contou com muitos ramais ferroviários desde 1877, com a chegada da *Estrada de Ferro Dom Pedro II* no arraial de João Gomes, atual cidade de Santos Dumont, “onde eram despachadas as mercadorias do comércio de São João del-Rei em direção à Corte” (SANTOS, 2009, p. 71). No centro de Barbacena essa ferrovia chegou em 27 de junho de 1880 (RIBEIRO, 2012). Entre a estação da *Dom Pedro II* no distrito de Sítio e a cidade de São João del Rei, foi inaugurada a empresa *Estrada de Ferro Oeste de Minas* em 1881. O entroncamento de via férrea mais perto da região central de Barbacena aconteceu em 1921, com o ramal da Colônia Rodrigo Silva (LIMA, 2003; RIBEIRO, 2012).

Algumas instituições de ensino da cidade ganharam notoriedade em Minas Gerais, pois eram procuradas para a educação de pessoas de outras regiões, como o *Internato do Ginásio Mineiro*<sup>62</sup>, *Grupo Escolar Bias Fortes*<sup>63</sup>, *Aprendizado Agrícola de Barbacena*<sup>64</sup>,

<sup>59</sup> VICTIMA DE ELECTRICIDADE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1455, 1918, p. 2.

<sup>60</sup> SESSÃO SELECTA. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 13, 1923, p. 3.

<sup>61</sup> TELEFONE. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 13, 1923, p. 3.

<sup>62</sup> Fundado em 1º de dezembro de 1890, existiu até os fins de 1912 (SENNÁ, 1913).

<sup>63</sup> O Grupo foi criado a partir do Decreto n. 2.114, publicado em 17 de outubro de 1907, no governo de João Pinheiro, e inaugurado em 9 de fevereiro de 1908. Seu nome foi uma homenagem ao cidadão senador Bias Fortes, que defendeu a criação da instituição. A partir de 6 de julho de 1974, passou a ser a Escola Estadual Bias Fortes, localizada na Rua José Bonifácio, n. 320, bairro Boa Morte, Barbacena (SAVASSI, 1991b).

<sup>64</sup> O Aprendizado Agrícola de Barbacena, criado a partir do Decreto Federal de 10 de novembro de 1910 e inaugurado em 14 de julho de 1913, foi “destinado especialmente à cultura de plantas frutíferas e ao ensino pratico de fruticultura e pomicultura” (SENNÁ, 1907, p. 284). Atualmente, o prédio é a sede do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais, *campus* Barbacena. Para maiores detalhes, consultar Cimino (2013).

*Colégio Militar de Barbacena*<sup>65</sup>, *Colégio Imaculada Conceição*<sup>66</sup> e *Escola Normal Municipal*<sup>67</sup>. No tocante ao Ensino Normal em Barbacena, esse esteve nivelado à *Escola Normal Modelo da Capital*, como as de outras regiões do Estado<sup>68</sup>. Entretanto, na lista de *Institutos Normaes Equiparados* apresentada por Moreno (2015), Barbacena foi a única cidade mineira que sediou duas escolas que ofereciam o curso de normalista – o *Colégio Imaculada Conceição* e a *Escola Normal Municipal* –, o que significa a existência de um contingente interessado nesta formação que se distribuía em dois recintos e também a preocupação da região em instruir os conterrâneos e conterrâneas. Em específico ao *Grupo Escolar Bias Fortes*, inúmeros cinemas da cidade abrigaram eventos beneficentes em prol da Caixa da instituição.

Figura 4: *Grupo Escolar Bias Fortes*



Fonte: SAVASSI, 1991b, p. 127.

Quanto às atividades profissionais mais evidentes em Barbacena no início do século XX, foram identificadas as funções de agricultor, de lavrador, a criação de gado e o

<sup>65</sup> O *Colégio Militar de Barbacena* (1912-1926) foi estabelecido a partir do Decreto 9.507, de 3 de abril de 1912, como a primeira instituição do tipo em Minas Gerais, funcionando no mesmo estabelecimento que abrigou anteriormente o *Colégio Abílio* e o *Ginásio Mineiro*. Foi inaugurado para atender as demandas de formação militar no Brasil e era um estabelecimento afim com o *Colégio Militar do Rio de Janeiro* (1889-1919), pioneiro nesse tipo de ensino (CUNHA, 2011).

<sup>66</sup> Irmã Paula Boisseau era a superiora da Santa Casa de Misericórdia de Barbacena. Em 6 de maio de 1895, fundou, nas dependências da Santa Casa, o *Colégio Imaculada Conceição*. Em 8 de maio de 1900, inaugurou a sede da instituição na região de Chácara da Boa Esperança, onde existiam os cursos de jardim de infância, primário, admissão, ginásio e o curso Normal (SAVASSI, 1991b). A instituição foi equiparada à *Escola Normal Modelo da Capital* para a instalação do ensino Normal, a partir do Decreto n. 1.614, de 7 de junho de 1903 (MORENO, 2015).

<sup>67</sup> A *Escola Normal Municipal de Barbacena* foi inaugurada em 7 de maio de 1893 (MASSENA, 1985b; SAVASSI, 1991b).

<sup>68</sup> SENNA, 1907.

operariado. Sobre a última atividade, em 1909 os operários das fábricas registradas somavam em 525, sendo 267 homens e 258 mulheres<sup>69</sup>. Já em 1923, o número de homens e mulheres empregados somente na *Fábrica de Tecidos Barbacenense*, do Sr. Tom Pilkington, era de 500<sup>70</sup>.

Ainda sobre as ocupações, sem esgotar os exemplos, os homens também eram advogados, afinadores de piano, barbeiros, carpinteiros, ferreiros, funileiros, marceneiros, médicos, farmacêuticos, dentistas, pedreiros, sapateiros, professores de música, fotógrafos, agricultores, lavradores, criadores, seleiros, professores nas escolas, donos de escolas, industriais, políticos, proprietários de pequenos comércios, gráficas, cafés e casas de diversões<sup>71</sup>. Já as mulheres se dedicavam aos serviços do magistério, desempenhando cargos de professoras normalistas e diretoras escolares (GUIMARÃES, 2016), atividades intelectuais, como direção de impressos (PIMENTA, 2007; PIMENTA, 2015), redação de livros (LEITE, 1984) e escrita em colunas de periódicos da cidade e de outras regiões. Também se ocuparam no ofício de modista, no ensino de piano, canto e bordado, nas pequenas fábricas e indústrias (SILVA, 2018), na regência de orquestras, no secretariado e no atendimento ao público de lugares como o cinema.

Acrescenta-se a isso o funcionamento de associações e Ligas, formadas por mulheres que se dedicavam em prol da beneficência. Citam-se duas: *Associação das Damas de Caridade* (provavelmente fundada na primeira década de 1900), associada às atividades da Igreja Católica<sup>72</sup>; *Liga Feminina Barbacenense* (provavelmente fundada na segunda década de 1900), prestava-se à caridade por meio da ação de professoras como Maria Lacerda de Moura – a mesma que futuramente seria reconhecida como uma importante anarcofeminista do Brasil (LEITE, 1984) –, organizando festivais a fim de arrecadar fundos para as causas que financiava, como o erguimento de casas da *Villa D. Viçoso*, um loteamento destinado a abrigar pessoas necessitadas (SILVA, 2021). A *Liga Feminina Barbacenense* alcançou espaço em diferentes cinemas da cidade para promover tais festivais, o que significa não só o esforço dessas mulheres para tal, mas também a receptividade dos gestores desses lugares para com elas.

No início do século XX, a região central de Barbacena – compreendida como a Rua Quinze de Novembro, *Praça da Intendencia*, *Praça dos Andradas*, *Jardim Municipal* e suas adjacências –, era constituída por padarias, cafés, botequins, bilhares, confeitarias, açougues,

---

<sup>69</sup> SENNA, 1913.

<sup>70</sup> BARBACENA PITTORESCA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 13, 1923, p. 2.

<sup>71</sup> LAEMMERT, 1918.

<sup>72</sup> LAEMMERT, 1905.

alfaiatarias, lojas de artigos fotográficos, roupas, calçados, artigos para fumantes, louças, secos e molhados, móveis, cutelaria, fábrica de manteiga produzida à vista da clientela, igrejas católicas, centro espírita kardecista, companhias e agências de seguros de vida, banco, bares, pensões, hotéis, sedes de associações diversas, cineteatros, entre outros lugares, como a *Leiteira Santa Clara*, definida como “um dos pontos elegantes de nossa formosa Barbacena, e as Exmas. Famílias lá encontrarão, após a sessão do cinema, conforto quente às exigências de um são... apetite”<sup>73</sup>. A respeito da Rua Quinze, ela é considerada a principal via pública da cidade; entre as décadas de 1920 e 1930, já contava com energia elétrica, calçamento e carros circulando, além de pedestres (Figura 5). Ainda, um cronista de nome Tanoredo Braga, identificado pelas iniciais T.B., caracterizou a Rua Quinze, como um lugar de sua preferência para se entreter enquanto estava sentado em um Café, pois era ali que a vida de Barbacena acontecia:

Todas as cidades possuem sua sala de visitas.

Juiz de Fóra a Rua Halfeld; S. João del-Rey a Rua Municipal. Em Barbacena é a Rua 15 de Novembro o centro de maior palpação de vida. E’ o ponto de convergencia da cidade.

Póde-se affirmar que a vida de Barbacena está entre a Pensão Campos e o José Francisco.

Por alli, passa em revista toda a cidade. Neste pequeno pedaço desta terra encontram-se todos e sabe-se de tudo.

Si lá no Páo de Barbas ou no Cangalheiro irrompe um escandalo, a novidade chega á Rua Quinze com a rapidez de um raio.

A menina mora no Corrego do Netto: quer ir ao Botafogo. O caminho mais curto é pela Rua Quinze...

Amo as ruas. Ellas me atraem. E gósto muito da Rua Quinze, onde passam as moças bonitas de Barbacena. Ella é o coração e a essencia da cidade.

Sentado alli no Café do Amando eu vejo todos e sei de tudo. A cidade passa em revista. E’ o meu cinema.

Viva, cada vez mais bonita, alegre e risonha, a minha, querida Rua Quinze<sup>74</sup>.

<sup>73</sup> LEITERIA SANTA CLARA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 3, 1923, p. 3.

<sup>74</sup> T.B. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2648, 1931, p. 3.

Figura 5: "Barbacena - Rua 15"/ao fundo o *Cine-Teatro Apollo* (1920/1930)



Fonte: FERBER, 1920-1930.

Especificamente sobre os entretenimentos de Barbacena, as práticas identificadas nos últimos dois anos do século XIX, foram: jogos de apostas, circos, touradas, exposições artísticas, quermesses, saraus, bailes dançantes, carnaval, festas religiosas, teatro amador, apresentações musicais e literárias. Já no início do século XX, o município continuou abrigando esses divertimentos, contudo, alguns foram alvos de pedidos para que deixassem de acontecer, o que não significou a extinção deles.

No período ao qual se dedica este estudo, foram encontrados espetáculos circenses, literários, teatrais e musicais; mostras artísticas; festas de carnaval; piqueniques, excursões, quermesses; exposição pastoril, escotismo, ciclismo, cavalhadas, patinação, corridas de cavalos, tiro, luta romana, boxe, partidas de futebol, provas de atletismo; jogos de mesa; bailes dançantes; sessões fílmicas; fotografia; concursos de beleza e elegância feminina, concurso de fealdade masculina; festas religiosas, cívicas, escolares e beneficentes; palestras; parques de diversões, cabarés e casas de jogos; *footing* – uma sociabilidade associada à paquera, realizada durante caminhadas propositais ou trajetos, como o caminho até o cinema – entre outras práticas.

Nesse contexto, entre o final do século XIX e início do século XX, muitos divertimentos foram parte da agenda de hábitos considerados adequados na cidade, assim como acontecia em distintas regiões do Brasil que intencionavam conformar práticas e comportamentos, a fim de se equipararem a lugares considerados modernos, como França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos da América. Citam-se como exemplo, Belo Horizonte (SOUTTO MAYOR, 2017), São Paulo (SEVCENKO, 1992) e Rio de Janeiro (MELO, 2001; LUCENA, 2001; MELO, 2017).

Em Barbacena, foram identificados argumentos que buscaram incentivar as experiências dos cidadãos com os divertimentos, a partir de atribuições de utilidade conferidas às diversões, como, por exemplo, ao circo, ao xadrez, à leitura e ao cinema – o que será mais bem apresentado no decorrer deste capítulo. Neste momento, toma-se como exemplo um texto de 1918, que demonstra o interesse da imprensa em destacar os momentos de distração como algo que aprimoraria o trabalho cotidiano:

[...] Olhem, que não há nada como a hygiene do espirito, preconizada pelos emeritos psychologos da época! Isto de a gente viver eternamente preocupado com as cousas da vida, não da certo. E' necessaria a distracção util, que nos torna mais bem dispostos para o trabalho quotidiano<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1399, 1918, p. 1.

Mediante tais ações, a queixa e o controle sobre as práticas que não estavam de acordo com a higiene da época também foi algo recorrente na cidade. Como exemplo da preocupação com os modos de se divertir, a imprensa local publicou que o oitavo entre os dez mandamentos para “viver com saúde e chegar á velhice” estabelecidos por um higienista em 1915, prescrevia ser necessário “dar expansão ao espirito em diversões moderadas”<sup>76</sup>, o que significa, por exemplo, que a população deveria participar das práticas que não estimulassem apostas, violência e desordem no espaço urbano.

Como primeiro exemplo de divertimento não aconselhado na cidade, entre o século XIX e XX, menciona-se o jogo: o que engloba o jogo de azar e o jogo do bicho. Em 1898, o jogo foi citado pela imprensa, como um vício mais repugnante do que o da embriaguez, sendo publicizados inúmeros pedidos para que deixasse de acontecer e as casas que ofertavam a prática fossem fechadas, pois “o jogo, nem mesmo quando nelle se ganha, é bom; porque ali se perdeu o tempo, que poderia ter sido aproveitado em couzas mais uteis e honestas”<sup>77</sup>. Nesse mesmo ano, divulgou-se que o combate à jogatina por meio de ações da polícia acontecia com êxito em outras regiões do país, como na cidade paulista de Campinas, tendo sido publicizados elogios a essa atuação<sup>78</sup>. No período estudado, a oposição ao jogo continuou; todavia, a prática permaneceu e algumas vezes os donos dos estabelecimentos que promoviam as apostas conseguiam escapar de notificações policiais por descobrirem com antecedência que haveriam atuações<sup>79</sup>.

Em outro sentido, foi identificada a existência de um jogo de apostas lícito na cidade. Trata-se da compra de bilhetes da Loteria do Estado de Minas Gerais, serviço inaugurado em 1915 (SILVA, 2009), que pareceu ser de interesse dos cidadãos e os bilhetes chegaram a fazer parte do quadro de brindes da loja *A'Confiança*<sup>80</sup>, em 1923, como uma tática comercial para promover as vendas do recinto.

As touradas, assim como o jogo, foi outro divertimento identificado na cidade entre o século XIX e XX, com a diferença de que na primeira centúria foi uma prática permitida e na segunda, o seu contrário. Os espetáculos tauromáquicos estiveram presentes em diferentes regiões do Brasil, como, por exemplo, no Rio de Janeiro (MELO, 2013) e em Salvador (MELO; ROCHA JUNIOR, 2016), formatados como espetáculo de entretenimento e possivelmente como esporte. De acordo com Melo (2013), no Rio de Janeiro, durante muitos

<sup>76</sup> OS 10 MANDAMENTOS DA HYGIENE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1171, 1915, p. 1.

<sup>77</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, edição 34, 1898, p. 2.

<sup>78</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, edição 32, 1898, p. 2.

<sup>79</sup> O JOGO ESTÁ SENDO TENAZMENTE PERSEGUIDO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2185, 1926, p. 1.

<sup>80</sup> AS NOVAS INSTALAÇÕES DA A'CONFIANÇA. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 4, 1923, p. 3.

anos do século XIX até 12 de maio de 1908, quando o Decreto n. 1.173 proíbe a realização das touradas na região, esse divertimento esteve à vista de diferentes julgamentos, que o definiram como uma prática que aludia aos colonizadores, por isso, não merecia adeptos; violência e barbárie pelas ações feitas aos touros; e divertimento civilizado, desempenhado por jovens que chegaram a organizar um clube específico para a prática. A existência do decreto supracitado pode não ter influenciado outras regiões, pois em Belo Horizonte, no ano de 1910, as touradas eram uma das práticas “não tão modernas” que ainda permaneciam ao lado do circo de cavalinhos e cafés concertos, junto à diversão preferida que era o cinema (VILHENA, 2009, p. 110). A extinção das touradas no Brasil pode ter acontecido somente a partir de 10 de julho de 1934, quando o Decreto n. 24.645, em seu artigo terceiro, considera a organização de touradas em nível nacional como parte dos maus-tratos de animais<sup>81</sup>.

Em Barbacena, na transição daqueles séculos, as touradas pareceram vivenciar este conflito entre ser parte das programações de entretenimento e ser aconselhado que não fossem realizadas. Como exemplo, são apresentadas duas passagens: uma sobre a organização de um programa de tourada em 1898; outra a respeito de um poema publicado em 1915, em referência à prática.

Em relação ao primeiro caso, de 1898, foi anunciado que aconteceriam espetáculos de uma companhia de tourada que contava com a participação da primeira mulher na função, e algumas de suas apresentações teriam a renda destinada à construção de uma igreja local. Isso revela o diálogo que a prática estabeleceu com a sociedade e poderia servir de estímulo à participação de público em prol da causa. A notícia ainda apresenta esse divertimento como arte, o que demonstra o prestígio que as touradas tinham naquele momento, conforme descrito abaixo:

Estreará no dia 25 deste a companhia de touradas, vinda aqui com a empresa – Medeiros e Filho. D’ella faz parte a primeira brasileira que a esta arte se dedica, – a mineira d. Emilia Cruz. O elenco da cuadrilla é escolhido e a empresa não poupará esforços para bem satisfazer o publico de Barbacena. Nos primeiros dias de janeiro será dado em beneficio para a conclusão da egreja de N. S. da Gloria<sup>82</sup>.

Já em 1915, a partir da publicação de um poema de Victor Hugo, percebe-se a consideração que a narrativa faz a respeito dos sentimentos e atitudes negativas que as touradas despertavam no touro, no toureiro e no seu público, o que por conseguinte significa que não era mais uma prática estimada. A publicação deste poema nessa data sugere que as

---

<sup>81</sup> BRASIL, 1934.

<sup>82</sup> COMPANHIA DE TOURADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, edição 49, 1898, p. 1.

touradas ainda poderiam se fazer vigentes na cidade, mesmo que não existam indícios de programações, ou mesmo, tratava-se de uma prescrição para que não acontecessem mais.

#### Touradas

Acerca de touradas, escreveu o grande genio da França, o divino poeta-philosofo Victor Hugo:

“Em todas as corridas de touros apparecem tres fêras que são: - o touro, o toureiro e o publico.  
 O gráu de brutalidade de cada um destes brutos pòde calcular-se pelo seguinte:  
 O touro é obrigado.  
 O toureiro obriga-se.  
 O publico vae por um acto espontaneo da sua soberana vontade e, ainda por cima, dá dinheiro.  
 Observai bem esta graduação:  
 O touro provocado defende-se.  
 O toureiro fiel ao seu compromisso toureia.  
 O publico diverte-se.  
 No touro há força e instinto.  
 No toureiro valor e destreza.  
 No publico não há senão brutalidade<sup>83</sup>.”

O circo foi outra programação presente em Barbacena no final do século XIX e início do século XX, o qual ganhou o título de diversão útil, com a particularidade de sempre agradar aos assistentes<sup>84</sup>, ainda que, no final do século XIX, se tratasse de um entretenimento com grande frequência e, nos anos finais da década de 1920, não estivesse mais entre os divertimentos de maior público da região<sup>85</sup>. Tal situação pode ser explicada a partir das reflexões de Duarte (1995), que considera a chegada do cinematógrafo em distintas regiões de Minas Gerais um fator de diminuição do interesse dos espectadores pelo circo.

Em Barbacena, os espetáculos circenses foram nomeados de diferentes formas: companhia equestre, companhia de cavalinhos, circo zoológico e circo teatro. Alguns grupos ofertaram programações mistas, como a “Companhia equestre, gymnastica, acrobatica e dramatica” que esteve na cidade em 1915, com espetáculos de equitação, ginástica e atuação<sup>86</sup>. Os grupos que se apresentavam vinham de diferentes regiões brasileiras e estrangeiras, como do Chile<sup>87</sup>, e eram constituídos de homens e mulheres, ou destacavam a presença de artistas de um sexo, como é o caso do *Spinelli Circo*, que esteve na cidade em 1922 – uma “Companhia gymnastica, acrobatica, de variedades e pantomimas de grande apparatus, sob a direcção do conhecido artista Sr. R. Spinelli”, a qual contava em maioria com

<sup>83</sup> VARIEDADES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1153, 1915, p. 3.

<sup>84</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n.1120, 1915, p. 2.

<sup>85</sup> AMERICAN-CIRCUS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2375, 1928, p. 2.

<sup>86</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1118, 1915, p. 2.

<sup>87</sup> CIRCO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, edição 41, 1900, p. 2.

artistas do sexo feminino e apenas dois homens na função de *excentricos*<sup>88</sup>. Acrescenta-se a isso que alguns conjuntos destinaram a renda dos seus espetáculos ao benefício local, como na data de 13 de fevereiro de 1898, quando uma companhia equestre cedeu o valor das apresentações para a conclusão das obras da *Capella de N. S. da Glória*<sup>89</sup>, o que mais uma vez revela um entretenimento que dialogou com as causas da região e também uma possível estratégia para atrair público.

O teatro amador, a literatura e a música foram outras diversões identificadas tanto do século XIX quanto do século XX, e os espetáculos aconteciam em programações separadas ou juntas, em diversos lugares de Barbacena.

A respeito do teatro, desde o século XIX, existiram na cidade diferentes grupos amadores. Como dois exemplos, Massena apresenta que, em 1893, foi dado início à construção do *Teatro Vasques* por João Gualberto Teixeira de Carvalho e, em 1897, o *Grupo Dramático 1º de Agosto* iniciou as suas atividades<sup>90</sup>. O *Grupo Dramático 1º de Agosto* começou seus ensaios em um hotel da região; em 1898, arrendou um prédio na Rua Quinze de Novembro, número 37<sup>91</sup>, e inaugurou um *theatrinho* em 26 de março desse mesmo ano. Ainda que considerado modesto por não corresponder por completo às exigências de um edifício do tipo, a sua existência foi celebrada pela imprensa, visto que um lugar do gênero era “uma necessidade palpitante e por todos reconhecida”, pois permitia às “famílias algumas horas de recreação útil”<sup>92</sup>. A formação do *Grupo Dramático 1º de Agosto* era a seguinte: Artur Garcia (presidente e ensaiador), Rodovalho Abranches (tesoureiro), Pedro Paz (secretário), Álvaro Meniconi (contrarregra), e a atuação ficava a cargo desses e de outros cidadãos e cidadinas, a citar Antonio Leal<sup>93</sup> – esse último que acredita ser o responsável pela gestão de diferentes cinemas na região, a partir do acordo comercial *Antonio Leal & C.* As apresentações teatrais continuaram a acontecer em Barbacena no início do século XX, com a diferença de que inúmeras vezes foram sediadas nos palcos das casas cinematográficas.

Das atividades literárias, em 1882, a Câmara Municipal fundou a *Biblioteca Municipal de Barbacena*, que tinha um volume de cerca de 8.000 obras. Até 1898, funcionaram ainda as seguintes bibliotecas: *Biblioteca do Internato do Ginásio Mineiro* e *Biblioteca da Escola Normal de Barbacena*, ambas com o acesso permitido para todos os cidadãos<sup>94</sup>. Alguns dos

<sup>88</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1827, 1922, p. 2.

<sup>89</sup> CIRCO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, edição 4, 1898, p. 2.

<sup>90</sup> MASSENA, 1985b.

<sup>91</sup> THEATRO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, edição 8, 1898, p. 1.

<sup>92</sup> THEATRO DE BARBACENA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, edição 10, 1898, p. 1

<sup>93</sup> THEATRO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, edição 8, 1898, p. 1.

<sup>94</sup> MASSENA, 1985b.

clubes e agremiações literárias identificadas eram constituídos por alunos de diferentes idades das escolas da região. Do *Internato do Ginásio Mineiro*, existiram o *Clube Corrêa de Almeida*, fundado em 1891, e os clubes *Araújo Lima*, *Soares Ferreira*, *Leonardo Palhares*, *Bernardo Guimarães*, cujas datas de inauguração não foram encontradas. Todavia, como o *Internato do Ginásio Mineiro* esteve aberto até 1912, aqueles clubes podem ter funcionado até essa data<sup>95</sup>. Do *Colégio Militar*, atuou o *Grêmio Literário Arthur Azevedo*, que, dentre as suas atividades, estava a edição da revista *A Juventude*, em 1914<sup>96</sup>.

Também foram produzidos na cidade alguns impressos dedicados a entreter. A título de exemplo, Savassi apresenta as revistas ilustradas *A Vespa* (1889) e *O Mensal* (1897), o semanário *O Bandolim* (1890), o mensal *A Sogra* (1918) e o quinzenal *O Parafuso* – esse último circulou entre 8 de janeiro de 1915 e 5 de março de 1916, sendo descrito como “órgão literário, noticioso, crítico e humorístico”<sup>97</sup>. Já outras revistas do tipo vinham de distintos lugares, como a *Revista Moderna*, produzida quinzenalmente em Paris e destinada aos leitores de Portugal e do Brasil. Ela foi recomendada pela redação do *Cidade de Barbacena* em fevereiro de 1898, porque contava com variados textos literários, ilustrações e trechos de músicas. Por isso, foi feito o convite para que os conterrâneos adquirissem os seus exemplares com o representante da obra, Sr. dr. Edgar Godetroy, que se encontrava na cidade<sup>98</sup>. Outro impresso que circulou em Barbacena foi o *Almanach d’A Saude da Mulher*, que, em 1921, foi oferecido gratuitamente nas farmácias para o público em geral, cuja leitura foi considerada “um passatempo agradável e uma utilidade” devido à presença de um grande número de textos que “prendem o espirito e despertam o interesse: basta citar os seus problemas, anedoctas, perguntas e respostas, quebra-cabeças, versos, curiosidades, adivinhações, etc.”<sup>99</sup>. Da mesma forma, em 1926, a *Revista Cinearte*, impresso carioca especializado em cinema, foi distribuída como brinde de uma sessão cinematográfica em um cinema local<sup>100</sup>.

Outros jornais, além de propagarem notícias, se prestaram ao entretenimento de seu público leitor, algo comum em outras regiões de Minas Gerais, como em Uberaba (DIAS, 2016). Tal consideração é feita porque os impressos não difundiam somente informação e propaganda, mas também obras literárias divididas em capítulos a cada edição, pequenos contos, charadas e piadas, abrigadas em colunas específicas ou não. No *Cidade de Barbacena*,

<sup>95</sup> MASSENA, 1985b.

<sup>96</sup> SAVASSI, 1991a.

<sup>97</sup> SAVASSI, 1991a, p. 71.

<sup>98</sup> REVISTA MODERNA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, edição 6, 1898, p. 2.

<sup>99</sup> CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, n. 1663, 1921, p. 1.

<sup>100</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2223, 1926, p. 3.

constam as seções *Folhetim*, *Secção Recreativa*, *Para Rir*, *Variedades* e *Bric-á-Brac*. A seguir, demonstram-se exemplos das três últimas.

Em *Para Rir*, em 1899, foi apresentado um diálogo que ironiza o nome do Papa Leão XIII:

Um sujeito vai baptisar um menino, e o padre pergunta-lhe o nome que deseja dar.  
 – Tigre, responde o padrinho!  
 – Não pode ser, retruca o padre. Tigre não é nome de gente.  
 – E porque, então? Pois o Papa não se chama Leão?<sup>101</sup>

Em *Variedades*, no ano de 1915, consta a seguinte conversa entre uma senhora e uma funcionária: “A senhora: - Quanto davas para ser tão bonita como eu? A creada: - O mesmo que a senhora daria para ser tão nova como eu!”<sup>102</sup>. Já em *Bric-á-Brac*, no ano de 1916, foi apresentado outro diálogo que, em tom de humor, diz da condição de uma filha que aprendia piano: “- Como vae a sua filha com as licções de piano? - Muito bem. Os vizinhos, quando ella toca, já não fecham as janellas...”<sup>103</sup>.

A respeito de outra prática, a música, essa foi uma expressão artística muito apreciada em Barbacena, tanto pelo número expressivo de bandas organizadas desde as últimas décadas do século XIX<sup>104</sup>, quanto pela importância que a sua presença ganhava junto a outras programações. Essa última ação também acontecia em outras regiões, por exemplo, no Rio de Janeiro, em que, a partir de 1878, as apresentações de patinação eram somadas à presença de música, o que caracterizava ainda mais o tom de espetáculo de tais momentos (MELO, 2017).

Em Barbacena, a música esteve em festivais didáticos e beneficentes, festas cívicas, profanas, religiosas<sup>105</sup>, e nas exibições fílmicas, onde foi considerada elemento essencial para a apreciação das tramas<sup>106</sup>. As apresentações musicais em praça pública – as retretas – também foram muito cobiçadas pela população local<sup>107</sup>. Elas aconteceram em diferentes praças, mas especialmente no *Jardim Municipal*.

<sup>101</sup> PARA RIR. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, edição 85, 1899, p. 2.

<sup>102</sup> VARIÉDADES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, 1097, 1915, p. 1.

<sup>103</sup> BRIC-Á-BRAC. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1243, 1916, p. 1.

<sup>104</sup> Algumas bandas identificadas foram: *Banda do Colégio Abílio* (1887), *Lira de Ouro* (1888), *Inspiração da Boa Vista* (1891), *Corporação Musical Corrêa de Almeida* (1893), *Banda de Música do Internato do Ginásio Mineiro* (1897), *Banda do 3º Batalhão da Força Pública do Estado* (1898), *Lira Barbacenense* (1908), *Banda da Sericícola* (1910), *Banda Italiana* (1915), *Banda do Colégio Militar* (1916) (MASSENA, 1985b).

<sup>105</sup> CARNAVAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1102, 1915, p. 1; MOVIMENTO RELIGIOSO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1126, 1915, p. 1; A MUSICA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1852, 1922, p. 1.

<sup>106</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

<sup>107</sup> MUSICA NO JARDIM. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1783, 1922, p. 1.

O *Jardim Municipal* foi inaugurado em dezembro de 1882<sup>108</sup> e era reconhecido como “o ponto de reunião, *great attraction* da população barbacenense”<sup>109</sup>, sediando retretas, festas infantis<sup>110</sup>, programações de carnaval com “batalhas de confetti e flores e lança-perfume”<sup>111</sup>, apresentações de evoluções do escotismo (SILVA, 2018) e ainda contou com um rinque de patinação inaugurado em 1914 (SILVA, 2020a). A música esteve como uma das principais atrações desse lugar no final do século XIX, principalmente aos domingos, em que a *Banda do 3º Batalhão da Brigada Policial* executava os ritmos “ouvertura, valsa, polka, tango, mazareka, dobrados”<sup>112</sup>, e em outros momentos eram apresentadas “novas, boas e variadas peças muzicaes” no fonógrafo<sup>113</sup>.

Durante as primeiras décadas do século XX, as apresentações musicais no *Jardim Municipal* com o auxílio de tecnologias continuaram acontecendo, como em novembro de 1927, quando os Srs. *Irmãos Oliveira & Cia* tocaram “bellas operas, operetas, etc.” em uma *ortophonica-electrica* com o som ampliado por alto-falante<sup>114</sup>. Tal ocasião foi promovida na intenção de oferecer mais um momento de diversão no *Jardim Municipal* com música, e também para que os irmãos Oliveira tentassem negociar a compra de uma *ortophonica* com alto-falante com o Presidente da Câmara para aquele local<sup>115</sup>.

As retretas também estiveram presentes no início do século XX, mas de modo menos regular do que na centúria anterior, o que aconteceu não por falta de interesse da população que entendia as retretas de domingo do *Jardim Municipal* como uma necessidade<sup>116</sup>, mas sim, pela falta de incentivo dos dirigentes da cidade. Tal afirmação se confirma em um pedido publicado na imprensa em 1924, para que as retretas fossem promovidas “não somente quando se aproximam os festejos carnavalescos”<sup>117</sup>, o que parece ter alcançado êxito, pois, a partir de uma reportagem de 1926, que diz da remodelação da infraestrutura da *Praça da Inconfidência*, consta a inclusão de um coreto apresentado como adequado para que as bandas de música da cidade promovessem retretas a qualquer momento “para prazer do público”<sup>118</sup>.

<sup>108</sup> SAVASSI, 1991a.

<sup>109</sup> A SERIO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, edição 58, 1899, p. 1.

<sup>110</sup> A FESTA DAS CRIANÇAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1286, 1917, p. 1.

<sup>111</sup> CARNAVAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1299, 1917, p. 1.

<sup>112</sup> MUZICA NO JARDIM. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 18, 1898, p. 2.

<sup>113</sup> PHONOGRAPHO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 55, 1899, p. 1.

<sup>114</sup> ORTOPHONICA-ELECTRICA COM AUTO-FALANTE NO JARDIM MUNICIPAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2346, 1927, p. 1.

<sup>115</sup> ORTOPHONICA-ELECTRICA COM AUTO-FALANTE NO JARDIM MUNICIPAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2346, 1927, p. 1.

<sup>116</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1973, 1924, p. 2.

<sup>117</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1973, 1924, p. 2.

<sup>118</sup> AO ENVEZ DE JARDIM, AUGMENTO DA PRAÇA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2160, 1926, p. 1.

Em Barbacena, também funcionaram associações sociorrecreativas que ofereceram diferentes programações aos associados e suas famílias. Listam-se alguns exemplos: *Clube Familiar Barbacenense Oito de Dezembro* (1881), *Club Luz e Liberdade* (1886), *Clube Recreio Barbacenense* (1894), *Clube dos Espenéticos* (1893)<sup>119</sup>, *Club Barbacenense* (1914) e *Club Recreativo Conquistadores de Barbacena* (1922).

Figura 6: *Club Barbacenense* (1932)



Fonte: PELO INTERIOR DE MINAS. *O Malho*, Rio de Janeiro, edição 1543, 1932, p. 33.

No *Clube dos Espenéticos*, segundo o *Almanaque Municipal de Barbacena* (1898), existiam agradáveis palestras, música ao piano, muitos jornais nacionais e estrangeiros, diversas espécies de jogos lícitos, café etc. Esporadicamente, também eram organizadas no recinto *soirées* dançantes que contavam com a presença da família dos associados e de pessoas de fora<sup>120</sup>.

Já o *Club Barbacenense*, considerado o principal clube da elite, está em funcionamento desde 1914 e tinha os objetivos iniciais de “[...] organizar palestras ou conferencias litterarias e scientificas; proporcionar diversões recreativas, principalmente as de sport, em seus diversos generos e aspectos [...]”<sup>121</sup>. As programações identificadas foram: *soirées*, *matinéés*, *sarásus*, bailes dançantes, concurso de elegância e beleza feminina, concertos musicais e literários, festas beneficentes, homenagens e bailes de máscaras de carnaval (SILVA, 2018).

A respeito do *Club Recreativo Conquistadores de Barbacena*, trata-se de uma entre outras associações carnavalescas que existiram, a qual organizou bailes no domingo, segunda e terça de carnaval ao som do ritmo choro e propôs o desfile de alegorias de carros enfeitados.

<sup>119</sup> MASSENA, 1985b.

<sup>120</sup> MASSENA, 1985b, p. 521-522.

<sup>121</sup> CLUB BARBACENENSE. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1031, 1914, p. 1.

Em 1923, foi anunciado que esse clube contava com o apoio do comércio local e de outros incentivadores em prol da organização de suas festas carnavalescas, junto aos seguintes pedidos: primeiro, que a municipalidade se encarregasse de reparar a infraestrutura de algumas vias incluídas no cortejo, cujo trajeto começava na rua Henrique Diniz, “[...] passando pelo Barro Preto, para depois tomar o caminho do Collegio Immaculada Conceição e vir sahir á rua Visconde do Carandahy, com destino as nossas ruas principaes”<sup>122</sup>. Segundo, que a polícia impedisse a presença de menores de idade que, em outros anos, atrapalhavam a passagem dos veículos, transitando entre os mesmos e subindo nos carros que compunham o desfile<sup>123</sup>. Já em 1931 constam os seguintes grupos carnavalescos que contavam com sedes individuais: *União das Cores, Beija Flôr, Recreio das Flores e Independente*<sup>124</sup>.

Demais associações similares que constam são o clube de xadrez e as sedes sociais de times de futebol. O referido *Club de Xadrez* foi fundado por oficiais do *Collegio Militar* em 1917, com “o fim de realizar partidas e torneios deste bello e util jogo”<sup>125</sup> e,

[...] constituir uma excellente diversão quer para os civis, quer para os militares, e servir de util exercicio para estes ultimos aos quaes é aconselhado, geralmente, como meio facil e agradável de desenvolver as qualidades de estrategista, tão necessarias áquelles que abraçam a carreira das armas<sup>126</sup>.

Já os times de futebol ofereciam distintas programações em suas sedes sociais, para os associados e seus familiares. Como exemplo, constam as sedes dos times *Democrata Football Club* e do *Olympic Sport Club*. Em específico, a segunda pertencia ao time homônimo em funcionamento na cidade desde 1915 e se tratava de uma nova sede inaugurada em 1923, com localização na Rua Quinze de Novembro, no antigo prédio ocupado pelo *Club Barbacense*, que, por sua vez, havia mudado para outro endereço, cuja reinauguração se deu em 10 de fevereiro de 1923<sup>127</sup>. O time tinha a intenção de dotar a sua sede de inúmeras opções para o entretenimento a fim de ser útil especialmente à juventude. Algumas das atrações possibilitadas no espaço recém-adquirido foram:

[...] uma sala para exercicios gymnasticos, com os aparelhos adequados; sala de bilhares; rink para lucta romana e box; sala para jogos de salão; mesas de ping-pong, damas, xadrez, etc. E’ tambem pensamento da Directoria organizar uma biblioteca, installando-a no compartimento agora destinado á leitura de jornaes e revistas, com o louvavel proposito de facilitar tambem o desenvolvimento intellectual dos socios,

<sup>122</sup> O CARNAVAL EM BARBACENA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1867, 1923, p. 1.

<sup>123</sup> O CARNAVAL EM BARBACENA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1867, 1923, p. 1.

<sup>124</sup> CARNAVAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2655, 1931, p. 2.

<sup>125</sup> CLUB DE XADREZ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1328, 1917, p. 1.

<sup>126</sup> CLUB DE XADREZ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1328, 1917, p. 1.

<sup>127</sup> CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1878, 1923, p. 2.

promovendo igualmente a realização de conferencias sobre temas moraes-sociaes, physico-hygienicos e sportivos em geral. Todas estas dependencias serão localizadas nas salas internas, ficando as da frente reservadas ao gabinete do presidente, secretaria e thesouraria, e o amplo salão exclusivamente destinado ás recepções e reuniões sociaes<sup>128</sup>.

Perante esses e outros tantos entretenimentos em Barbacena no início do século XX, em alguns casos constam imprevistos no atendimento ao público (como citado anteriormente sobre a interrupção do fornecimento de energia elétrica nos dias de chuva<sup>129</sup>) e durante as programações. Como exemplo do último caso, cita-se um parque de diversões instalado na Praça da Igreja da Boa Morte em 24 de setembro de 1927<sup>130</sup>, como palco para um desastre na seção denominada de “Casa dos Loucos”. Segundo a notícia: “[...] Desse desastre, sahiram feridas algumas pessoas. Ou houve excesso de lotação e isto não está direito ou a tal *casa* não offerece as garantias necessarias, não devendo, portanto, funcionar [...]”<sup>131</sup>.

Já outros divertimentos foram citados como verdadeiras neuroses sociais, o que inclui o esporte e a dança. Segundo uma crônica publicada no *Apollo Jornal* em 1923, a imprensa estava se ocupando muito em publicar “*records* sportivos de qualquer especie”<sup>132</sup>, junto às danças, que tiveram especial atenção ao longo do texto, ganhando críticas por serem consideradas extravagantes e fúteis. Segundo o cronista, a adesão das pessoas a essas práticas caracterizava um *seculo nevrótico* – em alusão à obra do neurologista italiano Paolo Mantegazza, escrita em 1911 –; em especial, a participação na dança se tratava do “delirio manso dos loucos modernos”<sup>133</sup>.

Deveras, os esportes – em particular as notícias sobre o futebol – e as danças estiveram presentes na imprensa de Barbacena no início do século XX, de modo recorrente.

A respeito dos momentos de dança, os que foram identificados entre o final do século XIX e início do século XX apresentaram de modo comum os fatos de acontecerem frequentemente em distintas programações nos espaços privados, como residências, associações sociorrecreativas e outras instituições, e durarem até altas horas da madrugada. No final do século XIX, existiu um curso particular de danças inaugurado em 17 de julho de 1881, sediado no Largo do Rosário, o qual era dirigido por Artur A. de Almeida e Manoel Pereira ocupava o cargo de adjunto<sup>134</sup>. Já os encontros dançantes se davam, por exemplo, no

<sup>128</sup> CALVO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1894, 1923, p. 2.

<sup>129</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 13, 1923, p. 3.

<sup>130</sup> PARQUE DE DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2330, 1927, p. 2.

<sup>131</sup> PARQUE DE DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2333, 1927, p. 2.

<sup>132</sup> AUSONIO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 3.

<sup>133</sup> AUSONIO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 3.

<sup>134</sup> MASSENA, 1985b.

*Clube dos Espenéticos* (1893), com a participação da família dos associados e demais pessoas da cidade<sup>135</sup>, e no *Quartel do 3º Batalhão da Brigada Policial*, que, em 15 de novembro de 1898, promoveu um concerto musical com danças “[...] que, sempre animadas, foram até as 5 horas da manhã, em que, então, se reuniram os numerosos convidados, todos satisfeitos pelo tempo agradável que ali passaram [...]”<sup>136</sup>.

Já no início do século XX, as danças foram vivenciadas por um conjunto de ritmos intitutados modernos, entre as quais são citados: *charleston*, *black-botton*, *maxixe*, *rag-time*, *fox-trot*, tango, *one-step* e *shymmy*, com programações sediadas em diversos lugares da cidade, como residências, pensões, hotéis e associações sociorrecreativas. Os incentivos acerca da prática se davam porque as mesmas eram citadas como diversões modernas que favoreciam à permanência de valores como o matrimônio, devido à proximidade de que os pares dispunham enquanto dançavam, nascendo assim a conexão amorosa entre os futuros casais. Contudo, mesmo que promovidas frequentemente, as danças não estavam alheias às críticas, feitas especialmente por religiosos que as consideravam uma atividade contra a moral, visto que eram desempenhadas com movimentos descompassados em relação ao recato desejado (SILVA, 2020b).

As críticas aos ritmos e às formas de dançar não aconteceram somente em Barbacena. A título de exemplo, em Juiz de Fora, todas as danças eram sinalizadas como pecado imperdoável pela Igreja, sendo considerado que “todas as pessoas que participavam de bailes, dos mais comuns aos de carnaval e das brincadeiras de rua, nos blocos, não estariam isentas do julgamento divino” (ALMEIDA, 2006, p. 92). Foram encontradas também descrições análogas provenientes do Rio de Janeiro e da Itália:

As dansas modernas têm sofrido, mais ou menos, por toda a parte, uma repulsa, ora mais viva, ora mais aberta, entre esta ou aquella classe, nesta ou naquela sociedade. Certamente, todos se lembram do movimento de repulsa, que se manifestou em alguns centros de diversões elegantes, freqüentados pela alta sociedade carioca, contra o <<charleston>>, que começava a avassalar.

Esse movimento teve os applausos da imprensa, e a opinião publica lhe foi favoravel.

Entretanto, a infiltração do “charleston”, se fez, si bem que lentamente. E hoje em dia, dansa-se o “charleston” em toda a parte, como se dansa o “shimmy” e o maxixe, e como já se dansa a valsa.

Agora, a dansa victoriosa é o “black-botton”. Em varios círculos sociaes do mundo, se observou o mesmo movimento. Pouco a pouco, foram-se abrandando os escrúpulos e o “black-botton” vae vencendo por toda a parte, embora certos salões se mostrem irreductiveis, como ainda continuam a sel-o, em relação ás outras dansas norte-americanas.

<sup>135</sup> MASSENA, 1985b, p. 521-522.

<sup>136</sup> SARÃO-CONCERTO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, edição 44, 1898, p. 1.

Ha poucos dias Mussolini teve ocasião de observar estas dansas e achou-as, senão apenas indecentes, o que é pouco, mas, também aviltantes. E decretou, como Ministro da Guerra, a proibição para o militar italiano, de dansar o “charleston”, o “shimmy” e o “black-botton”, fardado. A nota de “Duco” explica que nenhum desses systemas norte-americanos de bamboleios e requebros, está de accordo com o decoro militar e com a dignidade da farda<sup>137</sup>.

A respeito do futebol, a sua presença na imprensa foi uma constante, a partir de colunas específicas que anunciavam e relatavam os prélios, notícias que indicavam o melhor lugar para ser praticado e os modos adequados com que os jogadores deveriam se portar. O futebol em Barbacena foi apresentado como “o divertimento elegante de todas as sociedades”<sup>138</sup>, o que alude à intenção de dotar a região de práticas que eram desempenhadas por países ilustrados, como Estados Unidos da América e Inglaterra<sup>139</sup>. A suposta primeira partida da região aconteceu em 1904<sup>140</sup>, e durante o período estudado foram organizados times, inaugurados campos, construídas sedes sociais dos clubes e realizados jogos locais e intermunicipais que aconteciam especialmente aos domingos. O futebol foi uma prática desempenhada sobretudo por homens jovens, e contou com a participação das mulheres como assistentes-espectadoras, assistentes-torcedoras, no lance inicial dos jogos, premiação à equipe vencedora e madrinha de time (SILVA; ROSA, 2020). Esse esporte também foi de interesse do público infantil. Contudo, quando desempenhado na rua, incomodava a sociedade local, conforme lido no pedido para que o futebol de rua deixasse de acontecer:

Achamos que só o Sr. Delegado de Policia será capaz de pôr um ponto final ás reclamações que por ahi surgem, contra o jogo de <<foot-ball>>, nas ruas. Sim, só elle, porque a imprensa há já falado sobre o assumpto, e a meninada, em ruas centraes, continua divertindo-se com aquelle *sport*. Endereçamos ao Dr. Zagari esta nota, certos de que S.S saberá providenciar, como é mister<sup>141</sup>.

O pedido acima pode ter sido feito porque a prática do futebol nas ruas do centro da cidade representava desordem no espaço urbano. Tais queixas também foram identificadas em outras regiões do Estado, como Juiz de Fora (ALMEIDA, 2006) e Belo Horizonte (SILVA, 2009). Conforme o estudo de Silva (2009), sobre a moral e os bons costumes a partir das narrativas policiais de Belo Horizonte entre os anos de 1897 a 1926, naquela cidade aconteceram apreensões de bolas de menores que estavam na rua jogando futebol e outras

<sup>137</sup> A DANSA E A FARDA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2356, 1927, p. 2.

<sup>138</sup> ALCANTARA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1428, 1918, p. 2.

<sup>139</sup> LAURIVAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1622, 1920, p. 1.

<sup>140</sup> SAVASSI, 1991a.

<sup>141</sup> FOOT-BALL NAS RUAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1637, 1920, p. 2.

providências foram tomadas para regulamentar o uso de espaços públicos para que o jogo informal fosse inviabilizado. A autora faz a seguinte reflexão sobre esses acontecimentos:

O futebol da rua, provavelmente, constituiu-se como caso de polícia, pois era uma prática triplamente desordenada: ressignificava os usos dos espaços públicos – pensados a partir de uma racionalidade que pretendeu esquadrihar a cidade a fim de determinar usos e práticas específicos para cada espaço –, era um divertimento popular e ao mesmo tempo uma prática que se distanciava dos códigos do ethos esportivo do momento. Além de “menores”, os meninos não eram *sportmen* (SILVA, 2009, p. 103).

Mesmo que a autora apresente que o jogo de futebol nas vias públicas por menores de idade impedisse que esses fossem caracterizados como *sportmen*, os adultos que praticavam o futebol em campo não escaparam de julgamentos pelos seus comportamentos. Por exemplo, em 1920, foi divulgada em Barbacena uma crítica ao fato de o Brasil se preocupar muito com o incentivo ao fortalecimento muscular dos homens que serviam à nação sem a preocupação com os aspectos morais que deveriam ser propagados, como a disciplina. Tendo como exemplo o futebol, o texto apresenta que o fato de os brasileiros serem apaixonados por essa modalidade, especialmente “porque os americanos e os ingleses amam esse genero de sport”<sup>142</sup> – ou seja, populações modelo –, os homens do Brasil que se dedicavam à prática possuíam vícios que precisavam ser corrigidos. A dizer dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora, que se portavam nos campos de modo a fomentar agressões, usando de linguagem inapropriada e praticando excessos, sendo que em alguns casos a polícia precisou intervir. O texto ainda faz um alerta que conduz ao entendimento de que jogar futebol não fazia de um homem um *sportmen*, mas que para isso os jogadores deveriam aderir a um conjunto de condutas que previam, por exemplo, o não envolvimento com práticas consideradas indesejáveis, como a embriaguez. Conforme trecho da fonte:

Elles parecem ignorar que o verdadeiro sportmen é, naturalmente, um amigo da ordem. Homem forte, só emprega a sua força em favor do bem. Respeita e protege os velhos, as mulheres e as crianças. Não mente, não se embriaga, não insulta. Sem manchas e sem medo – temerario ás vezes, mas intemerato sempre, a sua conducta nunca deixa de ser irreprehensivel<sup>143</sup>.

Se o esporte e a dança foram citados como neuroses sociais, outras diversões foram destacadas como distintas recreações e definidas como *sports*, como foi o caso da fotografia e

<sup>142</sup> LAURIVAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1622, 1920, p. 1.

<sup>143</sup> LAURIVAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1622, 1920, p. 1.

do cinema. Nesse contexto, a palavra *sport* não estava relacionada às práticas esportivas, era sinônimo de agente recreativo e diversão, o que corrobora a etimologia da palavra desporto:

Naquele que é considerado o mais antigo dicionário de português, o Vocabulário português e latino, escrito no século XVIII por Raphael Bluteau, já se encontra a palavra desporto (originária do italiano diporto), descrita como “divertimento” (MELO, 2010, p. 46)<sup>144</sup>.

Do mesmo modo, o uso do termo *sport* poderia estar associado à amplitude de adesão às práticas e aos comportamentos esportivos naquele contexto, sendo empregado tanto nas nomeações de comércios que estavam ou não diretamente envolvidos com a venda de materiais esportivos, por exemplo, do Rio de Janeiro (MELO; SANTOS, 2020), quanto de outras diversões, que, para se mostrarem análogas à importância que o esporte tinha, na intenção de se afirmarem como novos e indicados modos de se viver e entretenimentos a serem consumidos, o que pode ter se dado com a fotografia e com o cinema, em Barbacena.

A fotografia é uma técnica de registro criada em 1839. Ela estava entre as práticas que afirmavam a modernidade de um lugar porque era uma tecnologia que possibilitava registros que poderiam circular por outros locais, a fim de demonstrar o que uma região possuía de mais bem estruturado, os avanços feitos e o que estava por se fazer (ARRUDA, 2015; BARTOLOMEU, 2003).

Acerca dos usos da fotografia em Minas Gerais entre o século XIX e início do XX, destacam-se alguns. Primeiro, o trabalho do Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital, neste caso, Belo Horizonte, para fazer registro da construção e demonstrar os investimentos do Estado em sua capital planejada (BARTOLOMEU, 2003). Segundo, a comercialização de imagens diversas, de pessoas e cidades, que poderiam acontecer pelo trabalho de conterrâneos e estrangeiros; estes últimos, de modo itinerante, viajaram por diferentes municípios no interesse de produzir registros fotográficos. Sabe-se que, entre 1845 e 1900, quarenta cidades de Minas Gerais contaram com a presença de fotógrafos itinerantes, e Barbacena foi uma delas (ARRUDA, 2015).

O fotógrafo mineiro Raimundo Alves Pinto, por exemplo, prestou serviço de fotografia à Comissão Construtora da Nova Capital em 1896. Após a inauguração de Belo Horizonte, ele trabalhou como editor na região, tendo ficado conhecido sobretudo pelo lançamento da obra *Álbum de Bello Horizonte*, em 1911, e pelo seu trabalho pioneiro com cinejornais no Estado (BARTOLOMEU, 2003). Ele captou diferentes imagens panorâmicas

---

<sup>144</sup> O dicionário está disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>>. Acesso em: 28 maio 2021.

de cidades mineiras, dentre elas, Diamantina, Minas Novas, Pedro Leopoldo, São João Del Rei, Sete Lagoas e Barbacena<sup>145</sup>. Nesta última, em 1900, Raimundo Pinto registrou a *Vista parcial da Fábrica de Laticínios Roza*<sup>146</sup>. Não foi identificado se a sua passagem por Barbacena foi por algum motivo específico. Acredita-se que não devido ao interesse do fotógrafo em captar imagens de diferentes municípios. Todavia, o registro da fábrica de laticínios supracitada pode apontar o que Barbacena tinha de mais atrativo para o Estado, visto que a fotografia poderia captar o que se considerava como próspero em certa região.

Nesse mesmo sentido, as imagens de Barbacena presentes em revistas cariocas, como *Nação Brasileira*<sup>147</sup> e *O Malho*<sup>148</sup>, podem atestar essa intenção, dado que as fotografias que buscaram apresentar a cidade privilegiaram as praças localizadas ao Centro; um hotel frequentado por pessoas abastadas; a arquitetura de instituições de ensino e associações sociorrecreativas; melhorias da infraestrutura, como as obras da usina hidrelétrica da região e na Rua Quinze de Novembro. Algumas práticas de sociabilidade e diversão também foram destacadas, como reuniões, piquenique, sessão de cinema e tiro, o que, em suma, demonstra o interesse em apresentar Barbacena não só por meio dos melhoramentos da infraestrutura, mas também das práticas sociais existentes na região.

---

<sup>145</sup> O acervo iconográfico de Raimundo Alves Pinto está disponível no Arquivo Público Mineiro. *Link* para consulta:

<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtbusca/index.php?query=raimundo+alves+pinto&mid=54&action=showall&andor=AND&start=0>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

<sup>146</sup> PINTO, 1900.

<sup>147</sup> **NAÇÃO BRASILEIRA**, Rio de Janeiro, n. 15, 1924.

<sup>148</sup> **O MALHO**, Rio de Janeiro, edição 0165 (3), 1905; **O MALHO**, Rio de Janeiro, edição 0474 (1), 1911; **O MALHO**, Rio de Janeiro, edição 0602 (2), 1914; **O MALHO**, Rio de Janeiro, edição 1543 (2), 1932.

Figura 7: <<Pic-Nic>> *Commemorativo*



Fonte: **O MALHO**, Rio de Janeiro, edição 602, 1914, p. 33.

Figura 8: Tiro Mineiro



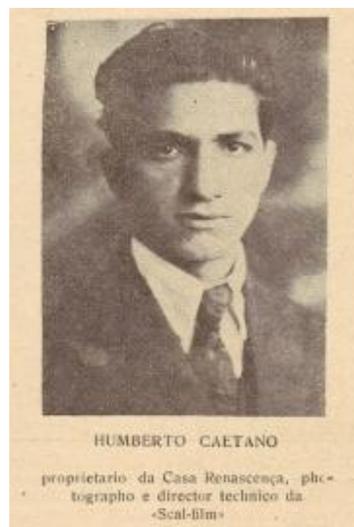
Fonte: **O MALHO**, Rio de Janeiro, edição 474, 1911, p. 22.

Além das atividades de fotógrafos itinerantes, alguns conterrâneos trabalharam com a arte da fotografia, como *Hygino Lopes*, que, a partir de 1898, ganhou prestígio na cidade e

demonstrou que não era somente no Rio de Janeiro que se fazia um bom trabalho com fotografia<sup>149</sup>. Outros profissionais desse ramo que foram identificados são: C. Camões Penna, João Chagas e Humberto Caetano<sup>150</sup>.

A respeito de Humberto Caetano, ele foi citado como “o representante fotografico da *Nação Brasileira* em Barbacena” e era proprietário de uma loja de variedades situada na Rua Quinze, n. 212, de nome *A Casa Renascença*, que comercializava “artigos fotograficos, dentarios, medicos e cinematicos”, vendidos aos mesmos preços do Rio de Janeiro<sup>151</sup>. Humberto também dirigiu uma empresa de produção de documentários no município, na década de 1920, nomeada *Sociedade Cinematográfica Artística Barbacenense (SCAB-Film)*. O primeiro título da empresa data de 1924: *Varios Aspectos de Barbacena* (1924)<sup>152</sup>. A *SCAB-Film* produziu o total de três filmes, sendo dois gravados em Barbacena – *Varios Aspectos de Barbacena* (1924) e *Barbacena em Revista* (1927) – e um em São Paulo – *Revolução de 1924/Revolução de São Paulo* (1924) (GALDINO, 1983). Na fotografia a seguir, publicada na *Nação Brasileira*, em 1924, percebe-se que se tratava de um jovem empreendedor:

Figura 9: Humberto Caetano



Fonte: CASA RENASCENÇA. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 86.

Em outro sentido, a imprensa apresentou que ter uma máquina fotográfica para uso recreativo era o sonho de muitos, mas pelo alto valor dessa tecnologia tornava-se inviável a

<sup>149</sup> PHOTOGRAFO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, edição 29, 1898, p. 2.

<sup>150</sup> LAEMMERT, 1926, p. 227.

<sup>151</sup> CASA RENASCENÇA. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 86.

<sup>152</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1990, 1924, p. 1.

sua aquisição. Contudo, “este problema tentador” estava resolvido, pois já era possível comprar uma máquina da marca *Kodak* por preço acessível em *A Casa Renascença*<sup>153</sup>, que comercializava produtos diversos: além de máquinas, filmes e chapas, contava com o *Pathé Baby*, um projetor de cinema de uso doméstico<sup>154</sup>. Ainda sobre o uso recreativo da fotografia, encontrou-se esta descrição da prática:

O melhor sport, a mais distincta recreação, o mais delicado dos passa-tempos, é a photographia ao alcance de todos. A vida domestica tem flagrantes adoraveis; as excursões, os pic-nics, as reuniões, etc, oferecem-nos ensejos tentadores de instantaneos. Assim ter-se uma pequena machina photographica, é a mais atrahente das ambições recreativas<sup>155</sup>.

O cinema teve descrição similar à da fotografia. Contudo, ele abrigava a possibilidade de instrução de pessoas de diferentes idades, cultivo de bom gosto e fomento à moral vigente. Isso é confirmado em algumas descrições encontradas sobre o cinema, como: “excellente diversão”<sup>156</sup>, “tão maravilhoso e incomparável invento”<sup>157</sup>, “magnifico entretenimento”<sup>158</sup>, “escola de moral”, “diversão culta”<sup>159</sup>, “agente de vibração moral”<sup>160</sup> e ainda, “como agente recreativo é o mais suave, o mais completo dos sports spirituaes, e’ a diversão chic das pessoas cultas e inteligentes [...]”<sup>161</sup>. A definição do cinema como “o mais completo dos sports spirituais”<sup>162</sup> reflete não somente o *status* desejado ao cinema, como diversão moderna (como as práticas esportivas), mas também como um divertimento que se habilitava não ao aperfeiçoamento físico associado aos esportes e práticas corporais, mas sim ao cultivo do espírito, intenção tão destacada pelo pensamento da época.

Diante disso, foram identificados alguns estabelecimentos, gestores, funcionários, programações, público, formas de compra de bilhetes, marcas e temáticas dos filmes projetados, empresas locais voltadas para a produção de documentários e distintas expectativas em torno do cinema em Barbacena, o que será apresentado no capítulo seguinte.

<sup>153</sup> KODAK. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 5, 1923, p. 4.

<sup>154</sup> CASA RENASCENÇA. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 86.

<sup>155</sup> KODAK. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 5, 1923, p. 4.

<sup>156</sup> ALCANTARA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1399, 1918, p. 1.

<sup>157</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2117, 1925, p. 1.

<sup>158</sup> TOPICOS DA SEMANA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2363, 1928, p. 1.

<sup>159</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1-2.

<sup>160</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1.

<sup>161</sup> A NECESSIDADE DO CINEMA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 4, 1923, p. 1.

<sup>162</sup> A NECESSIDADE DO CINEMA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 4, 1923, p. 1.

### 3 CINEMA EM BARBACENA

Segundo Galdino (1980) e Orlando (2005), o empresário Carlos Leal<sup>163</sup> foi pioneiro na região quando, em 24 de fevereiro de 1901, apresentou o *animatographo* aos cidadãos. O cinematógrafo chegou em 1906, pelas mãos de *Joseph Adams & Co.*. Somente em 1909, o primeiro estabelecimento foi inaugurado: o *Theatro Cinema Mineiro*, propriedade de Paulo Benedetti.

As exibições foram sediadas em teatros-cinemas, cineteatros, salas fixas e, provavelmente, nas residências, com o uso do *Pathé Baby*, um invento de Charles Pathé, anunciado, em 1922, como um aparelho projetor cinematográfico de 9,5 mm produzido pela *Pathé Brothers Company*<sup>164</sup> (ZAMBERLAN, 2018). Em Barbacena, o *Pathé Baby* foi vendido na *Casa Renascença* como “o cinema do lar, que funciona com corrente electrica de uma lampada ou com magneto destinado aos logares onde não ha electricidade”<sup>165</sup>. Aqui, sugere-se que o cinema pode ter alcançado público além dos *habitués* – os frequentadores assíduos das salas de projeções –, mesmo que não identificados maiores detalhes a respeito da aquisição do projetor doméstico.

Nas três primeiras décadas do século XX, foram inaugurados os seguintes estabelecimentos cinematográficos em Barbacena: *Theatro Cinema Mineiro* (c. 1909-1919), *Cinematographo Brasil* (c. 1909), *Cine Iris* (c. 1910-1911), *Theatro Cinema Moderno* (1911-1919), *Cinema Parisiense* (c. 1915), *Cinema Barbacenense* (c. 1915-1917), *Cinema Avenida* (c. 1916), *Cinema Phenix* (c. 1916), *Cine-Theatro Santa Thereza* (c. 1920-1922), *Cinema Central* (c. 1922), *Cine-Theatro Apollo* (1923-1998), *Cine-Theatro Leal* (c. 1925-1927), *Cinema Odeon* (c. 1928) e *Cinema São José* (c. 1917-1931).

Alguns cinemas de Barbacena funcionaram por pouco tempo e não retomaram os trabalhos. Já outros, como o *Apollo*, mesmo que arrendado por um período, voltaram com as atividades sob a direção do primeiro dono. Especificamente sobre o *Cinema São José*, este foi o nome de mais de uma sala que contou com o trabalho de diferentes diretores<sup>166</sup>, e existe a

<sup>163</sup> Existe a suspeita de que Carlos Leal seja o mesmo que, em Juiz de Fora, junto ao tenente Alfredo Amaral, geriu o acordo comercial *Leal & Amaral*. Essa empresa trabalhava com entretenimentos na região, como a promoção de corrida de cavalos e a inauguração, em 18 de outubro de 1900, de uma sala de exibição cinematográfica na cidade (ROCHA, 2008).

<sup>164</sup> A *Pathé Brothers Company* foi “uma empresa de máquinas e produção cinematográfica, além de ser a produtora fonográfica de maior projeção no cenário mundial no final do século XIX e início do XX” (ZAMBERLAN, 2018, p. 262).

<sup>165</sup> CASA RENASCENÇA. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 86.

<sup>166</sup> *Lopes & Oliveira*, c. 1917-1922; *A. Leal & C.*, c. 1923; *Sr. Luiz Queiroz Serpa*, c. 1923-1925; *Santos & Comp.*, c. 1927; *Sr. Geffrey Brisac*, c. 1927; *Srs. Schhlirzer, Hermann & Cia*, c. 1931.

suspeita de que fossem empresas que funcionaram no mesmo endereço, independente da gestão.

Dos gestores, foram identificados três italianos residentes no município que coordenaram o *Mineiro*, *Moderno* e *Apollo*. Isso se assemelha a cidades de Minas Gerais como Cataguases, Pouso Alegre, Ouro Fino, Juiz de Fora, Guaranésia (GOMES, 2011), Varginha (LIMA, 2017) e Belo Horizonte (GOMES, 1997), onde os investimentos de italianos nesse negócio também aconteceram. Pode ser que, em Barbacena, imigrantes alemães também tenham trabalhado com cinema. Acredita-se que a sociedade dos *Srs. Schilitzer, Hermann & Cia*, proprietária do *Cine S. José* em 1931, seja um desses casos<sup>167</sup> devido à similaridade de nome do alemão Hermann Stoltz, citado em Ribeiro (2012) como um dos sócios da *Companhia Brasileira de Lactícineos* em 1913. Caso seja o mesmo empresário da companhia supracitada, essa informação poderia ser confirmada. Para além das pistas sobre estrangeiros, existem indícios da existência de pessoas do Rio de Janeiro<sup>168</sup> – como o Sr. Octavio Costa, que já havia trabalhado no *Cinema Odeon* do Rio<sup>169</sup> e dirigiu a orquestra de um cinema de Barbacena – e de conterrâneos – cita-se o empresário Antonio Leal<sup>170</sup>, que entende-se ser o mesmo que integrava o *Grupo Dramático 1º de Agosto*. Soma-se a isso que a maioria desses gestores não trabalhava sozinha, mas sim em acordos comerciais.

A respeito do funcionamento dos teatros-cinemas, cineteatros e salas fixas, doravante cinemas, foi percebido que operaram sem concorrência e de modo simultâneo, em dias da semana e finais de semana. Ainda que apresentados como cinemas, em sua maioria funcionaram como cineteatros, abrigando cinematografia e espetáculos artísticos individuais ou em grupos, o que também foi comum em outras regiões do país, como em São Paulo (ARAÚJO, 1981).

Sobre as programações dos cinemas, foram identificadas exibições fílmicas e apresentações de grupos de variedades que incluíam teatro, concertos musicais, literatura e circo. Além disso, eram agendados festivais escolares, reuniões, homenagens, eventos de cunho caritativo e saraus (realizados junto às projeções e em momentos que não integravam fitas).

A ocorrência de espetáculos junto às sessões de cinema significava uma forma de distinção, demonstrando “resquícios da passagem das artes consagradas para a nova arte”

<sup>167</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2653, 1931, p. 2.

<sup>168</sup> A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1350, 1917, p. 1.

<sup>169</sup> IMPORTANTE. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 1, 1923, p. 3.

<sup>170</sup> De acordo com moradores mais antigos de Barbacena, provavelmente o nome completo seja Antônio Pires Ferreira Leal.

(SCHVARZMAN, 2005, p. 162), bem como estratégias para vencer a concorrência e atrair mais público, identificadas em outras cidades, como Salvador (FONSECA, 2002) e Juiz de Fora (ROCHA, 2008). Tal fato também pode significar certa tradição do modo de se apresentar cinema, isto é, assim como nos primórdios das projeções cinematográficas do país, as programações se davam junto a outros entretenimentos, tal condição pode ter permanecido devido às características da instauração dessa diversão. Ao lado disso, a existência de eventos nos cinemas que destacaram apresentações artísticas e não sediaram cinematografia no mesmo dia confirma uma expressão que comumente caracterizou esses recintos: trata-se do termo *casa de diversões*. Ou seja, esses lugares abrigaram mais de um entretenimento, ainda que objetivassem projetar filmes de modo recorrente.

Os cinemas que funcionaram simultaneamente organizaram diferentes programações. No entanto, por vezes, apresentaram programações semelhantes que incluíam projeções e outros gêneros de diversão. Como exemplo, o *Leal* e o *S. José* (gestão de *Santos & Comp.*) ofertaram os mesmos filmes em alguns dias de julho e agosto de 1927, sendo o horário da sessão na primeira casa às 19:45, e o da segunda, às 20:10<sup>171</sup>, sem nenhuma crítica da imprensa a tal fato, como exemplificado: “hoje, no Cine Leal, em *matinée* Hoot Gibson, em – UM HOMEM DE PALAVRA, e em *soirée*, às 7,45, o grandioso film da Paramount, com Florence Vidor. No Cine S. José, o mesmo programma do Cine Leal”<sup>172</sup>.

Como segundo exemplo, consta que o *Cinema S. José*<sup>173</sup> (gestão do sr. *Geffrey Brisac*) e o *Cine Odeon*, em diferentes dias de abril de 1928, sediaram o espetáculo da companhia do “grande artista brasileiro Humberto Marsicano, o creador do Jeca Tatú nortista”<sup>174</sup>.

As sessões fílmicas aconteciam em *matinée* e *soirée*. Em ambas as formas, foi identificada a presença de crianças, jovens e adultos. Em alguns cinemas, o público podia comprar os ingressos em cadernetas ou de outros modos: preço fixo, primeira classe, segunda classe, categoria *collegiaes*, além de descontos para os leitores do jornal *Cidade de Barbacena* e entrada franqueada ou com desconto às mulheres.

De um modo geral, os cidadãos pareceram frequentar os cinemas com a intenção de se divertir e sentir prazer com as programações, conversar, promover algazarras, apoiar causas defendidas pelos conterrâneos (como o auxílio financeiro a instituições que se prestavam à caridade e educação) e fazer desses espaços um lugar de encontro.

<sup>171</sup> CINE LEAL E S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2312, 1927, p. 2.

<sup>172</sup> CINE LEAL E S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2318, 1927, p. 2.

<sup>173</sup> CINE SÃO JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2386, 1928, p. 1.

<sup>174</sup> CINE ODEON. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2383, 1928, p. 2.

A respeito dos encontros, exemplificam-se dois tipos. O primeiro relaciona-se ao encontro amoroso, tanto dentro das salas de cinema (entendidas como um ótimo local para os solteiros interessados em se casar frequentarem<sup>175</sup>) quanto nos arredores (por exemplo, nas entradas, onde o *footing* poderia ser praticado<sup>176</sup>). A segunda forma de encontro se baseia em uma ação que estava se tornando um “antiphatico costume”<sup>177</sup>, em 1924, no *Cine S. José* (gestão de *Sr. Luiz Queiroz Serpa*) e no *Cine Apollo*: a mania de alguns espectadores antecipadamente marcarem lugar na assistência para outras pessoas que chegariam depois, o que incomodava quem procurava lugar para se acomodar<sup>178</sup>. Tal fato deixa entrever a existência de um público que, em comum, tinha o interesse de participar das projeções e não desfrutava sozinho desse divertimento – o que sugere a formação de uma rede de sociabilidade acerca do cinema. Ainda que tal reclamação tenha sido divulgada, o comportamento dos assistentes foi pauta de outras críticas; essas serão apresentadas conforme as atividades explanadas de cada cinema.

Acerca da classe social, os frequentadores parecem ser, em sua maioria, os mais abastados. Um dos motivos que corrobora essa interpretação é a forma com que os jornais caracterizavam os usuários, apresentando que se tratava de público seletivo, pessoas gradas, membros do escol da cidade, ou seja, pessoas de alta posição social, da elite<sup>179</sup>. Em outro sentido, de modo não recorrente, existem registros de que a cidade se preocupou em aproveitar o cinema para a “educação da massa popular”<sup>180</sup> – algumas casas, tanto na região central quanto nos arredores, ofereciam entradas com baixo custo –, além da constatação da presença de pessoas negras nessa diversão<sup>181</sup> – o que na época significava indivíduos de classe social inferior<sup>182</sup>.

A respeito das pessoas que frequentavam as programações dos cinemas, apresentam-se primeiro alguns detalhes referentes às crianças. Não foi identificada a classe social a que elas pertenciam; contudo, existem indícios de que poderiam ser os filhos de pessoas abastadas que tinham condições financeiras para custear os bilhetes com o patrocínio dos pais. Já as crianças pobres estiveram presentes de outras formas: em um jornal de 1925, foi encontrada a

<sup>175</sup> DR. H PINTO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 3, 1923, p. 3.

<sup>176</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

<sup>177</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2019, 1924, p. 1.

<sup>178</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2019, 1924, p. 1.

<sup>179</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1344, 1917, p. 2; FESTIVAL ARTISTICO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1514, 1919, p. 1; PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2117, 1925, p. 1.

<sup>180</sup> TOPICOS DA SEMANA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2363, 1928, p. 1.

<sup>181</sup> CINE-THEATRO APOLLO. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 91.

<sup>182</sup> Para maiores detalhes da participação de pessoas negras nos cinemas no início do século XX, consultar: Bouillet (2020).

referência de que principalmente os garotos ficavam nas portas dos cinemas “[...] incomodando os que se vão divertir, com pedidos de nickeis, entradas, etc., afóra a algazarra infernal que alli fazem”<sup>183</sup>. Ou seja, se existiam pedidos de entradas de bilhetes era porque essas crianças não tinham recursos financeiros para a compra de ingressos.

Portas dos cinemas afora, o público infantil esteve nas projeções diurnas e noturnas, em sessões dedicadas a ele e nos festivais promovidos por instituições de ensino da região. A respeito das atividades do dia, as *matinéés* foram programações comuns aos domingos em inúmeras casas e contaram com a participação de crianças e adultos. Já a *matinée blanche* era realizada às quintas-feiras no *Cine Apollo*: tratava-se de um programa direcionado especialmente às crianças do sexo masculino<sup>184</sup>. Além dos filmes, em ambas as programações aconteciam sorteios de brindes.

Mesmo que nessas sessões existissem filmes de desenhos animados<sup>185</sup>, os que prevaleceram foram os de conteúdo adulto, com temáticas de aventura<sup>186</sup>, comédia e esportivos<sup>187</sup>, visto que, no início do século XX, não havia produção específica para o público infantil (FONSECA, 2002). Isso ocorria não apenas para agradar o público adulto, já que, a partir da década de 1920, os enredos que destacavam os atores americanos Tom Mix, William Farnum, Dustin Farnum, Charles Buck Jones, Jackie Cog também estavam na preferência das crianças, que ovacionavam e aclamavam muito a exibição dessas fitas<sup>188</sup>. Os filmes do vaqueiro Tom Mix, por exemplo, foram preferência em outras regiões do país, como em Salvador. De acordo com Fonseca (2002), na capital da Bahia, as películas incentivaram a instauração de novos modelos de masculinidade, que envolviam a indumentária e os estereótipos de paternidade, do esposo ideal e do amante ardente, assim como as práticas corporais consideradas adequadas para os homens. Tal padrão também é reconhecido na interpretação de outros atores, como Charles Buck Jones, que aderiu a personagens que, além de serem bons atiradores, se destacavam no hipismo<sup>189</sup>.

No que se refere às práticas corporais direcionadas aos homens por meio das projeções fílmicas, a exemplo do boxe, o estudo de Melo e Vaz (2006) analisa que esse esporte esteve muito presente nos enredos dos filmes no início do século XX. Assim como Fonseca (2002), aqueles autores entendem que esse tema nas projeções cooperou para a popularização de

<sup>183</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2111, 1925, p. 1.

<sup>184</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 2.

<sup>185</sup> CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2278, 1927, p. 3.

<sup>186</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1783, 1922, p. 1.

<sup>187</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1758, 1922, p. 2.

<sup>188</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1.

<sup>189</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

modelos de masculinidade, com conseqüente ação pedagógica sobre o público. Essas descrições sugerem que as crianças que compareciam nos cinemas, nas entradas e nas *matinéas*, eram especialmente do sexo masculino, e que o interesse moralizador do cinema também perpassou a constituição de masculinidade não só para os meninos, mas também para os homens. Na notícia da *soirée* do *S. José* (gestão de *Lopes & Oliveira*) do dia 12 de março de 1922, consta a descrição da interpretação de um personagem de Tom Mix, o qual é destacado pela sua força física: “no ‘S. José’, ‘soirée’ às 7, 30: Tom Mix em ‘Vaqueiro Luctador’, em 5 actos, nos quaes elle mostra a força do seu pulso seguindo porém os seus instinctos generosos”<sup>190</sup>.

Ainda sobre as crianças, a presença delas nas sessões noturnas era indesejada: circularam pedidos na imprensa para que elas não estivessem nas *soirées*<sup>191</sup>. Inclusive, tais pedidos solicitavam aos próprios cinemas ou à polícia que se encarregassem dessa interdição<sup>192</sup> e de outro hábito dos petizes: ficar nas entradas impedindo o acesso dos frequentadores das sessões<sup>193</sup> e atrapalhando a prática do *footing*<sup>194</sup>.

A existência de crianças nos cinemas gerou debates acalorados em outras regiões de Minas Gerais e do Brasil, à vista de diferentes opiniões. Por exemplo, no município de Juiz de Fora, mesmo que o cinema atraísse grande público e fosse um divertimento aconselhado pela imprensa (ROCHA, 2008), existiram recomendações de religiosos contra essa diversão, em específico quanto à participação infantil, considerando-se que o conteúdo dos filmes coagia os infantes e os incentivava aos maus hábitos (ALMEIDA, 2006). Ainda em Juiz de Fora, a partir de um fato envolvendo dois meninos, pode-se vislumbrar a opinião da Igreja acerca dessa diversão: em 1927, duas crianças brincavam de boxe, imitando Tom Mix e Buck Jones. Em dado momento do conflito, “Buck Jones”, após sofrer um golpe de “Tom Mix”, revidou com uma navalhada. A partir disso, a Igreja concluiu que o cinema era “considerado uma má escola em que estão expostos todos os tipos de violência e perversão dos costumes” (ALMEIDA, 2006, p. 97).

Em outra perspectiva, em Salvador, tinha-se a percepção de que a presença da pequenada das camadas populares nos cinemas era algo benéfico, pois impedia que as crianças permanecessem nas ruas e demais espaços públicos, e estivessem em programas privados e familiares como o cinema (FONSECA, 2002). Similarmente a Salvador, em

<sup>190</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1777, 1922, p. 2.

<sup>191</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

<sup>192</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

<sup>193</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1991, 1924, p. 1.

<sup>194</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

Barbacena esse divertimento foi considerado apropriado para tal fase da vida, especialmente pela crença na “efficiencia da acção moral do cinema”<sup>195</sup>. De acordo com uma notícia publicada na cidade,

Quem ainda tiver as suas duvidas, sobre a evidencia efficassissima do cinema, como agente de vibração moral, observe o effeito que elle produz na alma infantil. Si as emoções mais lindissimas e sinceras, si as impressões psychicas mais plasmadoras e benéficas são as que reflectem na limpidez simples, no frescor das almas ternas, e puras, não sabemos de outra vibração mais poderosa e forte do que esta, causada pela influencia magnifica do cinema<sup>196</sup>.

Já em nível nacional, José Cândido de Albuquerque Mello Mattos, primeiro juiz de menores do Brasil e da América Latina<sup>197</sup>, por meio do Decreto n. 17.943-A, de 12 de outubro de 1927, em seu artigo 128, apresentava que era necessária a vigilância de jovens com idade inferior a 14 anos, para que eles não entrassem nos cinemas desacompanhados dos responsáveis, a não ser nas *matinéas* com filmes instrutivos e recreativos, em que estavam autorizados a permanecerem sem acompanhantes. Essa normativa também estabeleceu regras para o trabalho infantil nos cinemas embasadas em leis então vigentes. Portanto, deveriam existir a autorização escrita dos pais e a licença de autoridades para o emprego de menores de 14 anos. Por fim, aquele decreto propôs os valores das multas para as pessoas que admitissem a participação de crianças fora das prescrições expostas, o que incluía dos empresários aos vendedores de bilhetes, podendo variar de 50\$ a 200\$ por menor; nas reincidências, o valor seria dobrado<sup>198</sup>.

Mesmo com a divulgação de tal decreto e de seu artigo 129, esclarecendo que “os mesmos preceitos aplicam-se ao acesso dos espectaculos em qualquer outra casa de diversões publicas, ressalvados os dispositivos especiaes”<sup>199</sup>, em 1928, foi publicada pelo Supremo Tribunal Federal a permissão para que menores de idade frequentassem legalmente as casas de diversões em Belo Horizonte, contrariando as ações estabelecidas no ano anterior<sup>200</sup>. A divulgação dessa informação na imprensa de Barbacena pode sugerir a intenção de que tal concessão se fizesse autorizada também na localidade. A nota diz o seguinte:

Em sessão do Supremo Tribunal Federal foi concluído o julgamento do recurso interposto pelo Procurador Geral do Districto Federal da decisão do Conselho da

<sup>195</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1.

<sup>196</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1.

<sup>197</sup> Informações disponíveis em: <[http://www.udemo.org.br/destaque\\_63.htm](http://www.udemo.org.br/destaque_63.htm)>. Acesso em: 1º jan. 2021.

<sup>198</sup> BRASIL, 1927.

<sup>199</sup> BRASIL, 1927.

<sup>200</sup> Informações disponíveis em: <[http://www.udemo.org.br/destaque\\_63.htm](http://www.udemo.org.br/destaque_63.htm)>. Acesso em: 1º jan. 2021.

Suprema Côrte de Apelação, concedendo habeas-corpus irrestricto a todos os menores para livremente frequentarem as casas de diversões.

Depois de falarem longamente varios ministros, o Supremo Tribunal pelos votos dos Srs.: Firmino Whitacker, Cardoso Ribeiro, Soriano Filho, Arthur Ribeiro, Hermenegildo de Barros, Muniz Barretto, Bento de Faria e Leoni Ramos decidiu que não fosse aceita a preliminar de não se admittir recursos. Foram votos vencidos os Srs.: Edmundo Lins, Pedro Santos, Geminiano da França e Heitor de Souza.

Com a decisão do Supremo Tribunal, não aceitando o recurso contra o habeas-corpus aos menores para frequentarem casas de diversões, ficaram sem effeito as medidas ultimamente postas em vigor pela Policia, a pedido do Juiz de Menores, Dr. Mello Mattos<sup>201</sup>.

Finalmente, sobre a legalidade da participação infantil nos cinemas e nas demais casas de diversões de Belo Horizonte, foi publicada no *Cidade de Barbacena*, em 16 de junho de 1928, a anulação do *habeas corpus* que autorizava menores a “terem livre ingresso em todos os espectaculos de theatros e cinemas, de dia ou de noite, acompanhados ou não de seus responsaveis legaes”<sup>202</sup>. Ainda não foi encontrado se a promoção de *matinéés* para as crianças de Barbacena sofreu alterações após a divulgação dessa nota. No presente momento, consta que, em 1931, as *matinéés* ainda eram parte das programações cinematográficas locais<sup>203</sup>. Resta saber se eram destinadas também às crianças, se outros decretos foram publicados etc.

Acerca das outras atividades dos cinemas que contaram com a participação das crianças ou foram dedicadas a esse público, sabe-se dos eventos cívicos, festivais escolares, festas e sessões fílmicas beneficentes com renda destinada às causas da infância. No tocante aos festivais, festas e sessões fílmicas beneficentes, essas programações concederam a renda da bilheteria especialmente para instituições de caridade e educacionais da região, sendo que o *Grupo Escolar Bias Fortes* é destacado como o educandário que mais se beneficiou com eventos do tipo<sup>204</sup>. A organização desses eventos demonstra que os cinemas encontraram distintas formas de fomentar a instrução infantil, seja por meio de programações fílmicas ou no apoio a causas como a exemplificada, o que corrobora a descrição do cinema como “escola de moral”<sup>205</sup> para as crianças, não só pelo conteúdo fílmico, mas também por outros eventos propostos em prol da instrução delas.

Outra parcela de público presente nas sessões fílmicas foi a de mulheres. No tocante à participação delas nos cinemas no início do século XX, de acordo com a pesquisa de

<sup>201</sup> OS MENORES NAS CASAS DE DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2391, 1928, p. 1.

<sup>202</sup> A ENTRADA DE MENORES NAS CASAS DE DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2404, 1928, p. 1.

<sup>203</sup> APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2646, 1931, p. 2.

<sup>204</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1114, 1915, p. 1; A FESTA DA BANDEIRA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1373, 1917, p. 1; S. JOSE. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2089, 1925, p. 2; NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

<sup>205</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1-2.

Schwarzman (2005, p. 162) sobre o cinema em São Paulo na década de 1920, houve “uma maior feminilização do espetáculo, ou seja, tanto o filme como o espaço cinematográfico dão mais ênfase a preocupações femininas”. Corroborando essa afirmação, em outras regiões do país, como em Salvador, a presença das senhoras e senhorinhas frequentadoras foi crescente desde a chegada do cinematógrafo na região, em 4 de dezembro de 1897. Tal crescimento foi fomentado por diferenciadas programações oferecidas a este público, brindes, enredo das tramas, entre outras possibilidades, como o incentivo à participação na paquera (FONSECA, 2002).

Em Barbacena, similarmente às considerações sobre São Paulo (SCHVARZMAN, 2005), percebeu-se que tanto a temática dos filmes quanto o espaço cinematográfico destacaram as mulheres de diferentes formas que proporcionaram distintos modos de participação nos cinemas. Em específico, no que diz respeito à presença como assistentes das sessões fílmicas, elas estiveram em projeções comuns; em programações dedicadas a elas; em exhibições nas quais eram possibilitados descontos nos bilhetes ou ainda facultada a entrada gratuita. Essas três últimas formas, em sua maioria, eram nomeadas de sessões chiques (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2020a).

A existência de projeções que favoreciam a presença das cidadinas não significou a restrição aos demais públicos, pelo contrário, pois os investimentos nas propagandas dessas programações conduzem à interpretação de que elas poderiam ser as de maior rentabilidade para algumas casas cinematográficas da cidade. Nesse mesmo sentido, a existência de sessões dedicadas às mulheres não representou a impossibilidade de elas frequentarem outros tipos de sessões fílmicas, diferentemente de algumas que aconteceram nas cidades de São Paulo, onde se aconselhava que as mulheres só poderiam entrar acompanhadas, e Rio de Janeiro, em que existiu a proibição de entrada para elas em certas programações (SOUZA, 2018).

A organização de programações como as sessões chiques não foi exclusividade de Barbacena, uma vez que em outras regiões, como Florianópolis (VIEIRA, 2010) e Salvador (FONSECA, 2002), também eram promovidas e pareceram ter tido intenções similares às de Barbacena. As sessões incluem o favorecimento às práticas de encontro e paquera, como o *footing*, e a projeção de filmes de caráter moralizador para esse público, envolvendo os modos de comportamento desejados para a mãe e a esposa, assim como a apresentação dos novos perfis femininos que as atrizes de cinema da época fomentaram, tais como a melindrosa e a *vamp* (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2020a).

Melindrosa é um adjetivo utilizado para as protagonistas do cinema silencioso que propagavam o estereótipo da mulher moderna, aquela que aderiu a novos cortes de cabelo,

maquiagem, indumentárias e hábitos contrastantes com a mulher realizada especialmente no espaço doméstico (PINHEIRO, 2015; VAQUINHAS, 2016). Essas novas mulheres estavam nos eventos sociais públicos, nos cafés, nas práticas esportivas, mantinham vícios em público e transitavam em espaços e posições até então considerados masculinos. Por isso, também poderiam ser chamadas de Evas, em menção “[...] à mãe da humanidade que provou do pecado, e como sinônimo de melindrosa sugere o renascimento da mulher que, dessa vez, comportava-se de modo dissociado ou a fim ao comportamento de homens [...]” (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2020a, p. 13).

Por sua vez, a *vamp*, termo relativo à redução da palavra *vampire*, estava relacionada à sensualidade fatal associada a dois sentidos: a sedução muito envolvente, usando de beleza excêntrica, mistério e escolhas sexuais que anteriormente eram desejadas que somente os homens tivessem em relação à conquista; a fatalidade propriamente dita, ou seja, por meio da sedução intencionavam-se assassinatos de homens. Enfim, era a mulher predadora, tipo representado, sobretudo, pela atriz Theda Bara (LEANDRO; CARVALHO FILHO; BELMINO, 2014). Abaixo, segue a publicidade do filme *The Tiger Woman* (1917), anunciado no *Cine S. José* (direção de *Lopes & Oliveira*), como *Coração de Tigre*<sup>206</sup>, em que se pode notar, na primeira fotografia, o olhar marcado por sombra e sensualidade da personagem interpretada pela atriz:

Figura 10: Theda Bara em *The Tiger Woman* (1917)



Fonte: <[https://www.imdb.com/title/tt0008677/?ref=tt\\_mv\\_close](https://www.imdb.com/title/tt0008677/?ref=tt_mv_close)>. Acesso em: 5 jul. 2021.

<sup>206</sup> A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1350, 1917, p. 1.

Quanto aos demais modos de participação das mulheres nos cinemas de Barbacena, alguns foram comuns, como o papel de organizadoras de eventos sociais. Na agenda social cidadina, alguns eventos organizados por elas foram festas beneficentes e festivais didáticos (SILVA, 2021). Algumas também participaram como integrantes de apresentações artísticas de teatro amador, música, literatura e praticantes do *footing* (SILVA, 2018). Já outros comparecimentos se deram em minoria, entre os quais: homenagens, gestão, atendimento ao público, direção de orquestra que se apresentava durante as sessões fílmicas e o envolvimento com a produção de documentário. Tais participações serão apresentadas posteriormente de acordo com a empresa onde ocorreu.

A respeito das marcas projetadas, constam tramas de procedência estrangeira (Alemanha, Dinamarca, Estados Unidos da América, França e Itália), nacional e local. Os nomes de algumas dessas empresas foram identificados. Mencionam-se as americanas *Universal Studios* (em atividade desde 1912), *Paramount Pictures Corporation* ou *D' Luxo* (em atividade desde 1912)<sup>207</sup>, *Fox Film Corporation* (1914-1935), *Metro Pictures Corporation* (1915-1924), *Goldwyn Pictures Corporation* (1916-1924), *First National Pictures* (1917-1928), *Realart Picture Corporation* (1918-1922), *United* (em atividade desde 1919) e *Metro Goldwyn Mayer (MGM)* (em atividade desde 1924); da França, *Gaumont* (em atividade desde 1895), *Pathé Frères* (em atividade desde 1896) e *Société Française des Films Éclair* (fundada em 1907, hoje faz parte do *Éclair Group*); da Dinamarca, *Nordisk Film* (em atividade desde 1906); da Alemanha, constam filmes dirigidos por Rudolf Meinert<sup>208</sup> e das marcas *Berlim-Film* (tempo de funcionamento não identificado) e *Ellen Richter Film* (1915-1933); da Itália, *Società Anonima Ambrosio* (1906-1924), *Milano Films* (1908-final da década de 1920) e *Caesar Film* (1913-1925). Sobre duas marcas – *Brady-film* e *Cines* – não constam informações da procedência e ano de funcionamento.

Algumas dessas indústrias cinematográficas tiveram destaque no plano mundial nas décadas iniciais do século XX, em países como França, Alemanha, Itália, Suécia, Dinamarca, Grã-Bretanha e Estados Unidos da América (BICALHO, 1992; BERNARDET, 1996; MORETTIN, 2015). Contudo, a indústria cinematográfica francesa era a principal responsável pela distribuição de filmes no Brasil, até que, no período de um ano após o início da Primeira Guerra Mundial, as empresas estadunidenses começaram a ter destaque no

<sup>207</sup> A filial brasileira da *Paramount* se instituiu no Brasil, em 1916, com o nome *Companhia Películas D'Luxo da América do Sul* e somente em 1928 adotou formalmente o nome *Paramount* (FREIRE, 2018). Em Barbacena, consta a apresentação da empresa como *Paramount* em 1922 na fita *Adoração de mãe*, exibida no *Central* e no *S. José*, gestão de *Lopes & Oliveira* (DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1770, 1922, p. 2.).

<sup>208</sup> Cita-se o filme *O cão dos Baskervilles* (1914), projetado no *Cinema Moderno* em 1915 (DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1096, 1915, p. 1).

mercado de produção, venda e distribuição de filmes. Assim, elas se inseriram no mercado de cinemas do país a partir de 1915, com a instalação de uma filial da *Universal*, e em 1916, da *Fox* e da *Paramount* (BUTCHER, 2015; FREIRE, 2018).

De acordo com as informações fornecidas por Johnson (1987), coletadas do *Department of Commerce, Bureau of Foreign and Domestic Commerce, Motion Pictures in Argentina and Brazil*, de 1929, algumas empresas disputaram o fornecimento de filmes em toneladas, para países latinos, como o Brasil e a Argentina, entre 1913 e 1927. Em específico ao Brasil, menciona-se que ocupavam o primeiro, segundo e terceiro lugares no fornecimento, os seguintes países, nesta ordem – em 1913: França, Itália e Estados Unidos da América; em 1915: Itália, Estados Unidos da América e França; em 1920: Estados Unidos, Itália e Alemanha; de 1924 a 1927: Estados Unidos, França e Alemanha. Acrescenta-se a isso que, junto aos lugares mencionados, esteve o Reino Unido; contudo, as fitas dessa região não alcançaram posições entre o primeiro e o terceiro lugares no fornecimento, a não ser entre 1924 e 1927, em que a sua distribuição sobressaiu à de marcas italianas, que, em suma, não chegaram ao Brasil nesses anos. Esses dados se afirmam na consideração de Souza (2018, p. 179), para quem “O Brasil se tornou, a partir de meados da década de 1920, um dos principais mercados importadores de fitas norte-americanas e toda a estrutura de exploração comercial de filmes foi disciplinada pelas agências importadoras e distribuidoras (...)”.

No que concerne à frequência dessas marcas nas projeções de Barbacena, os títulos estadunidenses de diferentes indústrias foram adquiridos pela maioria dos cinemas, sendo-lhes atribuída a responsabilidade de “atrair uma maior concorrência”<sup>209</sup>. Acrescenta-se a isso o diálogo direto entre a imprensa de Barbacena com o gerente da *Universal*, por exemplo, em que, a partir de então, era possível anunciar as fitas que chegariam aos programas do município e demais detalhes, como os valores cobrados nas exhibições do Rio de Janeiro<sup>210</sup>. Entretanto, durante o período estudado, percebeu-se que fitas estrangeiras de outras procedências também fizeram parte de programações nos anos seguintes a 1915, apresentadas, por exemplo, como magníficas, interessantes, de muito reclame. Do mesmo modo, existia a expectativa de se alcançar grande público assistente com esses filmes; como exemplo, a trama francesa de título *Prothéa* (1913), exibida no *Avenida* em 1916, foi mencionada do seguinte modo: “[...] trabalho admiravel, a que o nosso publico não se cança de applaudir, desde que

<sup>209</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1878, 1923, p. 2.

<sup>210</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1861, 1923, p. 2.

compreende o valor da notável artista cuja astúcia e perspicácia são para causar a maior admiração às platéas que assistem a tão interessante fita”<sup>211</sup>.

Já o título alemão *Maria Tudor*, da *Ellen Richter Film*, foi citado como um filme de grande reclame e também o motivo para o *S. José* (direção do Sr. Luiz Queiroz Serpa) aumentar o valor dos ingressos em uma sessão de 1923, pois, de acordo com a fonte, era “film de elevado custo e de muito reclame, motivo por que o *S. José* vae projectal-o a 1\$500”<sup>212</sup>.

Outros exemplos semelhantes são os filmes de procedência italiana e francesa projetados no *Cine Apollo* em 1923 e 1924. Em 16 de agosto de 1923, o *magnifico film* italiano de título *Raio de Sol* (*Raggio di sole*, 1912), da *Società Anonima Ambrosio*, foi exibido<sup>213</sup>; em 30 de setembro, “o mais sumptuoso film da cinematographia franceza – ATLANTIDA do Programma Serrador [...]”<sup>214</sup>, passou em *soirée*. Já em 1924, em um *Programma Extra Especial*: “A MULHER NU’A [*A donna nuda*, 1918], por Francesca Bertini – a grande tragica italiana. O film é uma obra de valor, tirado do celebre romance de H. Bataille”<sup>215</sup>. Acerca desse último, o fato de compor um programa citado como *extra especial* significa que um filme italiano da marca *Caesar Film* fez parte de um evento destacado como especial. Isso é corroborado pela adesão da interpretação de Francesca Bertini em outras regiões do país, em que, por exemplo, no Rio de Janeiro, em 1915, a atriz foi destacada como a preferida pelos leitores do jornal *Correio da Manhã*, por meio de uma enquete (FREIRE, 2018). Sendo assim, constata-se que existiu a adesão a filmes italianos em diferentes lugares do Brasil. Especialmente em Barbacena, isso aconteceu durante a década de 1920, anos posteriores à chegada das representantes cinematográficas estadunidenses no país.

A presença de filmes estadunidenses e de outras procedências não brasileiras nos cinemas de Barbacena conduz a algumas reflexões. A primeira é a de que inúmeras vezes os filmes norte-americanos projetados no Rio de Janeiro compuseram as programações de Barbacena. Isso era apresentado como sinônimo de investimento para as casas locais, visto que o Rio de Janeiro era entendido, no tocante ao cinema, como um importante modelo para Barbacena, sendo também o lugar de compras de aparelhos exibidores<sup>216</sup>. Segundo, ainda que

<sup>211</sup> CIDADÉ DE BARBACENA, Barbacena, n. 1229, 1916, p. 1.

<sup>212</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1932, 1923, p. 2.

<sup>213</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1919, 1923, p. 2.

<sup>214</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1932, 1923, p. 2.

<sup>215</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1956, 1924, p. 2.

<sup>216</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1226, 1916, p. 1; A FESTA DA LIGA FEMININA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1348, 1917, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1533, 1919, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1764, 1922, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1861, 1923, p. 2; CINE S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1913, 1923, p. 1; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1932, 1923, p. 2; O CINE-LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2301, 1927, p. 1.

os filmes estadunidenses estivessem muito presentes nas projeções cariocas, e Barbacena parecesse almejar tais aquisições a fim de se parer com a capital do país, isso não significa que se dava em um tempo próximo. A partir do exemplo de Francesca Bertini, que era a atriz de cinema preferida no Rio em 1915 e em Barbacena, os filmes que Bertini gravou na década de 1910 ainda eram projetados na década de 1920. Isso pode sugerir que a aquisição das fitas norte-americanas pudesse se dar em tempo posterior ao do Rio, o que, por conseguinte, incentivou a exibição de fitas de outras nacionalidades que não a norte-americana.

Soma-se a isso o fato de que a imprensa local apresentou, em 1928, a aquisição dos filmes estadunidenses contestada por governos de diferentes países, como França, Inglaterra, Itália e Alemanha. Acreditava-se que os conteúdos dos filmes perturbavam as características do pensamento nacional de outros países e interferiam na mentalidade da assistência<sup>217</sup>, o que demonstra que outras nações já tensionavam a presença de fitas norte-americanas em seus cinemas. Desse modo, entende-se que, mesmo as indústrias estadunidenses alcançando as programações de cinema de Barbacena, tal presença em destaque no mercado cinematográfico pode não ter se dado de modo hegemônico ou sem tensões.

Como última consideração sobre as empresas fornecedoras, sabe-se que alguns cinemas de Barbacena adquiriram filmes do *Programa Serrador*, que, gerido por Francisco Serrador<sup>218</sup>, importava com exclusividade um conjunto de filmes para distribuição no Brasil (FREIRE, 2020), assim como fitas nacionais (FREIRE, 2018; SOUZA, 2018). O *Programa Serrador* foi apresentado na imprensa local como o melhor, mais luxuoso, mais caro e distinto do país, e “no seu *ecran* projectar-se-ão as ultimas produções dos idolos Bertini, Menichelli, etc., bem como os films ‘super’ e extra especial da Fox, Pathé, First, Golduim, Argentina Film, etc., etc.”<sup>219</sup>. Tais investimentos significam que os cinemas de Barbacena se preocuparam em dotar as sessões de conteúdo considerado o melhor, além da existência de

<sup>217</sup> A INFLUENCIA DO CINEMA NO CARACTER DOS POVOS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2377, 1928, p. 1.

<sup>218</sup> Francisco Serrador Carbonel (1872-1941), natural de Valência, na Espanha, chegou ao Brasil em 1887, onde desembarcou na cidade de Santos e posteriormente mudou-se para Curitiba. Junto a Antônio Gadotti, começou a desenvolver atividades comerciais relacionadas ao entretenimento, as quais incluíam projeção fílmica. Em 1907, Serrador e Gadotti se mudaram para São Paulo; em 1911, inauguraram a sociedade anônima *Companhia Cinematográfica Brasileira* (CCB), responsável pela distribuição de filmes em diferentes lugares do país com a instalação de filiais e representantes. Uma das filiais estava localizada no Rio de Janeiro sob a direção de Luciano Ferrez e Julio Ferrez, membros da *Marc Ferrez & Filhos* que, de 1912 a 1915, prestou serviço à CCB. Após o rompimento da CCB com a família Ferrez, Francisco Serrador assumiu os serviços no Rio de Janeiro em 1915. Em 1917, a filial carioca se desmembrou da CCB e se tornou a *Companhia Brasil Cinematográfica* (CBC), que esteve sob a responsabilidade de Serrador até meados de 1930. A companhia desenvolvia trabalho de exibição e distribuição de filmes por meio do denominado *Programa Serrador*, que incluía filmes estrangeiros e também nacionais, assim como geriu salas de cinema no Rio de Janeiro (Cinelândia) e em São Paulo (MORAES, 2011; FREIRE, 2018; FREIRE, 2020; SOUZA, 2018).

<sup>219</sup> IMPORTANTE. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 1, 1923, p. 3.

condições financeiras para isso, uma vez que o *Programa Serrador* foi considerado o mais caro do país – o que certamente foi possibilitado por haver público pagante na cidade. Em específico aos filmes distribuídos, Serrador ofereceu marcas de diferentes nacionalidades, como se pode perceber acima, no que concerne à sessão do *Apollo* de 1923, em que consta um filme francês que fazia parte do *Programa Serrador*. A distribuição de películas de outras marcas, como a *Pathé* (França), *Argentina Film* (Argentina) e *Fox* (EUA), corrobora a análise de que os cinemas não projetaram estritamente filmes estadunidenses, ainda que, a partir de 1915 (segundo a bibliografia especializada), as marcas dessa última nacionalidade tenham se sobressaído na distribuição no Brasil. Descrições que são confirmadas pelo estudo de Gomes (2017) ao apresentar que na década de 1920, em Araxá (MG), no *Cine Trianon*, o programa exibido era o de Francisco Serrador, que contava, por exemplo, com filmes americanos, alemães e italianos. Tal informação também sugere a circulação do *Programa Serrador* em outras cidades de Minas Gerais, podendo apontar, a partir de futuras pesquisas, por exemplo, a similaridade entre as programações de casas exibidoras em diferentes regiões do Estado.

As indústrias brasileiras identificadas foram a carioca *Botelho Film*<sup>220</sup>, Ministério da Agricultura e as conterrâneas *Benedetti*, *Benedetti & Boratto*, *Ópera Film*, *Benedetti & Russo* e *Sociedade Cinematográfica Artística Barbacenense (SCAB-Film)*. Acrescenta-se a isso que o filme natural *Fábrica de Laticínios Borboleta*, produzido sobre a fábrica homônima da cidade de Palmira, Minas Gerais, foi projetado no *Cinema Iris* em agosto de 1911. Contudo, não foi identificada a empresa responsável pela filmagem (GALDINO, 1983).

Em relação às temáticas destacadas nas tramas das empresas identificadas, de um modo geral foram as seguintes: relacionamento amoroso heterossexual, comportamento feminino e masculino, religiosidade católica, comédia, dramas policiais, romances, esporte, cinejornais, filmes naturais e projeção de lugares e atividades locais por meio de documentários produzidos na cidade. Dentre esses enredos, o drama policial, o romance e a comédia foram os que alcançaram maior preferência do público. Soma-se a isso que algumas das fitas eram seriados que tinham a exibição dividida em diferentes dias. Isso leva ao entendimento de que, além de um filme ser parte da programação de mais de um dia, poderiam existir frequentadores que compareciam de modo assíduo para acompanhar as tramas em séries. Essa última análise corrobora o estudo de Freire (2018) sobre o cinema no

---

<sup>220</sup> Com sede no Rio de Janeiro, era constituída pelos irmãos Paulino Botelho (1881-1948) e Alberto Botelho (1885-1973), que trabalhavam com fotografia, produção de cinejornais e documentários naturais entre 1921 e 1924. Paulino Botelho se desligou da empresa em 1924, quando ela passou a ser gerida por Alberto Botelho e José Alves Netto, no acordo *A. Botelho-Filme*, e, posteriormente, *Botelho & Netto* (FREIRE, 2018). A empresa *Botelho Film* produziu dois documentários em Minas Gerais: a fita natural *Estação Hidro-Mineral de Cambuquira* (1913), em Cambuquira, e *Vistas de Barbacena* (1923), em Barbacena (GALDINO, 1983).

Rio de Janeiro entre 1914 e 1929, o qual relata que a apresentação de algumas fitas de modo seriado promoveu o interesse e a fidelização do público carioca na frequência das salas.

No que se refere às empresas que filmaram documentários na região, consistem das marcas locais, da *Botelho Film*, do Cônsul Japonês e do Ministério da Agricultura, as quais, ao total, produziram dezessete títulos: *Inauguração da Herma de Correia de Almeida* (Benedetti, 1911), *As lavadeiras* (Benedetti, 1912), *Documentários* (Benedetti, 1912), *Raid da Infantaria de Tiro 81* (Benedetti & Boratto, 1912), *Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia* (Benedetti & Boratto, 1912), *Canção popular* (Ópera Film, 1912), *O Guarani* (Ópera Film, 1912), *Uma transformista original* (Ópera Film, 1915), *As cavalhadas* (Benedetti & Russo, 1915), *Uma visita ao Colégio Militar de Barbacena* (autoria não identificada, 1916), *A cidade de Barbacena* (autoria não identificada, 1923), *Sericicultura/O bicho da seda* (Cônsul Japonês, 1923), *Vistas de Barbacena* (Botelho Film, 1923), *Varios aspectos de Barbacena* (SCAB-Film, 1924), *Aprendizado Agrícola* (autoria não identificada, 1927), *Barbacena em revista* (SCAB-Film, 1927), *A sericicultura no Brasil* (Ministério da Agricultura, 1933).

A produção de Vistas, documentários, filmes de ficção, cantados e cinejornais foi algo comum em diferentes cidades do Brasil no início do século XX, patrocinada por pessoas e grupos autônomos, por empresas de grande porte e também por encomendas (JOHNSON, 1987; RAMOS; SCHVARZMAN, 2018). Na existência de exibidores que também eram produtores, havia os que somente produziam e, de acordo com Souza (2018, p. 179), esses últimos tinham que contar com a “(...) ocasional boa vontade dos donos de salas, que encaravam a exibição de longas-metragens de ficção como um favor ou gentileza para com os produtores nacionais (...)”. O autor ainda considera a existência do olhar marginal que a sociedade brasileira conferia a tais produções (SOUZA, 2018), refletindo-se nos números produzidos no país em relação às toneladas de filmes importados.

A respeito da relação entre os filmes produzidos no Brasil e os filmes importados, é importante considerar dois aspectos: que nossa produção é considerada marginal e que ela pode ter sido um pouco mais numerosa, pois é possível a existência de gravações que não foram ou são contabilizadas devido ao fato de muitos filmes não terem sido exibidos e/ou terem desaparecido antes de certos levantamentos. De modo geral, no Brasil, em 1913, foram gravados 66 documentários, 7 filmes de ficção e 7 cinejornais perante a importação de 8,5 toneladas de títulos franceses, 8,2 toneladas italianas e 0,6 estadunidenses; em 1915, somam-se 31 documentários, 7 filmes de ficção e 1 cinejornal em relação à importação de 8,3 toneladas de filmes italianos, 1,7 norte-americanos e 1,4 franceses; a partir de 1920, primeiro

ano em que os Estados Unidos da América assumiram o *status* de maior exportador para o Brasil, o país recebeu 18,5 toneladas em 1920; 20,2 em 1924; 23,0 em 1925; 32,7 em 1926; 33,6 em 1927, ao passo que o Brasil produziu em 1920 cerca de 25 documentários, 12 ficções e 2 cinejornais; em 1924, foram 30 documentários, 23 ficções e 1 cinejornal; em 1925, somam-se 37 documentários, 19 ficções e 3 cinejornais; em 1926, contabilizam-se 28 documentários, 21 ficções e 1 cinejornal, e por fim, em 1927, constam 64 documentários, 12 ficções e 1 cinejornal (JOHNSON, 1987; PARANAGUÁ, 1985).

Ainda que a realização de filmes no Brasil, no início do século XX, não fosse um negócio rentável e fosse pouco valorizado no país, algumas produções foram privilegiadas por circularem em outros cinemas brasileiros. Citam-se filmagens de São Paulo e Campinas em que, por exemplo, o empresário Francisco Serrador levou para o Rio de Janeiro uma das produções paulistanas de título *Inocência* (1915), ficando em cartaz por três dias no *Cine Avenida*, e o título dirigido por Vittorio Capellaro a partir da obra literária *O Guarani* (1926)<sup>221</sup>, obteve o patrocínio inédito do representante da *Paramount* de São Paulo e foi exibido nas salas de diversos lugares do país (SOUZA, 2018).

Em Minas Gerais, entre 1903 e 1930, foram produzidos 187 títulos em distintas cidades, sem citar todas: Belo Horizonte, Caldas, Cataguases, Curvelo, Divinópolis, Guaranésia, Itaúna, Juiz de Fora, Oliveira, Palmira, Pitangui, Poços de Caldas, Ponte Nova, Pouso Alegre, Santa Bárbara, Santo Antônio do Monte, São João da Boa Vista, Sete Lagoas, Ubá, Uberaba e Barbacena (GALDINO, 1983). Os títulos produzidos em Barbacena tratam-se em sua maioria de Vistas, mas também existiram produções de ficção – como é o caso de *Uma transformista original* (1915) – assim como houve encomendas, a exemplo do título *As cavalhadas* (1915). Diferentemente de lugares como São Paulo e Campinas, onde foram inauguradas escolas de cinema e algumas produções voltavam a ficar em cartaz após a estreia (SOUZA, 2018), em Barbacena nem isto nem aquilo foi identificado. Todavia, similarmente a essas regiões, sociedades compostas por homens se organizaram a fim de produzir cinema. Também, destaca-se que a *SCAB-Film*, gerida por Humberto Caetano, parece ser a única empresa de Barbacena que teve um título exibido em outras cidades de Minas Gerais e do Brasil<sup>222</sup>: *Revolução de São Paulo* (1924). Um documentário produzido em São Paulo sobre o

<sup>221</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1926.

<sup>222</sup> *Uma transformista original* (1915) foi projetado no Rio de Janeiro em 1928. Contudo, foi uma projeção para poucas pessoas e por ação do próprio diretor, Paulo Benedetti. Tal fato será mais bem apresentado posteriormente. Outros títulos, como o produzido pela *Botelho Film*, *Vistas de Barbacena* (1923), podem ter sido programados em outros lugares, por exemplo, no Rio de Janeiro. Contudo, tal informação não foi encontrada.

acontecimento homônimo foi exibido em Barbacena, no *Cine Apollo*, e em cinemas do Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Palmira e Belo Horizonte (GALDINO, 1983).

Uma última consideração a respeito dos documentários produzidos em Barbacena tem a ver com sua temática, em que alguns destacaram práticas e espaços destinados à diversão como mote. Melo e Vaz estudaram oito curtas-metragens produzidos entre 1914 e 1921 por Charles Chaplin, os quais enfocaram o automobilismo, pugilismo, golfe e a patinação em seus roteiros, notabilizando que o encontro do cinema com o esporte pode “prospectar olhares sobre o conjunto de mudanças em curso” (MELO; VAZ, 2016, p. 368) acionando a adesão do imaginário e o ideário de modernidade em relação aos esportes, assim como a sua penetrabilidade em outro fenômeno considerado moderno, o cinema. Nesse mesmo sentido, percebeu-se que, em Barbacena, os documentários *Raid da Infantaria de Tiro 81* (1912), *Vistas de Barbacena* (1923), *Barbacena em revista* (1927) e *Aprendizado Agrícola* (1927), evidenciaram práticas corporais e espaços de diversão de modo destacado ou durante alguns trechos da obra. O primeiro título abordou a disputa pelos atiradores da associação local destinada à instrução do uso de armas em prol da defesa da pátria; o segundo captou diferentes panoramas da arquitetura da cidade, o que incluiu lugares de diversão, como o *Club Barbacenense*; o terceiro filmou diferentes lugares e momentos que incluíram, por exemplo, exercícios militares de alunos do *Aprendizado Agrícola*, evoluções de escoteiros e novamente, o *Club Barbacenense* foi privilegiado; o último título citado ainda destacou o Tiro de Guerra local na última parte da filmagem (GALDINO, 1983). Essas escolhas permitem entender a abrangência do cinema feito na cidade, enquanto meio que registrou as práticas sociais da região e os seus espaços. A fotografia a seguir reproduz a imagem do fotograma de *Barbacena em Revista* (1927), permitindo ver no centro da imagem o *Club Barbacenense*.

Figura 11: *Barbacena em Revista* (1927) - Imagem do fotograma



Fonte: BARBACENA EM REVISTA. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 2º caderno, 1981, p.6.

Em outro sentido, diferente da consideração anterior de Melo e Vaz (2016, p. 368), sobre o esporte e o cinema e o direcionamento dos “olhares sobre o conjunto de mudanças em curso”, o documentário *As cavalhadas* (1915), de Barbacena, destacou uma prática que não tinha relação com as diversões modernas.

As cavalhadas podem ser definidas como uma festa de caráter pré-esportivo, associada às tradições da aristocracia europeia como, por exemplo, disputas entre homens montados em cavalos, realizadas no Brasil desde meados do século XVIII (GOELLNER, 2008; DEL PRIORE, 2009), e identificadas especialmente no calendário festivo da Festa do Divino Espírito Santo, comemorada em 23 de maio. Nas palavras de Galdino (1983, p. 88), as cavalhadas foram assim organizadas:

Desenvolvem uma temática em torno de lutas simuladas de Carlos Magno e seus cavaleiros (os Doze Pares de França), enviados para combater os mouros na Península Ibérica. São representadas durante três dias, depois da procissão do domingo na parte da tarde, em local especificamente destinado ao espetáculo e que termina sempre com a vitória dos cristãos.

Demais detalhes do referido documentário serão melhor apresentados posteriormente. Neste trecho da tese, interessa fazer a seguinte análise: as cavalhadas estiveram presentes em Barbacena desde o século XIX e não foram anunciadas pela imprensa como um evento

recorrente no período estudado, com exceção da edição de 1915, que foi parte integrante de outras programações, a citar: exposição pastoril e provas esportivas de corrida de cavalos, patinação e ciclismo<sup>223</sup>. Entendendo que tal prática, em sua gênese, não era uma diversão moderna, mas sim, uma manifestação associada à tradição, em 1915, poderia se tratar de uma releitura das cavalhadas tradicionais, dado que ocorreu em uma programação em que práticas modernas também foram destacadas (corridas de cavalos, patinação e ciclismo), e ainda, em um momento em que o município receberia pessoas de distintas regiões para a exposição pastoril. Por isso, se a cidade buscava ter visibilidade, por exemplo, com a exposição pastoril, reconfigurar o modo de desempenhar as cavalhadas poderia fazer sentido para se apresentar como moderna perante o imaginário vigente. Tais informações corroboram as seguintes reflexões: o tradicional pode ter sido revisitado pelo moderno, ou o tradicional e o moderno dividiram espaço em Barbacena – neste caso, o *Morro de Santa Thereza*, onde aconteceram as cavalhadas, as provas esportivas e a exposição pastoril.

Nesse mesmo sentido, fazer das cavalhadas o tema de um documentário pode estar relacionado à concepção da população de Barbacena em relação a esse festejo, pelo fato de que “o filme constrói significados e identidades no mundo social, apresentando imaginários, visões de mundo, padrões culturais, comportamentos, hábitos, hierarquias sociais, relações de força e de poder, além de outros aspectos da época em que foi produzido” (AGUIAR, 2021, p. 455). Ou seja, o cinema não permitiu o destaque somente das novas práticas em voga, como, por exemplo, dos esportes, mas também de outras, em que as cavalhadas são apenas uma das manifestações de entretenimento não modernas apropriadas do passado que podem ter sido não só ressignificadas, mas também documentadas em Barbacena e demais regiões do país. Uma experiência do Estado de São Paulo confirma a presença de práticas antigas e associadas ao folclore local na mira das câmeras, pois na cidade de Itapetinga, o produtor Antônio Campos gravou na década de 1920 o título *Itapetinga ou Festa em Itapetinga* (c. 1920), “um registro encantador dos festejos folclóricos na história da cidade, com filmagem da dança de caiapós e sobretudo das diferentes fases da cavalhada” (SOUZA, 2018, p. 194).

Quanto às expectativas acerca do cinema, foram identificadas algumas que envolvem a utilidade desse divertimento, a presença, a arquitetura e a organização das projeções. A respeito do primeiro caso, no decorrer deste capítulo foram apresentadas algumas intenções da imprensa em significar o cinema como útil a diversos fins, por exemplo, para a instrução de

---

<sup>223</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1123, 1915, p. 1; **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1126, 1915, p. 2.

crianças e adultos, a fim de conformar comportamentos. Isso demonstra a utilidade que o cinema teve para essa sociedade, não só como um espaço para o entretenimento do público.

No que diz respeito à presença do cinema, constatou-se que ele era o entretenimento mais presente no cotidiano de Barbacena no aspecto frequência. Ou seja, diferentemente das outras diversões, as sessões fílmicas pareceram ser o que se tinha por mais dias da semana<sup>224</sup>. Em um texto assinado em 1918, o colunista Rogerio de Alcantara menciona que havia pouca sociabilidade no município – ainda que seja a impressão do autor sobre o seu tempo, isso não condiz com os achados a respeito da cidade, pois nesse ano já se contavam jogos de futebol, associações sociorrecreativas, eventos promovidos por Ligas, programações de carnaval, entre outras opções para se divertir<sup>225</sup>. A crítica do colunista parecia estar no fato de que, mesmo diante das outras práticas, o cinema era o entretenimento mais disponível à população. Nas palavras do articulista:

Aqui, não ha remedio senão a gente appellar para o Cinema, aliás uma excellente diversão; porém, além do Cinema, não seria justo que fossemos gosar, aqui ou ahi, da bôa musica, da <<causerie>> de muitos dos nossos cavalheiros, que poderiam improvisar reuniões, quebrando assim a monotonia da cidade?<sup>226</sup>

Mesmo com a existência de tal crítica à supremacia do cinema na agenda de diversões de Barbacena, na falta de outras programações para o entretenimento podia-se contar com ele. Exemplificando, ainda em 1918, foram apresentadas dúvidas se ocorreriam comemorações carnavalescas devido à crise e tristeza ainda existente por conta da Primeira Guerra Mundial<sup>227</sup>, e o cinema foi citado como a única opção disponível, o que esteve a jus de críticas e elogios. A crítica reporta que, caso isso acontecesse, os cidadãos estariam condenados a passar os dias de carnaval no “eterno divertimento”<sup>228</sup>, ou seja, na diversão sempre presente. O elogio supracitado permite inferir que, na falta do carnaval, o cinema era “um excelente passa-tempo”<sup>229</sup>. Contudo, tratou-se de um alarde, uma vez que os festejos de carnaval naquele ano aconteceram em diferentes lugares da cidade, incluindo os desfiles de agremiações pelas ruas, reuniões e batalhas de confetes nas praças e bailes de máscara no

<sup>224</sup> A MUSICA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1852, 1922, p. 1. DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1226, 1916, p. 1.

<sup>225</sup> Para maiores detalhes, conferir: Silva (2020a; 2020b); Silva; Rosa (2019); Silva; Soutto Mayor (2020a; 2020b).

<sup>226</sup> ALCANTARA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1399, 1918, p. 1.

<sup>227</sup> SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1395, 1918, p. 2.

<sup>228</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1390, 1918, p. 2.

<sup>229</sup> CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1393, 1918, p. 1.

*Club Barbacense*, que deram “a nota ‘chic’ das noites da Folia”<sup>230</sup>. Conforme uma passagem do jornal:

E houve Carnaval. E Carnaval alegre e movimentado, como nunca se esperara, diante do pessimismo de alegria que viam na Conflagração Européa e na mil vezes celebre Crise, motivos capazes de impedir que Momo empolgasse o espirito tristonho dos barbacenses, dando-lhes tres dias de uma como que ressurreição da alma e da alegria da vida. Enganaram-se os moralistas exagerados nos seus augurios, pois tivemos tres excellentes dias de Carnaval, para os quaes até mesmo o Tempo – o eterno desmancha prazeres – concorreu, mantendo-se firme e á altura de um principio, como dizem alguns<sup>231</sup>.

No que se refere à arquitetura dos cinemas, de acordo com o *Apollo Jornal*, a infraestrutura pensada para um cineteatro substituiu com vantagem a das que queriam abrigar somente as apresentações teatrais, dado que eram idealizadas com conforto e higiene, diferentemente dos pequenos teatros que se edificaram em tantos lugares<sup>232</sup>. Investindo em espaços do tipo, o povo vivenciaria os costumes das grandes cidades, a exemplo de municípios mineiros que se prezam, como São João Del Rei, Belo Horizonte<sup>233</sup>, Lavras, Juiz de Fora e Diamantina. Esses não poupavam esforços para investir tanto na arte do teatro quanto na arquitetura dos lugares destinados aos espetáculos<sup>234</sup>.

A organização das projeções foi outra expectativa em relação ao cinema, especialmente no que diz respeito à existência de música acompanhando as tramas<sup>235</sup>. A presença de orquestra se deu nas inaugurações, nas salas de espera, em programações corriqueiras e em algumas sessões dedicadas ao público feminino em diferentes casas.

Ainda que existam notícias que elogiam a parte musical das sessões, tantas outras discorrem críticas pelo fato de as trilhas destoarem do conteúdo fílmico projetado<sup>236</sup>, além de que em muitas programações não existiam apresentações de música ao vivo<sup>237</sup>. Os elogios e as reclamações referentes à música regida nas sessões fílmicas se afirmam em publicações direcionadas em separado às casas; em outro sentido, uma queixa divulgada em outubro de

<sup>230</sup> SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1395, 1918, p. 2.

<sup>231</sup> SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1395, 1918, p. 2.

<sup>232</sup> O THEATRO. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 6, 1923, p. 1.

<sup>233</sup> O THEATRO. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 6, 1923, p. 1.

<sup>234</sup> DR. FAUSTO. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 7, 1923, p. 1.

<sup>235</sup> Mesmo que identificada a importância da música nas sessões fílmicas de Barbacena, não será um mérito desta pesquisa aprofundar em questões técnicas, como os estilos musicais tocados nas projeções e o que elas implicam, mas sim demonstrar o quanto as trilhas sonoras foram consideradas importantes para as sessões da cidade. Para referências ao assunto de um modo geral, Monteiro (2020) apresenta uma discussão sobre a presença da linguagem sonora no cinema nos primeiros cinquenta anos do século XX, especialmente sobre a funcionalidade dos estilos empregados e o que tais ritmos implicaram.

<sup>236</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

<sup>237</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

1922 discorre que a falta de música nas projeções era uma questão que envolvia todos os cinemas existentes na cidade – à época, o *Central* e o *S. José* (direção de *Lopes & Oliveira*):

[...] Os Cinemas que funcionam diariamente não têm musica, quando se fazia necessario uma orchestra, que deleitasse os ouvidos dos frequentadores dessas casas de diversão. Mas e os elementos, para isso, que não apparecem?  
Por tudo isso, concluímos: há necessidade de se estimular, entre nós, o cultivo da musica, arte que enleva a todos, que proporciona aos ouvidos educados, deliciosos momentos de prazer<sup>238</sup>.

Após esse panorama, a seguir constam as seções que apresentam separadamente cada cinema que funcionou em Barbacena no recorte temporal estudado. Apresenta-se novamente que algumas análises foram impossibilitadas ou são apresentadas com lacunas devido à quantidade de fontes disponíveis no banco de dados da pesquisa.

### 3.1 *Theatro Cinema Mineiro*

Figura 12: Paulo Benedetti



Fonte: **CINEARTE**, Rio de Janeiro, n. 1, 1926, p. 7.

O *Theatro Cinema Mineiro* foi fundado em 1909 pelo italiano Paolino Michellini Benedetti (1863-1944), conhecido como Paulo Benedetti. Trata-se da primeira casa fixa de projeção cinematográfica de Barbacena que esteve sob a sua direção até meados de 1917, sendo que em 1917 foi arrendada e funcionou até meados de 1919.

Benedetti nasceu na cidade italiana de Lucca, era descendente de uma família em que todos os homens foram médicos até que ele decidiu buscar outros caminhos<sup>239</sup>. Definido pela

<sup>238</sup> A MUSICA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1852, 1922, p. 1.

*Cinearte* como uma pessoa de poucas palavras e com um cérebro inventivo que buscava novas sensações a todo tempo<sup>240</sup>, em 1897, aos 34 anos, mudou-se da Itália para o Rio de Janeiro na intenção de trabalhar com fotografia, sua primeira profissão, mas obteve êxito investindo em um comércio localizado na Praça Tiradentes,

[...] onde pela primeira vez se fez experiência do gaz acetylene. Teve sucesso, sendo chamado a fazer uso desta nova iluminação na Escola Normal, na Estrada de Ferro e em outros edifícios publicos nacionaes<sup>241</sup>.

[...] Em pouco conseguia fazer a iluminação de um extenso trecho da Central do Brasil e daria ainda maior impulso à sua empresa se não fossem as exigências do seu temperamento irrequieto que o levaram a tudo abandonar na ansia de sensações novas com os negocios novos e indiferente às seduções do interesse<sup>242</sup>.

Paulo Benedetti era um exímio inventor dedicado à criação de aparelhos mecânicos<sup>243</sup>, e além da experiência com o *gaz acetylene*, no ano de 1905, ele conseguiu a garantia provisória do *Heliogenio*<sup>244</sup> e a patente de outros inventos, como a *Fechadura Hydraulica*<sup>245</sup>, por exemplo.

Ainda em 1905, ele se mudou para São Paulo, onde inaugurou o *Cinema Japonez*, na rua Líbero Badaró, bairro Centro, dedicado a exibir filmes japoneses<sup>246</sup>. Naquele momento, também recebeu a sua esposa Antonieta Benedetti e seu filho Fulvio, chegados da Itália. Contudo, devido à concorrência que crescia na capital paulista em relação à inauguração de casas exibidoras, ele foi trabalhar com projeções mambembes por alguns anos, até que chegou com a sua família a Barbacena, onde expandiu os seus negócios com exibição e produção cinematográficas<sup>247</sup>. Acrescenta-se a isso que até alguns anos da década de 1910, São Paulo não parecia um ambiente propício para o trabalho cinematográfico. Nesse sentido, outros fotógrafos italianos interessados em cinema chegaram à cidade e se dirigiram para outra região. Gilberto Rossi, por exemplo, chegou a São Paulo em 1911 e foi para o Mato Grosso, pois percebeu que naquela cidade “ninguém sabia o que era um cinegrafista” (SOUZA, 2018, p. 192). No entanto, tal cenário muda nos anos finais da década de 1910, Rossi retorna a São Paulo e é consagrado como o “principal produtor paulista” (SOUZA, 2018, p. 193). Essa

<sup>239</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 83, 1927.

<sup>240</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 171, 1929.

<sup>241</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 83, 1927, p. 10.

<sup>242</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 171, 1929, p. 13.

<sup>243</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 171, 1929.

<sup>244</sup> TELEGRAMMAS. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, n. 4351, 1905, p. 2.

<sup>245</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 83, 1927.

<sup>246</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 171, 1929.

<sup>247</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 171, 1929.

característica também pode ter sido o motivo pelo qual Benedetti procurou outro lugar para se estabelecer, dada sua relação com a fotografia e o cinema.

Não foi identificada a data em que ele chegou à Barbacena e se houve algum motivo para a escolha dessa cidade. Pode ser que seja porque era um lugar onde poderia se instalar por mais tempo para trabalhar ou que na região já existisse um familiar de nome Amaro Benedetti, proprietário de um dos lotes rurais na Colônia Rodrigo Silva (setor Ponte Nova, lote 48), o qual pode tê-lo incentivado a migrar, caso realmente exista aquele parentesco<sup>248</sup>.

Já em Barbacena, o italiano fundou em 27 de janeiro de 1909 o *Theatro Cinema Mineiro* na Rua Quinze de Novembro, estabelecimento que inicialmente esteve somente sob a sua direção, e a partir de 1913 foi gerido pelo acordo comercial *Benedetti & Russo*, firmado junto ao seu compatriota Daniel Russo<sup>249</sup>. A respeito de Daniel, sabe-se que esse foi vice-presidente da *Sociedade Italiana de Beneficencia Vittorio Emanuele II*, entre 1906 e 1913<sup>250</sup> e também geriu um comércio de secos e molhados na cidade em 1910<sup>251</sup>.

O *Mineiro* foi citado como uma “popular casa de diversões” que contava com a presença de grande público em suas programações<sup>252</sup>, sempre às quintas, aos sábados em *soirées* e domingos (neste dia, apresentavam-se programas às 20 horas).

A casa abrigava exibições fílmicas e apresentações artísticas. A respeito das projeções, as marcas presentes eram da *Gaumont*, *Pathé Frères*, *Milano Film*, *Cines* e *Brady-Film*, cujos temas eram: dramas policiais e de espionagem, comédias, Primeira Guerra Mundial e fitas naturais. Foi identificado que algumas das fitas da *Pathé* e da *Gaumont* eram coloridas, como *A infamia do outro* (*Pathé*), projetado em 1915<sup>253</sup>, e *Ilusão de amor* (*Gaumont*), exibido em 1916<sup>254</sup>. Acrescenta-se a isso que a casa também exibiu alguns dos filmes produzidos por Benedetti.

As apresentações artísticas aconteceram sem a presença de filmes e também com projeções, como é o caso da *troupe de variedades* “La Saletti”<sup>255</sup>, que esteve no *Mineiro* em 1915:

CINEMA MINEIRO. – Nesta casa, hoje, vae ser exhibido um famoso drama da “Cines”, em 3 partes, intitulado – *Juramento cruel*.

<sup>248</sup> ATA DA INAUGURAÇÃO DA COLÔNIA RODRIGO SILVA, 1886.

<sup>249</sup> LAEMMERT, 1913.

<sup>250</sup> LAEMMERT, 1906; LAEMMERT, 1913.

<sup>251</sup> LAEMMERT, 1910.

<sup>252</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1117, 1915, p. 2.

<sup>253</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1096, 1915, p. 1.

<sup>254</sup> CINEMA MINEIRO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1199, 1916, p. 1.

<sup>255</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1126, 1915, p. 2.

A segunda parte do espectáculo constará da opereta – *Os sinos de Corneville em casa*, em que tomarão parte os applaudidos artistas La Saletti e Olympio de Mesquita.

O espectáculo começará, hoje, ás 8 horas em ponto<sup>256</sup>.

Ainda, em uma mesma *soirée*, podia-se projetar mais de um filme com distintos enredos que incluíam comédia e drama em uma mesma programação:

#### CINEMA MINEIRO

São as seguintes as fitas que o MINEIRO hoje vae exhibir para satisfação de seus frequentadores:

MAX LINDER TOUREIRO, engraçadíssima fita do applaudido artista comico;

ILLUSÃO DE AMOR, mimoso drama, em 3 partes, film da fabrica Gaumont. Cinematographia colorida.

A DESMASCARADA, drama da espionagem, em 2 longas partes<sup>257</sup>.

Entre 1916 e 1917, as atividades do *Mineiro* foram interrompidas devido à mudança de Paulo Benedetti para São Paulo e posteriormente para o Rio de Janeiro, cidades onde se consagrou como exímio fotógrafo. No Rio de Janeiro, ele também continuou seu trabalho com cinema (COSTA; 2006; GOMES, 2011).

Após a saída de Benedetti de Barbacena, o *Cinema Mineiro* voltou a funcionar em maio de 1917. A reabertura foi celebrada pela imprensa, a qual desejou “votos pela sua prosperidade”<sup>258</sup>. Não consta o nome dos novos gestores, apenas que melhorias foram realizadas na infraestrutura. A nova sala contaria com o trabalho de orquestra regida pelo maestro Jacinto de Almeida, responsável por acompanhar os enredos das tramas adquiridas nas melhores fábricas, e “[...] com um novo aparelho, que os seus proprietarios acabam de adquirir no Rio, o ‘Mineiro’, de certo, vai reconquistar a sua antiga freguezia, á qual oferecerá agora melhor conforto, dado os melhoramentos por que passou [...]”<sup>259</sup>.

As programações se deram às segundas, quintas e sextas. Projetaram-se fitas da *Brady-Film*; contudo, devem ter existido outras, dado que, segundo o *Cidade de Barbacena*, o *Mineiro* “[...] tem contracto com as melhores fabricas cinematographicas, para a exhibição de films escolhidos”<sup>260</sup>.

Além de oferecer sessões cinematográficas, o *Mineiro* foi sede de diversos festivais artísticos caritativos, sendo caracterizado pela imprensa em 1917, como “[...] sempre,

<sup>256</sup> CINEMA MINEIRO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1133, 1915, p. 1.

<sup>257</sup> CINEMA MINEIRO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1199, 1916, p. 1.

<sup>258</sup> ONDE SE DIVERTE. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1325, 1917, p. 1.

<sup>259</sup> ONDE SE DIVERTE. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1325, 1917, p. 1.

<sup>260</sup> ONDE SE DIVERTE. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1325, 1917, p. 1.

gentilmente, cedido para essas festas de caridade, pelos dignos proprietários”<sup>261</sup>. Dentre os eventos do tipo, citam-se os que direcionaram os lucros para a *Liga Feminina* e para o *Asylo de Orphãos* de Barbacena.

Os espetáculos organizados pela *Liga Feminina* foram organizados pela sua tesoureira, a professora Maria Lacerda de Moura, em prol da construção das casas da *Vila D. Viçoso*. Abaixo segue um trecho da festa realizada na segunda-feira, dia 20 de agosto de 1917, que contou com várias famílias e cavalheiros de diferentes classes sociais:

[...] O theatro estava repleto de familias, de cavalheiros de todas as gradações sociaes, promptos, alli, a concorrer, com esmolos, para o levantamento das casinhas, que, dentro em breve, deverão abrigar esse numero de infelizes, que são, parece, as miserias da sociedade!

Havia empenho, havia desejo incontido de se ser util á pobreza e, assim foi que vimos abrir-se a bolsa liberal de nossos patricios, e della muita gente tirar varias moedas, em troca de um calix de licôr ou de um simples “suspiro”<sup>262</sup>.

Já para a sexta-feira, 31 de janeiro de 1919, foi marcada mais uma festa de arte em benefício da *Liga Feminina*. Tratava-se do segundo Jornal Falado organizado na cidade, que contaria com a participação do cartunista senhor José Pires de Moraes e diversos intelectuais da região<sup>263</sup>, como Maria Lacerda de Moura; Honório Armond, considerado o *Príncipe dos Poetas Mineiros*<sup>264</sup>; e Vito Leão, natural do Rio de Janeiro, residente em Barbacena desde meados de 1917, era advogado, poeta, colunista do *Cidade de Barbacena* (sob o pseudônimo Rogerio de Alcantara) e promotor de diversões.

Outra reportagem a respeito de organização de festa beneficente, desta vez marcada para julho, destinaria os lucros ao *Asylo de Orphãos*. A publicação permite refletir que o público presente nessa festa seria a elite, e não outros, assim como o fato de outros lugares privados de Barbacena, a citar o *Grande Hotel*, organizarem festas beneficentes e contarem com a participação desse mesmo público, conforme se observa por esta notícia:

Mais uma...

Pois que muitos se queixaram, por não terem podido assistir á elegante festa artistica da noite de vinte e um, no Grande Hotel, o que era de se perdoar, por isso que o salão deste bello estabelecimento não podia, absolutamente, comportar toda a nossa

<sup>261</sup> A FESTA DA LIGA FEMININA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1348, 1917, p. 2.

<sup>262</sup> A FESTA DA LIGA FEMININA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1348, 1917, p. 2.

<sup>263</sup> UMA FESTA DE ARTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1471, 1919, p. 1.

<sup>264</sup> Natural de Barbacena, Honório Armond viveu de 1891 a 1958. Trabalhou como professor e escritor. Em 1927, venceu o concurso literário do jornal *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, e ganhou o título de *Príncipe dos Poetas Mineiros*. Em 1928, passou a ocupar a cadeira de número 38 da *Academia Mineira de Letras*. Para maiores detalhes de sua vida e obra, consultar: Massena (1985a), Albuquerque (2010) e Muzzi (2013).

elite, em boa hora resolveram as organizadoras desse festival repetil-o, mas, agora, em lugar que todos pudessem apreciar-o.  
 De modo que, aos primeiros dias de Julho, proximo, teremos <<reprise>> da linda festa no Theatro Mineiro, sendo o espectáculo, que é em beneficio do Asylo de Orphãos, ampliado no seu programma com novos e bellos numeros.  
 Sobre ser acção de alta philantropia, concorrer para o exito deste festival, é, ainda, manifesta demonstração de cultura, donde a certeza que temos de que Barbacena inteira affluirá nessa proxima noite ao Theatro, enchendo-o, como de todas as vezes em que levamos a effeito espectaculos identicos<sup>265</sup>.

O *Cinema Mineiro* funcionou até meados de 1919.

### 3.3.1 Paulo Benedetti produtor

Paulo Benedetti, além de ser o pioneiro na inauguração de uma casa de projeção cinematográfica em Barbacena, também é o precursor na realização de documentários na cidade e, “historicamente, o primeiro italiano a se projetar em Minas através do cinema” (GOMES, 2011, p. 3)<sup>266</sup>. Em uma matéria da *Cinearte* publicada por Pedro Lima, Benedetti disse: "Faço Cinema porque gosto de Cinema. E' o meu passeio a Europa, é o meu tempo de ferias numa estação de aguas"<sup>267</sup>.

Benedetti começou produzindo em um laboratório instalado no seu domicílio, endereçado na Rua José Bonifácio, bairro Centro (RIOS, 1989). De acordo com Gomes (2011), isso era algo comum na produção cinematográfica daquele momento:

Bastava, para isso, que pelo menos um profissional tivesse uma câmera cinematográfica e conhecimentos de como operá-la, revelando à noite, com produtos químicos especializados, em seu laboratório de fundo de quintal, o que tivesse fotografado durante o dia. A montagem poderia ser feita com o auxílio de uma lupa e um pouco de cola. Pronto: no dia seguinte, o material já estaria em condições de ser projetado em qualquer dos muitos cinemas mambembes de então (GOMES, 2011, p. 2).

Paulo Benedetti realizou filmagens em Minas Gerais entre 1911 e 1915, junto a uma equipe de trabalho que contou com a sua esposa, cunhada, músicos, sócios, atores e atrizes, produzindo de modo autônomo e também junto às seguintes sociedades: *Benedetti & Boratto*,

<sup>265</sup> ALCANTARA. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1511, 1919, p. 2.

<sup>266</sup> Vale ressaltar que antes do lançamento do seu primeiro título em 1911, já ocorriam produções de Vistas no Estado, confeccionadas por mineiros ou não. Citam-se como exemplos, o Sr. Barucci (*Fotografias de trechos locais pela poderosa máquina de José Barucci*, 1905), Sr. Raimundo Alves Pinto (*Panorama da Cidade; Saída do trem; Rua da Bahia; Trechos mais belos desta capital - Os Grupos Escolares - A Fazenda Modelo da Gameleira*, todas realizadas em 1908) e Aristides Junqueira (*Reminiscências da família Junqueira de Belo Horizonte*, 1909) (GALDINO, 1983).

<sup>267</sup> LIMA, P. *Cinearte*, Rio de Janeiro, n. 133, 1928, p. 6.

*Ópera Film e Benedetti & Russo*. De acordo com Viany, o seu trabalho de filmagem aconteceu “[...] sempre com o seu próprio dinheiro”<sup>268</sup>. Contudo, devido ao fato de Benedetti ter trabalhado com sócios, isso é algo que pode ter acontecido somente quando ele produziu de modo autônomo.

A respeito da *Benedetti & Boratto*, trata-se de uma marca que não se sabe se teve tal nome. Ela é mencionada dessa forma por ter sido um trabalho de Paulo Benedetti com outro italiano, o Senhor Umberto Boratto (proprietário da *U. Boratto & Cia*, como apresentado no capítulo 2 desta tese, “Vários aspectos de Barbacena”). Junto a Paulo Benedetti, ele desempenhou as atividades de maestro, participou da criação da cinemetrofonia (GOMES, 2011), desenvolveu trabalho de fotografia e esteve na realização de dois títulos em 1912: *Raid de infantaria da Linha de Tiro 81* e *Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia*.

Já a equipe completa da *Ópera Film* não foi identificada. Sabe-se apenas que Umberto Boratto era sócio de Paulo Benedetti (Figura 14) e que se tratava de uma “sociedade em comandita por ações para a fabricação e exibição de filmes cinemetrofônicos de sistema privilegiado por cartas patentes dos governos brasileiro e estrangeiros” (GOMES, 2011, p. 3-4). Tal tipo de sociedade predisponha a atuação de um sócio diretor (acredita-se que seja Benedetti) que responderia ilimitadamente pela empresa e de no mínimo de um sócio simples como investidor, o qual obteria o resultado dos investimentos e teria retorno somente das ações investidas. Caso Boratto seja o sócio simples, isso poderia se tratar de uma relação comercial interessante para Benedetti, visto que o mesmo parecia ter condições financeiras para tal, pois, alguns anos após a fundação da *Ópera Film*, ele deu início aos negócios da *U. Boratto & Cia*<sup>269</sup>.

O acordo *Benedetti & Russo* foi firmado junto ao compatriota Daniel Russo (o mesmo que, a partir de 1913, geriu o *Cinema Mineiro* com Benedetti). Juntos, eles filmaram o documentário *As cavalhadas* (1915).

O primeiro título de Paulo Benedetti, *Inauguração da Herma de Correia de Almeida* (1911), filmado de modo autônomo, diz respeito ao registro do momento festivo homônimo em homenagem ao barbacenense Padre José Joaquim Correa de Almeida<sup>270</sup> (GALDINO,

<sup>268</sup> VIANY, A. Breve introdução á história do cinema brasileiro. **Fundamentos**: Revista de Cultura Moderna, fundador Monteiro Lobato, São Paulo, ano IV, n. 20, 1951, p. 3.

<sup>269</sup> NAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, n. 15, nov. 1924.

<sup>270</sup> Natural da Vila de Barbacena, nasceu em 1820 e faleceu em 1905 na mesma localidade. Para além das atividades religiosas, desenvolveu trabalho de escrita de sátiras, epigramas e poesias. Alguns desses escritos estão reunidos em Araújo (2007).

1983), ocorrido em 4 de setembro de 1911. Senna (1913) menciona os seguintes detalhes do referido momento:

O busto do illustre satyrico Padre Côrrea de Almeida, natural daquela cidade, e que foi erigido sobre uma herma, em uma das praças de sua terra natal, foi feito em Paris, por encomenda pessoal de Olynto Magalhães, então nosso ministro em Berna e conterraneo do poeta. O busto é trabalho do eximio esculptor Charpentier; e tanto elle como a herma respectivamente foram offerecidos por aquelle diplomata à cidade de Barbacena, que o inaugurou com brilhantes festas, tendo sido orador official o sr. deputado dr. Augusto de Lima, redactor-chefe do *Diario de Minas* e membro da Academia Mineira de Letras<sup>271</sup>.

De acordo com Galdino (1983), a projeção do filme aconteceu no *Cinema Mineiro* na mesma data de sua filmagem, ou seja, filmado e projetado em 4 de setembro de 1911, o que dialoga com as considerações de Gomes (2011) a respeito da agilidade nas produções cinematográficas naquele momento. Segundo Galdino (1983), a edição do *Cidade de Barbacena*, de 7 de setembro de 1911, fez a seguinte menção a essa Vista:

O Jardim Municipal achava-se ricamente iluminado a côres, produzindo um efeito admirável. Aí se postou a banda de música Correia de Almeida, que executava belas peças de concerto, dando um tom festivo ao ato que se tornou solene e tocante, diante de uma assistência numerosíssima. Eram cinco horas da tarde quando se verificou o descerramento do véu que envolvia o busto, pelo Presidente da Câmara. (...) No Cinema Mineiro foram exibidas fitas da inauguração e um bom retrato do querido e respeitado Barbacense<sup>272</sup>.

Figura 13: Herma do Padre Corrêa de Almeida no Jardim de Barbacena



Fonte: **NAÇÃO BRASILEIRA**, Rio de Janeiro, n. 15, 1924, p. 83.

<sup>271</sup> SENNA, 1913, p. 301.

<sup>272</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, 7 set. 1911 *apud* Galdino, 1983, p. 79.

Em 1912, Benedetti criou a cinemetrofonia: uma técnica de gravação de música no rodapé do fotograma, lugar onde atualmente ficam as legendas (BARRO, 2017). Na execução do invento estavam juntos a Paulo Benedetti os Senhores Sebastião, Alfredo Boi D'água de Castro, Antônio Russo e Umberto Boratto (RIBEIRO, 2012). No jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, consta uma notícia que sugere que a cinemetrofonia foi criada antes de março de 1912, pois nesse mês foi publicada, na seção de assinaturas realizadas pelo presidente Hermes da Fonseca, a autorização “a Paulo Benedetti para aperfeiçoamento em fitas cinematographicas”<sup>273</sup>.

De acordo com Galdino (1983, p. 34):

para melhorar a música descritiva Benedetti inventa a cinemetrofonia, concebendo a ideia de intercalar na pequena faixa inferior do quadro, segundo suas próprias palavras, a partitura musical condizente com a natureza das situações projetadas, ficando a sua execução sob a batuta de um regente, o mesmo que atuou durante a filmagem da cena.

Ainda em 1912, Benedetti fundou a *Ópera Film* e gravou seis títulos (de modo autônomo e junto a parcerias): *As lavadeiras* (Benedetti); *Documentários* (Benedetti); *Raid de infantaria da Linha de Tiro 81* (Benedetti & Boratto); *Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia* (Benedetti & Boratto); *Canção popular* (Benedetti & Boratto) e *O Guarani* (*Ópera Film*). Acrescenta-se a isso que nesse ano a empresa também deu início às gravações de *Uma transformista original*, documentário lançado somente em 1915 (GALDINO, 1983).

As informações a respeito de *As lavadeiras* são: foi um filme que testou a técnica da cinemetrofonia; Paulo Benedetti foi o produtor e operador de fotografia, o material original foi 35 mm, BP, 16q<sup>274</sup>; por fim, não foi exibido (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 2007, p. 333).

Do título *Documentários* não foi encontrada nenhuma informação, além de ter sido produzido por Paulo Benedetti<sup>275</sup>.

A respeito da Vista *Raid de infantaria da Linha de Tiro 81*, de acordo com a sua filmografia, o material original era 35 mm, BP, 16q<sup>276</sup>. Conforme trechos apresentados por Galdino (1983) – do jornal barbacenense *O Sericicultor*, em 1º de setembro de 1912 –, trata-

<sup>273</sup> NO CATETE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1912, p. 4.

<sup>274</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1912a.

<sup>275</sup> Informação disponível em: <<https://m.imdb.com/name/nm0070717/filmotype/director>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<sup>276</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1912c.

se da filmagem realizada por Paulo Benedetti e Umberto Boratto das evoluções realizadas, provavelmente em agosto de 1912, por atiradores da companhia que partiram da *Praça da Intendência* para o percurso de seis quilômetros no caminho de ida e volta entre Barbacena e o distrito Registro. Também participaram desse momento a banda *Correia de Almeida* (executando “marcha marcial” no início do evento) e dois alunos do *Grupo Escolar*, Renato Mazzine e Joaquim Silva, destacados por realizarem o trajeto sem dificuldade. Sabe-se que a película foi exibida no *Cinema Mineiro* nos dias 15 e 22 de setembro de 1912 (GALDINO, 1983).

A partir das informações do título *Raid de infantaria da Linha de Tiro 81*, apresenta-se a reflexão subsequente: se o *Raid* aconteceu na última semana de agosto para ser anunciado na imprensa no dia 1º de setembro, e se a primeira projeção do documentário foi em 15 de setembro, pode ser que o tempo de trabalho entre a sua filmagem e exibição foi de aproximadamente 15 dias e não tão rápido como o título *Inauguração da Herma de Correia de Almeida* (1911). Com isso, não se pretende afirmar que a *Vista* foi produzida em 15 dias de modo ininterrupto, mas sim que o tempo de revelação e exibição dessa filmagem foi diferente do mencionado anteriormente. Desse modo, considera-se que ainda que a revelação dos filmes pudesse ser um processo rápido, de acordo com Gomes (2011), não se pode generalizar o tempo da realização deles.

No tocante ao *Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia*, de acordo com Galdino (1983, p. 82-83), o *Cidade de Barbacena* publicou duas notas: em 5 de setembro de 1912, que foi exibido no *Cinema Mineiro* um “filme especialmente organizado” para a apresentação da cinemetrofonia; em 19 de outubro de 1912, que cavalheiros e famílias se reuniram no *Mineiro*, onde Paulo Benedetti explicou sobre a criação e projetou a película. Sua sinopse não foi identificada; porém, a partir do fotograma abaixo, acredita-se que a filmagem registrou a execução da cinemetrofonia pela equipe envolvida na sua criação e não de um documentário, por exemplo, de ficção, que usou a técnica de modo experimental.

Figura 14: *Filme especialmente organizado para demonstração da cinemetrofonia* (1912)



Em primeiro plano, entre as pautas, com a batuta na mão, Humberto Boratto, sócio de Benedetti. Em cena, à esquerda, encostado na árvore, Sebastião; roupa branca, chapéu e bigode, Alfredo "Boi d'água" de Castro, com a sacola, vara na mão Paulo Benedetti.

Fonte: GALDINO, 1983, p. 82.

A respeito do documentário *Canção popular*, constam as seguintes pistas coletadas em *site*: “pequeno filme feito por Benedetti como experiência do seu invento, a cinemetrofonia. Segundo a fonte consultada, pode tratar-se do filme ‘Filme Especialmente feito para Demonstração da Cinemetrofonia’”<sup>277</sup>.

*O Guarani* (1912) foi uma das versões documentais do livro homônimo de José de Alencar, datado de 1857. De acordo com Silva (2013, p. 2), “trata-se de uma das obras mais adaptadas na história do cinema nacional, onze adaptações no total entre 1908 e 1996, onde oito dessas foram realizadas no período entre 1908 e 1926”, sem contar com a versão realizada em Barbacena. Portanto, tendo em vista esses dados, são totalizadas 12 versões até 1996, e nove entre 1908 e 1926. Novamente em Silva, encontram-se as seguintes informações:

Em Setembro de 1907 há a menção de uma primeira adaptação da obra, como relata a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. O filme seria produzido pela "Labanca Leal e Cia.", produtora do italiano Giuseppe Labanca e português Antonio Leal. No ano seguinte, William Auler, um dos principais produtores de filmes cantantes da época e um dos rivais da companhia de Labanca, adapta uma ária da ópera. Em 1910 o Estado de São Paulo anuncia mais uma adaptação da obra e já no ano seguinte há mais outra, mas agora um longa-metragem de Salvatore Lazzaro. Entre 1914 e 1926 há mais

<sup>277</sup> Retirado do livro **Dicionário de Filmes Brasileiros – Curta e média metragem**, de Antônio Leão, publicado em 2011, p. 200. Informações coletadas em: <<https://historiografiaoaudiovisual.com.br/filme/cancao-popular-titulo-atribuido/>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

quatro adaptações, sendo duas do italiano Vittorio Capellaro, 1916<sup>278</sup>-26<sup>279</sup>, dois longas-metragens (SILVA, 2013, p. 2).

*O Guarani* (1912) é considerado o primeiro título dirigido por Benedetti a usar a cinemetrofonia efetivamente (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 2007; CARNEIRO, 2017). De acordo com as informações coletadas em sua filmografia, o material original foi rodado em 35 mm, BP, 16q; produzido pela companhia *Ópera Film*, com Paulo Benedetti na direção de cena e operação de fotografia; gênero musical; os arranjos musicais foram feitos por Luigi Maria Smido; Carlos Gomes foi o responsável por dados adicionais de música. O elenco foi o seguinte: Antonio Russo, Alfredo “Boi d’água” de Castro e Sebastião<sup>280</sup>. Não foi encontrada a sua sinopse.

Entre 1913 e 1914 não constam registros de títulos lançados por Paulo Benedetti, localizando-se somente que, em 1913, o italiano obteve a patente da cinemetrofonia. De acordo com o *Diário Oficial da União*, de 30 de abril de 1913,

Por portarias de 14 do mez corrente foram concedidas garantias provisórias, pelo prazo de tres annos, contados das datas abaixo, sobre a propriedade das respectivas invenções, aos seguintes peticionarios, representados pelos seus procuradores [...]. Paulo Benedetti, italiano, industrial, domiciliado nesta Capital, para «um novo systema de cinematographia fallante, cantante e musical, denominado Cinemetrophonia», a contar de 30 de janeiro do corrente anno<sup>281</sup>.

Em 1915, a *Ópera Film* finalizou o longa-metragem considerado o principal responsável pela projeção de Paulo Benedetti no mercado de produção cinematográfica: *Uma transformista original* – filme todo cantado e com truques, constituído de cinco partes (três sincronizadas com fonógrafo e orquestra, e duas com orquestra). A fita é citada como a primeira produção de ficção sonorizada de Minas Gerais<sup>282</sup>.

De acordo com a sua filmografia, o material original era 35 mm, BP, 16q; gênero musical; produzido pela companhia *Ópera Film* e por Paulo Benedetti; roteiro e direção de cena de Benedetti; operação de fotografia de Paulo Benedetti e Antonieta Benedetti; elenco: irmãs Brasilia e Griselda Lazzaro, Senhor e Senhora Ferreira, e Paulo Benedetti; lançamento em 29 de outubro de 1915<sup>283</sup>.

<sup>278</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1916.

<sup>279</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1926.

<sup>280</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1912b.

<sup>281</sup> DIÁRIO OFFICIAL DA UNIÃO, seção 1, abril de 1913, p. 6070.

<sup>282</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 83, 1927; CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 133, 1928.

<sup>283</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1915.

Figura 15: Brazilia Lazzaro caracterizada como pastora em *Uma transformista original* (1915)



Fonte: GONZAGA; GOMES, 1966, p. 69.

*Uma transformista original* é considerado um dos poucos trabalhos cinematográficos que relatam o trabalho de mulheres da mesma família dos produtores na realização de filmes, pois além da esposa Antonieta, a película contou com o trabalho da cunhada de Benedetti, Rosina Cianelli, “que rodava a máquina com o rolo de papel com a pauta da música” (GALDINO, 1983, p. 87). De acordo com Schvarzman (2018), no início do século XX, a participação das mulheres da mesma família dos produtores não era algo evidenciado na realização de películas, pois a maior parte delas, quando se envolvia, por exemplo, com o trabalho de atuação, não pertencia ao círculo familiar deles. Contudo, é uma análise que pode ser repensada, uma vez que nesse recorte temporal, por exemplo, as imigrantes italianas residentes em São Paulo participaram como atrizes das filmagens de curtas-metragens silenciosos junto às suas famílias (SCHPUN, 2007), o que se mostra similar ao trabalho das irmãs italianas Antonieta e Rosina. A fotografia a seguir, divulgada na *Cinearte* em 1927, sugere que mulheres tinham relação próxima ao trabalho de Paulo Benedetti, pois elas se encontram localizadas junto ao diretor em um lugar que parece ser um estúdio (ao lado de Benedetti se encontra Antonieta, e ao lado dela a irmã, Rosina).

Figura 16: Paulo Benedetti e mulheres em estúdio



Fonte: **CINEARTE**, Rio de Janeiro, n. 83, 1927, p. 10.

*Uma transformista original* focalizou Brázilia Lazzaro nos papéis de cantora, transeunte no cemitério e Nossa Senhora, tudo ao som de orquestra (GALDINO, 1983; GOMES, 2011). O casal Ferreira eram artistas ambulantes contratados do Rio de Janeiro, assim como as irmãs Lazzaro<sup>284</sup>. Especificamente sobre Griselda Lazzaro, ela atuou em 1911 na versão de *O Guarani*, dirigido por Salvatore Lazzaro, da empresa *Salvatore Lazzaro e Cia*, no Rio de Janeiro, atuando como a personagem Cecy<sup>285</sup>. Segundo Gonzaga e Gomes (1996, p. 19), “Salvatore Lazzaro, um empresário que até então não se ocupava com cinema, produziu por sua vez ‘O Guarany’ em quatro partes, com intérpretes-cantores contratados em Buenos Aires”.

Galdino (1983, p. 87), apresenta os seguintes apontamentos de uma entrevista feita por Adhemar Gonzaga com a atriz Brázilia Lazzaro:

“O filme começava com Brázilia abrindo uma cortina com um vestido de lantejoulas e dava a entender que dizia: “Vou mostrar-lhes um trabalho”. Abria a cortina, com uma varinha na mão, apontava um quadro na parede e dizia: “Guerreiro, saia! E cantava: “Martha! Martha! da ópera que Caruso tanto cantou.

“Aparecia N. Senhora (Brázilia noutro papel): “Não chore... Havia uma cena no cemitério onde contracenava consigo mesma travestida em fidalgo e cantava algo assim em italiano: “Sono ter giorni, guarda che pavore ando cerca de angeleto. Na

<sup>284</sup> **CINEARTE**, Rio de Janeiro, n. 83, 1927, p. 4.

<sup>285</sup> CINEMATECA BRASILEIRA, 1911.

cena da lavadeira ela cantava: “Lavadeira que lava roupa ela vai lavar... Figurava ainda como camponesa entre pastores e cantava: “Não meu senhor, não sou tolinha/ deixar a minha casinha/ por seu palácio, um primor.”

Segundo Brasília, dois incidentes ocorreram durante as filmagens realizadas em Barbacena em junho e julho de 1912. Um carneiro derrubou um pastor, o que não estava no roteiro e que no primeiro dia de filmagem Rosina Cianelli que rodava a máquina com o rolo de papel com a pauta da música, estava muito nervosa e na hora da filmagem Benedetti disse-lhe que era só um ensaio. Quando ela soube que foi filmado desmaiou e disse depois que esteve para interromper o “ensaio”.

Figura 17: Cena de *Uma transformista original* (1915)



Fonte: CINEARTE, Rio de Janeiro, 1929, p. 13.

Em setembro de 1928, a *Cinearte* anunciou que, em visita ao *Studio da Benedetti*, no Rio de Janeiro, Paulo Benedetti viabilizou a projeção de *Uma Transformista Original* (1915). Momento celebrado pela revista, que fez a seguinte descrição: “Para o tempo em que foi feito, o film denota um progresso extraordinário, o que justifica o entusiasmo causado no publico quando da sua projecção em Barbacena”<sup>286</sup>.

A *Ópera Film* encerrou suas atividades em 1915 devido às dificuldades de importação de maquinário cinematográfico para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial<sup>287</sup>. Contudo, as filmagens de Paulo Benedetti em Barbacena não cessaram, pois o acordo comercial firmado por *Benedetti & Russo* produziu, em 1915, o título *As cavalhadas*.

*As cavalhadas* (1915) foi uma Vista baseada no registro da festa de mesmo nome, financiado pelo político barbacenense José Bonifácio de Andrada, do qual não foi identificada a sinopse, apenas a informação de que ela pode ter sido produzida com sincronização musical<sup>288</sup> e demais descrições referentes ao evento.

<sup>286</sup> LIMA, P. *Cinearte*, Rio de Janeiro, n. 133, 1928, p. 6.

<sup>287</sup> LIMA, P. *Cinearte*, Rio de Janeiro, n. 133, 1928, p. 6.

<sup>288</sup> CINEARTE, Rio de Janeiro, n. 83, 1927.

Na imprensa de Barbacena, as cavalhadas foram definidas como uma *festa sportiva* presente na agenda de diversões do município no século XIX. Em 1915, foi pensada por cavalheiros da cidade entre os dias 27 e 30 de maio no *Morro de Santa Thereza*, propriedade do italiano Orlando Piergentili, um dos representantes da empresa *Piergentili, Piacesi & Comp.*, que também esteve envolvida com exibição cinematográfica na cidade. No jornal, foi identificada a seguinte descrição:

[...] as cavalhadas, *sport* que, em outras epochas, era commum nas varias cidades do Interior de Minas e de outros Estados e que hoje é quase desconhecido, sendo sómente lembrado como uma tradição.

Barbacena, por iniciativa de estimados cavalheiros, nossos conterraneos, quis reviver o que ella já assistira, a talvez, 40 annos, e, assim, resolveu promover as cavalhadas, chamando á cidade varios de nossos co-municipes, residentes no prospero districto de Remedios, que accederam, gentilmente, ao apelo feito naquelle sentido<sup>289</sup>.

Nas cavalhadas de 1915, compareceram, além dos cidadãos, os moradores do distrito Remédios “[...] para assistir aquelle genero de diversão [...] [que] é nova para geração de hoje, e dahi a curiosidade em que está muita gente de assistir a semelhante *sport*”<sup>290</sup>. Acrescenta-se a isso que os moradores de Remédios integraram a assistência do evento e também levaram os seus cavalos para compor as demonstrações, com destaque aos muito bem adestrados “ginetes dos coronéis Antônio Pereira de Souza Neves e Antônio Diogo Ferreira Camillo” (GALDINO, 1983, p. 88).

A seguir, constam relatos da festa publicizados na imprensa:

Ao “Morro de Santa Thereza”, enorme multidão tem affluído, desde quinta-feira, e, em applausos constantes, patenteia sua admiração aos cavalleiros que, em fogosos animaes, desempenham a sua missão, lembrando os episodios das antigas cruzadas. Fardados a character, compenetrados do papel que têm de desempenhar, os reis como os Embaixadores estabelecem dialogos, que são entre-cortados pelos applausos do povo. Após, seguem varias cerimoniaes, como o rapto da Princeza, que é a graciosissima menina Antonieta Cleó, sobrinha do Coronel Cabral Peixoto. Duas bandas de música tem tocado durante toda a festa<sup>291</sup>.

No último dia do evento, no domingo, dia 30 de maio de 1915<sup>292</sup>, aconteceram corridas de cavalos, bicicletas, e patins com as premiações financiadas pela empresa *Piergentili, Piacesi & Comp.*<sup>293</sup>, e junto às cavalhadas presenciou-se uma Exposição Pastoril

<sup>289</sup> AS CAVALHADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1127, 1915, p. 1.

<sup>290</sup> AS CAVALHADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1126, 1915, p. 1.

<sup>291</sup> AS CAVALHADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1127, 1915, p. 1.

<sup>292</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1126, 1915, p. 2.

<sup>293</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1123, 1915, p. 1.

onde foram “apresentados ao publico varios ‘specimens’ de animaes que, certo, atestarão o incremento alcançado pela industria pecuaria de nosso importante municipio”<sup>294</sup>.

Por fim, sabe-se que entre 1916 e 1917, Paulo Benedetti mudou-se com a família para São Paulo “(...) onde irá fotografar, já em 1917, O Cruzeiro do Sul, para seu compatriota Vittorio Capellaro (...)” (GOMES, 2011, p. 4). Na década de 1920, ele se deslocou para o Rio de Janeiro, onde continuou investindo em novos inventos que buscavam sincronizar filmes, como o que foi apresentado na Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922, cujo nome não é mencionado (COSTA, 2006). Todavia, seu trabalho alcançou grande popularidade após a fundação da *Benedetti Film*, com laboratório localizado na Rua Tavares Bastos, 153, no bairro Catete, destinado à revelação de filmes de sua marca, encomendas e cópias (COSTA, 2006; SILVA NETO, 2010; GOMES, 2011). Benedetti faleceu em 1944.

### 3.2 *Theatro Cinema Moderno*

Figura 18: Velódromo do *Morro de Santa Thereza* inaugurado por Orlando Piergentili (1918)



Fonte: Velódromo de Barbacena (1918). Acervo de Augusto Malta. Foto publicada por Rodrigo Rocha em 30 de agosto de 2020, no grupo BarbarasCenas, do Facebook. Link: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1648333058675480&set=gm.1924320154369096>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Instalado na Rua Quinze de Novembro, o *Theatro Cinema Moderno* funcionou entre 1911 e 1919, sob a direção dos italianos Orlando Piergentili e Aroldo Piacesi, respectivamente tio e sobrinho, que formavam o acordo comercial *Piergentili Piacesi & Comp*. De acordo com

<sup>294</sup> CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, n. 1123, 1915, p. 1.

Pimenta (2015), a *Piergentili Piacesi & Comp.* surgiu após o casamento da filha de Orlando, Ines Piergentili, com o primo Aroldo em 15 de junho de 1912 e findou as suas atividades em 4 de abril de 1919. Todavia, existem pistas de que esse acordo comercial se deu *a priori* do matrimônio supracitado, pois entre 1906 e 1916 Orlando e Aroldo geriram uma loja de secos e molhados no centro da cidade<sup>295</sup>. Resta saber se a fundação do *Moderno* se deu pela ação dessa sociedade ou de modo individual por Orlando Piergentili. Acrescenta-se a isso que a *Piergentili Piacesi & Comp.* administrou também na Rua Quinze de Novembro um açougue e a *Padaria Moderna*.

Orlando Piergentili (1865-1941) era natural da comuna de Fabro (Itália), tendo chegado a Barbacena em 1901 com sua filha Ines Piergentili (1895-1981) e os sobrinhos Nello Piacesi (1878-1922) e Aroldo Piacesi (1881-1954), filhos de Chiara Piergentili, que se casara com Gaetano Piacesi e tivera três descendentes: Nello, Aroldo e Ida.

Orlando é citado como “detentor de uma personalidade assaz boêmia” (PIMENTA, 2015, p. 63) e como uma das pessoas que mais atuou na luta por melhorias da infraestrutura de Barbacena no início do século XX. Suas atividades se deram em ações como a de mobilizar políticos locais para a abertura de uma das principais vias públicas da cidade, a Avenida Bias Fortes; ele também pretendia arrendar o serviço de energia elétrica e instalar uma rede de bondes elétricos nas ruas centrais, o que não aconteceu<sup>296</sup>. Além disso, trabalhou no comércio, foi tesoureiro da *Sociedade Italiana de Beneficência Vittorio Emanuele II*, entre 1906 e 1907<sup>297</sup>, e investiu no mercado de entretenimentos, destacadamente com o cinema e outras práticas sediadas na primeira praça de esportes de Barbacena, o *Morro de Santa Thereza*, de sua propriedade.

Ainda não se sabe a data de inauguração do *Morro de Santa Thereza*, apenas alguns detalhes: seu nome alude à segunda esposa de Orlando, a barbacenense Thereza Araújo, com quem se casou após a morte da mãe de Ines, a italiana Zucchetti Piergentili (PIMENTA, 2007; PIMENTA, 2015). O lugar contava com salão para *soirées dansantes*, hipódromo, velódromo e rинque de patinação. De acordo com Massena (1985a), Orlando foi responsável pela apresentação da prática dos patins aos cidadãos. O *Morro de Santa Thereza* também abrigou as cavalhadas em 1915, contando com cerimônias referentes ao evento, corridas de cavalo,

<sup>295</sup> LAEMMERT, 1906; LAEMMERT, 1916.

<sup>296</sup> MASSENA, 1985a.

<sup>297</sup> MASSENA, 1985a; LAEMMERT, 1906; LAEMMERT, 1907.

bicicleta, patins (essas três últimas práticas promovidas pela *Piergentili Piacesi & Comp.*, que conferiu prêmios aos vencedores) e também com exposição pastoril<sup>298</sup>.

A respeito das programações, o *Cinema Moderno* abrigou sessões fílmicas, apresentação de grupos de variedades, espetáculos musicais, festas beneficentes e palestras. Tais acontecimentos eram realizados aos domingos, às segundas, quintas, sextas e aos sábados, sendo que *matinéés* e *soirées* eram dominicais e a ocorrência de eventos beneficentes foram mais comuns em dias da semana.

Foi averiguado que as fitas projetadas eram das seguintes fábricas: da dinamarquesa *Nordisk Film*; filmes alemães, por exemplo, do roteirista Rudolf Meinert; também italianos e filmes naturais. Em específico à *Nordisk*, essa marca pareceu ganhar prestígio naquele momento, pois, conforme uma notícia de 1914, “nesta casa, têm sido exibidas fitas da excelente fabrica NORDISCK, que bastam para attrahir grande concurrencia ao MODERNO”<sup>299</sup>. No mesmo sentido, em 1915, a projeção da fita *O cão de Baskerville* (1914), sob direção de Rudolf Meinert, foi citada como motivo para que esse cinema tivesse a participação de “[...] uma enchente á cunha, uma enchente colossal [...]”<sup>300</sup>. A imprensa também apresentou que se tratava de “[...] uma fita repleta de peripecias interessantissimas todas de prenderem a atenção do espectador intelligente[...]”<sup>301</sup>, o que, a partir dessa descrição, conduz ao entendimento de que os filmes projetados nesse cinema se tratavam de escolhas que agradavam ao público.

Os grupos de variedades eram formados por artistas de outras regiões e conterrâneos. A respeito do primeiro exemplo, constam os duetistas que já haviam se apresentado nos melhores teatros do país, denominados de Pepe e Oderito, responsáveis por oferecer aos cidadãos excelentes momentos de diversão<sup>302</sup>. Sobre os conterrâneos, foram reconhecidas associações e artistas amadores que promoviam espetáculos a favor de diferentes causas. Em 1914, por exemplo, a *Liga Feminina de Barbacena*, com o fim de angariar fundos para a construção da *Villa D. Viçoso*, organizou mostras musicais com convidados que agradaram ao público<sup>303</sup>; em 1915, em benefício do cofre da *Liga*, foi promovida uma festa que contou com o “*quartetto* dirigido pelo batuta do maestro Jacinto de Almeida” e a exibição de quadros vivos que também “agradaram immensamente, sendo todos bisados”<sup>304</sup>. Já o grupo de artistas

<sup>298</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1123, 1915, p. 1.

<sup>299</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1033, 1914, p. 2.

<sup>300</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1096, 1915, p. 1.

<sup>301</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1096, 1915, p. 1.

<sup>302</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1026, 1914, p. 2.

<sup>303</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1076, 1914, p. 1.

<sup>304</sup> LIGA FEMININA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1098, 1915, p. 1.

amadores do *Gremio Drammatico Familiar* se apresentou no recinto em benefício das obras de reparação da *Igreja da Boa Morte*. A respeito do último exemplo, “[...] compareceu ao teatro grande numero de pessoas, que ao mesmo tempo que se divertiam, prestavam igualmente seu auxilio para que se não deixe ao abandono o bello templo [...]”<sup>305</sup>.

O programma constou das seguintes representações:

*Um marido victima das modas* e *A ordem é rressonar*, comédias em 1 acto, cada uma, e desempenhadas pelas senhorinhas Maria Calmon e Vidoca Brandão e pelos Srs. José Brandão, Antonio Guerra e José Augusto; *Cá por Cousas*, *A missa do galio* e *A Faceira*, cançonetas, pelas senhorinhas Dulce Guimarães, Robertinha Monteiro e Maria Calmon; *Licções de grammatica* e *As tres irmãs*, recitativos pela senhorinha Celina de Castro Azevedo e o duetto hespanhol *Buena Dicha*, pela senhorinha Ophelia Calmon e Sr. Roberto Machado.

Os intelligentes amadores mereceram applausos pela bõa interpretação que deram de seus papeis<sup>306</sup>.

Em 1915, outros espetáculos beneficentes incluíram, além das apresentações de música, de grupos de variedades de teatro e circo, a projeção de filmes. As programações das quintas-feiras, dia 11 de junho – direcionada à atriz Carlinda de Mello – e 17 de junho – em prol da atriz Carmen Côrte Real –, e da segunda-feira 19 de julho, em benefício de dois artistas, corroboram essa informação.

A respeito de Carlinda de Mello:

Realizou-se, ante-hontem, no “Cinema Moderno”, o espectáculo em beneficio da actriz Carlinda de Mello.

Constou da exhibição de uma bella fita, em 3 partes, de uma interessante comedia “O IDIOTA”, em que tomaram parte os artistas Corte Leal, Jorge e Carlinda de Mello, e o amador João Pereira de Castro.

Diversos artistas do “Circo Temperani” prestaram seus concursos ao festival artistico de Carlinda de Mello, exhibindo trabalhos de valor<sup>307</sup>.

No tocante a Carmen Côrte Real:

Hoje, no Cinema Moderno, haverá um espectáculo variado em beneficio da festejada artista Carmen Côrte Real, que dedicará a sua festa ao “Club Barbacense”.

Constará o espectáculo da representação de uma interessante comedia, de varias cançonetas e monologos, além da parte cinematographica<sup>308</sup>.

Em benefício dos artistas Alfredo Henriques e Eva Duval, consta:

<sup>305</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1030, 1914, p. 2.

<sup>306</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1030, 1914, p. 2.

<sup>307</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1131, 1915, p. 1.

<sup>308</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1132, 1915, p. 2.

Esteve excelente o espectáculo de segunda-feira no teatro local, em benefício dos talentosos e sympathicos artistas Alfredo Henriques e Eva Duval, que cantaram varios numeros de musica, todos escolhidos. A 1ª parte do espectáculo constou de fitas cinematographicas.  
A concorrência foi regular<sup>309</sup>.

Outro formato de espetáculo beneficente foi promovido por escolas de Barbacena, por exemplo, em benefício da Caixa Escolar do *Grupo Escolar Bias Fortes*, em que as alunas do recinto encenaram várias comédias e operetas, bem como recitaram poemas. Eventos do tipo agradaram à assistência, sempre destacada por aplaudir bastante as apresentações<sup>310</sup>. Isso vai ao encontro das demais programações beneficentes da cidade, pois, mesmo que almejassem fins diversificados (caridade, infraestrutura da cidade, instituições escolares e artistas), pareceram sempre contar com a participação de público interessado.

No que diz respeito à oferta de conferências, apresenta-se que em 3 de dezembro de 1914, após a projeção de alguns filmes cujos títulos não foram mencionados, o Sr. Nuno Alarcão dissertou sobre temas em torno da Primeira Guerra Mundial, na seguinte ordem: “1º. Causas determinantes da Guerra Européá; 2º. As duas grandes alianças da Europa e seu valor militar; 3º. A Belgica e o Rei Alberto I perante a historia e o mundo; 4º. A intervenção de Portugal na guerra; 5º. Consequencias commerciaes”<sup>311</sup>. A existência de programas do tipo demonstra que esse cinema abrigou, além de sessões fílmicas e espetáculos beneficentes, momentos em que os cidadãos poderiam ser informados de situações políticas de alcance mundial, o que significa o uso do cinema como um espaço de diversão e informação.

A coleta de fontes já realizada não permite apontar maiores informações sobre as atividades do *Cinema Moderno*. Até o momento foram reunidas apenas essas notas. Sabe-se, conforme a pesquisa de Pimenta (2015), que, em 1919, houve o rompimento da sociedade *Piergentili Piacesi & Comp*. O autor informa também que, em 4 de abril de 1920, Orlando Piergentili inaugurou o *Cine-Theatro Santa Thereza* nas dependências do *Morro de Santa Thereza*, com preço acessível (\$600) na entrada das sessões fílmicas, além de outras atividades, como apresentação de teatro de marionetes, bailes dançantes e apresentação de orquestra pelo professor João Nogueira Chagas.

Orlando Piergentili retornou à Itália em meados de maio de 1922. Sobre seu regresso, Pimenta (2007) aponta dois possíveis motivos: por sua insatisfação com a recusa pelas autoridades locais de um projeto de sua autoria para a instalação de bondes elétricos na cidade; ou por desentendimentos com Aroldo Piacesi após o rompimento da sociedade. O

<sup>309</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1142, 1915, p. 2.

<sup>310</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1114, 1915, p. 1.

<sup>311</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1079, 1914, p. 1.

italiano morreu em seu país natal em 1º de novembro de 1941. Já Aroldo Piacesi inaugurou outro cinema na cidade, o *Cine-Theatro Apollo*, objeto de estudo em tópico posterior.

### 3.3 Cinema Barbacenense

O *Cinema Barbacenense* esteve localizado nos arredores da *Praça da Intendencia*, região central de Barbacena. Funcionou de 1915 a 1917, nos seguintes dias: domingo, terça-feira e quinta-feira, oferecendo sessões fílmicas, festas beneficentes e sessões solenes a um público que pareceu ser especialmente da classe social mais elevada da cidade.

As exibições fílmicas aconteceram em *soirées*, em sessões comuns e em sessões chiques, cujos filmes identificados foram da marca *Fox*, apresentada como apreciada<sup>312</sup> por sempre agradar a população<sup>313</sup>, estimulando “grande concorrência”<sup>314</sup>.

No tocante à sessão chique, identificou-se a realização de “mais uma bella sessão chic” na terça-feira, dia 7 de agosto de 1917, em que na *platéa* se encontrava o *escól* da sociedade local, que “[...] regorgitava e era encantador o aspecto do elegante cinema da praça da Intendencia, com a presença de quase todo o bello sexo de Barbacena, a quem era dedicado a sessão”<sup>315</sup>.

Como exemplo de festa beneficente, apresenta-se uma “soirée artistico litteraria” realizada no dia 30 de abril de 1916, cuja renda seria destinada “á construcção da ‘Villa D. Viçoso’, ideal que a ‘Liga Feminina Barbacenense’ vem acalentando, desde algum tempo”<sup>316</sup>. A programação foi a seguinte:

#### PRIMEIRA PARTE

- 1- C. Chaminade – OP. 2 – ANTOMNE – Piano – senhorinha Maria Mangualde.
- 2- Dr. Orris Soares – Litteratura
- 3- *Guill Popp* – OP. 250 – Dic. Jagd – Galopbrillant – Flauta – Sr. Mario da Cruz Machado, acompanhado ao piano pela Exma. Sra. D. Abigail da Cruz Machado.
- 4- Dr. Mario de Lima – Poesias.

#### SEGUNDA PARTE

- 1- *Beethoven* – OP. 27 – N. 2 – Sonata – Piano – senhorinha Julinha Massena.
- 2- Dr. Mario de Lima – Poesias.
- 3- Albertina Bertha – Litteratura

<sup>312</sup> ONDE SE DIVERTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1325, 1917, p. 1.

<sup>313</sup> ONDE SE DIVERTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1313, 1917, p. 1.

<sup>314</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1117, 1915, p. 2.

<sup>315</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1344, 1917, p. 2.

<sup>316</sup> FESTA ARTISTICA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1219, 1916, p. 1.

4- Gilka Machado—Sonetos: “Odor dos manacás”, “Ser mulher”, “Noite selvagem”—senhorinhas – Herminia Machado, Noemi Souza Marques e Mimosa Mundim<sup>317</sup>.

A sessão solene a que se faz menção é em celebração à data de 7 de setembro de 1916, em que os jovens da *Linha de Tiro 81* promoveram comemorações diurnas com passeatas pelo município e hasteamento de bandeira na Câmara Municipal. A programação noturna foi a sessão solene sediada no *Cinema Barbacense*, a qual contou com público *selecto*:

Na sessão solene, usaram da palavra os Srs. Major Souza e Mello, Tenente Antunes Guimarães, senhorinhas Maria das Dores Horta, Francisco José de Oliveira Leite e Atila de Souza Mello, que saudaram á grandiosa ephemeride, fazendo, ao mesmo tempo, referencias á “Linha de Tiro”, feliz iniciativa de um pugilo de moços, aos quaes se não pódem recusar applausos.

Depois de terem sido muito applaudidos os oradores, foi cantado, novamente, o Hymno Nacional.

O jovem Raymundo de Carvalho Junior, que pertence á phalange dos escoteiros, recitou a poesia A Bandeira, merecendo applausos do auditorio, que era selecto e enchia os salões do “Cinema Barbacense”<sup>318</sup>.

Algumas considerações são apresentadas em relação à participação das mulheres no *Cinema Barbacense*: 1) A sessão chique identificada pareceu não ser a única, pois se tratava de mais uma programação do tipo. 2) A presença de senhorinhas na sessão solene de 7 de setembro de 1916 aponta um diálogo das cidadinas com associações masculinas, como a *Linha de Tiro 81*. 3) A *Liga Feminina Barbacense* alcançou espaço em mais um cinema da cidade para fomentar seus objetivos.

### 3.4 Cinema Avenida

Ainda não foi identificada a data de inauguração do *Cinema Avenida*. Constam apenas algumas reportagens com a sugestão de que funcionou em 1916 e 1917, com endereço na Rua Quinze de Novembro. Foram seus proprietários os senhores *Campos e Almeida*, que promoveram sessões fílmicas, apresentações artísticas e permitiram reuniões no espaço do cinema nos seguintes dias: domingo, terça, quinta, sexta e sábado.

Sobre o valor dos ingressos, existe a informação de que em 2 de agosto de 1917 o *Avenida* organizou uma *soirée* com o filme *Combatendo pelo Rei*, drama em cinco atos da *Universal*, junto à projeção de uma comédia e o espetáculo do “artista excêntrico Mr. Debach, magico, caricaturista e paysagista rapido”. Nessa promoção, os leitores do *Cidade de*

<sup>317</sup> FESTA ARTISTICA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1219, 1916, p. 1.

<sup>318</sup> 7 DE SETEMBRO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1256, 1916, p. 1.

*Barbacena* poderiam destacar um cupom presente na primeira página do jornal para obter o desconto de 30% na bilheteria dessa programação<sup>319</sup>.

A respeito das projeções, sabe-se que a partir de 25 de maio de 1916 a empresa instituiu as *sessões contínuas* às 19:30 horas, o que, de acordo com a imprensa, era “[...] o meio melhor de serem os Cinemas mais frequentados, desde que, geralmente, as famílias querem accommodar-se cedo”, e que a partir disso, o *Avenida* “[...] lucrou immensamente, porque, agora, é maior ainda o numero de seus frequentadores”<sup>320</sup> – ou seja, os frequentadores do *Avenida* preferiam que as sessões não fossem tão tarde da noite. As fitas exibidas eram das marcas *Fox-Film-Corporation*, *D’Luxo*, *Universal*, *Société Française des Films Éclair*, cujas temáticas destacavam romance e drama policial, *vamps*, entre outros enredos. Acrescenta-se a isso que o *Avenida* pretendia adquirir fitas de “primeira ordem, que fizeram um sucesso colossal no Rio de Janeiro”<sup>321</sup>.

No tocante às apresentações artísticas, constam trabalhos diversos, como transformismo, escultura, mágica e caricatura. Algumas dessas pareceram ser de grande interesse do público, como o espetáculo <<*Zás-Traz*>>, da <<troupe>> *Montenegro*, sediado no *Avenida* no sábado, dia 3 de março de 1917, que aconteceu novamente na quarta-feira, dia 7 de março, “a pedido de inumeras pessoas que não puderam comparecer sabbado ultimo ao ‘Avenida’”, permanecendo em cartaz na quinta e sexta daquela semana<sup>322</sup>.

Já em 17 de abril de 1917, a programação abrangeu espetáculos de transformismo, escultura e fílmico, como transcrito abaixo:

CINEMA AVENIDA – Hontem, nesta casa de diversões, houve a estréa dos apreciados artistas transformistas – “Os Freires”, e a exhibição dos admiraveis trabalhos, esculpidos na areia, pelo intelligente artista – Joaquim Aguillas de Gusmão.

A parte cinematographica constou da fita – “Deve uma esposa perdoar”? bello trabalho da fabrica “D’Luxo”.

Merece referencia especial o artista Aguillar de Gusmão, cujos trabalhos são dignos de admiração, pela sua originalidade.

Sem nenhum estudo, porém com uma incontestavel vocação, esse artista modela na areia figuras humanas, que attestam grande talento e uma notavel capacidade para a arte que abraçou.

Em todos os logares, onde elle se têm feito apresentar, há sido grandemente apreciado, acontecendo o mesmo aqui<sup>323</sup>.

<sup>319</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, *Barbacena*, n. 1342, 1917, p. 1.

<sup>320</sup> **DIVERSÕES. Cidade de Barbacena**, *Barbacena*, n. 1226, 1916, p. 1.

<sup>321</sup> **DIVERSÕES. Cidade de Barbacena**, *Barbacena*, n. 1226, 1916, p. 1.

<sup>322</sup> **CINEMA AVENIDA. Cidade de Barbacena**, *Barbacena*, n. 1303, 1917, p. 1.

<sup>323</sup> **ONDE SE DIVERTE. Cidade de Barbacena**, *Barbacena*, n. 1325, 18 abril 1917, p. 1.

No que se refere às reuniões que ocorreram no *Cinema Avenida*, foi identificado que na terça-feira, 27 de junho de 1916, “um grupo de moços da nossa sociedade” se reuniu na intenção de voltar com as atividades da *Linha de Tiro 81*. Nessa ocasião, estiveram presentes como oradores os senhores Major Souza e Mello e o Deputado Bias Filho, e cerca de 70 rapazes se inscreveram na associação. A redação do *Cidade de Barbacena* também compareceu ao evento<sup>324</sup>.

### 3.5 *Cinema São José* (direção de *Lopes & Oliveira*)

O *Cinema São José* foi inaugurado em 28 de agosto de 1917, uma terça-feira, e esteve em funcionamento até c. 1922. Os diretores dessa empresa eram os senhores José Augusto Lopes e Clodoveu de Oliveira, esse último parecia ser natural do Rio de Janeiro, pois assinava o “vespertino carioca ‘A rua’”<sup>325</sup>.

Os trabalhos se deram de domingo a quarta-feira, em *matinée* e *soirée*, sendo as *matinées* marcadas para os domingos às 13:30, e as atividades noturnas aconteceram às 18:30, 19:30 e 20:00. As programações incluíram filmes, grupos de variedades, festivais artísticos, beneficentes e cívicos. Os filmes projetados foram das marcas *Fox*, *Paramount*, *Universal*, *Berlim Film*, *Realart*; cinejornais e a mesma linha de filmes do *Cinema Central*, do Rio de Janeiro, constaram em um programa “caprichosamente organizado” disponível a partir de 24 de dezembro de 1919<sup>326</sup>.

Durante os anos de sua existência, os valores dos bilhetes variaram. Por exemplo, em 1919, quando a programação abrigava somente cinematografia, era cobrado o preço de 1\$000 a cadeira, e quando junto aos filmes estavam incluídas apresentações artísticas, a taxa era de 2\$000. Já em 1922 constam preços comuns de 1\$500 para a primeira classe, \$800 para a segunda classe e a possibilidade de compra de caderneta de bilhetes com a regra de que cada pessoa poderia comprar no máximo duas entradas<sup>327</sup>. Essa regra permite a consideração da existência de cambistas do entretenimento na cidade, ainda que não divulgado pela imprensa. Tal reflexão é incentivada pelos estudos de Palmeira (2017) e Moraes e Fonseca (2012), os quais demonstram a existência de cambistas em programações teatrais. O primeiro disserta sobre o teatro no Rio de Janeiro; o segundo apresenta as experiências do teatro musicado em São Paulo, ambos temporalmente localizados no período da *belle époque*. Moraes e Fonseca,

<sup>324</sup> TIRO 81. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1235, 1916, p. 1.

<sup>325</sup> A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1350, 1917, p. 1.

<sup>326</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1533, 1919, p. 2.

<sup>327</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1758, 1922, p. 2.

por exemplo, apresentam que a chegada de uma companhia do Rio de Janeiro, de nome *Companhia de Operetas, Mágicas e Revistas do Theatro Recreio Dramático do Rio de Janeiro*, em agosto de 1897, evidenciou que “a procura do paulistano pelos ingressos também revelava o grande interesse pela obra, inclusive envolvendo a atuação desembaraçada de cambistas” (MORAES; FONSECA, 2012, p. 109). Novamente sobre os valores dos ingressos do *S. José*, ainda que em 1922 fossem declaradas tais formas de compra, a aquisição do filme *Os Borgias*, cuja marca não foi identificada, elevou as entradas para 2\$000 para a primeira classe e 1\$000 para a segunda classe.

A imprensa anunciou que o *S. José* era um *cinema modelo*<sup>328</sup> constituído por conforto e elegância; a sua infraestrutura abrigava frisas e camarotes<sup>329</sup>. Em sua primeira programação, a casa recebeu representantes da imprensa e “demais pessoas gradas”, ou seja, de alta posição social, que presenciaram a projeção do “bello film da Fox, ‘Coração de Tigre’ [*The Tiger Woman*, 1917], posado pela celebre Theda Bara”, e a apresentação da orquestra conduzida por Mme. Smyrnoff<sup>330</sup>.

As programações contaram com homens e mulheres que parecem ser da classe social mais abastada, dado que eram apresentados por termos como *gradas*, e constam nomes de autoridades locais nas projeções, a citar: Professor Umberto Marini, Tenente Eduardo Sá, Gabriel Bittencourt, Major Januario Bittencourt e Coronel João Brasil<sup>331</sup>. Acrescente-se que sobre o público dessa casa foi publicizado um costume que parecia ser recorrente: *fazer o chic*, isto é, demonstrar indiferença aos espetáculos de grupos de variedades que se apresentavam no palco, mesmo que tivessem gostado. A partir da leitura de uma notícia de 1919, constata-se a existência de tal ação, o que permite entrever também que *fazer o chic* era algo que acontecia após as apresentações teatrais e não de cinematografia, o que pode demonstrar que os frequentadores não tinham mais interesse nesse tipo de programação.

Foi, é, sempre será a moda, fazer o *chic*, isto é, fazer o *blasé*...

A leitora ou o leitor, certamente, já sabem o que é fazer o *blasé*... Entretanto, si não o sabem, ahi vai a explicação: é <<torcer o nariz>> para tudo, até, ás vezes, enfim, achar tudo <<pau>>, *con permesso* para a expressão.

Pois é isto que acontece com muitos *habitués* do trio <<Os Luzos>> que tem divertido bastante os frequentadores do Cinema S. José. Vão, voltam, e tornam a voltar a todos os espectaculos da *troupe* e, enquanto lá, riem a bom rir, desopilam os fígados a valer. A’ sahida, porém, é infallivel... não gostaram.

Chama-se a isto, <<fazer o *chic*>>...<sup>332</sup>

<sup>328</sup> A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1350, 1917, p. 1.

<sup>329</sup> FESTIVAL ARTISTICO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1514, 1919, p. 1.

<sup>330</sup> A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1350, 1917, p. 1.

<sup>331</sup> **CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1400, 1918, p. 2.

<sup>332</sup> FAZER O *CHIC*... **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1502, 1919, p. 2.

Contudo, desconfia-se que tal comportamento, ainda que talvez praticado por algumas pessoas, poderia se tratar de uma estratégia da imprensa para destacar o cinema como uma diversão melhor do que o teatro, pois ao consultar a programação de casas cinematográficas que contaram com o trabalho de apresentações teatrais e congêneres, anteriormente a 1919<sup>333</sup> e após<sup>334</sup>, são recorrentes as notícias de que tais apresentações agradavam à assistência.

Em específico às exhibições cinematográficas, essas se deram junto às apresentações de grupos de variedades ou não. A respeito da primeira forma, cita-se inicialmente que em 21 de setembro de 1919, a empresa ofereceu duas *soirées* com o filme *Imagem do passado*, protagonizado por Mary May, em que se destacou que as apresentações artísticas do professor Stevenson e da senhorinha Mag. Stevenson aumentaram o valor do ingresso na segunda sessão: “sendo a 1ª. às 6:30, a 1\$000 a cadeira, e a 2ª. às 8 horas, a 2\$000, por isso que nessa ultima haverá trabalhos, no palco, pelos artistas que hontem, fizeram sua estréia alli”<sup>335</sup>. Já no dia 5 de janeiro de 1922, junto à projeção do drama *Por direito de compra em cinco fatos*, interpretado por Norma Talmage, Eugene O’Brien e Florence Billings, houve a apresentação de comédias, fados e canções “da <<Troupe>> de comedias, burletas e variedades, sob a direcção do artista Victorioso Fonseca”<sup>336</sup>, em que não foi identificado se o valor das entradas desse programa foi alterado por abrigar diferentes espetáculos.

No tocante ao conteúdo das fitas, em 3 de janeiro de 1922, a exibição de um filme sobre o funcionamento da empresa petroléira estadunidense *Standard Oil Company* causou admiração no público presente e faz-se como exemplo do uso do cinema para a divulgação de investimentos dessa nação no município. Na mesma nota percebeu-se que existiam aliados da *Standard Oil Company* em Barbacena, dado que tal projeção foi incentivada pelo conterrâneo e depositário da *Standard* na cidade, Sr. M. Q. Dias Cardozo, e pelo representante da mesma, Sr. Francisco Mello<sup>337</sup>. No trecho abaixo, consta a descrição da fita:

Como se sabe, a <<Standard>> explora a fabrica de petroleo e seus derivados, sendo ella, sem duvida, uma das mais importantes companhias do mundo, no genero. Assiste-se no <<film>> como é feita a producção do petroleo, sua distillação, as mil e uma metamorphoses por que passa, até chegar á occasião do embarque, que é feito em navios de propriedade da propria Companhia<sup>338</sup>.

<sup>333</sup> CINEMA AVENIDA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1303, 1917, p. 1.

<sup>334</sup> FESTIVAL INFANTIL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2302, 1927, p. 2.

<sup>335</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1533, 1919, p. 2.

<sup>336</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1759, 1922, p. 2.

<sup>337</sup> COMPANY STANDARD OIL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1759, 1922, p. 1.

<sup>338</sup> COMPANY STANDARD OIL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1759, 1922, p. 1.

Outra temática que se destaca das projeções do *S. José* é o futebol, que esteve presente na *matinée* de 1º de janeiro de 1922, quando foram exibidos *O grande segredo*, uma comédia da *Fox*, e o cinejornal referente ao “[...] retumbante 3º mathe do Campeonato Sul Americano de Foot-Ball, realizado em 12 de Outubro de 1921. BRASILEIROS X PARAGUAIOS, 3 x 0”<sup>339</sup>.

A respeito das outras programações, foram identificados festivais beneficentes, artísticos e outros em prol do civismo, que contaram com a presença de adultos e crianças. Como primeiro exemplo, em 19 de novembro de 1917, em comemoração ao Dia da Bandeira, ocorreram diversas atividades diurnas e noturnas em diferentes lugares de Barbacena. O programa da noite foi sediado no *S. José*: um festival cujo pecuniário foi direcionado à Caixa do *Grupo Escolar Bias Fortes*, onde compareceram “pessôas da nossa melhor sociedade” que presenciaram na primeira parte das apresentações algumas cidadinas ao piano, violão e canto; o segundo momento, dedicado à literatura, ficou a cargo de Vito Leão, que leu o texto *Oração a Bandeira* e também um poema; em seguida, apresentaram-se com poemas e canções as seguintes crianças: “[...] Jandyra e Petrina Paes, Arita Savassi, Isaura Nascimento, Mercêdes, Mundiquinho de Carvalho e Carmen de Oliveira”<sup>340</sup>. Por fim, as alunas do *Grupo Escolar* entoaram o *Hino a Bandeira* diante da plateia, que se posicionou de pé nesse momento<sup>341</sup>.

Outro exemplo diz respeito a uma festa de arte promovida na segunda-feira, 7 de julho de 1919, por um grupo de moças e rapazes da elite local para celebrar a assinatura do Tratado de Versalhes, cuja renda do evento foi destinada ao *Asylo de Orphãs* da cidade. Tal programação contou com numeroso e seletos público reunido em um salão ornamentado com “[...] as bandeiras das Nações-Alliadas a guarnecerem a frente das frisas e dos camarotes”<sup>342</sup>.

Eis o programma:  
 Ouverture.  
 Um anniversario feliz – Conceição Jardim.  
 1ª. charada animada – Dr. Durval Nascimento.  
 Hymno á Paz – Quadro vivo.  
 2ª. charada animada – Dr. Vito Leão.  
*Barbacena à la minute* – Dr. Vito Leão.  
 3ª. charada animada – Dr. Vito Leão  
 Homenagem á Patria – Quadro vivo<sup>343</sup>.

<sup>339</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1758, 1922, p. 2.

<sup>340</sup> A FESTA DA BANDEIRA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1373, 1917, p. 1.

<sup>341</sup> A FESTA DA BANDEIRA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1373, 1917, p. 1.

<sup>342</sup> FESTIVAL ARTISTICO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1514, 1919, p. 1.

<sup>343</sup> FESTIVAL ARTISTICO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1514, 1919, p. 1.

Nesse sentido, em 14 de julho de 1919, o *S. José* foi palco de outros eventos em prol do civismo. Dessa vez, tratava-se de uma homenagem à Tomada da Bastilha na França, na intenção de dotar o público de Barbacena de exemplo cívico e democracia. Na ocasião, Vito Leão proferiu palestra a um público formado especialmente por alunos dos colégios secundários de Barbacena<sup>344</sup>, fato que demonstra o uso do cinema para a instrução do público infantil.

A partir do exposto, considera-se que o *S. José* foi uma casa de diversões que abrigou diferentes programações para o público adulto e infantil e contou especialmente com pessoas de classe social mais elevada. No tocante às programações, menciona-se a organização de projeções que destacaram a *Standard Oil Company* e de eventos cívicos que se espelharam em modelos franceses de democracia, os quais corroboram o ideário de modernidade que se apoiava nos acontecimentos e investimentos de tais nações.

### 3.6 Cine-Central

O *Cine-Central* foi inaugurado em 14 de janeiro de 1922 pela companhia *A. Leal & Comp.*, gerida por Antonio Leal e Achilles Maia, “em um predio completamente reformado” na Praça da Intendencia<sup>345</sup>. O encerramento de suas atividades se deu nesse mesmo ano.

As programações identificadas foram projeções fílmicas que se davam aos domingos, segundas, terças, quintas e sábados, em *matinéés* e *soirées*. As *matinéés* eram realizadas aos domingos às 13:30; as *soirées* aconteciam nos horários de 19:30 ou 20:00, em dias da semana e finais de semana. Acrescenta-se a isso a organização de sessões beneficentes. O valor dos bilhetes foram “preços communs”<sup>346</sup>, dos quais ainda não se sabe o custo.

As marcas dos filmes exibidos são: *Paramount*, *Realart* e *Botelho Film*, cujas tramas incluíram comédia, aventura, drama, religiosidade católica e temáticas infantis. Nesse cinema consta a exibição de filmes que tinham angariado grande número de espectadores no Rio de Janeiro, como é o caso de *Macho e Femea* e *Procissão da Santa Eucaristia*. *Macho e Femea* foi interpretado por artistas de renome, como Gloria Swanson, Lila Lee, Bebé Daniels, Thomas Mighan e Theodor Roberts. Segundo os jornais do Rio de Janeiro, o filme “[...] bateu, este anno, o *record* da concorrência nos Cinemas cariocas, pois nada menos de quarenta mil espectadores já o viram e mais de cem mil esperam vê-lo ainda no Rio”<sup>347</sup>. Já

<sup>344</sup> COMEMORAÇÕES CIVICAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1516, 1919, p. 1.

<sup>345</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1761, 1922, p. 1.

<sup>346</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1777, 1922, p. 2.

<sup>347</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1764, 1922, p. 2.

*Procissão da Santa Eucaristia*, trata-se de uma Vista produzida pela *Botelho Film* sobre a procissão eucarística de 1º de outubro de 1922 e trazia a expectativa de “atrahir um numero consideravel de espectadores”, visto que autoridades religiosas que haviam assistido à projeção afirmaram que “o ‘film’ dessa empreza merece ser apreciado por todos os catholicos brasileiros para que todos possam formar uma idéa longiqua embora de grande triumpho eucharistico”<sup>348</sup>.

Acerca de filmes com temática infantil, cita-se o desenho animado que foi projetado de modo extra na *matinée* do dia 12 de março de 1922, de título “Palmadinhas”<sup>349</sup>.

Para as mulheres foram organizadas, sem regularidade, às quintas-feiras, sessões chiques que pareceram privilegiar fitas da empresa *Realart*, cujas temáticas destacaram protagonistas femininas em tramas de comédias e dramas<sup>350</sup>, que contaram com “inumeras senhoras e senhorinhas” e com a distribuição de brindes, como cravos da *Chacara Floricultura Mineira*, localizada em Barbacena, e sorteio de *corbeille*<sup>351</sup>, isto é, uma cesta com presentes não anunciados. O anúncio da primeira sessão chique desse cinema destaca parte dessas promoções:

CINE CENTRAL. – Hoje, sessão chic, dedicada ás senhoras e senhorinhas conterraneas.  
 <<Eu não casarei>>... é o título da fita a ser exhibida, que é uma luxuosa comedia da fabrica Realart.  
 Interpretes: Wanda Hawley, Harison Ford, Jack Mulhal e Walter Hiers.  
 Haverá distribuição de cravos ás senhoras e senhorinhas<sup>352</sup>.

No que concerne às sessões beneficentes, na segunda-feira, dia 3 de abril de 1922, os cinemas que funcionavam na cidade – o *Central* e o *S. José* (direção de *Lopes & Oliveira*) – projetaram, em benefício das crianças pobres de Barbacena, o filme *MARTYR S. SEBASTIÃO*<sup>353</sup>. A existência do mesmo filme nas programações desses cinemas foi algo recorrente em 1922<sup>354</sup>. Contudo, em algumas ocasiões, o *Central* teve de diferente a promoção de *matinées* em alguns domingos em que o *S. José* ofereceu apenas *soirées*. Tomase como exemplo o dia 28 de maio de 1922:

<sup>348</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1841, 1922, p. 2.

<sup>349</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1777, 1922, p. 2.

<sup>350</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1769, 1922, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1832, 1922, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1836, n. 1922, p. 2.

<sup>351</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1770, 1922, p. 2.

<sup>352</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1769, 1922, p. 2.

<sup>353</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1783, 1922, p. 1.

<sup>354</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1800, 1922, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1831, 1922, p. 2; DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1833, 1922, p. 2.

Hoje, nos Cines Central e S. José, serão exibidos so magnificos films – “Uma por minuto”, interpretado pelo querido – Douglas Mac Lean, e “Aventuras de Tarzan” em 15 episodios, interpretado pelo querido Elmo Lincoln. Haverá matinée, à 1,30, mas sómente no Central<sup>355</sup>.

Ainda não foram encontradas notícias que digam do encerramento das atividades do *Central*. Constatou-se apenas que, em março de 1923, a empresa *A. Leal & C.* tinha outro cinema na cidade sob sua responsabilidade: o *Cine S. José*<sup>356</sup>.

### 3.7 Cinema São José (direção de *A. Leal & C.*)

O *Cinema São José*, na gestão de *Antonio Leal & C.*, funcionou de c. 1923 a 1925. Ainda que gerido por essa companhia até 1925, em 23 de julho de 1923, o *S. José* foi deixado sob a gerência do Sr. Luiz Queiroz Serpa, que por sua vez teve “exclusiva responsabilidade”<sup>357</sup> sobre as programações até que os proprietários encerraram as atividades em 1925, motivado pelo arrendamento de outra casa de diversão da cidade, o *Cine-Theatro Apollo*, transformando-o em *Cine-Theatro Leal*.

Mesmo que o Sr. Luiz Serpa não tenha sofrido intervenções em seu trabalho no *S. José* por *Antonio Leal & C.*, entende-se que essa cessão foi um tipo de arrendamento parcial, dado que os mesmos fizeram a casa deixar de funcionar após a inauguração do *Leal* para a extinção de concorrência e que algumas programações anteriormente oferecidas no *S. José* pelos proprietários foram mantidas pelo Sr. Serpa. Dito isso, o *Cine S. José*, propriedade de *Antonio Leal & C.*, será analisado neste tópico com a centralidade nas atividades de *Antonio Leal & C.*, constando em seguida a gestão do Sr. Luiz Serpa.

O *S. José* esteve em funcionamento nos seguintes dias da semana: domingo, quinta-feira, sexta-feira e sábado, sendo que de quinta a sábado ofereceu *soirées* e aos domingos, *matinéés* e *soirées*. Especificamente sobre as quintas-feiras, nesses dias constam programações dedicadas às mulheres, as sessões chiques, marcadas para as 19 horas.

Os filmes projetados foram das marcas *Universal*, *Fox* e *Paramount*, sendo que alguns eram divulgados com o destaque de já terem sido exibidos no Rio de Janeiro, conforme o exemplo a seguir:

Segundo comunicação que recebemos do digno gerente da <<Universal Film>>, será exibido no *Cinema S. José*, desta cidade, dentro de breves dias, o film –

<sup>355</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1797, 1922, p. 2.

<sup>356</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1878, 1923, p. 2.

<sup>357</sup> CINE S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1913, 1923, p. 1.

*Esposas ingenuas*, o celebre trabalho cinematographico, que no Rio foi passado ao preço de 5\$000 a entrada.

E' um film arrojado, de enredo empolgante, o qual custou um milhão de dollars.

Taes são os reclames que, a seu respeito, lêmos, que, realmente, se nos afigura um trabalho extraordinario, que há de se alcançar aqui um grande sucesso<sup>358</sup>.

O valor dos ingressos identificados reporta somente a uma programação especial oferecida em 30 de junho de 1923, quando os preços possibilitados para a primeira classe foi de \$800, para colegiais \$660, e para segunda classe a \$500<sup>359</sup>. Tal programação ocorreu devido às comemorações das inaugurações do ramal da *Oéste de Minas* e do prédio do Fórum da cidade, contando com eventos durante os dias e noites de 30 e 31 de junho. Contudo, as exhibições cinematográficas não compuseram a programação oficial<sup>360</sup>, mesmo que esgrimido na imprensa que os valores dos bilhetes de cinema seriam esses devido à “[...] commemoração aos grandes festejos, na cidade [...]”<sup>361</sup>.

A respeito da organização das programações, constatou-se a existência de orquestra em uma sessão chique em que o público assistiu ao drama *Semi-nua*, “um bom film acompanhado de deliciosos numeros de musicas pela orchestra! Um programma que agrada a todos os paladares”<sup>362</sup>. Também se verificou que a organização da sessão chique não foi o único modo de conferir destaque às mulheres, visto que em *soirées* comuns, ainda que não fosse concedida entrada gratuita às cidadinas, projetaram-se enredos que se referiam às mulheres, a exemplo do que ocorreu na sexta-feira, dia 29 de junho de 1923, em que a trama da *Fox*, *Missão divina*, destacava “[...] um problema social que a todos interessa – Coração materno e da Assistencia à Infancia. Em 9 actos”<sup>363</sup>. Em sentido oposto, outras programações comuns e especiais destacaram interpretações masculinas que propagaram estereótipos de homens violentos e que se envolviam com práticas esportivas, a dizer do filme da *Fox*, *Herdeiros extemporaneos*, que contava como “[...] interprete principal o destemido artista <<atirador e rei do hyppismo>> - Chrales Buch Jones”<sup>364</sup>. Por fim, nesse cinema não foi identificada a existência de programações infantis, eventos beneficentes e outros gêneros.

### 3.8 Cinema São José (direção do Sr. Luiz Queiroz Serpa)

<sup>358</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1861, 1923, p. 2.

<sup>359</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

<sup>360</sup> AS FESTAS DE HOJE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

<sup>361</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

<sup>362</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1905, 1923, p. 2.

<sup>363</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1905, 1923, p. 2.

<sup>364</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1906, 1923, p. 1.

Em 23 de julho de 1923, o Sr. Luiz Queiroz Serpa assumiu a gerência do *Cinema São José de Antonio Leal & C.* com a total responsabilidade sobre as atividades da casa junto à promessa de dotá-la de vários melhoramentos que ainda se faziam necessários, como, por exemplo, a aquisição de novos filmes. Três dias após o início de sua gestão foi publicizado que as marcas projetadas seriam as mesmas que se passavam nos cinemas do Rio de Janeiro, “[...] tendo para isso firmado contractos com as mais importantes Empresas Cinematographicas, com representantes no Brasil”<sup>365</sup>.

Os filmes apreciados foram das marcas americanas *Paramount* e *Metro Pictures*, e da alemã *Ellen Richter Film*. Os valores das entradas não foram identificados, com exceção de quando os ingressos se elevaram devido à presença de enredos de grande reclame, a citar a película alemã “*Maria Tudor*, film de elevado custo e de muito reclame, motivo por que o S. José vae projectal-o a 1\$500”<sup>366</sup>.

As atividades se deram aos domingos, quintas-feiras e sábados. Aos domingos, eram oferecidas *matinéés* e *soirées*, sendo que algumas vezes eram programadas apenas *soirées* nos horários de 18:45 e 20 horas, respectivamente mais cedo do que no concorrente *Cine Apollo*, que trabalhava com os seguintes horários: 20:30 e 21:30<sup>367</sup>. Soma-se a isso que, quando aconteciam *matinéés*, por muitas vezes era projetado o mesmo filme de manhã e à noite<sup>368</sup>. Nas quintas-feiras, assim como na gestão anterior, as sessões chiques dedicadas ao *bello sexo* continuaram sendo ofertadas<sup>369</sup>, mas sem regularidade, pois em algumas quintas-feiras também aconteceram sessões beneficentes. Já aos sábados eram organizadas *soirées*, cujos horários não foram reconhecidos.

A respeito das sessões chiques, duas ponderações podem ser feitas. A primeira é que, mesmo que algumas fitas exibidas nas demais programações sugerissem ser de conteúdo que buscavam prescrever modos para a vida matrimonial e comportamento feminino, como na *soirée* do domingo, 9 de março de 1924, na qual consta “[...] o bellissimo film da Paramount em 6 actos - <<Dinheiro e Matrimonio>> [...]”<sup>370</sup>, nas sessões chiques essas temáticas parecem ser maioria conforme incitação dos títulos de algumas das tramas: *Um marido de verdade*<sup>371</sup>, *Moral matrimonial*<sup>372</sup>, *O anjo do lar*<sup>373</sup> e *Teu nome é mulher*<sup>374</sup>. A segunda

<sup>365</sup> CINE S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1913, 1923, p. 1.

<sup>366</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1932, 1923, p. 2.

<sup>367</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1966, 1924, p. 2.

<sup>368</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1916, 1923, p. 2.

<sup>369</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

<sup>370</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1976, 1924, p. 2.

<sup>371</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

<sup>372</sup> S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2019, n. 1924, p. 2.

<sup>373</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2063, 1925, p. 2.

reflexão é que não foi noticiado como se dava o funcionamento da orquestra que trabalhava na casa nas demais atividades a não ser nas sessões chiques. Por isso, o trecho apresentado a seguir convence a interpretação de que a música ao vivo era uma preocupação mais evidente nas sessões dedicadas ao público feminino, o que também pode sugerir que eram as sessões de maior rentabilidade, visto que o acesso não era restrito às mulheres; daí a presença de outros atrativos, como a música. Similarmente a outros cinemas, as sessões chiques também incluíram surpresas, como pode ser lido abaixo:

Está anunciado para hoje neste querido Cinema um programma esplendido, com o reaparecimento da travessa e linda artista Viola Dana, no delicioso film: UM MARIDO DE VERDADE.

Como hoje é dia de <<Sessão Chic>>, a orchestra executará escolhidos numeros de musica, e segundo anunciam os Empresarios ao <<bello sexo>>, esta reservada uma agradabilissima surpresa, que não podemos dizer por ser segredo... No S. José<sup>375</sup>.

Outro tipo de programação identificada foram as sessões beneficentes. Como exemplo, em 30 de abril de 1925, em benefício da uniformização dos alunos do *Grupo Escolar Bias Fortes*, a professora D. Eliza Magalhães organizou um evento que exibiu o filme *Pão nosso de cada dia*. O valor arrecadado na bilheteria foi doado de modo integral à referida instituição, pois o diretor do *Grupo Escolar* conseguiu que o secretário de Finanças de Minas Gerais, na época, Sr. Mario Brant, isentasse as entradas desse evento dos impostos estaduais em prol da causa<sup>376</sup>.

Em 16 de julho de 1925, as atividades do *Cinema São José* foram suspensas, pois os proprietários *Antonio Leal & C.* arrendaram o *Cine-Theatro Apollo*, nomeando-o *Cine-Theatro Leal*<sup>377</sup>.

### 3.9 Cine-Theatro Apollo

O *Cine-Theatro Apollo* foi inaugurado em 1923 por Aroldo Piacesi e esteve sob sua direção até meados da década de 1960. Foi identificada uma interrupção nessa gestão no último quartel de 1920, quando a casa foi arrendada para os empresários Antônio Leal e Achilles Maia e passou a se chamar *Cine-Theatro Leal*, até que em 1º de maio de 1930, a família Piacesi novamente reinaugurou o *Apollo*. Já nos anos finais de 1960 o estabelecimento

<sup>374</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2065, 1925, p. 2.

<sup>375</sup> DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

<sup>376</sup> S. JOSE'. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2089, 1925, p. 2.

<sup>377</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2111, 1925, p. 1.

foi vendido em definitivo para Urias Barbosa de Castro, cuja família manteve a casa em atividade até 1998. Nesta seção, pretende-se analisar os anos iniciais das atividades do *Cine-Theatro Apollo* que estiveram sob a responsabilidade de seu fundador e fazem parte do recorte temporal proposto.

Figura 19: *Cine-Theatro Apollo* e *Confeitaria Apollo* (déc. 1920)



Fonte: Acervo Domínio Público. Captada em: <http://fotosantigasbarbacena.blogspot.com/> Acesso em: 18 jul. 2021.

Aroldo Piacesi era natural da comuna de Fabro e realizou os seus estudos na *Escola Salesiana de Roma*. Mudou-se para Barbacena na adolescência junto ao tio, Orlando Piergentili, e foi um homem de prestígio na cidade especialmente por ser considerado um importante intelectual, representante da comunidade italiana residente na região e de comerciantes. Ele, por exemplo, esteve à frente do Consulado italiano na localidade; atuou como secretário da *Sociedade Italiana de Beneficencia Vittorio Emanuele II*, entre 1906 e 1913; desenvolveu atividades na *Associação Comercial de Barbacena*, em 1920 (PIMENTA, 2015); geriu comércios e duas casas de diversão, o *Moderno* e o *Apollo*.

Após o rompimento da sociedade com o sogro, Aroldo firmou um acordo comercial com o irmão Nello Piacesi, que já trabalhava com a venda de secos e molhados em Barbacena. Juntos, inauguraram a *Confeitaria Apollo* em 25 de dezembro de 1921, “onde os gastrônomos poderão desfructar pratos escolhidos, feitos por mãos de mestres de cozinha”, e em seu anexo foi organizada uma “secção de frutas, que são vendidas por preço modico”<sup>378</sup>. Nello Piacesi foi a óbito por Gripe Espanhola em 1922, fazendo com que Aroldo continuasse sozinho o serviço da confeitaria e de outras atividades, que incluíam a venda de bicicletas de

<sup>378</sup> CONFEITARIA APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1757, 1921, p. 1.

marcas inglesas e italianas<sup>379</sup> e a inauguração do *Cine-Theatro Apollo*, sendo que, após o último feito, arrendou a *Confeitaria Apollo* a Luiz Acerbi<sup>380</sup>.

Aroldo contou com sua esposa, a sra. Ines Piacesi, na organização das atividades do *Apollo*. Também natural de Fabro, filha de Orlando Piergentili, ela chegou à região com três anos de idade e a sua formação escolar se deu no *Colégio Imaculada Conceição*. Casou-se em 1912, aos 17 anos, com o primo, com quem conduziu a escrita dos semanários *Apollo Jornal* (1923-1924) e *O Rubicon* (1935-1954), que pertenciam à empresa *Cine-Theatro-Apollo*, onde divulgaram a programação da casa de diversões e seus ideais (PIMENTA, 2007; PIMENTA, 2015).

A atividade jornalística de Ines Piacesi abrange a contribuição com outros jornais, citando-se os locais *O Sericicultor*, *Jornal de Barbacena* e *Cidade de Barbacena*, em que assinava os pseudônimos Seny e D. Paula; de São João Del Rei, o *Diário do Comércio*; de Juiz de Fora, o *Diário Mercantil* (PIMENTA, 2007). Também assinou textos na revista *Nação Brasileira*<sup>381</sup> e teceu diálogos com a *Cinearte*, participando de um questionário assinado por Seny em seu primeiro número<sup>382</sup>, enviando em seu nome exemplares do jornal *O Rubicon*, em 1935, para a redação da revista<sup>383</sup>. Ao longo de sua vida, Ines desenvolveu outras atividades de escrita, como o lançamento, em 1981, de uma coletânea de poemas, textos sobre Barbacena e memórias das atividades do *Apollo* com o título *Pedaços d'alma, flores do coração* (PIACESI, 1981).

Ines também foi professora primária no *Grupo Escolar Bias Fortes* entre 1928 e 1951, quando se aposentou por motivos de saúde (PIMENTA, 2007). Como docente, esteve muito envolvida com as causas do ensino, sendo que, antes de assumir o cargo de normalista do *Grupo Escolar*, já participava de bancas de avaliação da instituição e incluía em seu círculo relacional algumas professoras da cidade que integravam as atividades do *Apollo*<sup>384</sup>. Nessa carreira, Ines ficou conhecida por propor metodologias de aprendizado inovadoras para o alunado, como excursões para as cidades de São João Del Rei e Ouro Preto; a criação de um jornal pela sua classe, de título *O grilo* (1940)<sup>385</sup>; a apresentação de trabalhos no Congresso de Educação em Goiânia, em 1942 (PIMENTA, 2007); pelo diálogo por correspondência, datada de 23 de dezembro de 1939, com o ministro da Educação Gustavo Capanema, em que elogiou

<sup>379</sup> BICYCLETAS DE FAMA MUNDIAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2183, 1926, p. 2.

<sup>380</sup> BRINDES. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 12, 1923, p. 4.

<sup>381</sup> PIACESI. **Nação Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 16, 1924, p. 77.

<sup>382</sup> **CINEARTE**, Rio de Janeiro, n. 1, 1926, p. 27.

<sup>383</sup> A CAMPANHA PELO BOM CINEMA. **Cinearte**, Rio de Janeiro, n. 424, 1935, p. 24.

<sup>384</sup> GRUPO ESCOLAR. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 16, 1924, p. 2.

<sup>385</sup> SAVASSI, 1991a.

seu trabalho e enviou-lhe uma cópia de um texto de sua autoria, cujo título “Inteligencia nº 1 do NOVO BRASIL” fazia alusão ao referido ministro e foi publicado em *O Rubicon*<sup>386</sup>.

Figura 20: Aroldo e Ines Piacesi (déc. 1950)



Fonte: Doação de Maria Inês Piacesi.

O *Cine-Theatro Apollo* foi aberto ao público em 12 de agosto de 1923. Na mesma ocasião, foi inaugurado o *Apollo Jornal*<sup>387</sup>, no qual se afirmou que tal acontecimento representou “o maior sucesso registrado nos annaes do progresso barbacenense”<sup>388</sup>, pois se tratava de um centro de diversões bem estruturado, com as melhores programações, “digno da cultura de seu povo”<sup>389</sup>, e por inúmeras vezes afirmou que era o maior teatro de Minas Gerais.

Sob direção de Aroldo Piacesi e da esposa Ines Piacesi, que se dedicava especialmente às atividades do *Apollo Jornal*, a empresa estava endereçada à Rua Quinze de Novembro, número 20, onde funcionaram os negócios da *Piergentili Piacesi & Comp.*, lugar que passou por reformas desde julho de 1922, quando se noticiava que “[...] a criação de mais uma casa de entretenimento representa, sem duvida, um passo a mais para o progresso local [...]”<sup>390</sup>.

Era uma casa de diversões com “localização central, segurança, hygiene, ventilação, conforto, bom gosto, elegancia”<sup>391</sup>. Sua mobília foi comprada no Rio de Janeiro<sup>392</sup>. A casa

<sup>386</sup> PIACESI, 1939.

<sup>387</sup> **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 1, 1923.

<sup>388</sup> APÓS A LUCTA VENCIDA. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 2, 1923, p. 1.

<sup>389</sup> HOSANA. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 14, 1923, p. 1.

<sup>390</sup> UM NOVO CINEMA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1810, 1922, p. 2.

<sup>391</sup> O APOLLO AO PUBLICO DISTINCTO E CONSCIENCIOSO. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 9, 1923, p. 1.

<sup>392</sup> CINE-THEATRO-APOLLO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1904, 1923, p. 1.

tinha capacidade para cerca de seiscentos lugares na plateia<sup>393</sup> e ofereceu programações que contaram com a presença de homens, mulheres e crianças.

Anteriormente à sua inauguração, foram disponibilizadas cadernetas de assinaturas de bilhetes, o que não foi anunciado se teve adesão do público. O preço da entrada individual custava 1\$100 como um valor fixo nas sessões comuns ou poderiam ser compradas em um número maior, em blocos com as seguintes opções: 20 entradas a 20\$000, 40 entradas a 37\$000, 60 entradas a 53\$000<sup>394</sup>. Outros ingressos custaram 1\$500 e \$800 réis em programações especiais. O jornal *Cidade de Barbacena* também conferiu alguns detalhes do *Apollo* antes que fosse aberto ao público:

[...] tem, no interior a altura de que carecem as casas de diversões, - é arejado, dispõe de excelente palco, camarins, platéa ampla, com lotação para cerca de seiscentas pessoas, além de possuir camarotes, varandas, confortavel sala de espera, etc. Dispõe ainda o <<Theatro Apollo>> de bem feita e higienica installação sanitaria.<sup>395</sup>

Mesmo com tais descrições de sua infraestrutura, a empresa afirmou que a lotação completa do cinema não estava terminada, restando a instalação de “galerias, frisas, camarote e geral”<sup>396</sup>, e que, ainda que o palco não estivesse finalizado, seriam organizadas apresentações artísticas no âmbito para que as sessões ficassem mais atrativas<sup>397</sup>. O *Cine Apollo* organizava programas no formato de *soirées* que poderiam variar nos seguintes horários: 18:00 e 20:00, 18:30 e 20:30, 18:30 e 20:15, e por fim, 20:30 e 21:30, que se deram em sua maioria aos domingos, segundas-feiras e quintas-feiras. Outras propostas foram divulgadas pela empresa; por exemplo, em todos os domingos e feriados ofereceu “matinée para a petisada, com programas adaptados especiaes”<sup>398</sup> que aconteciam às 13:30 ou 14:00, e de modo similar a *matinée blanche* também dedicada às crianças, mas agendadas para as quintas-feiras no horário de 13:30 e com sorteio de brindes no momento<sup>399</sup>. Citam-se também as *sessões especiaes e variadas; sessão de arte; sessões dedicadas a estabelecimentos e associações educativas e a Sessão Selecta*, uma atração destinada a exibir filmes distribuídos por *Francisco Serrador*<sup>400</sup>.

<sup>393</sup> CINE-THEATRO APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1904, 1923, p. 1.

<sup>394</sup> CINE-THEATRO APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1917, 1923, p. 1.

<sup>395</sup> CINE-THEATRO APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1904, 1923, p. 1.

<sup>396</sup> A APOTHEOSE PERENE DO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 3, 1923, p. 1.

<sup>397</sup> OS ESPECTACULOS DO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 5, 1923, p. 2.

<sup>398</sup> *APOLLO JORNAL*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 4.

<sup>399</sup> MATINÉE BLANCHE. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 2.

<sup>400</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 9, 1923, p. 1.

Os filmes reproduzidos eram das marcas *Goldwyn*, *Fox* (filme e jornal), *Caesar Film*, *Società Anonima Ambrosio* e do *Programa Serrador*. Acrescenta-se a isso que dois documentários produzidos pela *SCAB-Film* foram projetados: *Varios aspectos de Barbacena* (1924) e *Revolução de 1924/Revolução de São Paulo* (1924).

Em sua inauguração, a casa foi ornamentada com flores pelos artistas Augusto Araujo Lima e Fausto Costa, e estava planejado para o mesmo dia a exposição de telas da pintora local Petrina Coutinho, adiada a pedido da autora das obras por temor pela quantidade de presentes que, na ocasião, somou mais de 2.000 pessoas<sup>401</sup>. Não foi identificado se o evento aconteceu em outro momento.

O programa inaugural do domingo, 12 de agosto de 1923, contou com “matinée – às 2 horas com fitas especiaes para a nossa querida petisada. Soirée – 2 sessões, A’s 6 horas em ponto e 8 horas em ponto. Preço effectivo, fixo e inalteravel, 1\$100”<sup>402</sup>. Não foi anunciado se a fita da *matinée* era diferente da projetada na *soirée*, o drama *Cléo de Paris*. Tratava-se de um filme gravado em 1922 e distribuído pela *Metro Pictures Corporation Exclusive Distributors*, produzido por Edmundo Goulding e no Brasil era parte do *Programa Serrador*, tendo sido exibido por duas semanas sem interrupção no *Cine Odeon* do Rio, antes de chegar ao *Apollo*<sup>403</sup>. A trama contou a história da pensilvânia Cléo, que trabalhava como dançarina em Paris e, após se casar com Elmer Harmon, se envolve em situações conflituosas para pagar a fiança do marido, preso por ter falsificado a assinatura de um tio para conseguir dinheiro. A princípio, o companheiro de Cléo ficou insatisfeito com a forma que ela encontrara para arrecadar o valor de sua fiança e rompeu o casamento. Contudo, o casal se reconcilia após ele perceber amor verdadeiro nas atitudes da esposa em sua defesa<sup>404</sup>.

No primeiro número do *Apollo Jornal*, a empresa fez saber que contaria com a apresentação de orquestra dirigida pelo Sr. Octavio Costa, que já havia trabalhado no *Cinema Odeon* do Rio, e que só seriam exibidos os melhores programas no *Apollo*. As fitas projetadas nas salas cariocas seriam maioria e duas vezes por semana contaria com o *Programa Serrador*, definido como o melhor, mais luxuoso, mais caro e distinto do país: “no seu *ecran* projectar-se-ão as ultimas produções dos idolos Bertini, Menichelli, etc., bem como os films ‘super’ e extra especial da Fox, Pathé, First, Golduim, Argentina Film, etc., etc.”<sup>405</sup>.

<sup>401</sup> A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE PETRINA COUTINHO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 1.

<sup>402</sup> PROGRAMA DA SESSÃO INAUGURAL DO CINE-THEATRO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 1, 1923, p. 4.

<sup>403</sup> PROGRAMA DA SESSÃO INAUGURAL DO CINE-THEATRO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 1, 1923, p. 4.

<sup>404</sup> Sinopse disponível em: [https://www.imdb.com/title/tt0013487/?ref=ttpl\\_pl\\_tt](https://www.imdb.com/title/tt0013487/?ref=ttpl_pl_tt) Acesso em: 15 ago. 2020.

<sup>405</sup> IMPORTANTE. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 1, 1923, p. 3.

Em um comunicado ao público, o *Apollo* aponta que o recinto era uma casa de diversões popular (“ao alcance de todas as bolsas”<sup>406</sup>) e sem a intenção de se tornar elitizada. A partir de boatos de que as senhoras queriam trajar chapéu no dia da inauguração, a empresa foi contra, entendendo que isso poderia intimidar o não comparecimento de populares. Tal adorno era uma peça de uso especialmente pelas classes mais abastadas, e não era a intenção não contar com a presença de estratos sociais menos favorecidos na ocasião. Conforme a nota:

Corre o boato de que à inauguração do Cinema as senhoras se apresentarão de chapéu; boatos destes só têm um fim: prejudicar a Empresa e assustar o povo. Si um grupo de elegantes abastadas pretende fazel-o, não quer dizer isto que todas devam fazel-o também.

O chapéu, como tudo mais, vae segundo o gosto e o modo de pensar de cada um. Depois uma estréa a preço tão modico – 1\$100 apenas, não pede de modo algum luxo.

O “Apollo” é uma casa de diversões popular – ao alcance de todas as bolsas. Não tem fundamento pois, o chapeu para a estréa que será com a simplicidade de sempre<sup>407</sup>.

A intenção desse cinema em receber assistentes da classe popular se reforça em textos publicados em seu periódico. Cita-se um de autoria da empresa, esclarecendo que o *Apollo* “[...] não é uma casa particular de diversões, mas um templo publico, um recinto sagrado á popularidade, á satisfação, das exigencias do publico”<sup>408</sup>. E outro assinado por Philocelina Mattos de Almeida, professora local, para quem “a estréa do Cine-Apollo foi uma sublime apotheose, um empolgante trophéo que fazia vibrar a alma fremente da grande massa popular áli attrahida”<sup>409</sup>. Essa autora ainda ofereceu detalhes sobre o comportamento dos assistentes, que se mostraram muito interessados por esse divertimento, como uma “compacta multidão que, avida, se acotovelava, disputando ingresso no ambito das projeções cinematographicas”<sup>410</sup>.

O número de pessoas presentes nas sessões fílmicas pareceu continuar com êxito, visto que para além da lotação prevista aos domingos, a popularidade da casa ocorria também em dias da semana, e não somente com populares. Segundo o *Apollo Jornal*, a casa estava “implantando as melhores condições de diversões, ao alcance dos abastados e dos remediados”<sup>411</sup>, e

<sup>406</sup> A EMPRESA DO APOLLO AO PUBLICO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 1, 1923, p. 3.

<sup>407</sup> A EMPRESA DO APOLLO AO PUBLICO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 1, 1923, p. 3.

<sup>408</sup> A APOTHEOSE PERENNE DO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 3, 1923, p. 1.

<sup>409</sup> PHILOCELINA ALMEIDA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 2.

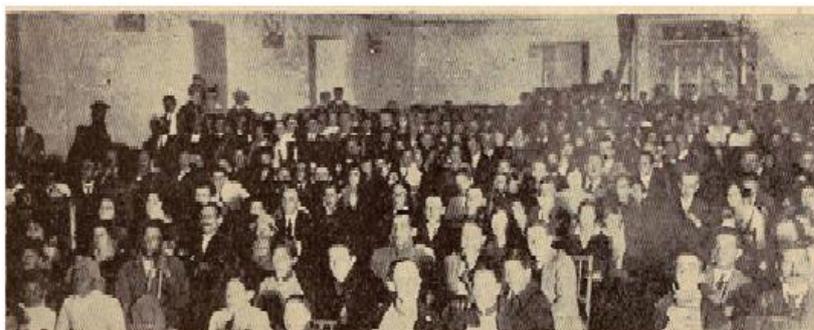
<sup>410</sup> PHILOCELINA ALMEIDA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 2.

<sup>411</sup> O TOUR DE FOURCE DO “APOLLO”. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 5, 1923, p. 3.

[...] Barbacena em peso, representada no que há de mais selecto e de mais fino, na sociedade tem accorrido ás suas sessões. A aglomeração excessiva do povo, torna pequena a sala d' entrada; o que o hontem parecia-nos grande demais, hoje parece-nos pequeno, o próprio salão de projecção na sua imponencia grandiosa, é exíguo, é defficiente para as enchentes habituaes [...] <sup>412</sup>.

Percebe-se que a presença de um grande público nessa casa de diversões parecia ser um fator fidedigno, pois em uma fotografia de 1924 (Figura 21) nota-se o quantitativo de assistentes sentados e em pé ao fundo da sala de projeções para assistir a uma sessão comum. Na imagem seguinte, também foram identificadas pessoas negras sentadas na plateia junto a pessoas brancas logo nas primeiras filas (à esquerda uma mulher no meio de duas crianças e um homem atrás, acima da palavra 'Fonte').

Figura 21: *Aspecto da platéia do Cine-Theatro Apollo, numa de suas sessões communs (1924)*



Fonte: CINE-THEATRO APOLLO. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, 1924, p. 91.

Segundo a pesquisa de Bouillet (2020), a cor da pele era sinônimo de baixa renda no início do século XX. Em cidades mineiras como Uberlândia, percebeu-se a frequência de pessoas negras nos cinemas, mas com restrições, seja no setor para o qual se compravam os bilhetes de entrada (denominado balcão ou *poleiro* – diferentemente daquele para pessoas brancas) ou nos lugares onde se sentavam para assistir às projeções. Ações do tipo não foram noticiadas em Barbacena. Entretanto, pelo registro fotográfico da plateia do *Apollo*, percebe-se que a frequência de pessoas de diferentes cores e possivelmente classes aconteceu, mesmo que alguns estratos sociais ainda fossem minorias nesse tipo de casa de diversão.

Dentre as pessoas da classe abastada que estiveram presentes, por exemplo, na primeira sessão fílmica do *Apollo*, destacaram-se Aracy Esteves, Maria Luiza Tamm, Vera Tamm, Nair Abranches, Lilica, Sinhasinha Leite, Mme. Laurita Bias, Mme. Tovar, Vera

<sup>412</sup> A APOTHEOSE PERENNE DO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 3, 1923, p. 1.

Araripe e Mme. Milanez. As jovens estavam em grupinho e apostaram na “sedução misteriosa do chapéu, singelo e gracioso”<sup>413</sup>. Tal afirmação aponta que, mesmo com o pedido da empresa para que tal indumentária não fosse requisito para a inauguração da casa, a presença de cidadinas que o trajavam também era bem-vinda, oferecendo-lhes elogios, pois tal escolha impregnou o ambiente com as exigências do bom gosto<sup>414</sup>.

A equipe de trabalho do *Apollo* inovou alguns dos costumes locais, visto que contava com as senhoritas Albanita de Oliveira e Maria Amelia de Oliveira na venda de bilhetes e Manoelita de Araujo Lima e Ida Piacesi no atendimento aos clientes. Ida, em especial, era sobrinha do proprietário Aroldo, normalista em formação, e ocupava a função de *garçonette d'honneur*<sup>415</sup>, ou seja, garçõnete recepcionista. Segundo a empresa, as mulheres possuíam características melhores para atender ao público, por isso a escolha foi acertada. Consoante um trecho da notícia extraída do *Apollo Jornal*,

[...] como nem todas as criaturas tem os predicados indispensaveis que o metier delicadissimo de lidar com o publico requer, e dado ainda a exiguidade do nosso meio ainda acanhado, a empreza tem motivos sinceros de se rejubilar e congratular-se ao mesmo tempo com o publico pelo <<tour de force>> conseguido no feminismo.

Depois, em todas as profissões suaves em que o homem age bem, a mulher o substitue melhor ainda, por ser mais doce, mais paciente, mais meiga, submissa e attrahente<sup>416</sup>.

A partir desse fragmento podem ser feitas duas considerações. A primeira é que não era comum cidadinas nessa atividade, o que se mostra como um dado inédito para as ocupações femininas de Barbacena, que aconteciam especialmente nos serviços do ensino, operariado, música, imprensa e escrita. A segunda consideração se relaciona ao sentido conferido a esse tipo de exercício, pois, ao citar que tal atividade estava associada ao feminismo, é importante apontar que a redatora do *Apollo Jornal* apresentava ambiguidades entre compartilhar do feminismo e do sufragismo. Em outras palavras, de acordo com Pimenta (2007), Ines Piacesi se declarou feminista e não sufragista, o que, ao seu ver, fazia diferença na postura radical das sufragistas em deixarem de lado as responsabilidades femininas de cuidar do casamento e prole. Contudo, o autor faz a reflexão de que esse posicionamento se tratava de uma postura ambígua e contraditória para uma mulher que estava à frente da escrita de um jornal (ainda que parte da empresa de seu marido), era a

<sup>413</sup> KODAK. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 3.

<sup>414</sup> KODAK. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 3.

<sup>415</sup> IDA PIACESI. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 11, 1923, p. 2.

<sup>416</sup> A GUARNIÇÃO VIVA DO APOLLO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 2, 1923, p. 4.

responsável pela redação e autoria da maior parte dos textos divulgados, o que para a época contrastava com as tarefas prescritas ao sexo feminino (PIMENTA, 2007).

A respeito das fitas exibidas no *Apollo*, destaca-se que a aquisição do *Programa Serrador* foi algo muito celebrado pela casa, pois era a primeira empresa de cinema em Barbacena a apresentar filmes dessa distribuidora, o “que significa: o conjunto mais selecto e mais caro do que as fábricas tem de melhor”<sup>417</sup>. Para o júbilo de sua presença, a empresa organizou a *Sessão Selecta*, momento destinado à exibição de fitas da marca *Serrador*, inicialmente agendada para as segundas-feiras a partir de 7 de outubro de 1923<sup>418</sup>, e em 1924 passou a ser realizada às quintas-feiras<sup>419</sup>. Consta na inauguração da programação a fita *Amor contra o medo*<sup>420</sup>. Nas notícias sobre o funcionamento da primeira *Sessão Selecta*, identificou-se que a casa foi ornamentada por duas cidadinas, nomeadamente Manuelita de Araujo Lima, que trabalhava na casa, e Elisa Magalhães, citadas como “duas amiguinhas ás quaes o Apollo agradece com efusão”<sup>421</sup>. Também encontram-se pistas que conduzem a análise de que essa sessão foi seleta não só pela aquisição do *Programa Serrador*, mas também pela sua descrição, como uma programação que representava a “imitação do que há em outros centros adeantados”<sup>422</sup> e do mesmo modo pela presença de público apurado a dedo, ou, conforme o *Apollo Jornal*, “tudo o que Barbacena tem de mais fing [...]”<sup>423</sup>.

O valor das entradas da *Sessão Selecta* foi superior em relação ao taxado nas programações comuns, sendo cobrado o preço de 1\$500 ao invés de 1\$100. Segundo a empresa, esse valor era algo em conta, visto que em Belo Horizonte, Juiz de Fora e Rio de Janeiro os filmes do *Programa Serrador* eram projetados a 2\$000<sup>424</sup>, e tal valor cobriria o custo das fitas e a aquisição de brindes para serem sorteados durante a programação. Contudo, no decorrer dos detalhes sobre a *Sessão Selecta*, identificou-se que ao *bello sexo* era cobrado 800 réis<sup>425</sup> e que os brindes eram doados por comerciantes locais, como as lojas *A Confiança*, *Ao 1º Barateiro*, *Salão Americano*, *Confeitaria Apollo*, *Casa Mendes*, *Pharmacia Baeta Alvim*, *Armazem S. José*, *Fabrica de Meias Santa Iria*, *Leiteria Santa Clara*<sup>426</sup>, e a própria empresa *Apollo*, que incluiu como brindes a sua caderneta de bilhetes<sup>427</sup>. Ainda assim, essa

<sup>417</sup> O APOLLO AO PUBLICO DISTINCTO E CONSCIENCIOSO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 9, 1923, p. 1.

<sup>418</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 9, 1923, p. 1.

<sup>419</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1967, 1924, p. 2.

<sup>420</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 9, 1923, p. 1.

<sup>421</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 2.

<sup>422</sup> C.C. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 12, 1923, p. 1.

<sup>423</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 2.

<sup>424</sup> HOJE- HOJE. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 6, 1923, p. 1.

<sup>425</sup> CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1988, 1924, p. 2.

<sup>426</sup> BRINDES. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 12, 1923, p. 4.

<sup>427</sup> C.C. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 12, 1923, p. 1.

programação pareceu não desagradar ao público, que, em síntese, demonstrou preferência pelos filmes do *Programa Serrador*<sup>428</sup>.

Outro aspecto que atesta a seleção do público é que nessa sessão foi destacada a presença dos cidadãos e das cidadãs da classe mais abastada, que participaram dos sorteios de brindes de modo igual<sup>429</sup>. Em especial as bem vestidas senhoras, senhoritas, *mademoiselles* e madames, essas se deixaram ser fotografadas na inauguração da *Sessão Selecta* e quantitativamente se sobrelevaram ao número de cavalheiros presentes em outros dias dessa programação. Além do fato de as mulheres parecerem ser público assíduo e maioria nas *Sessão Selecta*, o *Cine Apollo* anunciou que estava sendo pensada a organização de *Sessões especiaes e variadas*, nas quais o *gentil sexo* poderia assistir filmes e se expressar artística e literariamente<sup>430</sup>, o que, se realmente aconteceu, possibilitou diferentes usos desse lugar por esse público. Acrescenta-se a isso também o destaque para a presença das conterrâneas na porta da casa, na sala de espera e nas programações corriqueiras, o que alegrava o recinto.

Nesse mesmo sentido, as normalistas inseridas na profissão e aquelas em formação foram evidenciadas como frequentadoras muito presentes na casa, assim como contribuíram com os seus serviços. Por exemplo, a professora Philocelina Mattos escreveu textos para o *Apollo Jornal* e prestou homenagem à casa no evento de aniversário de um ano de fundação com a leitura de um soneto de sua autoria:

D' alegria no doce phrenesi,  
O Apollo commemora hoje o primeiro  
Anniversario seu, reunindo aqui  
Esse grupo gentil – seu timoneiro!

A' orchestra, em cujo gremio de harmonia  
S' ostenta a pianista do cinema,  
Qual violeta mimosa que inebria,  
Tendo a pulchra modestia por emblema;

Ao corpo operador que sempre lida  
A bem do evoluir da grata Empreza,  
E a todos que concorrem para a vida

Do Apollo, elle offerece, com prazer,  
Esta ceia em que prima a singeleza,  
Mas, que visos de gozo ha de trazer<sup>431</sup>.

Já Ida Piacesi se dedicou ao atendimento ao público; e Elisa Magalhães, além de ajudar na decoração do *Apollo*, foi a responsável por conduzir a *Orquestra Independente*, que

<sup>428</sup> C.C. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 12, 1923, p. 1.

<sup>429</sup> **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 11, 1923, p. 1-2.

<sup>430</sup> **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 2, 1923, p. 4.

<sup>431</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2019, 1924, p. 1.

deu o tom musical das *Sessões Selectas*<sup>432</sup> e a outros eventos sediados na empresa, como um *festival litero-musical* beneficente organizado por mulheres<sup>433</sup> e a festa de um ano de funcionamento, como se pode ler no soneto acima, em que foi citado que “[...] A’ orchestra, em cujo gremio de harmonia / S’ostenta a pianista do cinema [...]”.

Acredita-se que a presença das cidadinas no *Apollo* foi facilitada pelo fato de Ines Piacesi e Ida Piacesi serem parte do grupo de professoras da cidade. Percebe-se também que, diferente de outros cinemas que ofertavam programas específicos para as mulheres (as sessões chiques), no *Apollo*, mesmo que também tenham sido organizadas sessões dedicadas a este público, a frequência das mulheres foi algo mais habitual. Por exemplo, na primeira quinzena de funcionamento da casa, especialmente o dia 28 de agosto de 1923, a empresa anunciou que “reconhecida pelas provas de sympathia que tem recebido de nossa população, dará hoje, entrada franca ás senhoras e senhorinhas, mimoseando-as com um primoroso film Goldwyn, em 6 partes – A DESPREZADA”<sup>434</sup>, e em outras oportunidades conferiu programações “em homenagem ao bello sexo”, como a *Sessão de Arte* de 31 de janeiro de 1924, com “Programma Extra Especial – A MULHER NU’A, por Francesca Bertine – a grande tragica italiana. O film é uma obra de valor, tirado do celebre romance de H. Bataille”<sup>435</sup>.

No que diz respeito à frequência do público infantil no *Apollo*, ela se deu das seguintes formas: em programas planejados para as escolas, “no intuito de prestar serviço á instrucção”<sup>436</sup>; nas *matinéés* nos domingos e feriados; na *matinée a phantasia* nos dias de carnaval<sup>437</sup>; por fim, na *matinée blanche*, programada para as quintas-feiras no horário de 13:30, em que, além de filmes, abrigou sorteios para as crianças. Na notícia em que se fez convite para a *matinée blanche*, notou-se que essa atividade chamava à participação dos *queridos homensinhos*<sup>438</sup>, dados os benefícios do cinema nessa fase da vida devido ao seu caráter educativo, e ainda prescreveu-se que as futuras mães deveriam ter a consciência de enviar os filhos às sessões de cinema a fim de instruí-los e não permitir que ficassem se distraindo na entrada da casa de cinema. Conforme a fonte:

Sobre ser uma diversão culta, uma escola de moral, o cinema è para a creançada, mais do que tudo uma revelação intima, a eclosão do seu proprio *eu* desconhecido. Por isto, leitoras que tendes o dia de ser mães, mandai ao cinema os vossos filhinhos; Isto será sempre incomparavelmente melhor[,] mais proveitosa do que

<sup>432</sup> SESSÃO SELECTA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 14, 1923, p. 1-2.

<sup>433</sup> LIGA B. C. ANALPHABETISMO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 14, 1923, p. 3.

<sup>434</sup> CINE-THEATRO-APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1921, 1923, p. 2.

<sup>435</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1965, 1924, p. 2.

<sup>436</sup> APOLLO JORNAL, Barbacena, n. 5, 1923, p. 2.

<sup>437</sup> APOLLO. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2072, 1925, p. 2.

<sup>438</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1-2.

qualquer outra distração que elles arranjem pela entrada. Depois ao regressarem prosas, vibrantes, entusiasmadas, relatando-nos com garbo as aventuras da fita, não vos sentis, não nos sentimos todas, orgulhosas, inter necidas, com elles os *nostros homensinhos*?<sup>439</sup>

O auxílio às propostas que queriam educar a população também fizeram parte das intenções do *Apollo*. A exemplo disso, uma porcentagem da renda da *Sessão Selecta* de 28 de outubro de 1925 foi destinada à *Liga Barbacenense contra o Analphabetismo*<sup>440</sup>, que retomava suas atividades com uma nova diretoria<sup>441</sup>, assim como foi organizado um *festival litero-musical* em benefício da causa<sup>442</sup>. No prosseguimento do funcionamento do *Cine Apollo*, existiram outras programações que envolvem as crianças e que estiveram associadas ao trabalho docente de Ines Piacesi. De acordo com Pimenta (2007), entre as décadas de 1930 e 1940, ela promoveu sessões de cinema com a renda revertida para a Caixa Escolar do *Grupo Escolar Bias Fortes* e organizou *Auditórios Escolares*, momentos considerados como prolongamento das aulas às suas turmas, que incluíam “apresentação de poemas, de algumas esquetes teatrais de autoria de Ines Piacesi acerca de noções de corpo humano, os reinos da natureza etc., além da apresentação do Hino a Barbacena”, escrito pela mesma (PIMENTA, 2007, p. 84).

Dentre as outras atividades sediadas no *Apollo* no recorte temporal da pesquisa, constam as exposições de quadros do artista Alberto Delpino Junior, que apresentou pinturas feitas a óleo e aquarela e também caricaturas no salão do cineteatro<sup>443</sup>; apresentações de danças, grupos de teatro, número de ilusionistas, como o do equatoriano Raca C. Aguirre, “que vem procedido de reclamo pelos logares onde se tem exhibido. [...] tendo já percorrido todo o Novo Mundo, exhibindo-se nas principaes cidades das tres Americas”<sup>444</sup>.

O *Cine-Theatro Apollo* também participou de alguns acordos com outras empresas da região. Identificou-se a “fina tatica commercial”<sup>445</sup> do Sr. Sebastião Antunes Siqueira,

<sup>439</sup> O CINEMA NA INFANCIA. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 10, 1923, p. 1-2.

<sup>440</sup> Como ação da *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo*, fundada no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1915 com o objetivo de oferecer ensino gratuito às pessoas analfabetas, a *Liga Barbacenense Contra o Analfabetismo* foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1915. Sua sede foi constituída em 1920, junto ao conhecimento do quórum de responsáveis que incluíam Augusto de Araújo Doria (Presidente), Maria Lacerda de Moura (1ª Vice-Presidente), Pedro Massena (2º Vice-Presidente), Pedro Mariani Serra (Secretário Geral), Moacyr Bittencourt (1º Secretário), Arthur Romano (2º Secretário), Joaquim de Andrade Santos (Tesoureiro), Antônio Lemos Henrique (Procurador), João Arthur Regis (Procurador), João B. de Magalhães (Bibliotecário) e Ademar Faria (sub-bibliotecário). A Liga Brasileira encerrou as suas atividades em 1940, quando a política varguista instituiu o ensino primário obrigatório (SILVA, no prelo).

<sup>441</sup> L. B. C. ANALPHABETISMO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 12, 1923, p. 2.

<sup>442</sup> LIGA B. C. ANALPHABETISMO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 14, 1923, p. 3.

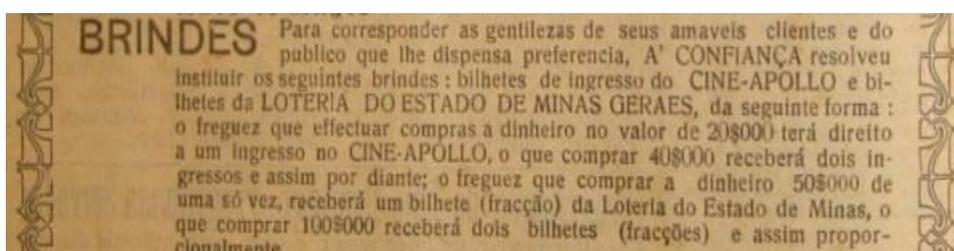
<sup>443</sup> AS EXPOSIÇÕES DE QUADROS DE ALBERTO DELPINO JUNIOR. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 11, 1923, p. 3.

<sup>444</sup> DIVERSÕES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1959, 1924, p. 2.

<sup>445</sup> INEDITISMO. *Apollo Jornal*, Barbacena, n. 4, 1923, p. 3.

proprietário da loja de variedades *A' Confiança*, em oferecer aos seus clientes como brinde ingressos das sessões do *Apollo* e da *Loteria do Estado de Minas*. Tal estratégia motivacional às compras fazia incentivo à frequência das pessoas ao cinema, caracterizando, segundo o *Apollo Jornal*, “um louvável sentimento de filantropia e progresso”<sup>446</sup>, e obteve êxito, pois as vendas do recinto cresceram e os fregueses compravam na intenção de também terem os brindes do anúncio<sup>447</sup>, o que certamente reverberou no número de frequentadores das sessões do *Apollo*.

Figura 22: As novas instalações da *A' Confiança*



Fonte: **APOLLO JORNAL**, Barbacena, n. 4, 1923, p. 3.

O *Cine-Theatro Apollo* foi arrendado em 16 de julho de 1925 pela empresa *A. Leal & C.* Sob nova direção, essa casa de diversões foi reinaugurada em 19 de julho de 1925 com o nome de *Cine-Theatro Leal*. Até o momento, foi identificado que, em 1º de maio de 1930, Aroldo Piacesi retomou as atividades do *Cine Apollo* em seu prédio original, inaugurando um aparelho de cinema falado em 1º de fevereiro de 1931, o *movictone*:

Depois de muito se ter feito anunciar, inaugurou, finalmente, domingo, o Cine-Apollo o seu excelente aparelho para exhibição de films falados, musicados e synchronizados, sendo coroada de exito tal inauguração, iniciativa arrojada do Sr. Aroldo Piacesi, seu proprietario.

A casa estava repleta e foi exhibido o film *Loucuras de um beijo*, pellicula que agradou geralmente.

Segunda-feira focalizou o Apollo – *Alvorada de amor*. Na casa não havia mais um só logar vago e a fita, rica, ornada de bellos numeros de musica, deixou excellente impressão, tal a sua belleza estonteante.

Alguns pequenos senões verificados são attribuidos á propria fita, já exhibida em outras cidades, centenas de vezes.

O *movictone*, aparelho do Apollo, produz sons sónoros e nitidos, como se esperavam e se faziam mistér para legitimo successo do cinema fallado<sup>448</sup>.

<sup>446</sup> INEDITISMO. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 4, 1923, p. 3.

<sup>447</sup> A “A’ CONFIANÇA COM CONFIANÇA. **Apollo Jornal**, Barbacena, n. 8, 1923, p. 1.

<sup>448</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2653, 1931, p. 2.

Por fim, nos últimos anos da década de 1960 o *Apollo* foi vendido em definitivo para Urias Barbosa de Castro, cuja família manteve a casa em atividade até 3 de novembro de 1998.

### 3.10 *Cine-Theatro Leal*

O *Cine-Theatro Leal* funcionou no edifício do *Cine-Theatro Apollo*, arrendado em julho de 1925 pela empresa *A. Leal & C.*, representada por Antonio Leal e Achilles Maia, empresários que anteriormente geriram o *Cinema Central* (1922) e o *Cinema S. José* (1923). Segundo a notícia do arrendamento, a nova casa selecionaria os melhores programas, exibindo-os a “preços razoáveis”, e apresentaria ao público novos elementos na orquestra<sup>449</sup>.

Inaugurado na quinta-feira, 16 de julho de 1925, o nome do filme projetado não foi divulgado, mas apenas as informações de que nesse dia existiu grande público que pôde, antes do início da sessão, presenciar em “uma saleta á entrada” a apresentação da orquestra regida pelo conhecido maestro A. Nunes<sup>450</sup>. Já na sala de projeção, junto a uma “bella fita”, se deu a apresentação de bonecos pelo Sr. Umberto, “o melhor ventriloquo que por aqui tem andado”, o que permitiu aos assistentes “constantes rizadas”, permanecendo na programação da casa por outros dias<sup>451</sup>. Esse cinema funcionou como o único da cidade entre a data de sua inauguração até 3 de março de 1927, quando o *Cine S. José* (gestão de *Santos & Comp.*) foi inaugurado. O fim das atividades do *Cine Leal* ocorreu provavelmente em data não identificada de 1927.

As programações do primeiro ano de funcionamento do *Cine Leal* aconteceram especialmente nas terças, quintas e domingos, e ao longo de suas atividades passou a ter trabalho diário que variava entre *matinéés* às 14 horas e *soirées* 19:45 e 20 horas. Em alguns dias, aconteciam de modo simultâneo, como nas sextas, sábados e domingos, mas prevalentemente aos domingos. Inicialmente, os valores cobrados nas entradas eram de 1\$100 para a primeira classe e \$600 para a segunda classe, o que ao longo de suas atividades passou por alterações. O público desta casa foram crianças, adultos, homens e mulheres pertencentes ao “que há de mais fino e elegante da nossa sociedade”<sup>452</sup> – tal descrição demarca a classe social frequente e se afirma em outras análises presentes neste tópico.

<sup>449</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2111, 1925, p. 1.

<sup>450</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2112, 1925, p. 2.

<sup>451</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2112, 1925, p. 2.

<sup>452</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

Os filmes exibidos foram das marcas *Paramount*, *Universal*, *Metro Goldwyn*, *First National*, *Fox Film*, nacionais e um título produzido na região. Durante sua existência, foram citados alguns investimentos a respeito da contratação de fitas. Menciona-se que, em 1925, exibiu-se um filme em cores: “‘Sua Magestade a Mulher’, film colorido, de muita beleza e luxo”<sup>453</sup>, e em 1926, mesmo já projetando títulos passados no Rio de Janeiro, como, por exemplo, no *Cine Odeon*<sup>454</sup>, a empresa foi readmitida na *Sociedade dos Grandes Exibidores Cinematographicos*<sup>455</sup>, que a dotou de filmes que constavam nos cinemas do Rio, como “Capitolo, Imperio, Rialto e Casino”<sup>456</sup>. Isso trouxe distinção para o recinto e foi considerado um bem para o público de Barbacena.

Logo em seu primeiro mês de funcionamento, o preço do bilhete de entrada foi ajustado para a taxa única de 1\$600, o que contrasta com os valores inicialmente fixados de 1\$100 (primeira classe) e \$600 (segunda classe). Após tal mudança, a empresa cobrou em uma sessão na terça-feira, 21 de julho de 1925, com uma fita da *Paramount* em que o ator Rodolpho Valentino atuava, o preço de 2\$000, o que causou insatisfação entre o público. Por isso, “começaram os protestos, tendo varias senhorinhas resolvido adquirir ingressos de 2ª classe, o que fizeram sob palmas dos moços que tambem já haviam feito o mesmo”<sup>457</sup>. Dois dias após esse desacordo, a imprensa escreveu que, com o preço do toucinho a 6\$000 o kilo, seria inviável que o *Leal* tivesse grande frequência. A empresa, ainda que quisesse justificar essa cobrança afirmando que a *Paramount* cobrava um valor abusivo de 500\$000 ou 60% do rendimento da exibição, retrucou em nota que o aumento não era justificável dado que outros filmes projetados a 1\$600 eram tão bons quanto o da referida sessão, o que fez com que o *Leal* estabelecesse o valor fixo dos seus ingressos novamente para 1\$600<sup>458</sup>. Contudo, isso durou pouco tempo.

O estabelecimento do preço do ingresso a 1\$600 inviabilizaria as atividades, segundo uma nota publicada em 6 de agosto de 1925, pois a empresa estava disposta a buscar *belissimos films* que nos cinemas de São Paulo e Rio de Janeiro tinham os bilhetes de 3\$ até 5\$000. Assim, o preço de 1\$600 não estaria de acordo com as novas aquisições. Contudo, após esse esclarecimento, foi apresentado que os valores de 1\$100 para a primeira classe e

<sup>453</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2345, 1927, p. 2.

<sup>454</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2184, 1926, p. 3.

<sup>455</sup> Acredita-se que essa sociedade seja a formada pelo *Circuito Nacional dos Exibidores*, no Rio de Janeiro, na qual Paulo Benedetti estava entre os fundadores em 1926. Caso seja, isso pode ser uma pista da continuidade das relações de Benedetti e as casas de cinema de Barbacena. Para maiores detalhes sobre o *Circuito*, consultar: Freire (2018).

<sup>456</sup> O CINE-LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2301, 1927, p. 1.

<sup>457</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2113, 1925, p. 1.

<sup>458</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2113, 1925, p. 1.

\$600 para a segunda seriam restabelecidos, pois o *Cine Leal* não se encontrava em um bom momento, dado que o número de frequentadores diminuiu, ainda que a casa contasse com boas programações. Por fim, apresentou-se a reflexão que conduz à leitura de que no *Leal* havia o interesse de contar com a presença da elite, visto que “maior não é a frequência áquella casa de diversões, quando seu programma traz o preço de 1\$100, e sim, quando é elle elevado a 2\$ e 5\$000”<sup>459</sup>, ou seja, quando um preço maior era cobrado pelos ingressos, e certamente só poderiam ser custeados por público de melhor condição financeira.

Nesse mesmo sentido, identificou-se que os pedidos de ajustes nas cobranças das taxas envolvendo as exhibições cinematográficas foram além das queixas dos frequentadores. “Em 1927, o governo Estadual propôs o aumento de 300% do selo de diversões” (GOMES, 2017, p. 36), e as empresas de cinema de Belo Horizonte e de regiões do interior de Minas Gerais se organizaram para produzir um memorial pedindo a redução do imposto estadual cobrado sobre as vendas de bilheterias de casas de diversão. Conforme a fonte:

#### O selo de diversões

As emprezas cinematographicas de Bello Horizonte e das cidades do interior, em grande reunião, deliberaram dirigir um memorial ao Governo do Estado, pedindo a reduçãõ dos sellos das diversões que foram augmentados em mais de 200%.

O Presidente Antonio Carlos recebeu a commissão portadora do referido memorial, promettendo solucionar a questão de maneira a conciliar os interesses dos cofres estadoaes com os dos reclames.

Ficou decidido, logo, o adiantamento da execução do regulamento do sello na parte referente ás diversões até que o Congresso se pronuncie a respeito<sup>460</sup>.

Tal questão começaria a ser solucionada em 1931, a partir do Decreto n. 9.805 assinado pelo presidente Olegário Maciel, que legalizava as questões em torno da cobrança do *sello* “e das licenças e auctoridades policiaes para a realização de espectaculos e outros divertimentos”<sup>461</sup>, mas somente em 1934 entraria em vigor um decreto que estabelecia um tributo em forma de selo fornecido pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) nas entradas das casas e lugares de diversões pagas, a fim de contribuir com a atividade de estatística do país (SENRA, 2008). Todavia, em Barbacena, em 1925, foi identificado que em uma sessão de cinema beneficente organizada no *Cine S. José* (gestão de Sr. Luiz Queiroz Serpa), o valor arrecadado no dia foi destinado integralmente à Caixa Escolar do *Grupo*

<sup>459</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2117, 1925, p. 1.

<sup>460</sup> O SELLO DE DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2346, 1927, p. 1.

<sup>461</sup> REGULANDO A COBRANÇA DO SELLO DE DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2644, 1931, p. 1.

*Escolar Bias Fortes* porque o diretor da instituição conseguiu que o secretário de Finanças de Minas Gerais, Sr. Mario Brant, isentasse as entradas do dia de impostos estaduais<sup>462</sup>.

Sobre a música do recinto, a notícia de que a casa teria novos elementos na orquestra não significou a aprovação do público, visto que a mesma nem sempre tocava partituras em conformidade com o enredo das tramas. Segundo uma notícia de 1926, “a’s vezes, a exibição é de um drama e lá vem um fox-trot, por exemplo, reservando-se um valsa lenta, languorosa, para uma comedia de Carlito ou de outro qualquer artista comico”<sup>463</sup>. Tal queixa continuou em 1927, e a imprensa fez o alerta de que uma sessão fílmica em que a música destoava do enredo era desagradável, visto que “a musica prepara-nos o estado dalma para melhor interpretarmos o desenrolar do film [...]. A musica é o tempero da fita”<sup>464</sup>.

A inauguração do *Cine S. José* em 1927, pela gestão de *Santos & Comp.*, parece ter motivado os diretores do *Cine Leal* a pôr um fim nas reclamações sobre a música das projeções do estabelecimento. Tal consideração é feita porque a imprensa divulgou que a qualidade da orquestra do concorrente *S. José* era algo notório, e também porque a apresentação de música ao vivo poderia não ser comum no *Leal*, tanto pelo fato de que o maestro que dirigia a orquestra do *Leal*, A. Nunes, também trabalhava no *S. José* nesse ano<sup>465</sup>, quanto pela notícia a seguir, que ressalta a falta de um conjunto musical na empresa:

Consta-nos que a empresa de Cine Leal está providenciando para um conjunto musical em seu salão.

Há muito que se ressentem desta grande falta aquelle Cinema, pois é uma bôa casa que Barbacena possui e onde se têm levado optimos programmas.

Applaudimos, devéras, a excellentes medida que vão tomar os empresários e que certo agradará aos “habitués” daquelle Cinema<sup>466</sup>.

Sobre a infraestrutura da casa, essa passou por melhoramentos que incluíram a construção de “uma varanda nobre, com lotação para mais de cem pessoas”<sup>467</sup> e a aquisição de novas cadeiras que tanto as crianças quanto os adultos pareciam não ter bons modos para usá-las, pois estavam “levantando a todo momento a parte superior, o que não deixa de aborrecer a quantos se acham alli presentes”<sup>468</sup>.

O mau comportamento do público do *Cine Leal* foi algo recorrente em suas programações: se, antes, na plateia acontecia muita conversa (o que já tinha parado), havia

<sup>462</sup> S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2089, 1925, p. 2.

<sup>463</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2255, 1926, p. 1.

<sup>464</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

<sup>465</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2275, 1927, p. 1.

<sup>466</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2299, 1927, p. 1.

<sup>467</sup> NO CINE-LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2221, 1926, p. 1.

<sup>468</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

outro problema que era com as novas cadeiras que estavam sendo usadas como brinquedos, além do fato de que “da galeria do Cinema atiram constantemente grãos de milho por sobre a cabeça dos espectadores, facto que está despertando protestos, como já tivemos ocasião de ouvir”<sup>469</sup>. A imprensa pediu que a empresa providenciasse a pausa desses maus hábitos e que a polícia se encarregasse dessa demanda do interior do cinema, assim como reforçou o pedido de que os menores que ficavam na porta do cinema fossem retirados, pois dificultava a entrada dos frequentadores e atrapalhava o trânsito dos que ali faziam *footing*<sup>470</sup>.

O pedido para que o comportamento dos frequentadores mudasse pareceu surtir pouco efeito, pois foi divulgado que o público de Barbacena era pouco educado e outras pessoas encontravam novas formas de atormentar os presentes, que queriam se divertir. Por isso, parecia necessária a organização de uma polícia de costumes nas casas de diversão da região, conforme a observação a seguir:

As sessões do Cinema Leal têm melhorado bastante, no que concerne ao barulho que alli se fazia até há pouco, dando idéa de ser a platéa barbacenense pouco educada. Mas, ainda há allí quem, com alguma desenvoltura, fica a inventar meios outros de incomodar as familias e a quantos querem se divertir sem aborrecimentos, parecendo tornar-se necessaria a organização em nossas casas de diversões de uma polícia de costumes<sup>471</sup>.

Não foi identificada a organização de uma polícia de costumes para atuar nas casas de diversão do município. Porém, a divulgação de um novo regulamento policial em 1927 sugere que a preocupação com o comportamento dos espectadores era algo que não acontecia somente em Barbacena, mas em todo o Estado, como verificado na transcrição abaixo:

Dispõe o novo regulamento policial do Estado, em seu art. 454. Os espectadores não podem:

1º. Incomodar quem quer que seja durante a representação, salvo o direito de applaudir ou de reprovar; arrojor ao palco objetos que molestem as pessoas ou possam damnificar as cousas; fazer motim, assuada ou tumulto com gritos, assovios ou outros quaesquer actos que interrompam o espectáculo ou sejam contrarios à ordem, socego e decencia<sup>472</sup>.

A respeito das programações, no *Leal* constam opções para diferentes faixas etárias que incluem crianças, mocidade e adultos.

<sup>469</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

<sup>470</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2251, 1926, p. 2.

<sup>471</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2255, 1926, p. 1.

<sup>472</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

Para a *petisada* foram ofertadas *matinéés* dominicais<sup>473</sup> que contaram com fitas do tipo desenho animado, comédias<sup>474</sup> e outros, como “o luxuoso film LUAR, MUSICA E AMOR”<sup>475</sup>, que pareciam ser destinados também aos adultos, outro público presente nas programações diurnas. Tal consideração se afirma pelo fato de que em uma *matinée* de outubro de 1927, aconteceu a distribuição de *coupons* para o sorteio de um automóvel em que o ganhador seria anunciado no dia 17 do mês corrente<sup>476</sup>.

Outros programas de variedades incluíram as crianças de diferentes modos. Citam-se três exemplos. Primeiro, em 1927, a casa abrigou as apresentações de uma *troupe* de teatro que obteve sucesso na cidade com a apresentação das artistas infantis Gasparina, Nadyr e especialmente do pequeno Edison, que estava à frente do grupo. A companhia, além de deixar a plateia do *Cine Leal* satisfeita e ficar em cartaz junto às programações fílmicas entre 18 e 23 de junho, ganhou uma cerimônia de homenagem organizada por cidadãos no *Club Barbacense* no dia 24 do mês corrente<sup>477</sup>. A respeito da repercussão da primeira apresentação do pequeno Edison no *Cine Leal*, consta:

[...] Trata-se, na verdade, de uma criança dotada de um talento precoce, sabendo desempenhar seus papéis com absoluta consciência, patenteando-se, a todo momento, um artista perfeito.

Os numeros do programma de ante-hontem arrancaram palmas prolongadas, sendo que os demais artistas da troupe, principalmente Gasparina, são todos inteligentes e vivos, formando assim um interessante conjunto teatral.

A platéa do Cine-Theatro Leal está satisfeita com a actual temporada da troupe do pequeno Edison<sup>478</sup>.

O segundo exemplo trata de um festival com renda destinada a crianças da *Confraria de S. Vicente de Paula*, organizado em 10 de junho de 1927 pelas senhorinhas Dolores Campos, Clarieta e Maria José Cisalpino, cuja programação, que “constava de quadros, canções, danças, marchas, monólogos, etc., agradou á enorme assistência que bisou vários números”<sup>479</sup>.

Terceiro, a promoção de um *Festival didactico-recreativo*<sup>480</sup>, em 7 de outubro de 1927, organizado pelo diretor e professor do *Grupo Escolar Bias Fortes*, senhor Carlos Gonçalves – um dos diretores do *Cidade de Barbacena*, e pelos demais docentes da

<sup>473</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2204, 1926, p. 3.

<sup>474</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2278, 1927, p. 3.

<sup>475</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2284, 1927, p. 2.

<sup>476</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 3.

<sup>477</sup> NO CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2305, 1927, p. 2.

<sup>478</sup> O PEQUENO EDISON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2304, 1927, p. 2.

<sup>479</sup> FESTIVAL INFANTIL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2302, 1927, p. 2.

<sup>480</sup> FESTIVAL DIDACTICO-RECREATIVO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2334, 1927, p. 1.

instituição. O evento contou com a seguinte programação: escoteiros do Grupo “fizeram alas na sala de espera do Cine-Leal, até o momento de ser iniciado o espetáculo”<sup>481</sup>; apresentação de forma teatralizada pela professora D. Philocelina Mattos de Almeida de alguns testes pedagógicos para os alunos do terceiro e quarto anos, desenvolvidos “para admirar o que se obtém da atenção, da actividade, da perspicacia da criança – principal objectivo dos testes”<sup>482</sup>; demonstração de exercícios de *gymnastica rythmada* por alunas do terceiro e quarto anos; músicas dirigidas pela orquestra do Dr. Oscar Lacerda e também cantadas por alunas da instituição; por fim, a oferta de uma palestra sobre datas nacionais pelos alunos do segundo ano. Toda a programação teve a intenção de demonstrar os conteúdos físicos, morais e intelectuais ao público presente, “familias da nossa melhor sociedade, cavalheiros de todas as graduações sociais”, sobre os quais o *Grupo Escolar* trabalhava em consonância com outras instituições congêneres do Estado no que tange ao ensino primário<sup>483</sup>.

Para a mocidade adulta e adultos em geral, o *Cine Leal* organizou a *Sessão Elite* às sextas-feiras. Acredita-se que esse momento contava com essas pessoas, tanto pelos títulos projetados que sugerem ser de conteúdo adulto – por exemplo, “BEIJOS BARATOS – Um lindo romance de amor, de luxo, de vertigem, entre champagne, flores, musica, mulheres lindas e risos [...]”<sup>484</sup> –, quanto pela existência de um pedido, nesse mesmo anúncio, para que fosse proibida a entrada de menores de idade nas *soirées* da casa<sup>485</sup>. Esses dois aspectos sugerem o interesse de fazer dessas *soirées* um momento de promoção a frequência desse público.

Para as mulheres, foram proporcionados descontos e gratuidade em sessões específicas. Exemplificando, foram identificadas duas vantagens conferidas às mulheres: descontos para as senhoras e senhorinhas nos bilhetes da *Sessão Elite*, em que foi cobrada meia entrada no valor de \$800<sup>486</sup>, o que sugere que o preço dessa sessão foi de 1\$600. Segundo, a organização da *Sessão Chic extraordinaria*, uma programação oferecida gratuitamente entre 21 de junho de 1926 e 10 de novembro de 1927, agendada a princípio para as segundas, depois às terças e posteriormente fixada às quintas-feiras. Trata-se da programação que aconteceu de modo mais regular para as mulheres de Barbacena, visto que outros cinemas organizaram sessões com entrada franca para elas, mas sem regularidade (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2020a).

<sup>481</sup> NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

<sup>482</sup> NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

<sup>483</sup> NO GRUPO ESCOLAR BIAS FORTES. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

<sup>484</sup> CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2217, 1926, p. 2.

<sup>485</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

<sup>486</sup> CINE LEAL. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2217, 1926, p. 2.

A partir da análise de algumas fitas incluídas na *Sessão Chic extraordinaria*, foi identificado que os filmes projetados nesse evento apresentavam conteúdos moralizantes ao público frequentador que transitava – às vezes na atuação de uma mesma personagem – entre os antigos valores sociais conferidos às mulheres, como o cuidado com os afazeres domésticos e familiares, e também os modos vivenciados pelas estrelas de cinema, em papéis que demonstravam os hábitos das mulheres modernas, em especial, o perfil da melindrosa (SILVA; SOUTTO MAYOR, 2020a).

A preocupação com a instrução cidadina a partir das tramas cinematográficas foi identificada em sessões além das dedicadas às mulheres, pois a partir de um filme projetado em uma *soirée* rotineira do *Leal*, identificou-se a exaltação ao caráter moralizador do conteúdo da projeção, tendo como foco a mocidade presente, conforme se observa na seguinte passagem:

O *Cine Leal* fez exhibir em uma destas noites um *film* na verdade interessante, que deixa funda impressão. E' o que tem o titulo, VICIO E BELEZA, um trabalho magnifico, que serve de espelho, principalmente, á mocidade extravagante, que nelle se póde mirar, vendo as consequencias que lhe acarretam certos vicios, certas formas de illusorio prazer<sup>487</sup>.

Dentre outras programações sediadas no *Cine Leal*, citam-se *sarau dançante* e sessão fílmica beneficente. A respeito do *sarau*, esse foi oferecido no dia 24 de dezembro de 1925 por um dos diretores da empresa, Sr. Achilles Maia, e por sua excelentíssima esposa às pessoas de seu convívio. Na ocasião, os salões do *Cine Leal* estiveram cheios de pessoas distintas e selecionadas, que desfrutaram até as primeiras horas da manhã da atenção das irmãs da Sra. Achilles Maia, respectivamente senhorinhas Argentina e Noemi Pitanga, de doces e licores finos. A parte musical ficou a encargo do conjunto da empresa<sup>488</sup>.

A sessão beneficente aconteceu no dia 5 de agosto de 1927, com a projeção do filme local *Aprendizado Agrícola* (1927), a respeito das atividades da instituição de ensino homônima, cujo pecuniário foi destinado a duas entidades de caridade da região: o *Asylo de Orphãs* e a *Confraria de S. Vicente de Paula*<sup>489</sup>. A data dessa sessão foi em uma sexta-feira. Conforme um pedido publicado na imprensa, o dia ideal para que acontecesse seria um domingo por ser oportuno para as classes rurais interessadas no assunto comparecerem, por isso seria desejável outra exibição da fita<sup>490</sup>. Todavia, esse filme não voltou a ficar em cartaz,

<sup>487</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2260, 1927, p. 2.

<sup>488</sup> SARAU DANÇANTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2157, 1925, p. 2.

<sup>489</sup> UM FILM DO APRENDIZADO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2317, 1927, p. 2.

<sup>490</sup> AINDA O FILM DO APRENDIZADO AGRICOLA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2319, 1927, p. 2.

e tal fato pode corroborar as seguintes análises: no *Cine Leal* não existiu o interesse em receber pessoas de classe social inferior à abastada para privilegiar esse filme, mas sim aquelas pessoas que poderiam fomentar a causa, por exemplo, com o pagamento de bilhetes da primeira classe; e a de que filmes produzidos por pessoas que não fossem também exibidores, ainda que fizessem parte das programações dos cinemas locais, ficavam em cartaz por pouco tempo. Isso corrobora a consideração de Souza (2018, p. 179) sobre a exibição de filmes brasileiros no início do século XX, quando,

Nesse universo, a presença do filme brasileiro era ínfima e se dava ou pela presença de cinejornais e documentários de interesse local ou pela ocasional boa vontade dos donos de salas, que encaravam a exibição de longas-metragens de ficção como um favor ou gentileza para com os produtores nacionais. Estes precisavam tentar, sozinhos e pessoalmente, a exploração de um mercado que as fitas norte-americanas percorriam com desenvoltura e naturalidade.

O acordo entre Antonio Leal e Achilles Maia foi encerrado em 30 de outubro de 1927, quando o primeiro passou a ser o único proprietário desse cinema por ter arrendado a parte do seu sócio<sup>491</sup>. Acredita-se que nesse mesmo ano o recinto encerrou as suas atividades.

Considera-se que o *Cine-Theatro Leal* abrigou distintas programações, contou com a participação de público interessado tanto em fazer do cinema um divertimento acessível no que tange ao valor das entradas, quanto por pessoas que se mostravam interessadas em frequentar a casa no dia em que os bilhetes tinham preço elevado. Essa última descrição do público, assim como outras referências apresentadas conduziram a reflexão de que o *Cine Leal* tinha maior frequência de pessoas com melhores condições financeiras.

A respeito das programações organizadas por esses empresários, percebeu-se que no *Leal* e em todas as outras casas geridas anteriormente pelo acordo *Antonio Leal & C. (Central e S. José)*, a oferta da ‘sessão chique’ para as mulheres, às quintas-feiras, foi algo recorrente. Isso pode ter acontecido como uma estratégia comercial que, por dar certo, foi mantida em todas as casas cinematográficas de propriedade dessa sociedade.

### 3.11 *Cinema São José* (direção de Santos & Comp.)

Em 16 de janeiro de 1927, foram apresentadas propostas para o arrendamento do *Theatro São José*, propriedade do *Club Barbacenense*<sup>492</sup> – “duas foram ellas: as do Srs. Maia

<sup>491</sup> CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2342, 1927, p. 2.

<sup>492</sup> Ainda não foi identificado se os demais cinemas que tinham o nome de *São José* eram também propriedade do *Club Barbacenense*.

& Leal, que se propuzeram arrendar o teatro por 250\$000 mensaes e Santos & Comp. que se comprometteram a pagar 800\$000 tambem mensalmente”<sup>493</sup>. O referido clube, após estudar as propostas, aceitou a do sr. *Santos & Comp.*, que em seguida promoveu reformas no recinto a fim de inaugurar um novo cinema, “de molde a que se torne bom ponto de distracção para o publico barbacenense”<sup>494</sup>.

O *Cinema São José*, dirigido pelo sr. *Santos & Comp.*, foi inaugurado em 3 de março de 1927, com a projeção do título *Aves sem ninho*, que pôde ser assistido junto a “bôa musica, flôres, luxo, esplendor”<sup>495</sup>.

Segundo a imprensa, após as melhorias feitas no ambiente, tratava-se de “um bom ponto de entretenimento”<sup>496</sup>. As programações se davam em *matinéés* aos domingos, cujo horário não foi identificado, e *soirées* realizadas de quinta a domingo, no horário de 20:10. Similarmente às *matinéés* de outros cinemas, os adultos pareciam ser parte do público presente no *Cine S. José*, dado que além de fitas direcionadas às distintas fases da vida, aconteceu o sorteio da tómbola de um automóvel no dia 5 de junho de 1927<sup>497</sup>.

A respeito dos filmes, a empresa fez o compromisso de projetar somente enredos de reconhecido valor, sobretudo moral<sup>498</sup>, que eram apreciados por plateias cultas<sup>499</sup>. As marcas identificadas foram da *United*, *Fox*, *Universal*, *Diamond* e *Programa Serrador*.

Nesse cinema não foi identificada a organização de sessões especiais para as mulheres ou descontos na compra dos bilhetes, mas elas se fizeram presentes em enredos como o da fita *Salomé* (1923), da *United*, que destacava a interpretação da atriz Alla Nazimova<sup>500</sup>. Tal filme era uma adaptação da peça homônima de Oscar Wilde<sup>501</sup>: Salomé seduz seu tio Herodes com uma dança sensual; em troca, ela pede a cabeça do profeta João Batista<sup>502</sup>. Segundo uma crítica, a obra se tratava de

uma extravagância do período mudo, produzida e protagonizada por Alla Nazimova, uma das vamps do cinema americano dos anos 20. Segundo diversas fontes, Nazimova também foi a verdadeira realizadora do filme, que adapta a célebre peça de Oscar Wilde. Os ambiciosos cenários de Natacha Rambova inspiram-se parcialmente nas ilustrações de Aubrey Beardsley para a edição da peça. Os cenários são um dos elementos mais sólidos do filme, concebido como uma sucessão de

<sup>493</sup> TEREMOS MAIS UM CINEMA? *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2264, 1927, p. 1.

<sup>494</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2267, 1927, p. 1.

<sup>495</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2276, 1927, p. 2.

<sup>496</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2275, 1927, p. 1.

<sup>497</sup> CINE - S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2300, 1927, p. 2.

<sup>498</sup> PELOS CINEMAS. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2302, 1927, p. 2.

<sup>499</sup> CINE - S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2305, 1927, p. 2.

<sup>500</sup> CINE - S. JOSÉ. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 2305, 1927, p. 1.

<sup>501</sup> Informações disponíveis em: <[https://cincartaz.publico.pt/Filme/204815\\_salome](https://cincartaz.publico.pt/Filme/204815_salome)>. Acesso em: 31 dez. 2020.

<sup>502</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.imdb.com/title/tt0013571/>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

quadros altamente estilizados. Em tempos recentes, esta "Salomé" passou a ser um objecto de culto<sup>503</sup>.

Outro compromisso feito pela empresa foi o investimento na parte musical dos espetáculos<sup>504</sup>. A sonoplastia do *Cine S. José* esteve a cargo do maestro A. Nunes, que conduzia oito músicos<sup>505</sup>; a partir do segundo mês de funcionamento da casa, a orquestra contou com mais três integrantes. As partituras executadas pareciam se destacar entre as oferecidas pelo único concorrente, na época o *Cine Leal*, pois foram constantes as notícias de que o conjunto do *S. José* era ensaiado, afinado e provocava unanimemente elogios de seus frequentadores devido “aos esforços da Empresa em manter tão boa musica”<sup>506</sup>.

A gestão do *Cine São José* pelo Sr. *Santos & Comp.* durou somente no ano de 1927. Identificou-se que nos dias 17 e 31 de julho e 7 de agosto, a programação foi a mesma do *Cine Leal*, até que, em 9 de outubro, foi divulgado que esse cinema teria um novo diretor que havia assinado o contrato de arrendamento no dia anterior, 8 de outubro de 1927. Não foi apresentado o motivo de tal arrendamento, apenas que “o Sr. Geffrey Brisac assignou, hontem, o contracto de arrendamento do Cine-S. José, pretendendo assim, inaugurar, o Cinema que alli installará, do dia 22 deste”<sup>507</sup>.

Como consideração sobre a gestão do *S. José* pelo Sr. *Santos & Comp.*, é curioso que tenha acontecido o arrendamento de modo rápido, dado que a casa era bem noticiada, não foram reportadas reclamações sobre o mau comportamento do público e nem críticas à orquestra, antes pelo contrário.

### 3.12 *Cinema São José* (direção do Sr. *Geffrey Brisac*)

A inauguração do *Cinema São José* na gestão do Sr. *Geffrey Brisac* foi programada para 22 de outubro de 1927 (embora não tenha sido identificado se aconteceu nesse dia) e o encerramento das atividades ocorreu ao final da década de 1930. A empresa trabalhava aos domingos, quartas-feiras e sábados. As programações abrigadas foram *matinéés* e *soirées* cinematográficas, sessão fílmica com entrada gratuita para as mulheres, homenagem, apresentações artísticas que incluíram grupo de variedades, concertos musicais, festival lítero-musical e recital.

<sup>503</sup> Informações disponíveis em: <[https://cinecartaz.publico.pt/Filme/204815\\_salome](https://cinecartaz.publico.pt/Filme/204815_salome)>. Acesso em: 31 dez. 2020.

<sup>504</sup> CINE - S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2284, 1927, p. 2.

<sup>505</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2275, 1927, p. 1.

<sup>506</sup> CINE - S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2285, 1927, p. 2.

<sup>507</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2335, 1927, p. 1.

Dos filmes identificados, destacam-se três: um da conterrânea *SCAB-Film*, de título *Barbacena em revista* (1927), projetado somente na quarta-feira, 14 de dezembro de 1927, previa “uma enchente colossal àquella casa de diversão”<sup>508</sup>. De acordo com o jornal, a película permitia apreciar:

[...] o bello edifício do Club Barbacenense, sociedade da elite local; o Forum e Praça Teixeira; a velha Matriz, construída em 1748, testemunha viva do nosso passado...; a subida da missa das 10 horas, a graça das senhorinhas barbacenenses; o Collegio Imaculada Conceição; exercícios militares dos alumnos do Aprendizado Agrícola; a Colonia de Alienados; um magote de dementes no pateo; um grupo de alumnos do Gymnasio Mineiro; Escoteiros em marcha e exercícios; Uma pyramide; o Cemiterio da Boa Morte; Mausoléo do Dr. Bia Fortes; a <<Casa Renascença>>, onde se encontram, pelos preços do Rio, machinas e material fotografico, óculos e pince-nez modernos, cinemas Pathé Baby e grande sortimento de artigos dentários; Barbacena recebe festivamente o Dr. José Bonifácio Filho, recém formado em sciencias jurídicas e sociaes. O joven barbacenense, da sacada de sua residência, agradece a homenagem dos seus amigos. São bem interessantes os exercicios de gymnastica rythmada no Grupo Escolar Bias Fortes<sup>509</sup>.

Os outros dois filmes constam em uma sessão gratuita ao *bello sexo*, no sábado, 20 de setembro de 1930, quando foi “ [...] exibido em esplendido programma constituído de um lindo drama e dos dois primeiros episódios do deslumbrante film em series *Aventuras de um Principe*, produção luxuosa e de grande sucesso [...]”<sup>510</sup>.

A homenagem citada se refere à dedicada a *Miss Barbacena* de 1928: “[...] um interessante concerto do pianista Geraldo Baumert, em homenagem a Miss Dulce Abreu, com o concurso do violinista Luiz Campos”<sup>511</sup>.

Já os espetáculos artísticos apresentados foram os seguintes: em 31 de março de 1928, o grupo de Humberto Marsicano – identificado como manipulador, cantor e imitador caipira, que já havia se apresentado no *Cine Odeon*<sup>512</sup> – foi a programação do dia, a qual incluiu números de Humberto Marsicano, de Vicente Marsicano nas atividades de *ventriloquo moderno*, e a parte musical esteve a cargo de Emilio Guimarães<sup>513</sup>.

No dia 28 de junho de 1928, um grupo de conterrâneas organizou um festival literário e musical destinado a angariar fundos para uma das instituições de caridade de Barbacena, cujo nome não foi citado. Tal momento contou com apresentações de literatos e musicistas de ambos os sexos da região, a citar, Honório Armond. Tal programação contou mais uma vez

<sup>508</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2353, 1927, p. 1.

<sup>509</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2346, 1927, p. 1.

<sup>510</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2622, 1930, p. 3.

<sup>511</sup> NO CINE S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2582, 1930, p. 1.

<sup>512</sup> CINE ODEON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2383, 1928, p. 2.

<sup>513</sup> CINE SÃO JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2386, 1928, p. 1.

com o prestígio de moradores da cidade, pois, de acordo com a imprensa, esses já estavam habituados a prestar homenagens às ações filantrópicas daquele grupo de promotoras<sup>514</sup>. Já em 11 de novembro desse mesmo ano, o *S. José* “abrigou o recital de declamação da senhora Zelia Moellmann”, que entoou poesias de destacados intelectuais da lavra nacional<sup>515</sup>. Por fim, em 13 de dezembro de 1930, o concerto de piano da cidadina Delvair da Silva, demonstrou a técnica da musicista em letras de autoria estrangeira e nacional que satisfizeram o público mencionado como assistência *selecta*<sup>516</sup>.

### 3.13 Outros cinemas do período silencioso

Os dados sobre o *Cinematógrafo Brasil*, *Cine Iris*, *Cinema Parisiense*, *Cinema Phenix* e *Cinema Odeon* são poucos, sobretudo pela falta de fontes coletadas. Desse modo, as informações encontradas foram reunidas nos parágrafos abaixo.

De acordo com Rios (1989), o *Cinematógrafo Brasil* era propriedade de Mário Pacheco e funcionava em abril de 1909.

O *Cine Iris*, fundado provavelmente em 1910, era da empresa *Castro & Comp.* e esteve aberto no centro de Barbacena, na Praça dos Andradas, n. 103. Existe a suspeita de que um de seus donos seja Guido Brunini, outro fotógrafo da região, responsável pela empresa *Cine-Photo Iris*.

Do *Cinema Parisiense* sabe-se que estava em funcionamento em 1915, ofertava sessões fílmicas em *matinéés* e *soirées*, festas cívicas e eventos beneficentes, como por exemplo, em 21 de abril de 1915, quando abrigou programações artísticas para homenagear Tiradentes e dedicou o momento ao benefício do *Dispensario Santa Izabel*<sup>517</sup>. Por fim, a informação citada por Galdino (1980), de que esse cinema era propriedade de Paulo Benedetti, é um dado que precisa ser mais bem investigado, pois indaga-se: qual o motivo de Paulo Benedetti gerir dois cinemas ao mesmo tempo, visto que o *Mineiro* esteve em funcionamento até 1916 e o *Parisiense* em 1915 já funcionava?

Do *Cinema Phenix*, sabe-se que foi inaugurado em 1916 como um “ponto de excelente diversão. [...] Installado no luxuoso salão do ‘Barbacenense’, com magnifica

<sup>514</sup> FESTIVAL LITTERO-MUSICAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2406, 1928, p. 1; FESTIVAL LITTERO-MUSICAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2408, 1928, p. 1.

<sup>515</sup> RECITAL DE DECLAMAÇÃO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2446, 1928, p. 1.

<sup>516</sup> FESTIVAL DA ARTISTA DELVAIR DA SILVA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2638, 1930, p. 2.

<sup>517</sup> AS DATAS NACIONAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1117, 1915, p. 1.

orchestra, *buffet*, etc., etc.”<sup>518</sup>. Seu proprietário era o Sr. Miguel Corrêa Vaz. A referência da sua instalação no salão do “Barbacenense” é algo que conduz ao entendimento de que foi um cinema instalado dentro do *Club Barbacenense*, e não no *Cinema Barbacenense*, visto que esse último esteve em funcionamento de 1915 a 1917 e não foi anunciada na imprensa nenhuma cessão de espaço.

Do *Cinema Odeon* consta que em 1928 estava em funcionamento; era uma “elegante e confortavel casa de diversões”<sup>519</sup>; funcionou domingo, segunda, quarta, quinta e sábado; oferecia sessões filmicas com projeções das marcas *First*, *Paramount* e *Fox*, e apresentações artísticas, como a da companhia de Humberto Marsicano, previstas para abril de 1928, que incluíam números de canções, piadas e poemas<sup>520</sup>. Ainda nesse ano, a casa concedeu entrada permanente à redação do *Cidade de Barbacena* para as suas sessões cinematográficas<sup>521</sup>.

Por fim, a respeito do *Cine-Theatro Santa Thereza*, não constam informações para além das citadas por Pimenta (2015) anteriormente.

---

<sup>518</sup> CINEMA PHENIX. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 1237, 1916, p. 2.

<sup>519</sup> CINEMA ODEON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2395, 1928, p. 2.

<sup>520</sup> CINE ODEON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2383, 1928, p. 2.

<sup>521</sup> CINE ODEON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2375, 1928, p. 2.

## CONCLUSÃO

Ha mulheres que, pela sua belleza e pelos seus encantos, exercem na gente uma influencia misteriosa: basta que as contemplemos de relance para subitamente, por ellas nos apaixonarmos. Essa misteriosa influencia que se observa no tocante das mulheres, nota-se tambem em relação ás cidades: quem vê Barbacena, sua incomparavel e magestosa natureza, seus morros de campinas verdejantes e infinitas, este céu eternamente azul: quem priva com o seu povo bom, cavalheresco e insinuante; quem sente o frescor das brisas deliciosas que sopram os ventos desta terra, fica logo por ella apaixonada, e só póde deixal-a com um pedaço de sua'alma. Barbacena é uma terra que bole com o coração da gente, que faz vibrar intimamente a noss'alma, que inspira poesia, que infunde amor...<sup>522</sup>

Barbacena é uma cidade que desperta curiosidades: terra de nascimento do aviador Santos Dumont; local de trabalho do escritor João Guimarães Rosa, enquanto médico; cidade de destacados políticos brasileiros, os Bias Fortes e os Andradas; município onde residiu Cyro Duque Estrada, filho de Osório Duque Estrada, autor da letra do Hino Nacional brasileiro; lugar de formação e atuação de uma importante anarcofeminista brasileira, Maria Lacerda de Moura; cidade primaveril – das rosas; terra fértil – da sericicultura; laboratório do trabalho de um reconhecido produtor de cinema, Paulo Benedetti.

Os cinemas identificados em Barbacena funcionaram sobretudo na região central do município, o que incluiu a Rua Quinze de Novembro, *Praça da Intendencia* e Praça dos Andradas, com exceção do *Cine Santa-Thereza*, que estava localizado a cerca de dois quilômetros do Centro, no *Morro de Santa-Thereza*. As empresas foram geridas por imigrantes italianos e também por outros sujeitos, cujas nacionalidades acreditam-se ser alemã e brasileira. Os lugares de projeção foram formatados em sua maioria como casas de diversão, abrigando filmes, teatro, música e literatura, o que alude às primeiras experiências de cinema em diferentes lugares do país onde o cinematógrafo, por exemplo, foi apresentado junto às apresentações mambembes, e também foi reconhecido como estratégia comercial. As programações se deram em dias da semana e finais de semana, com ou sem concorrência, com distintos horários e diferentes formas de compra de ingresso.

As empresas projetaram filmes estrangeiros, nacionais e locais. Não se sabe os motivos das escolhas para tais compras, especialmente os que não foram produzidos em Barbacena. Acredita-se que tenha a ver com um circuito cinematográfico que chegava na cidade e em outras regiões do país. As marcas estrangeiras identificadas foram das seguintes regiões: Estados Unidos da América, França, Dinamarca, Alemanha e Itália. As nacionais

<sup>522</sup> BRAGA. *Cidade de Barbacena*, Barbacena, n. 1216, 1916, p. 1.

foram a *Botelho Film*, Ministério da Agricultura e as conterrâneas *Benedetti*, *Benedetti & Boratto*, *Ópera Film*, *Benedetti & Russo* e *Sociedade Cinematográfica Artística Barbacense (SCAB-Film)*. Ainda que a aquisição de filmes estrangeiros tenha sobressaído sobre as produções brasileiras, percebeu-se um importante movimento de valorização dos documentários produzidos em Barbacena, os quais foram exibidos em diferentes casas cinematográficas da cidade. Em outro sentido, o fato desses documentários serem projetados durante um ou poucos dias, pode significar a desvalorização de tais filmes, porque talvez não dialogavam com as expectativas do público e, por isso, não rendiam lucros.

Às mulheres, crianças e jovens (homens e mulheres) foram destinadas algumas programações, o que sugere a preocupação que a sociedade tinha para com esses espectadores – diferente do que aconteceu com os homens adultos, pois eles não ganharam programações de modo evidenciado, o que significa o livre acesso deles a qualquer sessão e temática fílmica. Ainda sobre as sessões fílmicas, percebeu-se que a partir da temática projetada existia o interesse em moralizar e educar os cidadãos e cidadãs, para, por exemplo, perceberem os modos aceitáveis de relacionamento, as características das identidades masculina e feminina, e conhecimento do que sucedia em lugares entendidos como modelos. Especificamente sobre as crianças nos cinemas no início do século XX, acredita-se que seja um objeto de estudo pouco evidenciado nas pesquisas históricas do Lazer.

Os significados associados ao cinema foram os seguintes: uma diversão moderna, lugar de entretenimento, de encontro e de instrução.

Acerca dos demais usos e sociabilidades proporcionados pelos estabelecimentos cinematográficos, destacam-se: propaganda, retórica sobre acontecimentos políticos, apoio à beneficência local, homenagens, reuniões, incentivo a outras linguagens artísticas e ao encontro amoroso.

No tocante a chegada do cinema falado, em 21 de janeiro de 1931, foi anunciado na imprensa que “por estes dias” o *Cine-Theatro São José* seria reaberto pela empresa *Schilitzer, Hermann & Cia*<sup>523</sup>. A reinauguração aconteceu em 1º de fevereiro de 1931, com a exibição do filme sonoro *Porque eu te amei*, na presença de *assistencia selecta* cujos detalhes são mostrados na sequência:

Com o film – *Porque eu te amei*, reabriu-se o Cine São José, será mais uma confortavel casa de diversões com que os Srs. Schilitzer, Hermann & Cia. acabam de dotar Barbacena.

<sup>523</sup> CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, n. 2649, 1931, p. 3.

Trata-se de uma pellicula luxuosa, com excellentes canticos, fino enredo e que, por isso, agradou a assistencia selecta que enchia o São José. Seu aparelho produz magnifico som e a projecção é nitida, antevendo-se, assim, que a nova casa de diversões terá tambem frequencia grande, como se torna justo, si os Srs. Schilitzer, Hermann & Cia., aqui empatam seus capitaes e tudo promettem fazer para melhorar cada vez mais seu Cinema, cujo contracto de films é magnifico. Para amanhã está anunciado – *Sonho de Valsa*, pellicula que alcançou dezenas de exhibições no Rio<sup>524</sup>.

O *S. José* funcionava aos domingos, quartas-feiras e quintas-feiras com películas sonoras em séries, cantadas, faladas e musicadas das marcas estadunidenses *Universal* e *Goldwyn*. Como exemplo da existência desses filmes, consta um anúncio publicado no jornal *Cidade de Barbacena* no dia 25 de fevereiro de 1931:

Hoje – Será focalizado o film sonoro da Universal, Fóra da lei, com Owen Moore e Mary Nolan.  
Breve – Os indios do Oeste, film em séries da Universal, com Tin Mac Coy, *La Voluntad de Muerto*, *A Invernada*, *Evangelina* e o formidavel film da famosa Metro Goldwyn, interpretado pelos mais queridos astros John Gilbert, Conrad Nagel e Elcanor Boardman, intitulado – *Redenção*, cantado, falado e musicado<sup>525</sup>.

A data da inauguração do *S. José* foi a mesma em que o *Cine Apollo* adquiriu o aparelho sonoro *movictone*: 1º de fevereiro de 1931<sup>526</sup>. Todavia, diferentemente dessa última empresa, em que foi identificado o nome da tecnologia usada, na outra não foi. Tais dados podem sugerir que o cinema falado se instalou em Barbacena a partir de 1931, quando as primeiras projeções aconteceram no *S. José* e no *Apollo*. Mas isso ficará ao encargo de novas pesquisas.

Espera-se que esta tese tenha avançado um pouco sobre a história do cinema de Barbacena, demonstrando atividades que foram além daquelas produzidas por Paulo Benedetti (que também não haviam sido apresentadas de modo mais sistematizado, visto que a obra *Uma transformista original*, de 1915, foi a mais evidenciada nas referências que citaram o trabalho de Benedetti em Barbacena). Do mesmo modo, constatou-se que a história das diversões em Barbacena ainda é um tema pouco explorado pelos estudos históricos do Lazer, assim como o de seus distritos. Sobre estes, a partir de algumas programações (como a do *raid da Infantaria* e das cavalhadas), percebeu-se que Barbacena dialogou com os distritos no âmbito do entretenimento, e não só nos departamentos da agricultura e demais indústrias.

<sup>524</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2653, 1931, p. 2.

<sup>525</sup> CINE S. JOSE'. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2658, 1931, p. 2.

<sup>526</sup> PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, n. 2653, 1931, p. 2.

Esses dados que deixam pistas para futuras investigações e demonstram a necessidade de continuidade desta pesquisa por meio também das relações entre cidade e distritos.

Dois principais limites da pesquisa são evidenciados a partir das seguintes reflexões: a especificidade das fontes recrutadas, pois elas permitiram ler o cinema em Barbacena pela ótica de quem escreveu as reportagens, e nesse mesmo sentido esta tese foi escrita pela ótica de uma outra pessoa; ou seja, aqui narrou-se a representação de um tempo que já aconteceu, e a forma mais possível de ter acesso aos fragmentos daquele momento foi a partir da imprensa. O segundo limitador se refere à não finalização da coleta de dados devido à situação pandêmica instaurada em 2020 – o que não é considerado um fator que interferiu sobremaneira nas análises, até porque este trabalho foi continuidade de uma investigação anterior (SILVA, 2018), o que permitiu estudar o cinema tendo já o conhecimento prévio de outras dimensões do entretenimento de Barbacena, qualificando a leitura das fontes disponíveis sobre o cinema. Além disso, por entender que nenhuma pesquisa se finda – é como um filme de Almodóvar, que termina quando menos se espera, nunca de forma óbvia, e causa ansiedade pela próxima película – só resta esperar a próxima sessão. Mas antes disso, sentamos no *foyer* de um cinema antigo, de rua, para conversar sobre as expectativas do que virá.

Figura 23: Bonifácio Andrada e Alberto Augusto Paolucci no *foyer* do *Cine Apollo* (1939)



Fonte: Doação de Gogóia Bittar.

## REFERÊNCIAS

ABEL, R. Os perigos da Pathé ou a americanização dos primórdios do cinema americano. *In*: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 215-256.

AGUIAR, A. B. As relações da História com o Cinema: envolvente e promissor campo dos estudos históricos. **Temporalidades**, Revista de História, Belo Horizonte, edição 35, v. 13, n. 1, p. 454-472, jan./jun. 2021.

ALBUQUERQUE, A. C. Sinfrônio de Castro e Honório Armond – duas faces de uma única essência. **Revista da Academia Mineira de Letras**, Belo Horizonte, ano 87, v. LVI, p. 173-184, abr./jun. 2010.

ALBUQUERQUE, L. C. **Carlos Pereira de Sá Fortes - Fundador da indústria de laticínios no Brasil**, 2012. Disponível em: <https://ciencialeite.com.br/noticia/208/carlos-pereira-de-sa-fortes--fundador-da-industria-de-laticinios-no-brasil>. Acesso em: 21 maio 2020.

ALMEIDA, P. L. **Elos de permanência**: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e de seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX. 2006. 107 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

ALVES, R. O. T. **“Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”**: práticas modernas de divertimento em Montes Claros – MG (1926-1957). 2018. 267 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

**ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL**, v. 122 - 2002, Rio de Janeiro, 2007, 364 p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2002\\_00122.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2002_00122.pdf) Acesso em: 11 ago. 2021.

ARAÚJO, M. M. M. **Com quantos tolos se faz uma República?**: Padre Correia de Almeida e sua sátira ao Brasil oitocentista. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2007. 319p.

ARAÚJO, V. P. 1896: o cinematógrafo dos Lumière chega ao Brasil. **Revista Filme Cultura**, 1896: O Cinematógrafo chega ao Brasil as primeiras projeções em São Paulo, Cinemas cariocas: da Ouvidor à Cinelândia. Embrafilme: Ministério da Cultura, n. 47, p. 6-12, ago. 1986.

ARAÚJO, V. P. **Salões, circos e cinemas de São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

ARBEX, D. **O holocausto brasileiro**: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 272p.

ARRUDA, R. P. Os fotógrafos em Minas Gerais no século XIX. Seminário Internacional Brasil no século XIX, **Anais...**, Rio de Janeiro, p. 1-14, 2015.

ASSIS, M. J. A. **A trajetória das salas de cinema de Belo Horizonte**: sociabilidade no espaço UNIBANCO Belas Artes e nas salas de cinema do Shopping Cidade. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

AUTRAN, A. A noção de “ciclo regional” na historiografia do cinema brasileiro. **REVISTA ALCEU**: Revista de Comunicação, Cultura e Política, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio, v. 10, n. 20, p. 116-125, jan./jun. 2010.

AVILA, A. L. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 35-49, jan./jun. 2018.

BARROS, C. S. **Eletricidade em Juiz de Fora**: modernização por fios e trilhos (1889-1915). 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

BARROS, G. A. **Para a família do Brasil**: o cultivo do corpo e a diversão em Belo Horizonte nas páginas da revista **Alterosa** (1939-1945). 2018. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BARROS, J. D’A. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. 280p.

\_\_\_\_\_. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Revista Comunicação & Sociedade**, São Paulo, ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

BARRO, M. **Participação italiana no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora SESI - Serviço Social da Indústria, 2017. 328p.

BARTOLOMEU, A. K. C. Pioneiros da fotografia em Belo Horizonte. O Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital (1894-1897). **Varia História**, Belo Horizonte, n. 30, p. 37-66, jul. 2003.

BERNARDET, J. C. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

BICALHO, M. F. B. A arte da sedução: a representação da mulher no cinema mudo brasileiro. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 89-117.

BOUILLET, R. F. ‘Ida ao cinema’ da população negra brasileira na primeira metade do século XX. **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 12, n. 33, p. 383-401, jun./ago. 2020.

BUTCHER, P. Dinâmica de forças e conformação do mercado de cinema estadunidense no começo do século 20. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. In: **Anais...**, Rio de Janeiro-RJ, 4 a 7 set. 2015, p. 1-11.

CAETANO, R. D. G. S. **Barbacena: a cidade e jogo político nas páginas dos jornais**. 2008. 125 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

CAMPOS, A. F. **O cinema no interior: um estudo sobre a história do Cine-Brasil de Visconde do Rio Branco/MG (1915-1993)**. 166 f. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

CAMPOS, L. F. **“Escravidão e família escrava em uma economia de abastecimento.”** Termo de Barbacena, século XIX. 2011. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

CARNEIRO, M. S. O indianismo de José de Alencar e a indústria cultural: relações entre a literatura indianista e o cinema. **Revista Iuminart**, São Paulo, ano IX, n. 14, p. 146-163, jun. 2017.

CARVALHO, J. D. **Cinema e exibição cinematográfica em Montes Claros (MG): dos primórdios à consolidação do circuito exibidor**. São Paulo: Verona, 2016.

CARVALHO, S. A. S. **As perspectivas de senhores, escravos e libertos em torno do pecúlio e das redes familiares no desagregar da escravidão em Barbacena (1871-1888)**. 2008. 348 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

CASTRO, J. S. **O leite em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Medialuna Editora, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 351p.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 451p.

CIMINO, M. de S. S. **Illuminar a terra pela inteligência: trajetória do Aprendizado Agrícola de Barbacena, MG (1910-1933)**. 2013. 371 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CORRÊA, J. N. S. **História das diversões em Rio Branco, 1918-1927**. 2019. 75 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

COSTA, F. M. **O som no cinema brasileiro: revisão de uma importância indeferida**. 271 f. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

CUNHA, B. R Costa e. “O Colégio Militar do Rio de Janeiro: o modelo para a expansão do ensino secundário militar (1889-1919)”. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, In: **Anais...** São Paulo, jul. 2011, p. 1-16.

CUNHA JUNIOR, C. F. Esporte e práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). In: CUNHA JUNIOR, C. F. (Org.). **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011. p. 11-29.

DEL PRIORE, M. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 13-34.

DIAS, C. Literatura, esportes e regionalismo no Brasil: o grande desportista, de Pascoal Toti Filho. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 69-86, 2016.

DIAS, C.; MACHADO, A. F.; HOSKEN, V. M. S. O espaço da cultura em Minas Gerais: aglomerações territoriais, desenvolvimento socioeconômico e concentração regional entre 1920 e 2010. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 29, n. especial, p. 1195-1220, 2019.

DUARTE, M. N. De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”: concepções e prática psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979. Estudo de caso. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

DUARTE, R. H. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

FERREIRA, P. R. Do kinetoscópio ao Omniographo. **Revista Filme Cultura: 1896: O Cinematógrafo chega ao Brasil as primeiras projeções em São Paulo, Cinemas cariocas: da Ouvidor à Cinelândia**. Embrafilme: Ministério da Cultura, n. 47, p. 14-21, ago. 1986. Disponível em: <http://revista.cultura.gov.br/item/filme-cultura-n-47/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FIGUEIREDO, I. V.; MONTEIRO, I. A. S.; CHAVES JÚNIOR, M. S. C.; VIANNA, M. L.; RIOS, R. M. A.; ELISEU, T. A. F. Imprensa em Barbacena: traços do percurso histórico. In: 9º Encontro Nacional de História e Mídia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais. **Anais ...**, 2013, p. 1-13.

FONSECA, R. N. S. **“Fazendo fita”**: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Baianos, 2002. 210p.

FREIRE, R. L. A Companhia Cinematográfica Brasileira e a Marc Ferrez & Filhos: discutindo a relação entre Francisco Serrador e a família Ferrez (1912-1915). **Vivomatografias. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica**, Buenos Aires, Argentina, año 6, n. 6, p. 116-148, dic. 2020.

\_\_\_\_\_. O cinema no Rio de Janeiro (1914-1929). In: RAMOS, F. P.; SCHVARZMAN, S. (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro**. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 252-293.

\_\_\_\_\_. A conversão para o cinema sonoro no Brasil e o mercado exibidor na década de 1930. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 40, n. 40, p. 29-51, 2013.

FRÓES, N. T. S. **Inventário das salas de cinema de rua de Patos de Minas**: exibidores e espaços de exibição comercial no Alto do Paranaíba, Minas Gerais. 91 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

GALDINO, M. da R. **Minas Gerais**: ensaio de filmografia. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1983. 430p. (Prêmio Cidade de Belo Horizonte – Ensaio)

\_\_\_\_\_. Paulo Benedetti – dossiê. In: ROCIO, C.; KANO, C. S.; ANDRADE, R.; GALVÃO, M. R. *et al.* **Cinema brasileiro**: 8 estudos. Rio de Janeiro, MEC – EMBRAFILME – FUNARTE, 1980. p. 109-144.

GOELLNER, S. V. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Record**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28, jun. 2008.

GOMES, A. C. **Entre rastros e memórias dos cinemas de rua em Araxá**: um estudo sobre o Cine-teatro Brasil. 2017. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

GOMES, P. A. Os italianos e o nascente cinema mineiro. **Revista da imigração italiana em Minas Gerais – Ponte entre culturas**, Belo Horizonte, p. 1-8, 2011.

\_\_\_\_\_. Paulo Benedetti. In: GOMES, P. A. **Pioneiros do cinema em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Crisálida, 2008. p. 41-49.

\_\_\_\_\_. 100 anos de cinema em Belo Horizonte. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 18, p. 347-372, set. 1997.

GOMES, P. E. S. **Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte**. São Paulo: Perspectiva, Editora Universidade de São Paulo, 1974.

GONZAGA, A.; GOMES, P. E. S. **70 anos de cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Expressão & Cultura S. A., 1966. 160p.

GUILARDUCI, C. A mudança da capital: representações das cidades candidatas à capital mineira. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano II, n. 2, p. 167-192, jun. 2009.

GUIMARÃES, P. C. D. **Maria Lacerda de Moura e o “estudo científico da criança patricia” em Minas Gerais (1908-1925)**. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

JOHNSON, R. **The film industry in Brazil. Culture and the State**. University of Pittsburg Press, 1987. 247p.

LEANDRO, T. C.; CARVALHO FILHO, D. P.; BELMINO, M. C. B. Sensualidade feminina no cinema: o fascínio primitivo e a condenação eterna. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 6, p. 1-4, 2014.

LEITE, M. L. M. **Outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LIMA, O. H. R. **Exibidores brasileiros**: breve histórico de exibidores cinematográficos de Varginha (MG). 2017. 95 f. Trabalho de conclusão de curso em Cinema e Audiovisual - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

LIMA, P. L. O. **A máquina, tração do progresso memórias da ferrovia no oeste de Minas**: entre o sertão e a civilização 1880-1930. 2003. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LINO, S. C. Cinematografo: doença da moda. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Dossiê, ano 45, n. 1, p. 90-103, jan./jun. 2009.

LISBOA, J. D. M. **O divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora - MG**: do último quartel do século XIX ao fim da II Guerra Mundial. 2017. 210 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LOURO, G. L. O cinema como pedagogia. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 423-442.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-153.

LUCENA, R. F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas – SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. (Coleção Educação Física e esportes)

MALVERDES, A. A descrição arquivística e a recuperação da informação: a organização do inventário analítico cine memória – as salas de cinema do Espírito Santo. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, Vitória, ano 4, v. 3, n. 6, p. 19-34, jun. 2014.

MARQUES, A. P. **O registro inicial do documentário mineiro**: Iginio Bonfioli e Aristides Junqueira. 2007. 222 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MARTINI, C. O. P. **Festas, bailes, partidas e contradanças**: as danças de sala do Bello Horizonte de 1897 a 1936. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MARTINS, M. C. S.; LIMA, M. A. C.; SILVA, H. C. C. População de Minas Gerais na segunda metade do século XIX: novas evidências. X Seminário sobre a economia mineira. In: **Anais... . Diamantina – MG**, 2002, p. 1-25.

MELO, V. A. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). **História**, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Uma diversão civilizada: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892). **Locus**: Revista de História, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 81-100, 2017.

\_\_\_\_\_. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 41-57, set. 2010.

\_\_\_\_\_. Esporte e cinema: diálogos - as primeiras projeções brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 21-37, jan. 2005.

\_\_\_\_\_. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, V. A.; PERES, F. F. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos**: comunicação e universidade, Rio de Janeiro, ano 12, n. 22, p. 75-92, 1º sem. 2005.

MELO, V. A.; ROCHA JUNIOR, C. P. As touradas na cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 29, n. 54, p. 189-211, jan./jun. 2016.

MELO, V. A.; SANTOS, J. M. C. M. “Casa sportman – sempre imitada, nunca igualada”: estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro, 1909-1922). **História econômica & História de empresas**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 495-525, 2020.

MELO, V. A.; VAZ, A. F. Esporte, cidade, modernidade: ironias chaplinianas. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, n. 1, p. 366-387, 2016.

\_\_\_\_\_. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **Artcultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 1-22, 2006.

MONTEIRO, M. M. Transições: música e cinema na primeira metade do século XX. **Patrimônio e Memória**, Assis, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 374-395, jul./dez. 2020.

MORAES, J. G. V.; FONSECA, D. S. A música em cena na Belle Époque paulistana. **Revista IEB – Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 54, p. 107-138, set./mar. 2012.

MORAES, J. L. O Magnata de Valência: capitalistas, bicheiros e comerciantes do Primeiro Cinema no Brasil (1904-1921). **Revista Movimento**, São Paulo, v. 1, p. 1-20, 2011.

MORENO, A. Ensino Normal em Minas Gerais. In: MORENO, A.; VAGO, T. M. **Do ensino normal depende a eficiência do ensino primário**: fontes para histórias da Educação Física em Minas Gerais (1890-1940). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 15-48.

MORETTIN, E. V. A cultura cinematográfica nas exposições universais: modernidade e tradição na Paris de 1925. **Galaxia** [on-line], São Paulo, n. 30, p. 48-59, dez. 2015.

MOTA, A. G. R. **Divirta-se quem puder: história e lazer em Belo Horizonte através da revista *Semana Ilustrada*, 1927-1928.** 2018. 75 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MOURA, R. C. B. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930.** 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MURAD, M. Futebol e cinema no Brasil: um enredo. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 191-206, jul./dez. 2010.

MUZZI, E. S. Poesia completa de Honório Armond: a edição de 2011. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 51-50, 2013.

NOGUEIRA JUNIOR, J. M. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930).** 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, R. C. S. **O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915).** 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ORLANDO, J. A. A cidade dos Lunáticos. *In*: NAZÁRIO, Luiz (Org.). **A cidade imaginária.** São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 13-26.

PALMEIRA, N. B. O entreato da Belle Époque: a cena nacional e luso-brasileira. **Revista Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 58-68, jan./jun. 2017.

PARANAGUÁ, P. A. **O cinema na América Latina: longe de Deus e perto de Hollywood.** Porto Alegre: L&PM, 1985.

PEREIRA, F. C. A. **Uma nova versão: análise dos elementos de ficção presentes nos cinejornais de João Gonçalves Carriço.** 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PEREZ, E. O cinema brasileira em periódicos: 1896-1930. *In*: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: A Biblioteca, v. 122 - 2002, Rio de Janeiro, 2007, p. 291-338. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2002\\_00122.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2002_00122.pdf) Acesso em: 11 ago. 2021.

PIACESI, I. **Pedaços d'alma, Flores do coração.** Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., 1981.

PIMENTA, E. F. **Duas faces de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena-MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945.** 2015. 262 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ines Piacesi, 1895-1981: um ensaio biográfico.** 2007. 110 f. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2007.

PINHEIRO, L. B. L. G. Garçonizando-se: o fazer-se melindrosa. **Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 191-217, maio/ago. 2015.**

PINTO, L. M. **Sociabilidade de ‘matinée’:** cinema em tempos de modernidade – Uberlândia (1937-1952). 1997. 102 f. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.

RAMOS, F. P.; SCHVARZMAN, S. (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro.** v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. 523p.

RANGEL, A. P. S. **Nos limites da escolha. Matrimônio e família entre escravos e forros. Termo de Barbacena – 1781-1821.** 2008. 137 f. Dissertação (Mestre em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RATTON, H. **Em nome da razão** [Documentário]. Grupo Novo de Cinema e Associação Mineira de Saúde Mental, out. 1979. Disponível em: <https://vimeo.com/162724580> Acesso em: 17 out. 2020.

RESENDE, E. M. Do debate político à notícia: a imprensa periódica em Barbacena - séculos XIX e XX. **Revista Mal-Estar e Sociedade, Barbacena, ano V, n. 8, p. 15-40, jan./jun. 2012.**

\_\_\_\_\_. **Ecos do Liberalismo:** ideários e vivências das elites regionais no processo de construção do Estado imperial, Barbacena (1831-1840). 2008. 335 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RIBEIRO, J. S. **História econômica do município de Barbacena.** v. 1 (1889-1930) – Tempos de Esperança. Barbacena: Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, 2012. 704p.

RIOS, M. C. O cinema em Barbacena. **Anuário 1989:** coletânea literária. Barbacena: Gráfica Cidade de Barbacena, 1989. p. 44-48.

ROCHA, A. M. O cinema chega às montanhas de Minas. *In:* VI Congresso Nacional de História da Mídia, **Anais...** Niterói, 2008, p. 1-13

ROCHA, A. M.; SILVA, L. V. A exibição cinematográfica em Mariana. *In:* XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, **Anais...** São Paulo, 2011, p. 1-11.

ROCHA, C. R. O Estado e os limites da política de incentivos à indústria na década de 1920. **Leituras de Economia Política, Campinas, n. 10, p. 53-79, jun. 2002/jun. 2003.**

ROMANO, D. B. **História local e patrimônio industrial: visitando e aprendendo com a Estação Sericícola de Barbacena**. 2019. 73 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SAMPAIO, C. L. T. **A Igreja Católica e a transformação do espaço e do viver urbano de Pouso Alegre-MG (1936-45)**. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, São Paulo, 2009.

SANTOS, M. A. **O teatro em Mato Grosso (1877-1925)**. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, W. L. **A Estrada de Ferro Oeste de Minas: São João Del-Rei (1887-1898)**. 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2009.

SANTOS JUNIOR, N. J. **A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)**. 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SCHPUN, M. R. O cinema mudo em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuados. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 71-81, 2007.

SCHVARZMAN, S. O cinema silencioso em Minas Gerais (1907-1930). In: RAMOS, F. P.; SCHVARZMAN, S. (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro**. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 124-173.

\_\_\_\_\_. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 153-174, 2005.

SCHWARCZ, L. Moderna República velha: um outro ano de 1922. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 55, p. 59-88, set. 2012.

SENRA, N. C. Os municípios na formação do IBGE. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Org.). **O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 432p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv38889.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

SEVCENKO, N. Transformação da linguagem e advento da cultura modernista do Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 78-88, 1993.

\_\_\_\_\_. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, I. M. Divertimento é emancipação: a participação de Maria Lacerda de Moura nas festas de Barbacena (MG) até a década de 1920. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, 2021, p. 204-226.

\_\_\_\_\_. Rápida como os patins: a presença das mulheres na patinação em Barbacena-MG no início do século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2020a.

\_\_\_\_\_. Da participação das mulheres nas danças em Barbacena - MG (*Cidade de Barbacena, 1915-1930*). **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-13, 2020b.

\_\_\_\_\_. **Elas se divertem (Barbacena - MG, 1914 a 1931)**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

\_\_\_\_\_. Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas (Uberlândia e Uberaba - MG, 1918-1943). **Revista Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, ano IV, v. VII, n. 1, p. 9-27, 2017.

SILVA, I. M.; ROSA, M. C. Da participação de mulheres no futebol em Barbacena/MG nas três primeiras décadas do século XX. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 114-142, jun. 2020.

SILVA, I. M.; SOUTTO MAYOR, S. T. As mulheres de Barbacena (MG) e as Sessões Chiques de cinema (anos de 1926 e 1927). **Motrivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-22, 2020a.

SILVA, I. M.; SOUTTO MAYOR, S. T. Mulheres no atletismo (Barbacena-MG, 1926): um estudo preliminar. **Revista Caminhos Da História**, Montes Claros, v. 25, n. 1, 2020b, p. 3-15.

SILVA, M. G. C. **A moral e os bons costumes**: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926). 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, M. I. G. **O Guarany** no Cinema Brasileiro: visão da imprensa entre 1908 e 1926. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, ano 7, edição 1, p. 1-14, set./nov. 2013.

SILVA, M. R.; ROSA, M. C. Relações entre diversão e loucura: estudo da internação no Hospital Colônia de Barbacena, 1934 a 1946. In: PEREIRA, D. (Org.). **Campos de saberes da história da educação no Brasil**. [recurso eletrônico] v. 3. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. p. 144-153.

SILVA NETO, A. L. **Dicionário de fotógrafos do cinema brasileiro**. Imprensa Oficial: Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 2010. 164p. Disponível em: [https://issuu.com/bdlf/docs/dicionario\\_dos\\_fotografos](https://issuu.com/bdlf/docs/dicionario_dos_fotografos) Acesso em: 28 abr. 2021.

SILVEIRA, A. J. T. Entre febres, papudos e brejais: a mudança da capital mineira sob a ótica da higiene. *In*: CONDÉ, M. L. L. **Ciência e cultura na história**. Brasília, DF: CAPES, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2006. p. 39-60.

SIMMEL, G. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. *In*: MORAES FILHO, E. **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIRIMARCO, M. **João Carriço – o amigo do povo**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2005.

SOUTTO MAYOR, S. T. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. 2017. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, C. R. O cinema em São Paulo (1912-1930). *In*: RAMOS, F. P.; SCHVARZMAN, S. (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro**. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 174-223.

SOUZA, C. R.; FREIRE, R. L. A chegada do cinema sonoro ao Brasil. *In*: RAMOS, F. P.; SCHVARZMAN, S. (Orgs.). **Nova história do cinema brasileiro**. v. 1. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 294-341.

SOUZA NETO, G. J. de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinar do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TEIXEIRA, A. B. Poder e privilégios: a criação da vila de Barbacena (1791) nos quadros do império ultramarino português. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano IV, n. 6, p. 13-31, jan./jun. 2011.

TEIXEIRA, A. B. Viajando pela Vila de Barbacena: possibilidades de história regional para Minas oitocentista sob o olhar dos viajantes. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: ANPUH, 23, Londrina, 2005. **Anais...**, Paraná, 2005, p. 1-8.

VAQUINHAS, I. Cabelos à Joãozinho e melindrosas: uma nova imagem das mulheres nos anos 1920. *In*: JESUS, I. H.; RIBEIRO, P. G.; MIRA, R.; CASTRO, Z. O. **Falar de mulheres dez anos depois**. Centenário do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Lisboa: Húmus Ltda., 2016. p. 353-360.

VEYNE, P. **Como se escreve história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

VIEIRA, A. S. Sessão das moças: história, cinema e educação. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. *In*: ANAIS..., Florianópolis, 23 a 26 de agosto de 2010, p. 1-8.

VILHENA, K. N. **Entre “sãos expansões do espírito” e “sarrilhos dos diabos”**: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922).

2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

XAVIER, R. D.; AMARAL, D. V. O.; DIAS, C. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 24, n. 1, p. 135-159, 2019.

WHITE, H. O passado prático [The practical past – tradução de Arthur Lima de Avila, Mario Marcello Neto, Felipe Radünz Krüger]. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 9-19, jul./dez. 2018.

ZAMBERLAN, L. C. **Pathé-Baby**: a literatura como se fosse cinema. **ARS**, São Paulo, v. 16, n. 34, p. 261-286, set./dez. 2018.

## FONTES

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez I, n. 1, 12 ago. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez I, n. 2, 19 ago. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez I, n. 3, 28 ago. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez I, n. 4, 2 set. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez II, n. 5, 9 set. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez II, n. 6, 16 set. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez II, n. 7, 23 set. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez II, n. 8, 30 set. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez III, n. 9, 7 out. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez III, n. 10, 14 out. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL**. Barbacena, mez III, n. 11, 21 out. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL.** Barbacena, mez III, n. 12, 28 out. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL.** Barbacena, mez IV, n. 13, 4 nov. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL.** Barbacena, mez IV, n. 14, 11 nov. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**APOLLO JORNAL.** Barbacena, mez V, n. 16, 1 jan. 1923. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Doação de Everton Fernando Pimenta.

**ATA DA INAUGURAÇÃO DA COLÔNIA RODRIGO SILVA,** 1886, 13p. Coletada na página Descendentes Italianos de Barbacena. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/descendentesitalianosbarbacena>. Acesso em: 16 fev. 2021.

**BARBACENA. Enciclopédia dos municípios brasileiros.** Rio de Janeiro: IBGE, v. 24, 1958. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_24.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf). Acesso em: 18 maio 2020.

**BRASIL.** Decreto n. 17.943-A de 12 de outubro de 1927. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Rio de Janeiro, 12 out. 1927. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm#:~:text=Revogado%20pela%20Lei%20n%C2%BA%206.697%2C%20de%201979.&text=4%C2%BA%20A%20recusa%20de%20receber,as%20do%20crime%20de%20desacato](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm#:~:text=Revogado%20pela%20Lei%20n%C2%BA%206.697%2C%20de%201979.&text=4%C2%BA%20A%20recusa%20de%20receber,as%20do%20crime%20de%20desacato). Acesso em: 1º jan. 2021.

**BRASIL.** Decreto n. 24.645 de 10 de julho de 1934. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Rio de Janeiro, 10 jul. 1934. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d24645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d24645.htm). Acesso em: 25 jan. 2021.

**BURTON, R. Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho.** Trad. David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, 2001. 530p. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254361, edição 4, filme 189, 13 fev. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254363, edição 6, filme 189, 27 fev. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254365, edição 8, filme 189, 13 mar. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254367, edição 10, filme 189, 27 mar. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254375, edição 18, filme 189, 22 maio 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254386, edição 29, filme 189, 7 ago. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254189, edição 32, filme 189, 28 ago. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA,** Barbacena, JM-1254191, edição 34, filme 189, 14 set. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, JM-1254201, edição 44, filme 189, 20 nov. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, JM-1254206, edição 49, filme 189, 25 dez. 1898.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, JM-1254212, edição 55, filme 189, 12 fev. 1899.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, JM-1254215, edição 58, filme 189, 5 mar. 1899.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, JM-1254242, edição 85, filme 189, 15 out. 1899.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, JM-1254405, edição 41, filme 189, 18 nov. 1900.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1026, 24 maio 1914.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1030, 7 jun. 1914.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1031, 11 jun. 1914.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1033, 18 jun. 1914.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1076, 22 nov. 1914.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1079, 3 dez. 1914.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1096, 31 jan. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1097, 4 fev. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1098, 7 fev. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1102, 21 fev. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1114, 11 abr. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1117, 25 abr. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1118, 29 abr. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1120, 6 maio 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1123, 16 maio 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1126, 27 maio 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1127, 30 maio 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1131, 13 jun. 1915.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1132, 17 jun. 1915.

- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1133, 20 jun. 1915.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1153, 29 ago. 1915.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1142, 22 jul. 1915.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1171, 31 out. 1915.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1199, 13 fev. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1216, 16 abr. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1219, 30 abr. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1226, 25 maio 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1229, 8 jun. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1235, 29 jun. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1237, 6 jul. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1243, 27 jul. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1256, 10 set. 1916.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1286, 4 jan. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1299, 18 fev. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1303, 8 mar. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1313, 18 abr. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1325, 30 maio 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1328, 9 jun. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1342, 2 ago. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1344, 9 ago. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1348, 23 ago. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1350, 30 ago. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1373, 22 nov. 1917.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1390, 27 jan. 1918.

- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1393, 7 fev. 1918.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1395, 17 fev. 1918.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1399, 3 mar. 1918.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1400, 7 mar. 1918.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1428, 20 jun. 1918.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1455, 14 nov. 1918.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1471, 23 jan. 1919.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1502, 25 maio 1919.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1511, 29 jun. 1919.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1514, 10 jul. 1919.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1516, 17 jul. 1919.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1533, 21 set. 1919.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1622, 19 ago. 1920.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1637, 14 out. 1920.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1663, 16 jan. 1921.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1757, 29 dez. 1921.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1758, 1 jan. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1759, 5 jan. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1761, 12 jan. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1764, 22 jan. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1769, 9 fev. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1770, 12 fev. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1777, 12 mar. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1783, 2 abr. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1797, 28 maio 1922.

- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1800, 8 jun. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1810, 20 jul. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1827, 17 set. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1831, 1 out. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1832, 5 out. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1833, 8 out. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1836, 19 out. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1841, 5 nov. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1852, 17 dez. 1922.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1861, 18 jan. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1867, 8 fev. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1878, 18 mar. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1894, 17 maio 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1904, 24 jun. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1905, 28 jun. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1906, 30 jun. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1913, 26 jul. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1916, 5 ago. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1917, 9 ago. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1919, 16 ago. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1921, 23 ago. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1932, 30 set. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1956, 27 dez. 1923.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1959, 6 jan. 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1965, 31 jan. 1924.

- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1966, 3 fev. 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1967, 7 fev. 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1973, 28 fev. 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1976, 9 mar. 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1990, 1 maio 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 1991, 4 maio 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2019, 14 ago. 1924.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2072, 22 fev. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2111, 16 jul. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2112, 19 jul. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2113, 23 jul. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2117, 6 ago. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2063, 22 jan. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2065, 29 jan. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2089, 30 abr. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2157, 31 dez. 1925.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2160, 10 jan. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2183, 8 abr. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2184, 11 abr. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2185, 15 abr. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2204, 20 jun. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2217, 5 ago. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2221, 18 ago. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2223, 26 ago. 1926.
- CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2251, 5 dez. 1926.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2255, 19 dez. 1926.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2260, 6 jan. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2264, 20 jan. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2267, 30 jan. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2275, 27 fev. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2276, 3 mar. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2278, 13 mar. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2284, 3 abr. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2285, 7 abr. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2299, 2 jun. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2300, 5 jun. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2301, 9 jun. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2302, 12 jun. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2304, 19 jun. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2305, 23 jun. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2312, 17 jul. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2317, 4 ago. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2318, 7 ago. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2319, 11 ago. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2330, 22 set. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2333, 2 out. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2334, 6 out. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2335, 9 out. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2342, 2 nov. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2345, 12 nov. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2346, 16 nov. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2353, 14 dez. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2356, 24 dez. 1927.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2363, 18 jan. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2375, 3 mar. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2377, 10 mar. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2383, 31 mar. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2386, 14 abr. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2391, 2 maio 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2395, 16 maio 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2404, 16 jun. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2406, 23 jun. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2408, 27 jun. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2446, 10 nov. 1928.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2582, 30 abr. 1930.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2622, 20 set. 1930.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2638, 13 dez. 1930.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2646, 1 jan. 1931.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2644, 3 jan. 1931.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2648, 17 jan. 1931.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2649, 21 jan. 1931.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2653, 4 fev. 1931.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2655, 11 fev. 1931.

**CIDADE DE BARBACENA**, Barbacena, n. 2658, 25 fev. 1931.

**CINEARTE**, Rio de Janeiro, anno 1, n. 1, 3 mar. 1926, 36p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531\\_1926\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531_1926_00001.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

**CINEARTE**, Rio de Janeiro, anno 2, n. 83, 28 set. 1927, 48p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531\\_1927\\_00083.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531_1927_00083.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

**CINEARTE**, Rio de Janeiro, anno 3, n. 133, 12 set. 1928, 44p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531\\_1928\\_00133.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531_1928_00133.pdf). Acesso em: 29 abr. 2021.

**CINEARTE**, Rio de Janeiro, anno 4, n. 171, 5 jun. 1929, 52p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531\\_1929\\_00171.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531_1929_00171.pdf). Acesso em: 29 abr. 2021.

**CINEARTE**, Rio de Janeiro, anno 10, n. 424, 1 out. 1935, 50p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531\\_1935\\_00424.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/162531/per162531_1935_00424.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

**CINEMATECA BRASILEIRA. O Guarani**, Rio de Janeiro, 1911. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=001112&format=detailed.pft>. Acesso em: 27 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **As lavadeiras**, Barbacena, 1912a. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=001268&format=detailed.pft>. Acesso em: 20 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **O Guarani**, Barbacena, 1912b. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=001262&format=detailed.pft>. Acesso em: 20 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Raid de infantaria da Linha de Tiro 81**, Barbacena, 1912c. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=001293&format=detailed.pft>. Acesso em: 17 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Uma transformista original**, Barbacena, 1915. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=001504&format=detailed.pft>. Acesso em: 20 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **O Guarani**, São Paulo, 1916. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=001542&format=detailed.pft>. Acesso em: 27 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **O Guarani**, São Paulo, 1926. In: Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=004129&format=detailed.pft>. Acesso em: 27 jun. 2021.

**CORREIO DA MANHÃ**, Rio de Janeiro, edição 03891 (1), 14 mar. 1912, p. 4.

**CORREIO DA MANHÃ**, Rio de Janeiro, edição 07618 (1), ano 1920, p. 4.

**DIARIO OFFICIAL DA UNIÃO**, seção 1, abril de 1913. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1807175/pg-22-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-30-04-1913>. Acesso em: 15 abr. 2021.

**DIRETORIA GERAL DE ESTATISTICA**. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação culto e analfabetismo – população recenseada em 31 de dezembro de 1890, Ministerio da industria, viação e obras publicas, Rio de Janeiro, Officina da Estatistica, 1898. 442p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25487.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2020.

**DIRETORIA GERAL DE ESTATISTICA**. Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900, Ministerio da industria, viação e obras publicas, Rio de Janeiro, Typographia da Estatistica, 1905. 106p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25474.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2020.

**ESTADO DE MINAS**, Belo Horizonte, 2º caderno, 1 jun. 1981.

**FERBER**. “Barbacena – Rua 15”/Ao fundo o Cine-Teatro Apollo (1920-1930 - Data provável). Arquivo Público Mineiro. Coleção Municípios Mineiros, notação MM – 023 (01). Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico\\_docs/photo.php?lid=29127](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29127). Acesso em: 19 dez. 2019.

**FUNDAMENTOS**: Revista de Cultura Moderna, fundador Monteiro Lobato, São Paulo, ano IV, n. 20, jul. 1951.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1899, edição A00056, 56º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 1388p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1899\\_A00056.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1899_A00056.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1900, edição A00057, 57º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 1433p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1900\\_A00057.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1900_A00057.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1905, edição A00062, 62º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 2458p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1905\\_A00062.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1905_A00062.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1906, edição A00063, 63º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 2523p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1906\\_A00063.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1906_A00063.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1907, edição A00064, 64º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 2399p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1907\\_A00064.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1907_A00064.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1909, edição A00066, 66º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 2075p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1909\\_A00066.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1909_A00066.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1909, edição B00066, 66º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 1615p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1909\\_B00066.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1909_B00066.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1910, edição A00067, 67º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 2017p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1910\\_A00067.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1910_A00067.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1910, edição B00067, 67º ano, Companhia Tipographica do Brazil, 1721p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1910\\_B00067.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1910_B00067.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1914, edição A00070, 70º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 2170p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1914\\_A00070.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1914_A00070.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1914, edição B00070, 70º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 1957p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1914\\_B00070.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1914_B00070.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1914, edição C00070, 70º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 844p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1914\\_C00070.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1914_C00070.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1916, edição A00072, 72º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 1597p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1916\\_A00072.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1916_A00072.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1916, edição B00072, 72º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 1757p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1916\\_B00072.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1916_B00072.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1916, edição C00072, 72º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 688p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1916\\_C00072.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1916_C00072.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1918, edição A00074, 74º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 2783p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1918\\_A00074.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1918_A00074.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1918, edição C00074, 74º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 610p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1918\\_C00074.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1918_C00074.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1918, edição D00074, 74º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 2180p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1918\\_D00074.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1918_D00074.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

LAEMMERT, E. V. **Almanak Laemmert**: administrativo, mercantil e industrial. Rio de Janeiro, ano 1926, edição D00082 (2), vol. IV, 82º ano, Oficinas Tipographicas do Almanak Laemmert, 920p. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1926\\_D00082.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1926_D00082.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

MASSENA, N. **Barbacena**: a terra e o homem. v. 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985a. 589p.

MASSENA, N. **Barbacena**: a terra e o homem. v. 2. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985b. 624p.

NAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, anno II, n. 15, nov. 1924, 106p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/120251/747>. Acesso em: 14 jan. 2021.

NAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, anno II, n. 16, dez. 1924, 140p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/120251/853>. Acesso em: 20 mar. 2021.

**O COMMERCIO DE SÃO PAULO**, São Paulo, n. 4351, ano XIII, 31 maio 1905, p. 2.

**O MALHO**, Rio de Janeiro, ano 1905\edição 0165 (3). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/5960>. Acesso em: 20 mar. 2021.

**O MALHO**, Rio de Janeiro, ano 1911\edição 0474 (1). Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116300/19941>. Acesso em: 14 jan. 2020.

**O MALHO**, Rio de Janeiro, ano 1914\edição 0602 (1), p. 41. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116300/26970>. Acesso em: 30 jan. 2020.

**O MALHO**, Rio de Janeiro, ano 1922\edição 1045 (2), p. 73. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116300/47831>. Acesso em: 30 jan. 2020.

O MALHO, Rio de Janeiro, ano 1932\edição 1543 (2), p. 33. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116300/76860>. Acesso em: 30 jan. 2020.

PIACESI, I. **Carta elogiosa de Ines Piacesi a Gustavo Capanema**, dez. 1939. Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC), Arquivo Gustavo Capanema – Série correspondências, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/GC/textual/carta-elogiosa-de-ines-piacesi-a-gustavo-capanema-enviando-descricao-fisionomica-do-ministro-com-as-devidas-implicacoes-sobre-o-carater-barbacena->. Acesso em: 14 maio 2020.

PINTO, R. A. **Vista parcial da Fábrica de Laticínios Roza em Barbacena (MG) (1900)**, Coleção Nelson Coelho de Senna, notação 008 (02). Imagem disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico\\_docs/photo.php?lid=29910](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29910). Acesso em: 17 dez. 2020.

RENAULT, L. Chorografia do município de Barbacena. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 13, 1908, 76p. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=471>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SAVASSI, A. J. **Barbacena 200 anos**. v. 1. Belo Horizonte: Editora Lemi S.A., 1991a. 287p.

SAVASSI, A. J. **Barbacena 200 anos**. v. 2. Belo Horizonte: Editora Lemi S.A., 1991b, 258p.

SENN, N. C. **Anuario de Minas Geraes**: estatística, história, chorografia, finanças, variedades, biographia, literatura e indicações (MG), Imprensa Oficial: Belo Horizonte, edição 00002, ano 1907, 507p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/212679/527>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SENN, N. C. **Anuario de Minas Geraes**: estatística, história, chorografia, finanças, variedades, biographia, literatura e indicações (MG), Imprensa Oficial: Belo Horizonte, edição 00005, ano 1913, 1018p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/212679/1034>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SENN, N. C. **Anuario Historico-Chorografico de Minas Geraes**. Belo Horizonte, anno III, 1909.